

EZEQUIEL FREIRE

Do Ilustrado escultor
Giovanni Gricci,
Hommage à
Máximo Freire
Eduardo Freire

≡ LIVRO ≡
POSTHUMO

SÃO PAULO
WEISZFLOG IRMÃOS
— 1910 —



EZEQUIEL FREIRE

(A' guisa de prefacio)

I

Um dos mais bellos espiritos que o Brasil literario tem produzido foi, sem duvida, Ezequiel Freire, o poeta das *Florais do Campo*. Tome-se aqui o qualificativo *bello* no estricto rigor de sua significação esthetic, e não como simples epitheto,—desses que se empregam, vulgarmente, para tudo exprimir sem exprimir cousa alguma. Si Ezequiel pertencesse à geração literaria de hoje, eu diria mesmo que elle fôra um perfeito, um puro estheta; mas, ainda assim, não daria toda a característica do seu espírito. Porque o estheta de hoje, é bem de ver, aprecia sómente o bello através da arte, excluindo, pôde dizer-se, o bello natural, ao passo que o autor deste livro o que mais adorava era justamente a Natureza nua e virgem, sem os embelecos da arte. Afigura-se-me que, a tomar um termo proprio entre os que modernamente adquiriram fóros de cidade na república das letras e que synthetizam as idéas de uma determinada corrente literaria, o de *naturista* lhe assentaria melhor, porque esse, pelo menos, nos daria a idéa do amor puro, do grande amor que o poeta votava, antes de mais nada, às cousas da Vida no seio aberto da Natureza.

Dahi a sua despreocupação de escolas literarias, apesar de ter elle apparecido por volta de 1874, numa phase da nossa literatura em que cantavam poetas como Fontoura Xavier, Theophilo Dias, Affonso Celso Junior, Carvalho Junior, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Mariano de Oliveira, Lucio de Mendonça, Arthur de Azevedo e outros,—todos mais ou menos, dispostos a abandonar as tradições ultimas do romantismo de Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella e, portanto, apparelhados a seguir qualquer tendência nova, contanto que não lhes trouxessem esta o bafio de um passado literario de descommodo sensibilismo poetico.

Nota-se, por isso, que alguns desses poetas, de começo, conquanto apresentassem uma inclinação nova, um sentimento diverso do dos primeiros e segundos românticos, não tinham, contudo, adquirido ainda uma feição assás caracteristica e definitiva do movimento poetico então iniciado.

Assim, Fontoura Xavier nada mais era do que um Victor Hugo reduzido com idéias de Prudhon, como se pode ver



no seu já esquecido *Regio Saltimbanco*; Theophilo Dias, apesar de ser o poeta de raça desde a *Lyra dos Verdes Anos*, já patenteava, ao de leve, a sua predilecção por Charles Baudelaire,—predilecção que mais tarde se accentuara a ponto de elle nos dar as *Fanfarras*, em que é manifesta a influencia daquelle poeta francez; Affonso Celso Junior tinha já o seu poeta de cabeceira — era o Gonçalves Crespo das *Miniaturas*, notando-se que dessa influencia existe algo em produções dos *Devaneios*, e depois, em outras das *Telas Sonantes*, posto que menos directa; Carvalho Junior entregava-se todo a Charles Baudelaire nos seus sonetos de poesia carnal, que estão hoje olvidados, mas que foram então muito apreciados pela sua nota francamente, escandalosamente sensual; Valentim Magalhães atrelava-se ao carro vitorioso da poesia junqueireana com os seus versos visivelmente decalcados sobre os do grande poeta lusitano, e estava às voltas com a Idéa Nova, consoante se observa nos *Cantos e Luctas*; Alberto de Oliveira, quanto tivesse dado aos seus versos o título de *Canções Românticas*, já falava do lyrismo condenado dos trovadores antigos com o desdém olympico de quem sente em si uma alma nova, a qual, porém, oscillava entre esta e aquella orientação, entre esta ou aquella influencia de poeta estrangeiro; Lucio de Mendonça já preludiava, nas suas *Necroas Matutinas*, uma poesia pessoal e política a um tempo, reflexo, em parte, da escola hugoana na sua phase de idéa social; Arthur Azevedo já havia dado à estampa tres opúsculos—*O dia de finados*, *A ria do Ouridor* e *Sonetos*, em que a impressão de Nicolau Tolentino era visivel.

Pois Ezequiel Freire, diga-se a verdade, entre esses cantores brasileiros que posteriormente se emanciparam de influências estranhas, accentuando cada qual a sua individualidade, como é facil verificar nas respectivas obras que consecutivamente publicaram depois, Ezequiel Freire já nesse tempo, trazia nas *Flores do Campo*, aqui e alli, uma nota bem accentuada de lyrismo pessoal, que mereceu de Machado de Assis justas referencias em artigo de critica que o inolvidável mestre publicou então sobre a nova gente que surgia no mundo das letras patrias.

«As *Flores do Campo*, escrevia Machado de Assis, volume de versos dado em 1874, tiveram a boa fortuna de trazer um prefacio devido à pena delicada e fina de D. Narcisa Amalia, essa joven e bella poetisa, que ha annos aguçou a nossa curiosidade, com um livro de versos, e recolheu-se depois à turris eburnea da vida domestica. Rezende é a patria de ambos; além dessa afinidade, temos o da poesia, que em suas partes mais intimas, do coração, é a mesma. Naturalmente, a sympathia da escriptora vai de preferencia ás composições que mais lhe quadram à propria indole, e, no nosso



caso, basta conhecer a que lhe arranca maior aplausos para adivinhar todas as delicadezas da mulher. D. Narcisa Amalia applande sem reservas os *Escracos no Eito*, pagina da roça, quadro em que o poeta lança a piedade de seus versos sobre o padecimento dos captivos. Não se limita a applaudir, subscreve a composição. Eu, pela minha parte, subscrevo o louvor; creio também que essa composição resume o poeta. A pintura é viva e crua; o verso cheio e energico. A invectiva que forma a segunda parte seria, porém, mais energica, si o poeta nola desse menos extensa; mas ha alli um sentimento real de commiseração. Notam-se no livro do sr. Ezequiel Freire outros quadros da roça. *Na roça*, é o proprio titulo de uma das paginas mais interessantes; é uma descrição da casa do poeta á beira do terreiro, entre moitas de pita, com o seu tecto de sapé; fóra, o tico-tico remexe no farello, e o gurundi salta na grumixama; nada falta, nem o mugir do gado, nem os jogos dos moleques.

O gado muge no curral extenso;
Um grupo de moleques d'outra banda,
Brinca o *tempo-serô*; vem vindo as aves
Do parapeito rente da varanda.

No carreador de além que atalha a matta
Ouvem-se notas de canção magoada.
Ai! sorrisos do céo—das roceirinhas!
Ai! cantigas de amor—do camarada!

Nada falta; ou só falta uma coussa, que é tudo; falta certa moça, que um dia se foi para a Corte. Essa ausencia completa tão bem o quadro que mais parece inventada para o effeito poetico. E creio que sim. Não se combinam tão tristes sandades com o pico final:

O' gentes que moraes ahi na corte,
Sabei que vivo aqui como um lagarto.
O' ventos que passaes, contae á moça.
Que ha duas camas no meu pobre quarto.

Não sei si escreveu mais versos o sr. Ezequiel Freire; é de suppor que sim, e é de lastimar que não.

Esta longa referencia de Machado de Assis vale por uma consagração do poeta das *Flores do Campo*.

Tenho á mão esse livro de Ezequiel Freire, dividido em tres partes. Nas duas primeiras expande-se o autor nesse lyrismo pessoal dos que nascem poetas e não se fazem a poder dos diccionarios de rimas, e na ultima se nos depara uma collectão de poesias satyricas, quasi todas allusivas a factos e pessoas do conhecimento do poeta no meio em que viveu.



E' nas duas primeiras partes que Ezequiel se revela um naturista por excellencia, isto é, um poeta, que, antes de tudo, viu na natureza gloriosa e fecunda a fonte directa de suas inspirações, um poeta que, sobre tudo, amou a Terra e a Vida, não com a preocupação prioristica de as transformar no bello artistico, mas como um filho amantissimo de uma e de outra, que elle procurou engrandecer através da arte do seu verso.

Não fez ahí uma *literatura* para o *literato*, não fez uma obra artistica para o artista, não empregou jogos de phrases, nem subtils notações de nuances sentimentaes, não seguiu canones de escolas, não teve moldes apropositados mas falsos e convencionaes, não se deixou dominar pelo subjectivismo enfermiço dos pesquisadores do *au delà*, não foi um pantheista de seita philosophica. O que elle fez, sem ambages, com sinceridade, com verdade, foi exprimir-se integralmente, — numa feliz expressão de Albert Fleury, quando se referiu ao Naturismo,—exprimindo sua alma, seu coração e seu cérebro, comprehendendo-se através de todas as cousas e comprehendo todas as cousas através de si mesmo.

Dahi a relação que parece existir entre o nosso poeta e os naturistas de hoje.

Hoje, que o leio no silencio do meu gabinete de estudo, em que se enfileiram, nas estantes, as obras dos parnasianos, dos symbolistas, dos decadistas, dos néodecadistas, dos satanistas, dos instrumentistas, dos terribilistas, etc., sua poesia assume, para mim, o carácter de uma verdadeira reconciliação com a Vida e com a Natureza, com a Terra e com o Céo, com os Homens e com a Sociedade,—reconciliação que o Naturismo de hoje proclama, pela prosa sincera de um de seus mais ardorosos propagandistas, S. G. de Bouhélier, o autor da *Eglé* (poemas), e do livro moral *L'hiver en méditation ou les passe-temps de Clarisse*. «A literatura, a meu ver, conceitúa S. G. de Bouhélier, deve regenerar os espíritos, crear nelles uma fé nova, celebrar a belleza das cousas, despertar todos os sentimentos do ideal. Compete aos poetas constituir uma theogonia e constituir leis. A arte, pois, tem por fim dar aos homens, ao mesmo tempo, a belleza, uma legislação e uma religião. Vede bem como vou longe, attribuindo à arte um carácter cívico, humano e nacional.»

Convém, entretanto, não confundir o naturismo com o naturalismo. Maurice Le Blond faz, assim, a distinção entre uma e outra theoria literaria: «O naturista oppõe-se ao naturalista, preferindo a ~~em~~ção à observação. A arte, para o naturista, não é mais, como promulgou E. Zola, a Natureza vista através de um temperamento, é a propria Natureza que se volatiliza, se transverba ou se immobiliza, conforme a encara o musicista, o poeta ou o pintor.»



Bouhélier, por isso, exprime-se do modo seguinte, quando apresenta a sua profissão de fé: «Um poeta canta a aurora, o verão. O cantico em que elle os celebra não lhe pertence. E' do proprio verão e da aurora que elle apprendeu — hymnus enorme, egloga de ouro. O que elle recita lhe foi segredado. A Natureza, por sua bocca, se exprime.»

Ezequiel Freire tambem assim pensava, pois, mesmo neste livro, assim define elle a inspiração: «a integração da alma do Poeta com a da Natureza.» E ascrenta: «E agora venho encontrar tal conceito apadrinhado no juizo de Schiller. Em seu tratado da «Poesia ingensa e sentimental», Schiller chega a afirmar que o prazer por nós sentido perante a Natureza é menos uma satisfação do senso esthetico, do que do senso moral; pois esse prazer nasce de uma concepção do espirito e não imediatamente do puro facto da intuição. Dende provém, pergunta o profundo poeta alemão, o encanto que em nós produzem uma flor modesta, uma pedra revestida de musgo, o regato murmuroso, o gazear dos passaros, o zunzum dos insectos? Porque os amamos? — E porque nelles contemplamos a vida e sua acção latente, os effeitos que os séres, por si mesmos, pacificamente produzem, a existencia segundo suas leis proprias, a necessidade intima das cousas e a unidade eterna de sua natureza.»

Ainda mais frizante se torna a consonancia do pensamento do poeta com os naturistas de hoje, quando elle, neste mesmo livro, ao estudar um poemeto de Luiz Murat, exclama: «E' esta maravilhosa Natureza; esta exuberancia universal de força, que é só contemplarmos-a, para em nós vibrarem todas as cordas da gamma sensitiva, desde a ternura melancólica até ás poderosas commoções do sublime!»

Não se pense, entretanto, que, com fazer de Ezequiel um naturista, pretendo subordiná-lo a uma theoria literaria, a uma escola, a um grupo de escritores que se orientam por estas ou aquellas idéas ou sentimentos. Longe disso. Basta dizer que o auctor das *Flores do Campo* foi sempre um emancipado, um independente, para logo se ver que não é esse o meu intuito, e que isto de escolas é apenas uma questão de palavras, pois que em literatura, como em tudo mais, segundo a phrase de V. Hugo, não ha sinão o bom e o mau, o bello e o disforme, o verdadeiro e o falso, sendo que isso mesmo é ainda muito relativo.

Como Ezequiel Freire, porém, adquiriu a convicção de que só a natureza pode tornar o homem grande e o artista verdadeiro? a convinção de que a natureza, com as suas leis imutaveis, ainda quando anniquila, é benefica e justiceira? a convicção de que é no seio della que se acha o repouso para o espirito e a saude para o corpo?



E' que o poeta viu deslizar serenamente a sua infancia e parte de sua adolescencia numa propriedade agricola do seu velho progenitor — Fazenda da Boa Vista — no municipio de Rezende.

A vista dos campos, das florestas, das estradas cheias de sol, das pradarias esmaltadas de flores, tudo isso lhe deixou no espirito profundas e vivas impressões, que jamais se apagaram no transcurso de sua vida, e, ao contrario, à medida que o poeta se afastava pelos annos dessa quadra ridente e venturosa, mais se lhe avivaram na memoria e se lhe exaltavam na imaginação, que as transfigurava com as mais fulgentes cores em ricas imagens.

As impressões recebidas na infancia perduram, as mais das vezes, por toda a vida.

Foi a minha infancia, dizia V. Hugo, que fez do meu espirito o que elle é. Ernesto Renan, André Theuriet e Pierre Loti, para não citar outros, que receberam igualmente tão vivazes impressões infantis, tendo estas influído no seu espirito no decurso da vida de cada qual, são exemplos que podem servir de escora à these que attribue à influencia local a originalidade intima e a seiva exuberante do talento de um escriptor.

A solidão melancólica da Bretanha, apesar da educação scientifica e moderna de Renan, teve sempre uma poetica repercução nos seu escriptos.

André Theuriet, nas suas mais bellas recordações da juventude passada em Lorraine, pouco se refere às pessoas que allí conheceu, mas é prodigo de entusiasmos pelas suas flores, seus campos e suas arvores.

Pierre Loti recebeu igualmente decisiva influencia da sua mocidade florescida em plena natureza. M. J. Viaud é o seu nome de baptismo. Mas elle o tomou de emprestimo a uma flor, pois o termo Loti, como observa Lemaitre, nada mais é do que o genitivo de lotus, a flor do olvido e do sonho. Fatigado dos homens e de suas perfidias, Loti exclama algures: « Laissons tout, et jouissons seulement, au passage des choses que ne trompent pas, des belles créatures, des beaux chevaux, des beaux jardins et des parfums des fleurs ».

Nas *Flores dos Campos*, o distinto poeta, à guisa desses e outros escriptores que associaram a Natureza às suas tristezas e às suas alegrias, encontra-se, a cada lance, a cada momento, uma palavra, uma phrase, uma referencia que lhe traduzem o vivo sentimento do amor das coisas, através das quaes parece descobrir sempre uma alma secreta, um mysterioso canto, um prestígio irresistivel. Para elle, com para Buffon, cada vegetal é um animal que dorme; na pedra bruta ha uma palpebra secreta que se lhe decerra à retina espiritual; a luz, gloriosa ao nascer ou merencoria ao desaparecer, é para elle um hymno ou uma alegria; um simples farrapo de nevoa que



se esgarça na crista de alpestre montanha, a voz dolente de um sabiá no recesso das mattas virgens, o sussurro do vento nas arvores, o esvoaçar de uma borboleta, o cahir de uma folha murcha no entonno, o queixume de um regato que corre, embaraçoso, por entre asperos seixos, o esmaescer do crepusculo de uma tarde de inverno, a entrada solenne da noite, uma nesga do céo estrellado, tudo tem para elle uma significação, uma linguagem, uma traducção, que o faz sorrir ou entristecer, ou rir e chorar a um tempo, conforme o seu estado d'alma.

O poeta satura-se da Natureza, na phrase do proprio auctor, á pagina 166 deste livro, recolhe a impressão daquellas vozes e daquellas tintas ao tabernaculo de sua alma; adora Pan... e hoje, logo, depois, restitue á grande harmonia universal dos séres a emoção sentida, sob uma fórmula artistica, vasada em molde imperecedouro.

Demais, Rezende, a terra em que o autor nasceu, se prestou a inspirar o seu genio poetico.

Narcisa Amalia, a talentosa poetisa que prefaciou o livro de Ezequiel Freire, descrevendo-a, assim se exprime: «Vejo ainda, perdida no interior de minha província, uma pequenina cidade em cujo regaço a Musa parece reposar com as mesmas delicias com que repousa a ave na concha tepida do ninho materno. A luz que ali cõa serena através das purissimas camadas aéreas, os rumores exquisitos da natureza meio selvagem que sobem, unisonos, com o sol, que o seguem durante o dia como a um rei, durante a prosperidade, o concerto de lisonjas, e expiram quando elle descamba além das cordilheiras, inundam a alma de irisações limpidas e de jubilos inefaveis... A claridade vacillante de suas noites, o encanto que exercem, o brilho que externam as estrelas immobilizadas sobre o azul profundo do firmamento que a protege, convidam à meditação, impellem brandamente aos gosos ethereos do extase as imaginações contemplativas... O sendal de nevoas com que a envolvem o inverno, o thyrsos de flores com que a adorna a primavera e a aureola de scentelhas electricas com que a coroa o estio; os accidentes do solo, ora dilatado, ora depresso pela fusão ou pelo resfriamento das lavas que outr'ora corriam ardentes por suas fibras; a paisagem maravilhosamente linda que se extende sobre essas ondulações infinitas, o Itatyaiá que as limita ao longe como uma cortina negra desdobrada do céo: — tudo concorre para exaltar a phantasia juvenil; tudo conduz á adoração das potencias da natureza nas suas mais suaves e violentas manifestações».

Foi, pois, no seio dessa natureza virgem, — accrescenta Narcisa Amalia, mais ao deante, — que se librou a imaginação de Ezequiel Freire; foi sobre a relva humida das campinas, cercado de cantos e de murmuricos, que o joven neophito das mussas se familiarizou com os bardos nacionaes e folheou as melhores concepções dos genios modernos.



A atilada prefacista enumera de preferencia, entre os cantores nacionaes que o autor mais lia, Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Bernardo Guimarães e Joaquim Serra, e, entre os estrangeiros, Victor Hugo.

Só por essa enumeração se vê que o meio phisico em que se expandia o genio do poeta era condizente ao meio intellectual que sobre elle influia pela impressão das leituras, pois sabido é que Gonçalves Dias cantou a natureza e foi o poeta dos selvagens, chegando a crear o *indianismo*; que Varella produziu os *Cantos da Roça e da Cidade* e o *Evangelho nas selvas*, em que se nota, de par com a poesia pessoal e subjectiva, a poesia exterior e paizagista, saturada das mais fortes impressões da natureza; que em Bernardo Guimarães deixou o brasileirismo fundos traços, pois nos seus *Cantos da Solidão* é notável seu lyrismo naturalista, opulento de tintas sertanejas e vibrante desse tom de linguagem, peculiarmente brasileiro; e que Joaquim Serra, finalmente, pertencem a essa pleiade de poetas do Norte, fundadores de uma escola chamada «sertaneja», como se pode ver, para não citar outras, as suas composições *O mestre de reza*, *Cantiga à viola* e *o Roceiro de volta*.

Quanto a Victor Hugo, o poderoso e genial cantor estrangeiro com quem o autor mais convivia espiritualmente, ninguem ignora que poeta algum como elle amou com tanto ardor pantheista a Natureza, pois são delle estes versos bastante significativos:

Toute l'immensité sombre, blême, étoilée,
Traverse l'humble fleur du penseur contemplée.

E todos esses poetas elle os lia e relia á sombra das arvores, no entre-seio florido dos convalles, ou á margem do rio Parahyba, sob a copa frondosa do ingáseiro a que se refere na poesia das *Flores do Campo*, intitulada *A Estancia*.

Desta copada arvore
A sombra extensa ondula
Em placido balanço,
Das ondas no remanso,
Ygara pequenina,
Leve. O terral agita
A frança do ingáseiro
E as flores — em chuveiro
Desprendem-se dos galhos,
— Como descem orvalhos
Do seio da alvorada;
A onda enamorada
Leva consigo as flores:
Porém as minhas dores
A sombra ficam presas
Desta copada arvore...



Nesta encantada estancia,
Que o mundo não conhece
Onde o rumor não desce,
Sinão amortecido,
Tenue, subtil, trazido
No revoar do zephyro;
Neste sitio recondito,
E' que medito as paginas....

O dr. Chrispiniano Freire, irmão da poeta, confabulando um dia commigo, a respeito de alguns casos referentes á vida do autor das *Flores do Campo*, descreveu-me esse ingá-seiro e o local em que se achava, mas, com tanta expressão, com tanto sentimento de sua paizagem, que se me gravou na memoria tudo quanto elle me disse... « Era um grande e copado ingá-seiro, dizia-me o irmão do poeta, á margem do Parahyba, na barra de um corrego, por onde sahia a agua que tocava o moinho na fazenda da Boa Vista. O ingá-seiro tinha diversos troncos, alguns dos quaes emergiam da agua e outros sahiam da barranca marginal; as extremidades dos ramos que pendiam sobre o rio, rasavam a superficie da agua, formando um verdadeiro tapume de verdura, além do qual nada veria quem estivesse à sua sombra. Nesse ponto, a agua era remansosa e formava um magnifico pesqueiro, onde pesquei tantas vezes em companhia do Ezequiel. A cónha dessa bella arvore, como tinha de diâmetro cerca de oito metros, do lado da terra, tocava com as suas ramas o sólo. Era desse lado que o Ezequiel ficava, para ler os livros que trazia. Emfim, far-se-ha uma idéa desse ingá-seiro, imaginando-se um guarda-sól aberto, com o cabo enterrado no sólo até ás pontas das barbatanas ».

Foi talvez, nesse umbroso retiro, que se idealizou grande parte das poesias das *Flores do Campo*.

II

Ezequiel Freire, adorando a Natureza com o fervor e a fé viva de um crente, teve particular predilecção pelas flores, a ponto de intitular o seu primeiro livro de versos — *Flores do Campo*.

Cíclias abertas a medo
Sob a folhagem da palma...

São flores singelas que nasceram nos carrascaes do sertão e que não viçam nos jardins engradados das cidades, porque são mais livres do que os ventos; entretanto, vivem de seiva — uns cuidados — no chão dos seus sofrimentos, como diz o poeta. Que sofrimentos? perguntará o leitor. E' que Ezequiel, — ninguém ignora este facto, — amou, no alvorecer de sua



joventude, uma poetisa rezendense, e pôde dizer-se que quasi todo o seu livro de versos foi feito sob a impressão daquelle sentimento. Dahi a sua dedicatoria:

Flores... accepta-as: porventura dizem-te
Do livro d'alma a traducção completa;
Vão horrifadas d'um orvalho — as lagrimas,
— São as primicias do jardim do poeta.

Em que seio amigo, porém, buscava o poeta um refugio para se consolar, pois seu amor, por especialissimas circumstancias que não vêm ao caso referir, não podia ser correspondido, conforme era seu desejo? Em que pharmacia humana encontraria elle esse prompto allivio ás dôres que lhe fraguavam o coração?

Em vão procuraria o poeta o balsamo necessario ao seu coração na sociedade dos homens, porque seu pranto se perdera infecando, segundo a phrase do proprio poeta,

Na indifferença glacial do mundo,
Nos plainos do viver,
Nas solidões ermadas do trabalho,
— Como se perde o orvalho,
A's vezes derramado,
Do compassivo seio das auroras
No chão esteril do areal queimado.

Em vão! O consolo de que necessitava lh'o deu, no em tanto, a Natureza pela boceia suave das flores, cujas meigas phrases estavam na sua cór e no seu perfume e que o acalmavam pelo seu encanto e pela singular magia por ellas exercida sobre o enamorado infeliz.

De sorte que o poeta, adorando a Flôr, a Mulher e a Poesia, condensava nesse triplice culto a adoração da Natureza, que, além de tudo, era o melhor e o mais poderoso medico de sua alma.

As flores constituiam-se então em socias bemditas de sua solidão; e era de vel-o procurar, solitario, os logares ermos para conversar com ellas em tão doce colloquio que elle parecia sentir no aroma de cada uma dellas o queixume de uma alma encarcerada que se harmonisava com a sua no dia passão do mesmo sentimento.

Já Victor Hugo Dizia:

...J'ai souvent
Des conversations avec les giroflées.



Demais, o poeta considerava duas irmãs gemeas a flor e a mulher:

A flor e a mulher são gemelas
Da mesma fragil chrysalida;
Si a visão da amante pallida
E' flor de ignoto mysterio,
Na luz que d'ambas dimana,
No exhale perfume ethereo
A' flor a mulher se irmana.

Ah! si elle assim pensava, tinha razão de confabular com as flores.

Umas são rosas — molhadas
No sangue do coração,
Hasteas gentis — machucadas,
Pet'las fanadas... no chão.

Outras .. são tantas! — o lyrio,
A violefa e a sandade
São as vestaes do martyrio
No altar da primeira edade...
A sensitiva chorosa,
Que entre mysterios se vela,
Não é, meu Deus, mais mimosa,
Nem mais bonita do que ella.

Quem era *ella*, diga-se entre parenthesis, não ignorará o leitor, si for atilado.

Não ha uma poesia, afinal, nas *Flores do Campo* que não traga uma imagem tirada do reino das flores, referente à sua cér, ou ao seu aroma, ou a qualquer de seus mimosos predicados.

Mencionarei algumas dessas imagens, que constituem a sua poesia, pois que a poesia, no fim de contas, no dizer de Guyau, é uma comparação perpetua, vive de imagens, que não têm sómente por fim fazer nos ver a um tempo duas verdades, porém fazer-nos experimentar simultaneamente duas sensações, ou dois sentimentos, ou um sentimento por meio da sensação, ou uma sensação por meio do sentimento. Além de que, a imagem é um processo de sympathia pelo qual entramos em sociedade e comunicação de sentimentos com coisas que parecem à primeira vista insensíveis e mortas.

E cumpre notar que as imagens empregadas por Ezequiel, com relação ás flores, são todas a um tempo significativas e suggestivas: significativas, porque nos dão percepções nítidas do objecto; suggestivas, porque nos fazem visionar um mundo de sentimentos delicados.



Pôde dizer-se mesmo que Ezequiel teve nisso a intuição do symbolismo de Baudelaire, o qual notou as relações que existem entre as percepções dos sentidos, quando escreveu estes dois versos:

Comme de longs échos qui de loin se confondent,
Les parfums, le couleurs et les sons se répondent.

E tanto isto é verdade que o autor, na ultima parte deste livro, intitulada — *Lapis-lazuli*, escreveu assim sobre os perfumes, cores e sons: «Toda a musica tem som, cor, forma e cheiro. Um toque de alvorada é cor de prata transparente, com laivos auri-rosados e algum anil nos contornos. Cheira a sáreas florescidas. Das Marchas Funebres exhala-se um forte cheiro de egreja e de pannos mortuários. São da cor de faces cadavericas. Ha Nocturnos que dão a sensação tactil do velludo e têm a cor e o perfume dos pecegos maduros. Outros são da cor de aguas dormantes e cheiram a flores de matto virgem... E quando, por um entardecer de outonno quente e luminoso, na frescura embalsamada do jardim, cantarola-vos ao ouvido, em toada dolente, a doce voz cheirosa da mulher que amaes, não vos parece estar ouvindo marnhar um corrego bordado de espinheiros florescidos?»

Ezequiel, como se vê, descobriu as analogias que ha entre os perfumes e as cores, entre as cores e os sons, e, entretanto, nunca se decorou com o nome pomposo de symbolista, tanto mais que, ao tempo em que escreveu as *Flores do Campo*, no Brasil não havia um symbolista nem para remedio, como se costuma dizer.

Coppée, na França, como Ezequiel, não era tambem um decadente e, no entanto, antes do apparecimento dessa escola, escreveu este verso:

Quelque chose comme une odeur qui serait blonde.

O autor das *Flores do Campo* tinha tal amor a «essas joias fragrantes que a Natureza coloriu para encanto dos olhos e perfumou para delicias da alma», que elle dizia: «O aroma das flores, aspira-o a alma, não o sorve o nariz. Diante de uma rosa, de uma açucena, das flores de certas orquídeas, na presença dessas pequenas urnas aromaticas que a madrugada entreabre, sinto-me dominado de tão grande respeito, arrouba-me tanto a mimosa graça de Flora, que perco a simples noção do organo olfativo. Nunca, sem intima revolta, sem repugnancia immensa, sem que os meus mais delicados nervos sensorios vibrassem numa tensão extraordinaria de dor, nunca pude admittir que no phänomeno da sensação dos aromas interviesse de modo algum a membrana pituita-

ria, uma cousa tão prosaica que só de lhe escrever o nome
horripila-se a minha pena!

Si eu tivesse sido consultado para a erlação do primei-
ro homem, opinaria por que no seu organismo se annexasse um
sesto sentido complementar, destinado exclusivamente às re-
lações do homem com as flores.»

Mas respigueremos no livro de versos de Ezequiel algu-
mas de suas floridas comparações.

O poeta, logo na segunda poesia, *Lelia*, em que se sen-
te desolado ante a frieza e silencio de sua amada, faz esta
confissão:

Todas as fundas dores
Do meu viver luglorio
São flores de um arbusto
Que tem raiz no inferno...

Na poesia *A Estancia* em que o autor fala do ingá-
seiro a que já me referi, deparam-se estes versos:

Si tu quizeras, linda,
Um dia — um só, embora —
Prender aqui teu sonho...
Eu a mirar teu rosto
Tremendo envergonhado,
Outras vezes risonho...
Tu — a falar de amores,
Eu — a encher de flores
Cheirosas — teu regaço...

Da poesia *Scismundo*:

Os effluvios do geranio
Accendem langues desejos...

Nosso tugurio é recondito;
Perfuma a brisa a fragancia
Que das roseiras se exhala...

Da poesia *Romagem*:

As flores fogem dos jardins viuvos.
E o aroma esvæe-se no fanar das flores...

Da poesia *Lagrimas*:

Pede aspereza — ao arminho
E maciez — à fragua,
A' flor — que boie contra
As correntezas d'agua;

Pede um clarão — ás sombras;
A' rocha — um *nenufar*...
A mim — não peças risos;
— Eu t'os não posso dar...

Da poesia *Murmúrios*:

E como ás vezes do arenoso cômoro
Ao vir do orvalho reverdecem *flores*,
Bebendo seiva dessa dor nas lagrimas
Virão mais bellos teus gentis amores.

Da poesia *Sem título*:

A *flôr* ignota das campinas ermas,
Solitaria, pendida
Dos murruosos corregos á beira,
Na viuez das afleções mais santas
Chóra as caricias de um sonhado amor:
— Assim tu és, querida,
— *Flôr* que o pampeiro machucou tão cedo,
— Nivea *açucena* nos pañes perdida,
— *Rosa* de afectos, que minha alma adora,
Sobresaltada e a medo
No extase casto de um amor parissimo ..

Da poesia *Vacilações*:

Quando em teu labio assoma
— Entre o faceiro e o serio —
Tremor de um riso, — qual na *flôr* o aroma
Treme, e desmaia e foge — qual mysterio...

Da poesia *Sub umbra alarum tuarum*:

Bendita sejas, tu, que ouviste a supplica
Da *flôr* sem viço, sem perfumes, languida,
E que, sem medo dos espinhos asperos,
Roçaste a fimbria de tua alva tunica
No chão de cardos desta ingloria vida...
— A *flôr* agradecida
Guarda-te aromas na corolla esplendida !

Da poesia *Triste anniversario*:

A mocidade é como a *flôr* — fenece
Quando a macula a poeira das estradas;
Mas revigora ao vir das orvalhadas
Que a noite expreme do azulado manto...



Da poesia *Página íntima*:

Do jardim de minh'alma
Dou-te as *flores* primeiras,
Sangram meu peito os asperos espinhos
Destas pobres *roseiras*...

Da poesia *O livro de Nenê*:

Sua alma é pura, mas um vago anhelo
Lhe agita o coração;
De envolta à garridice da menina
Temi quasi a graça que a mulher sublima:
— E' rosa e é botão.

Da poesia *Innocencia*:

Nenê, que seios... que boquinha rubra,
Botão de rosa perfumando a aurora!

Da poesia *Palavras ao coração*:

Quanto és, Sciencia, improficia,
E tu, Razão quando és futil!
— Larva que nos prende sútil!
Bem como treda *orchidea*
A' débil hastea da *flor*;
Si a folha esmalta — a idéa,
Um fructo estragás — o amor.

Da poesia *Na Roça*:

Os sonhos fogem-me um a um — quaeas *flores*
Abertas de manhã, murchas num dia,
E cada sonho é uma illusão que foge,
E cada *flor* — outra illusão que esfria.

Da poesia *Lucia*:

E, como a *flor* que a viração balouça
E orvalham as auroras
E o sol esmalta de matizes de ouro,
Assim Lucia — feliz — contava as horas
Enlevada na scisma feiticeira
De uns candidos sonhares
Que passaram fugaces.

Da poesia *Reverso*:

Foi lá que a infancia consumi chorando
Sandades do meu lar. Rodava em torno
O estrepitar das festas deliciosas
E eu tinha n'alma uma saudade infinda,
Um prematuro fél que o peito hauria,
Antecipado eivar das crenças candidas,
Precoce emmurcharcer dos *lyrios* d'alma!

Aqui faço ponto quanto a citações congeneres, pois as que foram feitas são suficientes para mostrar quanto elle identificava sua alma com a alma das flores, atribuindo a estas emoções de prazer ou de pesar analogas às suas. Sua imaginação transformava-as à semelhança dos seus estados d'alma e via nelles verdadeiros signos ou symbolos do que no seu intimo se passava. As cores, os sons e os perfumes não eram para elle sinão emblemas de seus sentimentos, e a natureza, uma figuração de sua alma.

Não ha duvida que o germen de toda a obra d'arte, como diz V. Cherbuliez, é sempre uma impressão; e esta se recebe da natureza, que inspira o amor de crear.

Mas bastará ao poeta essa impressão para crear uma obra d'arte?

Está claro que não. Cumpre que o estudo, a meditação e o sonho o fecundem antes ou simultaneamente com a impressão por elle recebida. E a personalidade do artista já se revela nas suas escolhas, nas suas preferencias, nas suas impressões, nos seus processos, na sua concepção da vida e do mundo. Mas ha um caracter commun a todos os artistas: é o estudo constante da natureza.

Por isso, os verdadeiros artistas, para interpretar a natureza, devem sentir-a, antes de tudo, mesmo antes de estudar-a, como fez Ezequiel Freire, que poz de parte os dogmas, as seitas, as fórmulas, tudo que pudesse prejudicar o jogo livre do espirito, e resumiu tudo no culto da natureza, que se tornou para elle uma unica, uma exclusiva religião.

III

Sylvio Romero, na *Historia da Litteratura Brasileira*, divide as phases evolutivas desta pela seguinte forma: periodo de formação (1500—1750); periodo de desenvolvimento autônomo (1750—1830); periodo de transformação romântica (1830—1870); periodo de reação crítica e naturalista, ao princípio e depois, parnasiana e symbolista (1870 em diante, até os dias actuales). O mesmo criticista, no seu *Estudo Comparativo*, sobre Machado de Assis, diz que o romantismo brasileiro teve



também, no Brasil, sua phase emanuelica e religiosa, passou pelo período nacionalista do *americanismo*, pela crise do scepticismo e do sentimentalismo *byroniano* e *lamartiniano*, e chegou, afinal, ao termo do *humanitarismo* socialista, ao gosto de Hugo.

A phase do *parnasianismo*, porém, sómente se iniciou e se accentuou, pôde dizer-se, de 1880 em deante, depois que Raymundo Corrêa, com as suas *Sympphonias*; Augusto de Lima, com as suas *Contemporâneas*; Alberto de Oliveira com as suas *Meridionais*; Affonso Celso Junior, com as suas *Telas Sonantes*; Bernardino Lopes, com os seus *Brazões*; Fontoura Xavier, com as suas *Opalas*; Theophilo Dias, com as suas *Fanfarras*; Luiz Murat, com o seu primeiro volume das *Ondas*; e outros, surgiram na arena da literatura patria, cada qual, por sua vez, e em annos diversos, mas comprehendidos entre aquelle anno e o do 1890. O movimento *symbolista*, deste anno em deante, foi que entrou a dar signal de si, tendo à sua frente Cruz e Souza, o poeta negro dos *Broqueis*.

Ezequiel Freire, em 1876, matriculou-se em nossa Faculdade de Direito, mas, como poeta, tinha já o seu nome feito, pois havia publicado, em 1874, o seu volume de versos *Flores do Campo*.

As datas que acabo de precisar são estrictamente necessárias, porque nos dão o motivo pelo qual o poeta, sendo contemporâneo de Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Luiz Murat, Eduardo Prado, Pedro Lessa e outros, não apresenta, nos seus versos, vestígios de tendência nova, à guisa de todos os dessa geração literária.

Verdade é que Ezequiel já estava no terceiro ou quarto anno de Direito, quando a mór parte desses moços se matricularam no primeiro anno, o que não obstou a que todos com elle se acamaradassem logo, em profícuo e amistoso convívio literário. Demais, Ezequiel, que depois de formado, durante algum tempo, havia permanecido em S. Paulo, visto que se consorciara com distinta senhorita pertencente a uma das mais importantes famílias desta capital, Ezequiel continuou a sua camaradagem literária com todos elles e mais outros que apareceram depois, contando-se, entre estes, Raul Pompéa, Figueiredo Coimbra, Dias da Rocha, Rodrigo Octavio e Vicente de Carvalho.

Desses tempos acadêmicos, mesmo neste livro, figura uma página saudosa do autor, na qual narra a sua convivência com Lucio de Mendonça, com quem morava numa *república*, no largo da Glória. «Uma respeitável república», diz o poeta, morigerada, quieta, notável pela circunspectão dos seus habitantes. Apenas, entre sete que compunhamos a população total daquella placida Andorra acadêmica, o Lucio é eu matinava-



mos um pouco, poetando alto, declamando trechos de boa prosa. Já nesse tempo éramos amantíssimos de Ramalho e de Eça, e liamos com desmarcada voracidade os primeiros capítulos do *Crime do Padre Amaro*, que então se reproduziam na excelente revista — *República das Letras*, de que o Lucio e o Gaspar (refere-se a Gaspar Silva, actualmente visconde de S. Boaventura) eram os redactores principaes.

Durante o seu curso academico, Ezequiel quasi nada versejou, mas dedicou-se à prosa, tendo sido nesta que se operou a evolução do seu espírito no que respeita à nova phase da literatura de então, principalmente quanto ao culto da forma.

Assim, tendo sido publicadas em livro as *Flores do Campo*, em 1874, claro está que elas nada mais podem ser do que um producto dessa terceira phase dissolvente do romantismo, caracterizado pela crise do scepticismo e do sentimentalismo byroniano e lamartiniano, com intervallos de humanitarismo socialista ao gosto de Hugo, a que se refere Sylvio Romero. Das transcrições que fiz desse livro se deduz isso mesmo, e Narcisa Amalia o confirma no seu prefacio, quando diz que Alvares de Azevedo, o iniciador do byronismo e do mussetismo no Brasil, exerceu sobre o talento novel do autor irresistível influencia, attenuada mais tarde pela de Gonçalves Dias.

No que concerne ao humanitarismo de Hugo, esse positivamente se revela na poesia *Escravos no eito*, que Narcisa Amalia e Machado de Assis, como se viu aítraz, consideram a melhor do livro (opinião aliás autorizada, mas de que inteiramente discordo, diga-se de relance neste parenthesis).

Os melhores trechos poéticos das *Flores do Campo*, a meu ver, são os quadros da roça, e mesmo dessa poesia *Escravos no eito* a parte descriptiva.

Nessas composições, notadamente, e num ou outro lance poético em que o autor empresta à Natureza as suas imagens, pondo-se de parte, claro está, o tom romântico de grande parte delas, — é que estão as qualidades congenitas do poeta, que convolou para a prosa e as desenvolveu no sentido nacionalístico por uma diferenciação de seus caracteres essenciais e por um esmero de forma à *entrance*.

O romantismo demasiadamente sensibilista, a ponto de não parecer verdadeiro e sincero, cedeu lugar nesse então a um naturismo consciente, a um accentuado brasileirismo, a um psychologismo tocado sempre de uma leve nota humorística, que absolutamente não se pode confundir com a feição satírica que elle imprimiu à terceira parte do seu livro de versos, na qual a ironia é quasi sempre mordaz, caustica, ferina, pessoal.

Convém insistir sobre a transformação operada em Ezequiel, no que concerne ao seu ironismo, tanto mais que a



essa parte do seu livro de versos ainda não me referi neste estudo, a não ser de levante.

Não deixarão de ser interessantes ao leitor algum ~~versos~~ dessas partes em que o poeta põe a nô uma das feições características do seu bello espirito. *Tu e eu* é a primeira das composições desse gênero, que alli se depara. E' offerecida ao seu *irmão collago*, de nome Tiburcio, a quem se dirige por esta fôrma:

Tu que tens cabellos asperos
E polido o coração,

Alma — como jaspe — nivea,
E o rosto côn de carvão;

Que me guardavas nos labios
Consolações e carinhos,
No peito — culto sincero,
De quando em vez — passarinhos,

Flores exóticas raras,
E as vagens doces do ingá,
Pesadas pedras bonitas,
E os juncos leves de ubá;

A pôlpa tenra e gostosa
Das fructas da embauba ;
— Tu que me davas metade
Da tua parca jacuba ! ...

Que enchias minhas vigílias
De confidencias tão boas ;
Meu coração — de ternuras,
Minha gaveta — de broas...

Tu és, Tiburcio, a lembrança
Do meu viver de menino :
Eu era um caturra ; — lembras-te ? —
Tu eras — tão pequenino !

Depois cresci — pouco, — embora,
Das letras patrias no amanho,
E tu amanhando terras,
Guardaste o mesmo tamanho,

A mesma cultura d' alma
E a intuitiva nobreza ;
Eu cresci em sapiência
Na proporção da dobreza !

Vejo-te agora inda o mesmo,
Nobre e leal coração,
Integerrimo Tibureio,
— Carapinhando Catão.

Tiburcio era filho de uma escrava da Fazenda da Boa Vista,—um creolinho dessa propriedade agricola do pae do poeta, sr. capitão Antonio Diogo Barbosa Lima; um irmão de leite de Ezequiel, como se costuma dizer. Nestes tempos da escravidão, como estava nos habitos do patriarchal viver da roça dar-se ao *senhor-moço* um pagem que servisse a este e o acompanhasse por toda a parte, Tiburcio depois que cresceu, foi seu inseparável, prestadio e carinhoso companheiro, a quem se affeiçou de tal modo, que o considerava um amigo. Devia mesmo ser Tiburcio um escravo de boa indole e bons sentimentos para que o poeta o considerasse

Integerrimo Tiburcio,
— Carapinhado Catão!

Per isso, Ezequiel, em versos repassados de emoção, diz-lhe:

E tu, meu pobre pagem,
A quem o mundo (*risun teneatis!*)
Não profanou as paginas alvissimas
Do livro d'alma, immaculado ainda,
Oh! não me invejes, não...
Sou livre, e o que isso val? A liberdade
Exclude acaso d'alma o sofrimento?

* * * * *

Expande-se aqui o poeta contando ao seu irmão collaço varias cousas que o pobre creoulo mal entende, mas que as percebe pela sua tristeza, pelo seu travor, pelo fio de lagrimas que dellas flue... Tiburcio adivinha-lhe ahi todo aquelle sentir doloroso, mas limita-se a abrir muito os olhos, espantado de ver o *senhor-moço* tão acabrunhado, de alma e de corpo. Si ambos pudesssem voltar á infancia, pensa Tiburcio, trar-lhe-ia flores exóticas, fructas, passarinhos, e dar-lhe-ia até a metade de sua ração de jacuba, tudo para o consolar. E não sabe o que dizer o pobre negro, cada vez mais espantado... Nisto, atalha o poeta com ar galhofeiro:

Pasmas, Tiburcio, e te espantas
Desta immensa erudição?
— Pasmas de ver-me tão sabio,
Vario no estro, vasto na lição?!

Pois não ha nisso mysterio;
Cifra-se tudo em saberes
Que eu não encaro a vida muito ao sério.

Perdeu a esphera terrestre
Da gravitação as leis;
— Tu és da familia humana,
— Da humanidade não és!

Razão, direito, justiça,
— Trindade paradoxal!
A Lei arrasta o absurdo
Desde a culpa original!

Jehovah foi um legista,
Sophismador da verdade,
Que fez do erro—de um homem
O crime—da humanidade!

A Lysia trouxe-te á America,
Sabes, Tiburcio, porque?
— Teu avô fez troça ao vinho
Do patriarcha Noé!

Na lei da mesma egualdade,
Que Deus ou Satan nos deu,
E's nobre—mais do que os principes
E és miseravel— como eu!

Mede-nos a mesma bitola
Perante o altar da natura,
E as jerarchias nivelam-se
Na lama da sepultura.

Trasladação foi esta um pouco extensa, mas necessaria. Além de por ella conhecer a boa veia humoristica do poeta, fica o leitor sabendo que, através do lamurioso lyrista, ha um philosopho incubado, um humanitarista, um pregador do egualitarismo e da idéa social, que ainda mais se accentua nos *Escravos no eito* em que, depois da descripción de um quadro dantesco de miserios captivos trabalhando, ao rigor do sol, sob o relho do feitor, com as carnes laceradas que se avermelham em sangue, exclama, entre compungido e indignado:

Ai! que dirão nossos posteros,
Ao quebrar da Historia os sellos?
Tremerão, de certo, ao vel-os
— Quadros de tal impiedade:

Nos tristes, humidos carcères,
Alguns esqueletos velhos...
Algemas, troncos e relhos
Como brazões desta edade!...



E' o caso de dizer aqui: *facit indignatio versum.*

Tal indignação, porém, era passageira, pois cedia logo o lugar à satyra,—um bom contrapeso, valha a verdade, ao romantismo de seus versos amorosos.

Quero mesmo crer que, nesta feição dupla do seu genio poetico, a nota satyrica, que mais tarde se lhe attenuou em leve humorismo, representou o papel de um factor psychologico tonificante na saude da alma do poeta, juntamente com o seu grande amor da natureza.

Não foram esses dois poderosos reagentes psychicos — o *humour* e o sentimento da natureza, e acredito que o poeta não conseguiria romper o nevoeiro de maguas que lhe estreitava o horizonte espiritual e continuaria taceando entre a dúvida e a crença, nesse afflictivo estado d'alma que elle nos patenteia na poesia *Sombras*, começando assim:

Deus, onde estás? No coração do réprobo
Remorde a dor que o desalento offrece...
Nos labios do christão desmaia a prece,
No coração do crente o amor desmaia...

Mas como se deve comprehendêr o *humorismo*?

Sylvio Romero traduziu algures uma pagina de Edmond Scherer, em que este critica define perfeitamente o *humorista*: «o pintor tragi-comico do homem e do absurdo humano.»

«A disposição do animo do *humorista*, acrescenta o escriptor citado e traduzido pelo critico brasileiro, é provavelmente, afinal de contas, a mais feliz que se possa ter na vida e seu ponto de vista o mais justo, donde seja possível julgal-a. O satyrico se indigna, o cynico mofa, o *humorista* diverte-se e se enternece alternativamente. O humorista não tem os defeitos do pessimista, que reduz tudo a uma concepção puramente pessoal, e que se zanga com a realidade, porque não é tal qual elle a concebe; nem os do optimista, que fecha os olhos a tudo que no mundo real falta para que corresponda às exigencias do coração e da intelligencia. O *humorista* sente o que a realidade tem de imperfeito e resigna-se com o bom humor, que sabe que nossa satisfação não é a regra das cousas e que a formula do universo é necessariamente mais vasta do que as preferencias de um dos seres contingentes de que se compõe este universo. O *humorista* é, sem dúvida, o verdadeiro philosopho, com a condição, todavia, de que seja realmente um philosopho.»

Assim, o *humorismo* de Ezequiel Freire vale quasi por uma philosophia, bem como o seu naturismo. Por um e outro foi que o espírito do poeta se mostrou humano, aqui e alli, através das lentejouladas vestes de posticagem do seu romantismo, producto da época em que appareceu. Eram germens



apenas, mas bons, tanto que se desenvolveram e lhe ~~anearam~~ a alma doentia e torturada por essa dúvida, que não é fecundada nem bussolada pela sciencia, e que não se caracteriza pelo anseio de saber, mas por uma metaphysica desarvorada e anarchica, mais dissolvente do que constructora.

Mal comparando, o espirito do poeta era a larva informe que, rompendo o casulo, se transformou depois em brilhante borboleta de azas irisadas e espanejantes à luz do sol.

Morreu nesse o poeta romantico, pôde dizer-se, mas resurgiu o olympico, o incomparável prosador deste livro, onde se acham colligidas as suas mais bellas produções, já como *conteur*, já como critico, já como chronista, já como phantastista.

IV

Pôde dizer-se que foi de 1881 em deante, depois que iniciou a sua colaboração no *Correio Paulistano*, escrevendo as chronicas intituladas *De Omnibus Rebus*, das quaes as melhores, talvez, são as publicadas neste livro, — que Ezequiel Freire entrou definitivamente na sua nova phase literaria de notavel prosador com todas as qualidades de forma e de estylo, requeridas para esse mistér, como sejam «movimento, personalidade, colorido, propriedade, variedade, abundancia, vocabulario, força descriptiva, plasticidade do periodo a acompanhar as mutações do pensamento, equação espontânea entre este e sua natural expressão».

O escriptor rezendense, por esse tempo, já havia sido juiz municipal de Araras (cargo que ocupou seis meses apenas) e professor de rhetorica do ex-curso annexo á nossa Faculdade de Direito, cathedra que obteve por meio de concurso em que entrou, como seu competidor, o dr João de Araujo, outro artista de palavra escripta, que, infelizmente, deixou disperso no jornalismo diario o ouro de lei de sua prosa. Na cadeira de rhetorica esteve Ezequiel leccionando sómente um anno.

Já havia sido igualmente advogado, tendo aberto seu escriptorio em companhia do finado dr. Paulo Egydio (outro escriptor de grande merecimento, philosopho e sociologo, quasi esquecido hoje), e do dr. Pedro Vicente. A proposito da advocacia de Ezequiel, conta Valentim Magalhães algures, a quisilia que sempre manifestara o autor deste livro por essa profissão, chegando a dizer por vezes: «Eu errei a vocação: daria tudo e não cheguei a dar um advogado. Isto é uma profissão ingrata: vive-se de todos os desgostos alheios: — do cliente, da parte contraria, do advogado contrario, das testemunhas... Aturam-se desafors enormes do *padrão ex-adverso*.»

Já havia perambulado, como collaborador, por algumas folhas paulistas, entre as quaes o *Estado de S. Paulo* (então



Província de S. Paulo), dirigido nessa época pelo illustre jornalista, de saudosa memória, dr. Rangel Pestana, de quem foi sempre muito amigo, e a antiga *Tribuna Liberal*, em que teve como companheiros Affonso Celso Junior e Magalhães Castro, sendo de notar que foi n'A *Consciencia*, jornal academico, de parceria com Affonso Celso Junior, Fernandes da Cunha e outros, que Ezequiel fez as suas primeiras armas como jornalista.

Assim, o escriptor rezendense, antes de entrar na sua nova phase literaria, teve um periodo de ensaio, um periodo de transição, proprio das robustas organizações literarias, que primeiramente medem forças e enrijam as azas do espirito para largar depois o grande vôo.

Foi nessa como que vigilia d'armas que elle se apparelhava para calçar suas esporas de ouro e se tornar o fino cavaleiro das letras.

Ezequiel, em 1881, além de prosador consagrado, já era um *distineto* em tudo e, sobretudo, um *original*. Mas um *distineto* e um *original* em toda a extensão e a toda a profundezas desses qualificativos. «Não se confundia, — como disse muito bem Valentim Magalhães, que o conheceu de perto — com pessoa nenhuma em nenhuma causa. Tudo o que lhe pertencesse ou se lhe relacionasse, ou passasse por suas mãos, tomava o tom, recebia a nota impressiva do seu carácter moral, do seu temperamento literario. Nos gostos, nos affectos, nas preferencias, nas maneiras, no conversar, no escrever, em tudo, enfim, era de uma distinção fidalga e rara.»

Conservo eu mesmo, como preciosa reliquia e doce lembrança do requintado artista, uma carta e um cartão: este é de cor verde-musgo, atravessado, numa das extremidades, por tres violetas de Parma, com os dizeres escriptos a tinta de ouro, e aquella em papel chinez, — raro velino com um leve debuxo de passaros e flores, — escripta com uma finissima calligraphia, esfumando-se em tinta branca.

Quem o visitasse então, em sua confortavel residencia, à rua da Consolação, o encontraria ora no seu gabinete de trabalho, entre seus livros e objectos de raridade artistica — quadros, pratos pintados, grandes leques japonezes, *bibelots*, armas, joias, ricas alfaias, louças da China, gravuras, todo um pequenino mundo, enfim, de *échantillons* artisticos, ora no seu jardim, como um jardineiro, à guisa de Alphonse Karr, que adorava, como elle, as flores, e como quem mesmo se parecia espiritualmente, a tratar das suas rosas, jasmins, orchideas, licopodios, crotos, balsaminas, begonias, cóleos, tinhorões, saxifragias, bogaris, hortencias, parasitas e outras plantas de folhagens variegadas. Com a violeta e o amor-perfeito — as suas flores predilectas — tinha elle um cuidado especial. «Quando eu fui jardineiro, escreve Ezequiel na ultima parte



deste livro, os meus maiores cuidados eram para uns amores-perfeitos, grandes, aveludados, de um roxo cambiante, com um ponto amarelo açafreado no centro, que de manhã a humidade do orvalho fazia brilhar como uma gota de ouro líquido sobre uma flor de finíssimo velludo de Utrecht. Não lhes queria tanto por mim, mas para as borboletas, porque dia-me a triste sorte dessas bellas flores aladas, que só tinham para companheiros e confidentes os girassões, as cristas de gallo e os cravos sediços dos jardins paulistanos desse tempo. Gostava de ver como conversavam os meus amores e as borboletas visitantes do meu jardim. Conversavam, por certo. Vinham, em longos volteios, como quem sabe que «o melhor da festa é esperar por ella» e os amores, vendendo-as, descurvavam as hasteas e apresentavam a face ao beijo das travessas. Encantadores idyllios!»

Seja dito de passagem: é admirável como Ezequiel, além de conhecer a psychologia das flores, as conhecia como um perfeito botânico. Nos seus trabalhos não se antolha uma heresia científica, num nome ou numa classificação de flor. Não faz como Zola, no seu *Paradou*, em que apresenta, ao mesmo tempo, nas suas descrições, espécies de plantas essencialmente diferentes como época de floração; como George Sand, que nos descreve um chysanthemo de *fleurs d'azur*; como Paul Féval, que nos dá um lariz de folhas persistentes; como Balzac, que nos faz ver uma azálea trepadeira; como Alexandre Dumas que nos proporciona uma tulipa negra. Voltando à residência do poeta: esta, como ia dizendo, era um verdadeiro ninho de arte a que Ezequiel se abrigara com a sua adorada esposa e adorados filhinhos. Tudo alli dizia que o poeta vivia feliz no meio dos seus, dos objectos de arte, dos livros e das flores. Ha neste livro uma página encantadora que dá bem idéa dessa felicidade. Antecipo ao leitor esse canto em prosa, que lembra a frescura, o mimo e o aroma de um pequeno ramo de violetas azuis, borrifadas de orvalho. Deixo, pois, ao próprio poeta da prosa dizer quanto era venturoso no seu lar. Eis como se exprime Ezequiel: «Às vezes, no mais recondito da floresta virgem, abrem-se uns pacíficos退iros desassombrados de vegetação alterosa; não que o derrubador de matto haja por alli passado como uma assolação, decepando o rijo tronco da brânia, abatendo a fronte gigantesca do jequitibá.

«Immaculadas de toda a profanação, pompeiam galas sylvestres essas nativas clareiras, tapetadas de musgos tenros, ensombradas pela ramaria circundante das grandes arvores.

«Na gíria dos roceiros, esses poéticos logares têm o nome de *terreirinhos*. Em suas imaginações criadoras os caipiras povoam taes sitios de phantasticos habitantes.

•Não raro, nos serões da familia camponia allude-se à existencia de sinistros mocambos e aos latrocínios do quilombola, que constrói seu rancho naquelles agrestes retiros.

•Historias e phantasias apavoradas!

•Os *terreirinhos* são predilecto abrigo dos passaros, nas horas calmosas.

•Por tempos anormaes, quando a secca se prolonga muito adeante pela estação das chuvas, a atmosphera como que vae accumulando, em zona limitada, todas as furias da ventania, todas as faias das raios, para desencadeal-as de repente, nos momentos de suprema colera.

•São terríveis as trovoadas successivas ás prolongadas secas.

•Silenciosas, negras, acastelladas, entrecruzam-se vagarosamente as nuvens, deixando cahir as primeiras gottas de chuva, raras, grandes, seguidas de perto pelas violentas rajadas de granizo.

•Transforma-se cada gróta em corrego; inundam-se as planicies.

•Avolumados, furiosos, os ribeirões escarvam os barrancos, arrebatando sobre o dorso espumante enormes ingáseiros, desarraigados das margens.

•Arrombam-se os açudes e o immenso volume de aguas barrentas espraia-se pelas varzeas, com impeto destruidor.

•Quando mais brava estruge a tempestade, ou sob o tecto das casas, ou pelo desabrigó das estradas, tremem de pavor as criaturas; só não chega a violencia dos vendavais aos *terreirinhos* resguardados no ímago da floresta-virgem.

•Equilibrado nas azas, o beija-flor tranquillamente oscula as efflorescencias aromaticas do cambará; enquanto cá fóra esbraveja a trovoada, em pavoroso estrupido.

•E' assim nos lares felizes... A alma agitada e ferida vem aqui buscar a quietude na doce paz das affeições suaves.

•A porta, raivosamente uivando, assanha-se o cortejo de desgostos, a multitão dos pezares que nos assaltam por vezes nas emboscadas da malevolencia.

•Oh! lar, quietação alentadora do espirito! A santidade do teu recinto afugenta a matilha dos odios! Em teu silencio amigo mal sóa o ganido dos maledicentes anonymos que nos salteiam na vida...

Retrogrado agora o leitor ao passado do poeta e compare as duas épocas de sua vida. Ezequiel idealizou quasi todas as poesias das *Flores do Campo* á sombra daquelle ingáseiro que descrevi, á margem do Parahyba, cujas aguas via correr como um sonho fugitivo e levar, no seu dorso de crystal fluido, como uma flor cheirosa cahida do ingáseiro, toda a illusão de sua joventude. Tinha então elle vinte an-



nos, amava a mulher, a flor e a poesia, adorava a Natureza, mas trazia, ainda assim, o desassossego na alma.

Transcorreram os annos; o poeta veio para São Paulo, aqui amou e constituiu família, teve filhos, e foi no socegadão abrigo do seu lar que elle urdiu a teia de ouro e seda com que fez a roupagem para a diva de seus sonhos de moço — a Arte. Foi, pois, nessa mansão de afectos suaves, de doces carinhos, de ternos amplexos e de abençoados beijos, que elle escreveu as paginas deste livro.

Mudaram, por acaso, o espirito do poeta, o seu caracter, a sua indole, os bons sentimentos do seu coração? Não. Não se deu nelle uma mudança: deu-se apenas uma evolução natural, gradual, sucessiva, sem bruscos saltos nem constrangimentos. Simplesmente que, em vez de poeta, se tornou prosador, adquirindo, porém, mais força e graça — as duas azas do lyrismo, na phrase de Sylvio Romero, além das qualidades inherentes à prosa.

Porque Ezequiel, cumpre dizer, nunca deixou de ser um poeta: o que fez unicamente foi trocar a forma do verso pela da prosa. A emoção poetica, a imaginativa vivaz e alada, a meiguice dos afectos, o fecundo sentimento da natureza, o rythmo da linguagem, tudo lhe ficou — menos o molde do verso, com medida regular e obrigatoria.

A palheta do seu estylo, em compensação, enriqueceu; o dom da observação se lhe apurou ainda mais; as achegas que lhe carrearam os estudos augmentaram sem conta; iluminou-se-lhe a razão a uma luz mais forte e mais clara, qual a da sciencia e da philosophia; e robusteceu-se-lhe mais e mais a vontade.

Não sei quem disse ter Ezequiel uma prosa de plumas e azas. Accrescento: de aromas e de flores, de beijos e caricias, não excluindo, entretanto, de sob todas essas delicadezas de cor e de cheiro, de luz e de linha, esse elemento de força e de movimento, que vem do sangue da alma e que dá vida aos nervos e aos musculos da sua prosa inteiramente moderna.

Dahi o seu estylo poetico e imaginoso, colorido e movimentado, gracioso e rythmado. Si alguém pôde ser considerado estylista, Ezequiel o é, antes de tudo e de todos. Entretanto, ninguem mais do que elle foi simples no estylo. Nunca se viu o autor deste livro rebuscar a phrase com vocabulos raros ou empolados; esta sahia-lhe, no entanto, como ouro filigranado, leve, brilhante à guisa de uma joia,—adereço para um busto divino de mulher formosa. E' um engano pensar que o estylo simples se oppõe ao estylo sublime e ao estylo figurado. Nada mais sublime do que a Biblia; no entanto, seu estylo é simples, extremamente simples. Querem

linguagem mais simples do que a do povo? No entanto, ella é rica de imagens.

Além disso, o estylo de Ezequiel, com ser poetico e esthetic, expressivo e suggestivo, nunca deixou de ser logico.

O estylo puramente logico é o do scientistista; o estylo literario é o do belletrista. Mas a verdade é que um não dispensa o outro num verdadeiro escriptor. Si aquelle introduz a sequencia nas idéas, este é um organismo vivo, equilibrado e proporcionado nos elementos de que se compõe.

Guyau representa o estylo logico sob a figura de uma cadeia linear e o estylo poetico e esthetic na de uma flor que desabrocha em curvas de toda a sorte. Deve-se comprehender, portanto, que esta não exclue aquella.

Não foi tambem em vão que eu disse ser o estylo do autor deste livro esthetic e poetico, expressivo e suggestivo. O poetico do estylo, como diz Guyau, não está sómente nas imagens, no rythmo e no accento: está igualmente, está sobretudo no caracter expressivo e suggestivo das palavras. O poetico, em geral, não é a mesma cousa que o bello; a beleza reside, sobretudo, na forma, nas suas proporções e na sua harmonia, ao passo que o poetico reside, sobretudo, no que esta forma exprime ou suggere. O bello está, afinal, no que se vê, o poetico reside no que não se deixa mais do que entrever.

O estylo só é poetico quando evoca idéas e sentimentos; o estylo só é esthetic quando a phrase guarda as devidas proporções e harmonia. O certo é, porém, que tanto um como outro são necessarios ao verdadeiro artista.

Não se vá agora entender que o estylo poetico seja sómente uma prosa ornada e imaginosa, à maneira do de Chateaubriand ou do de Coelho Netto, nas suas balladilhas ou phantasias. O poetico da prosa, como entende Guyau, cuja opinião subscrevo, não consiste na imitação dos versos, mas no effeito significativo ou suggestivo produzido pela inteira adaptação da forma ao fundo. É até uma lei de evolução que torna a prosa de hoje, ora scientifica, ora poetica, uma vez que se não perca de vista que o movimento romantico se evolreu e nos trouxe o naturalismo, que é uma escola de observação e de experiença, sendo de notar, porém, que esta, apesar de tudo, não conseguiu adoptar sómente o estylo logico a não ser aliado ao poetico, como se pôde verificar em Flaubert, Zola, Daudet e outros naturalistas. Assim, é a pesquisa da expressão intellectual ou sympathica, segundo se exprime o escriptor citado, que nos faz traduzir o mais fielmente possível ora a idéa abstracta, ora o sentimento, ora as systematizações do pensamento, ora as systematizações da emoção.



De sorte que Ezequiel, no estylo, é ainda um genuino producto daquelle evolução romantico-naturalista. Sua prosa é moderna, como já disse, e, portanto, dispõe de taes meios de expressão, que se avantaja sobre a poesia. Demais, a complicação e a complexidade dos sentimentos modernos, transformados pelas idéias scientificas e philosophicas, assim o exigem, porque necessitam de um grande meio de comunicação social, o qual sómente se depara numa lingua rica e malteável, capaz de todos os tons e de todos os accentos, como requer Guyau.

V

Limito-me agora, para terminar este prefacio, a transladar para aqui as linhas que escrevi no *Correio Paulistano* de 10 de Junho de 1906, sobre Ezequiel Freire.

Ao que parece, ellas completam o que já disse sobre a individualidade do escriptor rezendense, principalmente no que toca aos seus ultimos momentos de vida na terra. Eis a chronica a que me refiro:

•Lembram-se os leitores de Ezequiel Freire? Apesar do prologo da ballada *Les morts vont vite*, estou certo que não poucos se hão de recordar ainda desse fulgido espirito, desse bello coração, que tanto amou e tão amado foi por todos que o conhecaram. Nas columnas desta folha cultivou elle, não raro, a prosa literaria, com o mesmo cuidado com que cultivava as flores do seu jardim, sua prosa tinha o colorido das, bem como o seu perfume, que era nelle a alma, a poesia, o amor; o verso tambem, por vezes, luziu aqui, ainda que de relance, quando a musa pedestre descansava.

Não é porém, para escrever do seu valor literario e artístico que vou alinhando estas regritas de prosa ligeira: o meu fim é outro. Como se sabe, Ezequiel Freire, poucos dias antes de morrer, enviou a todos os seu amigos um longo cartão, inteiramente negro, capiado em sobrecarta igualmente lustrosa, no qual escreveu, a tinta branca, num bello cursivo:

Por conta de maior quantia
Reza por elle
Padre Noso e Ave-Maria...

O poeta, com effeito, que datou esses cartões de 2 de novembro de 1901, faleceu dahi a 8 dias em Caçapava, onde se achava por motivo da mesma tenaz molestia, que o victimou. Ezequiel Freire presentiu o seu proximo fim, ao contrario das demais tuberculosos, que sempre se illudem com uma enganadora esperança.

Por conta de maior quantia
Reza por elle
Padre Noso e Ave-Maria...



Quem leu esses dizeres, poucos dias antes da morte do poeta, mal podia imaginar que elle pudesse falar tão a sério. De sorte que, excusado é dizer, todos os seus amigos sentiram dolorosa surpresa quando souberam que Ezequiel Freire havia morrido numa cidade do interior, junto dos seus e, pôde dizer-se, mais perto da natureza, pela qual tinha uma paixão de pantheista. Dentre os que mais surpresos ficaram com tão crudelissima perda, foi o escriptor destas linhas, pois o poeta sempre o honrou com a sua camaradagem de irmão em letras, já no trato gentil que, como homem, lhe dispensou, já no interesse que a cada passo manifestava quando escrevia sobre a arte e artistas de S. Paulo, pelas reiteradas referencias que lhe fazia.

Lembra-me ainda que foi Ezequiel Freire quem mais me encorajou no inicio de minha carreira literaria. Eu trabalhava, por esse tempo, na redacção do *Diário Mercantil*, uma das mais bellas folhas do Brasil, sob o ponto de vista do seu *savoir-faire*; e Ezequiel enviava à *Gazeta de Notícias* uma correspondencia hebdomadaria, na qual dava conta de tudo, principalmente de artes e letras. Numa dessas correspondencias, o poeta anunciava, com palavras d'entusiastico louvor, um livro que eu devia publicar sob o titulo — *Accordes*, ao mesmo tempo que transcrevia um soneto dessa collectanea, denominado — *Julia*.

Em outras correspondencias, Ezequiel sempre se referiu ainda à minha pessoa com elogios de fraterna camaradagem; e, o que é mais, quando *A Semana*, revista de letras e artes de Valentim Magalhães, encetou a sua *Galeria do Elogio Mútuo*, foi o poeta designado para ser o meu *mutuante*, o que o fez escrever um bello perfil meu, que ainda hoje leio e releio com lagrimas nos olhos, tal a saudade que sinto desse generoso amigo das letras, que a ninguem invejava e a todos queria bem — como companheiros da mesma jornada.

Assim sendo, apesar de ser o incréo que sempre me considerei, digo-lhes francamente, amigos leitores: logo que recebi o cartão negro com aquelles singelos dizeres de bom christão, encerrei-me no gabinete de trabalho e, diante do seu livro *Flores do Campo*, rezei alguns *Padre-Nossos* e *Ave-Marias*, pensando no poeta, que devia morrer dahi a 8 dias.

Por conta de maior quantia
Reza por elle
Padre-Nosso e Ave-Maria...

E eu, que lhe era devedor de tantas gentilezas, porque não havia de orar por aquele espirito immaculado, que, na phrase precisa de um escriptor, amou religiosamente como ninguem a Flor, a Mulher e a Poesia?



Significativa trindade! Nas suas obras e nas suas acções, notei sempre a extensão desse culto como o traço mais característico de sua personalidade artística.

Basta notar que foi uma poetisa, Narcisa Amalia, quem o apresentou ao mundo das letras no excellente prefácio que antepoz ao volume das *Flores do Campo*. Já dizia a elegante poetisa brasileira sobre esse livro: «Quem abre o livro, atraído pela singeleza do título, não soffre uma desillusão: ha com efeito nas composições que o formam a graça nativa, o luxo de tintas e as emanações acres das flores indígenas».

Parece que ninguem melhor do que Narcisa Amalia definiu a personalidade de Ezequiel Freire, já a esse tempo, em que o autor apenas tartamudeava o verbo da poesia.

A poetisa das *Nebulosas* era uma entusiasta das qualidades poéticas do autor das *Flores do Campo*.

«Ezequiel Freire, escrevia Narcisa Amalia, é muito moço: vinte páginas da sua existência tem voltado apenas; mas si tiver a magnanimidade de votar a sua vida ao estudo, si quizer robustecer o seu talento sobre as páginas dos melhores mestres e consagrando-o a trabalhos de mais força, ha de conquistar no futuro louros imperecíveis. A sua estréa é nuncio de bellos triumphos. Possa o joven poeta preservar a sua lyra do golpe funestíssimo que feriu a cythara de Thamyris».

Receio bem que alguns dos meus leitores não saibam quem foi Thamyris. Era esta entidade mytologica neto de Apollo. Thamyris desafiou um dia as Musas para ver quem melhor cantaria, e, no caso de se avantajar sobre elles, estas se entregariam à sua discreção. O neto de Apollo perdeu o desafio, e as Musas lhe vasaram os olhos, fazendo-o esquecer-se, além disso, de tudo quanto sabia.

Felizmente, o poeta das *Flores do Campo* venceu as queridas crenças e, sobretudo, conseguiu ser amado por elles todas.

Porque, verdade, verdade, si Ezequiel, após a publicação do seu primeiro livro, raras vezes poetou, nem por isso deixou jamais de ser um poeta no rigor significativo desta palavra, porquanto na sua prosa observou sempre o rhythmo do verso, posto que com a irregularidade propria daquella forma literária.

Narcisa Amalia, mais tarde, reconheceu isso mesmo.

Si foi, pois, uma notável poetisa que lhe guiou os primeiros passos, outra poetisa não menos notável, pode dizer-se, foi quem lhe fechou os olhos da alma. Refiro-me à sra. Zalina Rolim, a quem o poeta igualmente enviou o mesmo cartão negro com aquella tristíssima supplica de um moribundo:

Por conta de maior quantia:
Reza por elle
Padre-Nosso e Ave-Maria...



A distinta cantora do «Coração», alma poética e piedosa, lhe fez incontinenti a ultima vontade nos seguintes versos ineditos:

(Ao poeta e amigo).

Dá-lhe, ó Mãe santa e clemente,
Vida e placida alegria;
Conforta-lhe a alma doente...
— Ave-Maria!

Reze por elle a innocencia,
Cheia de graça! Allivia,
Doira, aclara-lhe a existencia...
— Ave-Maria!

Afasta-lhe, ó Mãe, do seio
O mal que o fere e angustia;
Da saúde abre-lhe o veio,
— Ave-Maria!

Outra delicada poetiza, d. Candida Rolim, irmã de d. Zalina, exalçou tambem os seus votos nos seguintes versos ineditos:

(A Ezequiel Freire).

Rezemos, flores, pedindo
Para o poeta alegria;
Crianças, rezae por elle
«Padre-Nosso e Ave-Maria»!

Que essa nuvem mensageira
De funda melancolia
Do seu coração se afaste...
«Padre-Nosso! Ave-Maria»!

Ouvindo as rezas que rezo,
Dê-lhe o céo vida e alegria
E risos perpetuamente...
«Padre-Nosso e Ave-Maria»!

Bem sei que commetto uma indiscreção publicando os versos que ahi ficam; mas valha-me a boa intenção, ao menos. O meu fim, ao estampal-os, foi mostrar ao leitor que o poeta sempre despertou no coração feminino a mais viva sympathy, a mais viva admiração.

Bello poeta! Ainda hoje quando releio os teus versos,

Clicias abertas a mèdo
Sob a folhagem da palma,



recordo-me do dia em que te fui apresentado pela primeira vez e em que me acolheste com o mais meigo dos teus sorrisos. Tinha uma rosa na lapela do teu casaco, uma delicada rosa-chá; e qual não foi a minha surpresa quando, ao me perguntares se gostava de flores, me prenderes à *boutonnière* aquella rosa dizendo: «O poeta sempre gosta de flores».

Desde então, aquella flor foi o penhor de tua camaradagem em tudo que me dizia respeito; nunca me magoaste com uma palavra menos gentil; fraternizamo-nos como dois companheiros, que vão fazer uma longa viagem. Mas tu ficaste em caminho, com medo talvez dos sarças do mal em que a alma, não raro, machuca as azas; e te abrigaste ao seio da terra para apreciar mais de perto as flores, as aves, a poesia.

Bello poeta! Certo, do teu corpo, conforme já disse alguém, nasceram violetas, como pedia Laertes quando se enterrou Ophelia. O simile não é de espantar: a alma do poeta immaculada e candida como a das crianças e das virgens.»

São Paulo — 1910.

WENCESLAU DE QUEIROZ



Pedro Gobá

EPISÓDIOS DA VIDA RURAL

(Ao Grande Artista da Língua Portuguesa (*).

Querido Mestre,

Felizmente para vós, grande alma de artista; e felizmente para nós brasileiros, viestes á nossa pátria, que vos honra e vos ama, já quasi a findar-se a tragédia negra em que temos representado o vergonhoso papel de verdugo de uma raça bruta e misera.

Justo que sois, que confessastes a proveniencia histórica desta herança de sangue e lama; e atribuindo á vossa pátria metade do crime, attenuastes de metade a responsabilidade da minha pátria.

Que os vossos olhos encontrem no seio desta Natureza americana bellezas em que agradavelmente possem para que não os atraia, magoando-vos a sensibilidade de artista e revoltando-vos a consciência do filósofo e do crítico, esta mancha da nossa pátria — o negro.

E quando tiverdes a fazer a conta da escravidão, lembrai-vos de que só uma herança maldita, tomase-nos no berço e influindo sobre noss' alma desde a infância por todas as sugestões da educação e do exemplo, pôde supplantar a generosidade innata deste povo através do qual ides passando entre alas de sorrisos afectuosos e de corações commovidos.

EZEQUIEL FREIRE.

Maio, nas fazendas, é um mez de azafama. Colheram-se as roças; empaiolou-se o munitimento. Topetadas até as cumieiras, garantem

(*) O autor se refere a RAMALHO ORTIGÃO.



as tulhas um anno de fartura. Malhou-se o feijão; bateu-se o arroz; quebrou-se o milho; arrançaram-se as tuberas de toda a casta.

Vêm chegando do *matto-dentro* as derradeiras carradas. Chiam desesperadamente os grandes carros circumdados por alta esteira de taquára entrançada, que bója com a pressão da carga.

Pausadamente, entra pelo terreiro a longa fila de bois, cangados aos pares, parelhos no pélio e no porte. Os da guia, retacos, dorso recurvo, pescoço alongado, focinho abeirando a terra, esticam as tiradeiras, vergando os canzis, ao esforço da tracção. Corpulentos, possantes, pampas de amarello e branco, cabeça ao ar, entrechocando as grandes armações luzidias, marcham pesadamente os do couce, em passo processional e attitude de resistencia, escorando, no cangote pellado pelo diuturno attrito da canga, o peso enorme da carrada.

De pé sobre o cabeçalho, seguro por uma das mãos a um fueiro, com a outra brande o carreiro alentado e retineto uma comprida aguilhada, em cuja extremidade chocalha entre argollas a rozeta de ferro, de púas mais temiveis ao couro bovino do que o ferrão da motuca.

— Eia, *Lavrado!* Fasta, *Barrozo!* Carrega, *Damasco!*

E, obediente ao commando, a dextra boiada contornêa a linha das senzalas, marcando o lento passo ao monotono chiar do carro.

Por todo o largo terreiro uma grande alacridade barulha entre a criação domestica, ao

desabar da carga, á beira do paiol. Accodem avoando as aves: grasmam os palmipedes, gritam as gallinhólas, grugúlam os perús; enquanto teimosamente grunhe a leitoada meúda, torvelinhante em derredor do monte, fariscando por entre o milho os tenros mogangos alaranjados tão doces ao dente do bácoro guloso.

De bodóque em punho um *rio-branco* traquinas, côr de braúna, mantem o respeito entre a bicharia ruidosa, arredando a pelotadas certeiras os insoffridos e os brigões.

Toda a fazenda ostenta um aspecto de abundancia e fartura. O mantimento anda a rôdo. Cavallos de estimação, pêllo luzidio, garupa redonda, relincham impacientes no cercado. Nedia e forte aguarda a boiada o rude labor dos mezes da colheita.

Tudo está prompto para o inicio da safra. Os cafezaes promettem. O anno passado fôra de falha; neste a carga é de vergar.

De ponta a ponta do terreiro, indo e vindo, abstrahidamente, o fazendeiro calcula: — «20 contos, pelo menos, líquidos, sejam p'ra reformar a minha gente, 12 *peças* de lei, molecotes de 15 a 25 annos, na flôr da edade, cerne puro. Mais duas safras desta, e mando ao diabo a hypotheca e o Banco.»

Entrementes, na alpendrada das senzalas, a um canto, os taquareiros se activam; e ao longo dos balaústres, em rumas symetricas, se alinham as sururúcas, os balaios de alqueires, as peneceras rasas de abanar.



No cafezal:

Está limpa e ciscada a terra para receber as bagas que transbordarem das peneiras com a pressurosa apanhação.... porque em principio de colheita a tarefa é alta, e o Mauricio feitor aperta o serviço, a estrallos de rêmulo sobre o lombo nú da negrada, que escorre em suor, encrostado de poeira, alternadamente mordido, — de manhã, pelo frio orvalho que esborrifa das arvores, — alto dia pela soalheira que mordica a pelle como a dentada caustica da formiga-monjollo.

Os cafeeiros, vermelhos de fructos, deixam vergaram-se os galhos flexiveis. E' uma carga enorme!

— « Desta vez tiro o pé do lodo », continua meditando o fazendeiro, indo e vindo, abstrahido, inteiramente alheio áquella grande alacridade que em derredor barulha por todo o vasto terreiro entre a criação domestica ...

* * *

Domingo, ao entardecer, o sino da fazenda tocou á forma geral.

Vieram depressa os moços, trotando; depois as negras com as crias novas ao cóllo, arrastando pela mão um ou dous *ingenuos* semi-nús e magritos; por ultimo, com tropeço passo, os sexagenarios, alquebrados veteranos do eito, perren-gada invalida e inutil.

— Salva! manda o feitor.

— *Vássumchristo!* bradam 50 miseros negros, num clamor unisono, vibrante e merencorio, como uma imprecação á surda justiça de Deus, tantas vezes neste triste ermo bradada, sem que ninguem a exalte; nem tu, duro egoísmo do senhor de escravos; nem tu, meigo coração de esposa; nem vós, inconscientes e insensíveis ainda, creanças que ides crescendo no espectaculo e nos exemplos desta dolorosa infamia, que veiu de vossos paes e que haveis de legar a vossos filhos!... Ninguem, ninguem te exalça, merencorio brado de angustia; e tu não irás mais alto nem mais longe do que vão o mugido dos bois e o ladrar dos cães; e te perderás, voz animal que tu és, entre as outras vozes da animalidade que te rodêa, no ar morto e sem écos da Fazenda!

— *Vássumchristo!...*

Em seguida, faz-se a distribuição annual da roupa: douz parelhos de algodão, japona de baeta, coberta de lã grosseira; porque o dono desta Fazenda é generoso... outro fôra, e dar-te-ia, pobre paria, para cobrir-te a nudez lutulenta — de manhã, o frio nevoeiro cortante dos eitos — alto dia, o sol que te mordica a pelle como a pennugem caustica da urtiga.

No dia seguinte tinha de dar-se principio á colheita.

Para que a solemnidade fosse completa distribuiu-se pelos negros aguardente e fumo, indo o Mauricio com a canequinha de lata, ao longo



da fila, dando a cada qual um gole, que o negro sorvia com a beatitude de um padre emborcando o calix consagrado.

— « Agora, disse o Fazendeiro, indicando com o cabo do relho a melhor peça da fila: amanhã começa a apanhação: Gobá é o tarefeiro. No cafesal novo a tarefa, 10 alqueires. Cada alqueire que passar dos dez, — duzentos réis; cada alqueire que faltar, — uma duzia de couro. Ouviram? »

— « *Sí sió!* responde o eito num só grito com o automatismo dos entes em cujas almas a diuturnidade da escravidão sob o regimen crú das senzalas obliterou a pouco e pouco, e de todo, o sentimento da personalidade.

* * *

Vergonhosamente, nesta patria aviltada, a promiscuidade é a lei capital que regula as relações do amor entre a escravatura. Raro fazendeiro — ainda hoje! — permite o casamento religioso aos seus negros. Como em certas hypotheses o moderno direito patrio concede vantagens manumissorias aos conjuges escravos, o fazendeiro, receioso dos effeitos, obsta á apparição da causa impedindo o sacramento, que — demais — elle considera como um luxo de dignidade superfluo para a honra do preto.

Todavia, pois que é conveniente no proprio interesse da disciplina das senzalas, apparentar alguma moralidade, os nossos grandes proprietários

rios ruraes, alguns delles portadores de titulos de nobreza, consentem (quando pessoalmente não promovem) o concubinato entre a escravatura.

Alguns levam a solicitude ao excesso de elles proprios designarem os nubentes e sacramentarem o connubio, com a tranquilla consciencia de quem exerce dentro do seu latifundio uma legitima função senhorial; outros deixam aos proprios interessados os cuidados da eleição.

Estes curiosos casamentos, nota simultaneamente comica e torpe dos nossos costumes agricolas, dão-se com a maior frequencia na época da colheita do café; e são, principalmente com referencia ás mulheres, determinados mais por um calculo interesseiro do trabalho do que pelo intuito genesico ou pelos impulsos naturaes da sympathia.

O que importa para o interesse da Fazenda é «apparelhar-se a gente», formando de um negro diligente e dextro com uma crioula morosa e inhabil — uma entidade mixta, especie de trabalhador androgyno cujos constituintes perfeitamente se equilibrem para o exercicio desta suprema função agricola — dar a tarefa marcada.

Fazendeiros ha, de tanta sagacidade no arranjo destas delicadas equações da arithmetic rural, que, possuindo no eito, entre *peças* de lei (do preço de 2 a 3 contos) e velhos *perrengues* (herdados da fazenda paterna) apanhadores que tiram por dia até 16 alqueires nos cafesaes carregados, quando outros nem á força de relho chegam a atingir 3 ou 4 balaios; — entretanto, por meio



da referida organização conjugal sabiamente explorada, conseguem obter o equilíbrio do eito, do que resultam inapreciaveis vantagens.

Bem hajas, prole maldita de Cham, que nos libertas, a nós que no cimo do Ararat soubemos pela sizudez dos nossos avós bíblicos conter o riso ante a descompostura vinica do papae Noé; bem hajas, prole bemdita, que amassas o nosso pão com o suor do rosto.

*
* *

Tecla é a mulata mais bonita da fazenda. Sob os seus precoces treze annos borbulha o ardente sangue mestiço, inflando-lhe as veias que serpeiam tumidas debaixo da pelle acobreada, pubescente, de tons quentes como os do gerivá verdoengo.— «Flor de cafeeiro,* deve ser colhida pelo melhor apanhador de todo o eito.

Pedro Gobá, de Olinda, veiu num comboio escolhido a dedo, de *gente* de primeira ordem. Moço athletico, retinecto, forte e docil, é a melhor *pêga* dentre toda a escravatura. Para tocar uma enchada, cantando uma cantilena triste, morro acima, num eito de matto bravo, ninguem como elle!

No manejo da fouce, á roçada de um guayxumal de pasto velho, nem o Peróba o acompanha; e, entretanto era Peróba o melhor creoulo da redondeza, antes de apparecer o Gobá.

Naquelle dia inicial da colheita, Tecla — a flor do cafeeiro, bonita e indolente na exhuberante precocidade dos seus treze annos, foi escolhida por Gebá, o tarefeiro, rei da negrada.

Casou-os o Balbino, velho africano feiticeiro

e manhoso, puxador do Terço, que exercia na fazenda um arremedo de funções sacerdotaes.

Era elle quem paramentado com uma sobrepelliz por cima de uma batina de seda—feita de um dominó carnavalesco que lhe déra o senhor moço estudante em S. Paulo—*casava* os parceiros, todos os annos, em vespera da colheita, no oratorio da Fazenda, perante um Christo envergonhado da sua impotencia para alliviar a miseria da negra raça maldita, condenada pelo Padre Eterno da legenda biblica a eternamente trabalhar em beneficio nosso, dos que temos paes fazendeiros e contamos por avós historicos — Sem e Japhet.

Tecla, confiada no esforço dedicado do marido, acompanhava-o entre os arruados dos cafeeiros, toda attenta a resguardar dos galhos secos o seu vestido de chita, por que se não rasgasse; e esquecida da tarefa, ia cantarolando, eito acima, a mesma toada triste da cantiga do marido.

Gobá excedia-se de diligencia para colher a tarefa sua e da mulher.

Ao largar o serviço á noutinha, contou as chapas que o feitor lhe dera a cada balaio de café levado ao monte: eram 15. Depois contou as da Tecla: eram 3. Faltavam duas para inteirar a tarefa da companheira: e o *senhor* bem lhes havia avisado:

—«O que faltar para 10, uma duzia de rélho por alqueire!...»

A' noute, na fórmula, recebiam-se as chapas da tarefa. Dous moleques, nas extremidades



da fila, suspendiam ao ar fachos de taquara secca em labaredas.

A negrura d'aquelle misera gente, ao clarão do fogo, mais negra ainda se tornava. Cabisbaixos, mudos, iam entregando os discosinhos de Flandres, á proporção que o Mauricio os tomava, passando-os depois, para verificação, ao feitor do terreiro.

Sob o alpendre da casa a família dos brancos assistia curiosa á contagem:

- João Cassange, 10.
- Pedro Creoulo, 12
- Nazario, 11.
- Tecla, 8.

E o Mauricio, feitor *pratico*, tomando o seu grande rélho de couro trançado, intimou:

— Tecla fóra da forma.

Era o primeiro castigo por falta de tarefa, crime imperdoável na alta justiça dos fazendeiros.

Tremendo, a mulata, «flor de cafeeiro», mimosa no abrolhar dos seus treze annos, sahiu para a frente da fila, quedou-se immovel, erguendo os braços para que o relho vibrado a dous pulsos podesse enlaçar-lhe num cíngulo de dor o torso flexível e esbelto de mestiça nova.

Mas antes que a primeira relhada cahisse sobre a carne tremula daquelle creança apenas revestida no busto pelo fino morim da sua camisa de noivado, Pedro Gobá interpõe-se, e se ajoelha.

— Sinhô! murinura commovido, com as mãos postas em supplica, voltado para a familia dos

brancos o rosto sempre risonho, agora crispado pelas contracções da angustia.

— Sinhô ! repete mais tremulo ainda.

— Que é lá, negro? brada o fazendeiro irado ante aquelle acto de indisciplina.

— Sinhô, eu quero apanhar por minha mulher!

— Ah ! negro vossê conta historias ! . . .

Mauricio, amarra esse diabo !!



Mas antes que ninguem tivesse tempo de mover-se, dominados todos pela surpreza daquella scena, Gobá, o Pernambucano de raça, altivo e nobre no intimo da sua alma admiravel, debalde abafada desde o berço pela dominação dos senhores; Gobá, a flôr da escravatura, manso e bom, subitamente transformado em homem pelo irresistivel impulso da nobreza innata, arranca da faca e crava-a no coração da mulher.

Depois, enquanto ella tomba inanimada, elle, placidamente, fitando com um ar de asco a familia attonita dos brancos, placidamente crava a faca ainda rubra e quente no seu proprio coração.

7—10—87.





O Tico-Tico

A' Memória de Luiz Gama

Todos os dias, pela fresca manhã nevoenta,
desço a visitar as minhas velhas amigas, velhas
e boas, que eu vi ha dez annos nascerem.

Acompanhei-lhes o crescimento, dia a dia,
desde o abrolhar do tenro germen, á fról do
humus, até o vigor explendido destas ramarias
que agora bracejam para o céo azul, luzentes
de seiva, colmadas de murmuropa folhagem; por
isso lhes quero bem.

Desde a porta... (No beiral do oitão arru-
llham pombos e pipilam dous pennugentos bor-
rachos.

A mãe, creoula, branca, muito branca e ti-
mida, se está ciscando a terra dos alegrêtes com
os seus pesinhos vermelhos, logo que assomo no
tópe da escada bate as azas e vae toda inquieta
ronronar á beira do ninho.

O pae, belga, de raça voadora, cinzento
com reflexos oxidados nos encontros, muito fa-

miliar, vem, todo arrufado, pousar sobre o peitoril da janella, entre os vasos de begonias e malvas, porque sabe que eu lhe trago a ração matinal de quiréra, de que elle é guloso, como uma moça — de amor...)

Desde a porta um jasmimeiro todo estrellado de rozetas alvas aromatiza a nevoa em que mergulha o jardinsinho inteiro; nevoa turbilhante e fria das manhãs paulistas, atravez de cujo esgarçamento o azul do céo transparece, doirado de sol.

Pela parede arriba até o angulo do telhado, estende-se a cipoada inextricavel de uma figureira sarmentosa. Seus ramusculos, entretecendo-se naturalmente, soldam-se uns com os outros nos pontos de contacto, formando uma filigrana de inimitavel emaranhamento. Sobre o fundo verde-escuro sobresahem os novos rebentos de tons bronzeados, por entre os quaes cambachilras voejam, á caça das tatoranas.

Faz bem a alma pousar a vista na frescura daquelle panno de folhagem glabra, que ao sol nascente, (agora a nevoa de todo esgarçou-se), scintilla como um chamalóte de seda, ondeado de varias nuances.

Pelo arruamento dos canteiros bordados de murta, os caramujos noctambulos, de visita ás flôres, deixaram longos rastros visguentos, ao longo dos quaes tróta o eito matinal das formigas monjólinho, diligentes e ariscas, que o visgo detém suspeitosas e cautias...

Ei-l-as em cochicho, as que vieram adeante



com as que vem chegando; esfregam as ageis antenas nas cabecinhas intelligentes e mobeis, como a se consultarem umas ás outras, até que afinal... trrrrrrrr! — e lá se vão contorneando o visgo, corre-correndo ligeiro; porque as borboletas madrugadoras já se fartaram de mel, enquanto que ellas, a cada passo detidas pelo rastro visguento dos caramujos, ainda não foram mungir o doce leite crystalino e tepido dos pul-gões que se apinham, esperando, nas sépalas dos botões de rosas.

Como a saudade errante dos ausentes queridos paira no ar por entre os arbustos o effluvio aromatico das flôres. Dos galhos desta gardenia toda florida — o jasmim do Imperador — quando a aragem lhes dá, cahem em chuveiro as florinhas brancas, derramando em torno deliciosa fragrancia de pecego maduro.

Este outro, que nos afaga o espirito como uma confidencia de bem-querer é o suave perfume das violetas roxas.

Agora, esse halito morno, forte e cheiroso, que parece exhalado da bocca de uma mulher amante, vem da corólla daquellas rosas açafroadas—*as têlas d'ouro*—balanceando-se em cachos nos flexiveis sarmentos que atreparam pelo tronco acima de uma magnolia. E' um perfume capitoso que nos deixa n'alma o saibo de deliciosa ebriedade, amórna o sangue, tolhe o folego e entumece de suspiros o peito oppresso por estranho peso...

Tambem, vêde como amorosas zumbem as

abelhas que vão buscar mel áquellas coróllas,
e deixam em meio a colheita para se beijarem,
torvelhinhando no ar, sussurantes e enamoradas!

Un pintacilgo muito harmonioso
E mais a inseparável companheira
Cautos vieram construir seu ninho
Entre os abrólhos desta espongiera;

Do flexível galho florescido,
Quando sobre elle o passarinho pisa
E o treine, a doce emanação das flores
O ambiente em torno aromatiza . . .

Tambem entre as cōres ha as que excitam
e as que pacificam.

O vivo escarlate da *begonia-excelsa*; as fuchsias rubras com amago roxo. Entre as rosas, umas de alegre enxofre, outras com laivos de sangue, brutalmente desvirginadas, dissereis, pela mamangava lasciva de azas de fogo, que ao lusco-fusco desta fria madrugada veio animhar-se-lhes nas corolas entreabertas, sedenta de amor e de mel, e lhes magoou os pistilos, e lhes amachucou as petalas, que agora estão, como um lençól de noivado, sangrentas e amarrrotadas . . .

Na penumbra dos recantos, as cōres pacificas, que adormentam os olhos e nos fazem scismar saudades de affectos.—O esmaiado azul das Hortencias; outras lavadas n'uma aguadilha cōr de rosa: o velludo arrufado das silaginellas; e esta bordadura de *pyrethrum acairelando* de verde-gaio a linha sinuosa dos canteiros . . . tantas cōres mansas que nos afagam a pupila e



levam-nos até o fundo d'alma o sentimento mimoso que tambem ha n'alma das coisas . . .

*
* *

Todos os dias, pelas frescas manhãs nevoentas, desço ao jardinsinho, a visitar as minhas velhas amigas, velhas e boas, hoje adultas e donosas, que eu conheço desde quando abrólharam em germen á fról do humus; — os tico-ticos mais madrugadores ainda lá estão alegres, pula-pulando entre as plantas, bibicando na terra humida de orvalho, remechendo o cisco, catando de comer entre os gravetos e as folhinhas seccas.

Vou lhes contar a historia de um desses passarinhos.

Elle era por certo um Don Juan Tenorio na sociedade dos ticos-ticos. Carijó nas plumas do dorso, pardacento no peito, tinha um topete que parecia o turbante de velludo listrado dalgum pachá de Stambul . . . Tambem, tres ou quatro odaliscas andavam-lhe sempre em derredor, gulosas de migas e de amor, tomando-lhe do biquinho gentil os granulos que elle catava da terra; e até, suspeito pelo modo amoroço como arrufavam as plumas e pelos meneios com que se punham a remexer-se todas . . . não sei, mas suspeito que ellas aproveitam o pretexto para furtarem beijos do biquinho gentil daquelle galante D. Juan plumoso.

Depois, quem sabe lá o que se passa no coração dos tico-ticos?

Um bello dia o Mario, logo cedo, com as varetas cahidas de um guapirubú teceu uma arapuca, e armou-a a um canto do jardim sobre um montinho de farello.

Não tardou que viessem os tico-ticos.

D. Juan chegou, espantadiço, olha daqui, olha d'ali, guloso de farello, mas com medo d'aquelle cocuruto de varinhas que pela primeira vez alli via.

— «Será uma esparrella?» diz la comsigo.

Afinal a gulodice triumpha do medo e elle entra para debaixo da armadilha. — Pobre D. Juan! — O Mario, que estava á espreita — zás! — pucha do barbante, e eis preso, e bem preso, o mais lindo tico-tico que jámais Deus creou; — carijó nas plumas do dorso, pardacento no peito, com um topete listrado que parecia o gorro de algum pachá de Stambul.

— Papae, disse-me alegre o Mario, agora é que elle vae passar bem, não é?

E pôl-o logo n'uma gaiola de ubá, que tinha o feitio de uma egreja com duas torres lateraes e um grande zimborio ao centro, donde pendia por um fio um arco para o prisioneiro balançar-se durante os fortes calores do meio-dia.

No comedouro alpista, quiréra, farélllo de arroz e toda a sorte de sementinhas que o Mario podia colher por ahi fóra nos capinzaes. Agua mudada a toda a hora.

Não obstante o pobre captivo cada vez mais definhava. Perdera a vivacidade, o brilho das plumas e até já lhe cahia agora sobre os olhitos

amortecidos aquelle turbante de plumas que outrora lhe dava uns ares de um pachá de Stambul.

— Porque será, Papae, que elle está cada vez mais triste? perguntou-me inquieto o Mario.

— E' a nostalgia do terreiro, meu filho, a saudade do ar livre, a privação do seu montinho de cisco onde pastava as sementes e o farello que iam nas varreduras....

— Mas, Papae, elle na gaiola passa tão bem; tem alpista, tem quiréra, tem o balanço para brincar; que lhe falta, Papae, para viver alegre?

— Falta-lhe o espaço, meu filho: o mundo é grande, bem grande, mas este passarinho precisa de todo o seu ambito para viver, embora não se afaste nunca da beira da nossa casa. A alma do tito-tico é mais sensivel ainda do que a alma humana; se lhe roubas a sua autonomia, mettel-o embora numa gaiola grande como esta sala, elle ha de ir entristecendo a pouco e pouco, até morrer.

E morreu! No fim de oito dias de captiveiro finou-se, ferido de nostalgia no fundo do seu coração de passarinho.

Hontem de manhã, o Mario, que acordára bem cedo para ir cuidar do seu querido captivo, veio choramigando:

— Papae, elle morreu! E desatou num pranto sentido sobre o cadaverzinho já enrijado, todo invadido sob as plumas flacidas pelas gulosas formigas ruivas.

A tarde foi o enterro. Puzeram o defuncto sobre uma padiola feita de bambú e folhas verdes,



alcatifada de flores. Zulmira e Alice seguiam o triste sahimento.

Déram os tres muitas voltas pelo jardim, para alongar o trajecto (que ás almas delicadas prazem as dôres suaves) e lá o enterraram no canteiro das violetas entre doux tufos rescedentes.

Em cima da tumba desfolharam rosas e fincaram um galho todo florido da gardenia — *flor do Imperador* — que rescende a deliciosa fragrancia de pecego maduro.

* * *

Um dia, fazem 8 annos, estavamos no escriptorio de Luiz Gama, onde tambem viera um preto fugido apresentar peculio e pedir para a sua liberação o auxilio nunca negado daquelle outro preto de coração de ouro. Com pouco, a convite de Luiz Gama chegou o senhor do escravo, de quem Luiz era amigo.

Ao ver o seu negro: Que mal te fiz eu rapaz? diz o senhor. Pois não te trato como a um filho? Pois não tens boa cama e boa mesa, roupa e dinheiro? Queres então deixar o captiveiro de um senhor bom como eu, para ires ser infeliz em outra parte? Que te falta lá em casa? Anda! falla!

E o negro, offegante, cabisbaixo, calava-se.

— Falta-lhe, responde gracejando Luiz Gama, dando uma palmada de amigo no homem da sua côr, falta-lhe a *liberdade de ser infeliz* onde e como queira...

E libertou... *o tico-tico*.



Gosto de sangue

EPISÓDIOS DA VIDA RURAL

Está uma temperatura asperrima cá fóra, um chuvisqueiro fino batido por sudoeste bravio.

Raro vehiculo tróta, a esta hora e por um tempo destes, pela rua enlameada, cheia de poças d'agua, aqui e ali, sobre que a luz dos lampeões reflecte-se, avermelhando.

O palacete emerge silencioso da noute, ladoado de jardins, destacando na quasi escuridão da rua os quadros luminosos das janellas do salão, onde festiva vigilia se prolonga.

Toda a familia acordada, porque?

Fez annos o dono da casa, o opulento barão de Montes-Claros.

E' tarde. Já se retiraram os convivas estranhos; apenas um ou outro parente demora-se ainda, e aguarda que a chuva abrande; porque ha vinte minutos o chuvisqueiro engrossou, recrudescer o vento, e fortes bátegas d'agua rufam agora nos vidros das janellas.

Pedi-se café.



Em quanto esperam, d. Milóca achega-se do piano e põe-se a dedilhar um recitativo em surdina. Ao lado della, cheiroso e risonho, o primo Juca Marcondes, seu noivo promettido, 2.^º annista, rico, muito rico, filho unico do commendador Marcondes, de Mogy, enamorado — recita com excessiva emphase a bella óde de Castro Alves.

88

A um canto do *fumoir*, o barão de Montes-Claros, somnolento, na meia obscuridade do gabinete, saboreia um havana delicioso, quasi adormecendo ao som dolente do piano. Dormiria ás deveras, se não fôra o Juca Marcondes, cada vez mais enthusiasmado e mais emphatico, picar de vez em quando a doce melodia embaladora da *Dalila* com os seus altos brados de recitador velha-escola...

« O cavallo estafado do beduino
Sob a vergasta tomba resupino
E morre no areial;
Minha garupa sangra, a dôr poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
O teu braço eternal. »

Pela porta entreaberta o Barão olha e medita, murmurando entre basforadas:

— Que diabo! Pois não estava tudo tão bem, assim como ia?

E mentalmente exaltando-se:

— Abolição! — uma leria! Especulação, é que é! Forrassem o que é delles, que ninguem nada diria; mas forrar negros dos outros.... cambada! Não é por mim, que já não tenho escravos. Ha 10 annos vendi a fazenda com o que havia dentro, criação e negrada; aproveitei a alta e impingi tudo por 500 contos. Já vêm que não é por mim que fallo, que já não tenho negros; mas o mano Marcondes de Mogy?... Sim, agora que os negros lhe fugiram todos, onde ha de elle ir arranjar 180 colonos, assim derepente? E depois, tem de fazer casas, repartir terras, o diabo! E a colheita na porta!... Imaginem que a cousa fosse como ia indo, só por mais uns dez annos! Que fortunão que havia de herdar o Juca; e que casamentão de arromba que a Milóca fazia!...

Neste interim o filho do rico commendador mogyano, alteando a voz e atenorando o timbre, tragicamente declama:

« Mas eu, Senhor, eu triste e abandonada,
Em meio das areias desgarrada
Perdida marcho em vão....

« Marche um diabe! » resmonêa o Barão.

« Cento e oitenta negros que fugiram, tudo gente de lei! Havia peças que custaram dous e quinhentos, dous e oitocentos, até 3:000\$!... O Chico Carapina, o Joaquim Cearense, o



Militão... só o Militão custou tres e duzentos,
e a mula *Tordilha* de quebra; que fui eu que
vendi, por ser p'ra o mano; quando não, não
havia dinheiro que pagasse aquella peça! Co-
lonos!... um cebo! Nem vinte carcamanos valem
um negro desses... P'r'os diabos!...»

« Se chôro, bebe o pranto a areia ardente,
Talvez p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão. »

Trazem o café.

E emquanto, entre risadinhas e brinquedos,
os primos noivos bebem aos pequeninos goles,
pela mesma chicara....

— *Pouah!* faz lá de dentro o Barão, cus-
pindo uma grande golphada de café sobre a
alvura do tapete. Que pena! Uma bella tape-
çaria aquella, rica e rara, com allegorias e
scenas cynegeticas!

— *Pouah!* Maldito gôsto de sangue!

E com brusco repellão o anojado ricaço a-
tira para longe de si a pequena chicara, que
se fragmenta de encontro a um crystal de es-
pelho, fendendo-o.

* *

Tinha razão s. exc., carradas de razão!
Nem vinte carcamanos valiam um negro
desses! Não! E, se duvidam, ponderem:
Molecote de 12 annos custava um conto e

seiscents; mas, tambem, sommem: — doze e doze, vinte e quatro, e doze, trinta e seis... 48.... 60.... e um e dous — 62 annos! Agora, tirem 12, e ahi têm — 50 annos de captiveiro e de trabalho continuo, — entra dia, sahe dia, na capina, na apanhação, na derrubada, no serão á noute, cavando caminhos, á luz de fachos de taquára... semi-nú, azorragado e faminto!

Nem os sóes de Dezembro, nem os frios chuvisqueiros de Junho, das 5 da madrugada ás 6 da tarde — 13 horas de serviço! davam p'ra matar um diabo desses!

Que bichos duros!

Doenças?... historias! Não havia molestia que furasse a pelle de um negro. Demais n'uma fazenda bem administrada nunca se deixava encher a enfermaria. Estava exhausto de cancaço? Doiam-lhe as contusões das pancadas com o cabo do rôlho? Sangravam-lhe as mãos gretadas de frio na apanhação do café?...

— O' Mauricio, olha essa cambada a fazer mamparra. Tudo p'ra roça, amanhã!

Se com este aviso as doenças todas não se iam embora durante a noute, pela madrugada, á hora da *fórmula*, gritava á porta o Mauricio:
— Adão, Nazario, João Cassange!

E — *plas! plas!*.... meia duzia de relhadas no couro nú desses mamparreiros!!

Santíssimo remedio! Não havia macacôa que não largasse um negro, á primeira meia duzia! Se meia não bastava p'ra escorraçar a molestia, — uma, duas, tres duzias, até chegar!

Ao cabo disto, se o negro teimava em não «deixar-se de *manhas*», então.... p'ra escada!

— Agora, sim! Bem amarradinho em X, no porão da casa da machina, e berra p'r'ahi, diabo, que nem Deus do céo te escuta, e nem nossa Senhora te acóde!

— *Plas! — Plas!*... uma, duas, tres... cinco.... dez... trinta... cincuenta bacalhoadas!...

Uff!... O Mauricio entrepara, fatigado. E o diabo do negro a teimar:

— «Eu tá doente, sinhô! Eu morre sinhô...»



Boa memoria tem o barão de Montes-Cla-ros! Como se lhe aviva nitidamente no espirito a reminiscencia desse drama simples e lugubre, passado no porão da casa da machina, na sua antiga fazenda do RETIRO-SAUDOSO, ha dez annos...

Era em Junho, e fazia um frio damnado. S. exc. madrugára, e sahira pelo terreiro, a es-pairecer. Estava lusco-fusco; luz na casa da machina chamou-lhe a attenção. Approximou-se. Do fundo do porão sahiam gemidos alternados com o som regular das vergastadas... *Plas! — Plas!*... Desceu:

— Que é lá isso, Mauricio?

— Tou curando esta tia, que anda fazendo *manha*, ha tres dias, sim, sinhô.

— Ah! A Marcellina? E quantas já tomou?

— Cincuenta, sim, sinhô.

— Encoste duzentas.

Plas! Plas! «Eu morre, sinhô!»

Plas! Plas! «Eu'ta doente, sinhô!»

E o som do latego e o gemido da vítima se alternam com a regularidade e a cadencia das oscillações de um pendulo.

O bacalháo se avermelha de sangue. De vez em quando o Mauricio *molha-o* n'um montículo de areia que ahi está ao lado. «P'ra comer melhor», explica.

E *comia*, de facto!

As nadegas da suppliciada eram já duas grandes chagas rubras, lambidas, de segundo a segundo, pelas cinco pontas cortantes do latego.

De cada vez que o Mauricio *molhava* o bacalháo, e applicava uma boa vergastada, a areia tingida de sangue e aggregada a particulas de carne da vítima salpicava as vestes e o rosto impassivel do Barão de Montes-Claros.

Nisto trouxeram o café.

Brrruu!... que frio! bufa tiritando o fazendeiro, ao fariscar gostosamente a sua grande chicara fumegante...

De repente: — *Pouah!* — e cóspe, nauzeado, para uma banda.

— Gosto de sangue!... Diabo!...

Fôra uma gotta esborrifada do bacalháo do Mauricio, que lhe cahira entre os labios, ao primeiro góle.

— Eu morre, sinhô! continuava a bradar a pobre escrava.

— Pois morre, diaba!

E tomado o bule, aquelle bruto furioso derrama o liquido fervente sobre as carnes sanguentas e palpitan tes da infeliz escrava.

O proprio Mauricio estacára, horrorizado; porque a Marcellina, dando um urro de dôr, um urro longo e medonho, inteiriçou-se um instante, depois tremeu toda, e afinal immobilisou-se silenciosa...

Estava morta.

*
* * *

O barão não era um Maricas, mas a morte da negra o impressionára. Tambem, aquella gotta de sangue que lhe cahira na bocca, lá deixára um resaibo perpetuo e nauzeabundo.

Começou a soffrer, a ficar triste, jururú, definindo.

Não podia sorver um gole de café, que lhe não viesse á bocca o maldito gosto de sangue.

Ia quasi amalucando com aquella obsessão. Afinal, um dia, resolveu afastar-se do theatro do crime. Vendeu a fazenda ao mano Marcondes, de Mogy-mirim, com tudo que nella havia, criação e negrada. Apurou 500 contos; veio para S. Paulo; fez-se influencia politica; construiu um palacete e comprou o titulo de barão; poliu-se, entrou para o *Internacional*, metteu-se na *melhor roda*...

Boa mesa, bons amigos, bons cavallos, que faltava a s. exc.?



Ah! uma cousa, entretanto, faltava-lhe para sua completa felicidade: — desde a morte da Marcellina, sua exc. nunca mais pudéra tomar café. Singular phenomeno!

Se insistia em provar do delicioso liquido, ao primeiro góle — *pouah!* — um gosto adocicado o nauzeava; e elle sentia entre os labios aquella teimosa gotta de sangue embebida em areia, que esparrinhando do bacalháo do Mauricio, lhe cahira na bocca por uma fria manhã de Junho, na casa da machina da sua fazenda do *Retiro-Sandoso...*

Era essa a unica nuvem no céo azul da vida de s. exc.

— O remorso?...

— Qual!... O desgosto de não poder tomar café!

1 — 2 — 88.





Quem nasceu para dez réis...

Morava alli, na extrema da freguezia, o subdito de S. M. Fidelissima, Francisco Marciano, sujeito que eu tenho a honra de apresentar ao leitor. Transmontano de quatro costados, era o meu heróe um typo honrado, trabalhador e rubro, qualidade esta ultima, que lhe valeu no correr da vida uma triste alcunha e cruciantes desgostos.

Accommodara-se á modesta profissão de pescador depois de ter, ao geito de Simão de Nantua, andejado por espaço de quarenta annos.

Esses douis proverbiaes andejos, semelhantes no que diz respeito aos habitos vagabundos, contrastavam singularmente quanto ao modo de locomoção: o « mercador de feiras » ia, *calcante pede*, conforme ao estatuto de S. Francisco, levando á redea a cavalgadura « carregada de mercadorias », ao envéz do colono luso, que jorna-deava a quatro, guindado ao dorso de um burro, (perdoem a expressão), desses cuja especie disse-reis ter-se com o volver dos annos humanisado, — tão sinceramente era burro !



Ao tempo em que pela primeira vez avistamos o homem, já *as cousas tinham andado mal*, no seu dizer:

Uma pobreza superveniente, depois de alguns annos vividos em aurea mediocridade, acarretou-lhe varios desares, o ultimo dos quaes foi a alteração do seu illustre prenome.

O meu heróe recebera na pia com o líquido lustral, a expurgação do peccado innato e um substantivo proprio que no futuro o individualisasse entre as demais gentes, quando a sua pessoa quisesse «obrar no fôro externo», como dizem os philosophos.

O tal substantivo era Francisco, ao qual aggregou-se o appellido de familia: — Marciano.

Pois bem, o mesmo que na patria nascera Francisco, que adolescera Marciano, e que no estrangeiro se desenvolvera Francisco Marciano, surprehendeu-se um dia transformado em Chico Perú.

Chico Perú para um homem que, muitos annos havia, agira legitima e legalmente como Francisco Marciano!... Cruel irrisão da Fortuna que o despojava assim das elevações do respeito publico á trivial familiaridade do atuamento.

— O' nhô Chico, então como vae a pessoinha?

— Francisco para servir a Deus, muito obrigado.

E o transmontano accentuava aquellas tres syllabas do seu nome, com o ar magestoso de um mestre-escola, corrigindo syllabadas em dia de exames.

Vamos ver se em breves traços delineamos o austero perfil desse, que nascendo Francisco Marciano, surpreendeu-se um dia Chico Perú.

*
* *

Elle morava alli, á beira da estrada, rente á margem do rio; era um pescador destemido, que na pequena canôa, sacudida sobre as aguas revoltas, descia pelas angustias da cachoeira tão alheio ao perigo que nem um musculo do seu rosto tostado e franco denunciava pela contracção o minimo signal de medo. *Piraquára* emerito, extrahia do elemento liquido os meios de subsistencia para si e a pequena familia, depois que repetidas vezes as famintas capiváras do Parahyba, lhe haviam, em successivos annos, tosado até os brotos as promissóras touças do nascente arrosal.

Lá no rio espiava elle de continuo se a comprida taquára, armada á flôr d'agua, emergia, oscillando ao peso da piába, embaracada nas malhas da rête de pesca.

Quando o terral, soprando mais forte, arripiava a superficie polida do rio, ou quando as enchurradas que rolavam de cima tingiam as aguas de um amarello barrento, os peixes, sumindo-se nas profundesas dos pôcos, ou mettendo-se pelos solapões dos barrancos, deixavam a familia do meu heróe entregue á mera providencia do *Deus dará*.

Essas forçadas e extemporaneas abstinencias com o negro cortejo de consequentes males, eram



crúia obsessão para o singello espirito d' aquelle que, nascendo Francisco Marciano, já a esse tempo, surprendera-se transformado em Chico Perú.

*
* *

Entram agora em scena duas novas figuras, a menina Chiquita e seu irmão Quincas, ambos legitimamente nascidos do consorcio do sr. Marciano.

Chiquita era um typo hybrido que aúnavia duas naturezas dispares; da mãe, brasileira, herdara o amorenado da tez e a negrura das pupillas, vivaces, quando algum afecto vehemente lhe ferria a nativa altivez d'alma; — languidos, humidos, a meio cerrados, se o coração dormitava; do pae viera-lhe um certo ar desabusado das camponezas lusitanas.

Tal como era moirejava o dia inteiro, ora lidando na casa; ora, sobre uma pedra, á beira do rio, alvejando as roupas do pae; por isso nenhum pobre as vestia mais alvas, e o lar do pescador tinha

+ esse cheiro de limpeza
+ que é o aceio da pobresa,
+ quando a virtude lá mora.

*
* *

Um dia, Chiquita, sentada n'um cômorosinho de terra, no logar habitual do seu trabalho, olhava tristemente o azul purissimo do firmamento; era já ao entardecer.

Seu rosto tinha aquella doce melancholia nos-

[Floral border]

talga dos anjos terrenos que são as virgens, quando no coração immaculado se lhes desperta a caricia de um primeiro amor.

Seria a aspiração vaga d'aquelle mysterioso affecto que alevantava assim os olhos de Chiquita aos páramos do azul celeste?

A pouco e pouco, com o amortecer da luz solar, aquella tinta suave do ceo foi gradualmente escurecendo, e com ella baixavam os olhos da scismadora.

O *sol das almas* doireu por instantes os cabeços dos morros mais altos, cujos contornos se foram tornando indecisos á proporção que a noute chegava, até se desvanecerem de todo.

Chiquita, com o espirito alheiado por outros mundos, ficára alli, sentada naquelle mesmo cômoro de terra, á beira do rio, investigando, através da obscuridade, se o vulto do pescador apparecia ao longe; pois, havia muito, passára a hora da recolhida.

Era já noute velha, quando uma cantiga á distancia se faz ouvir, que, approximando-se, restitúe ao coração da moça a tranquillidade. Era o pescador que voltava alegre pela abundancia da pesca nesse dia.

— Que demora, papai!

— Ora, valha-me Deus! menina. As piabas estavam mesmo como farinha; agora temos descanço para uma semana.

— Querendo Deus, nós seremos ricos, papai, e Chiquita tomou-lhe a mão para beijal-a.

— Deus te...



O sr. Marciano interrompeu a bençam imminente: um objecto estava entre seus dedos, que o surpreendia.

— Que é isto?

Chiquita não respondeu; podera-se porem, ouvir distinctamente as pulsações do seu coração agitado.

Nesse instante, o crescente da lúa, apparecendo no horisonte, derramou sobre a terra palida claridade; na mão do pescador scintillou uma chispa azulada...

— Que é isto? repetiu elle maravilhado; — e no silencio do êrmo a voz de Chiquita murmurou:

— E' Deus!

O leitor ha de estar um pouco admirado de que eu fosse enxertar o romanticismo no coração de uma caipira; o leitor mudará de juizo, se continuar a ler, — e setiver *juizo*! Manifestou-se desde o outro dia completa mudança nos habitos modestos d'aquelle pobre familia.

Pela madrugada abriu-se a porta de fóra e o vulto do sr. Marciano appareceu na soleira, mais elevado do que até então, mais severo, um tanto hirto. Quem o visse nesse instante notar-lhe-ia no rosto uma expansão de felicidade, uma plenitude de contentamento íntimo.

Com o primeiro raio do sol, sobrevem o primeiro freguez; já lhe sahia dos labios a saudação habitual :

— O' nho Chico...

Mas, a gravidade do pescador corrige-o.

— Fran...

— ... cisco Marciano, termina o freguez, tirando involuntariamente o seu chapéu de palha.

E assim, foi-se radicalmente modificando aquella familiaridade, que tanto acanhára a pessoa do lusitano, de sorte que, um mez depois, elle se achava reintegrado no pleno dominio do seu antigo nome, e da consideração publica.

Espalhou-se pelas terras convisinhas que o pescador do Parahyba achára uma *pedra de diamante*. Não seria por isso; averiguára-se, porem, que o meu heróe tinha um outro appellido — Faro; e que nas veias intumecidas corriam-lhe alguns litros do sangue dos priscos heroes que haviam sulcado os mares «nunca dantes navegados».

Dahi lembrou-se alguém de chamal-o um dia — capitão; o arremedo repetiu esse titulo na bocca de cada um, e o pescador Chico, que se produzira do colono Marciano, era agora o Capitão Faro.

* *

.....
— *Réis tu aagitu*, murmurava o prudente sr. Manuel Maria Barboza Pascual, repetindo o exemplo do padre Antonio Pereira, e estropiando a phrase latina, a que nunca se affizera o seu sotaque roceiro...

— *Réis tu...* é isto mesmo... — trata-se do teu negocio!

— Ora nestas coisas de negocio «quem quer vae e quem não quer manda» como dizia o defunto meu pae, que Deus tenha.



Aquella phrase de latim estropiado valia por um plano estrategico, completo, perfeito, como o combinariam os mais provectos Moltke financeiros.

O sr. Manuel Pascual não cursára escolas, digamol-o em abono da sua ignorancia, que a tinha em boa dóse; nos tempos de menino porém, a curiosidade o levara á casa do vigario da terra, unico sabichão que havia em toda a villa, cujos habitantes gosavam da bem-venturança dos analphabetos.

O vigario desconhecendo, ao que parece, o *methodo* recentemente imaginado pelo hirsuto democrata Hudson, tinha lá o seu systema de ensino; chamava o discípulo e sem dar-se ao trabalho de fazel-o syllabar, lia-lhe a primeira phrase da *Artinha*, e successivamente cada uma das outras repetindo-lh'as até conseguir gravar-lh'as na memória.

Dada assim a primeira pagina, para variar fazia o reverendo o mesmo com as subsequentes, seguindo viagem pedagogica, com escalas por *Olisipo, onis*, cortejava o epiceno *suis, suis*, e enveredava pela syntaxe além.

Nesta parte o integro vigario, tomado a definição ao pé da letra exigia do discípulo que «compuzesse uma *oração*», pois a palavra autorizada do padre Pereira, estava alli affirmando que a syntaxe é a parte que ensina a compol-as.

Aquella estolida exigencia produzia por parte do discípulo as mais disparatadas balburdias marcadas á solfa de ferula, até que o mestre anunciaava a *oração* da syntaxe e sacava do seu caderno manuscripto de *resas* uma miniatura de *Pater-noster*, cuja integra offerecemos aqui, para edificação do leitor:

— «Padre nosso pequenino, me guie por bom caminho, Jesus-Christo é meu padrinho, que me p'z a cruz na testa. Sete anjos me acompanhem, sete tochas me alumiem, o demonio não me tente, nem de dia, nem de noute, nem em ponto do meio dia, nem em hora nenhuma. Amen.»

Manuel Pascual tinha bons desejos de continuar os estudos, porém o imprevisto passamento do mestre foi causa de que elle se contentasse com o escasso saber que adquirira de cór.

Passado annos, exactamente na hora em que o vemos murmurando — *réis tu aagitu* — de todo o badulaque litterario de outros tempos, só restava ao sr. Pascual a phrase latina e o padrenoso-pequenino, que o leitor já conhece.

Este servia-lhe para o commercio espiritual com as estampas de *santos*; aquella guardava-a como maxima predilecta, cujo espirito invocava nos momentos mais commercialmente solennes de sua vida, que tal era aquelle em que o encontramos, todo illuminado interiormente (como o leitor já terá previsto) pelas chispas do *diamante* do que a fortuna elegera recentemente capitão Faro.



Mas quem é o sr. Manuel Pascual?

E' um fazendeiro, dispondo de alguns meios, que se serve mesmo dos extremos, quando é chegada a quadra eleitoral. Então faz gosto vel-o usar dos seus direitos de cidadão, com o desembaraço de quem exercita uma faculdade legal, lastimando entretanto que as limitações do *voto livre* excluam a preciosa *liberdade de vendel-o* a mais de um candidato ao suffragio.

No resto o meu heroe pouco se differenciava de qualquer outro Manuel, excepto quando se «tratava do seu negocio.»

A bóssa mercantil era sem duvida a mais protuberante no cráneo dessa avarenta pessoa. Tudo mercadejava, fóra a consciencia, que ninguém lh'a apreçava, por muito avariada.

Aos seus ouvidos cedo chegára a voz da fama, que, por vir de perto, não se havia dispensado de exagerar as fabulosas dimensões da *pedra de diamante* do velho pescador Chico Perú.

Grandes castellos começou o fazendeiro a construir nas nuvens. Como porém repugnava-lhe olhar para o céo, suas vistas não iam além do escasso horizonte circumscreto pelas paredes de sua casa, e as baforadas de fumo que extrahia do cachimbo, eram o pedestal d'aquellas construções aereas que a phantasia cuidadosamente architectava. As nuvens do céo pareciam-lhe altas de mais.



A sala-de-receber do capitão Faro agazalhava quasi quotidianamente um assiduo visitante, rapaz de seus desoito annos, com ares de bicho domesticado, em cujas phrases ambiguas o capitão depressa suspeitou declarações de namôro á Chiquita.

O coração da menina, ainda immaculado, e puro demais, para aninhar a desconfiança, recebeu aquellas primeiras como dizem que a flôr escuta o conversar da brisa: tremula e agradecida.

No outro dia, depois da primeira visita do namorado, seus olhos amanheceram nublados por um véo de suave tristeza... seriam saudades? talvez! e o enleio trazia-lhe á flôr das faces a tinta de rubor...

E' que a phrase insolita do moço lhe desvendára á alma um mundo inteiro de affectos, até então desconhecido.

A' noute, á hora da resa, Chiquita sentio-se angustiada e chorou; a mesma luz da *vella benta* que alumia as feições combalidas da Virgem do céo, fazia scintillar como diamantes as lágrimas da virgem da terra, — as primeiras talvez que ella chorava.

Chiquita estava apaixonada. Quem lh'o dissera? ninguem! mas por uma intuição sublime seus labios ignorantes murmuraram :

— Amor!...



* * *

O rapaz romanesco, que servia de pretexto para que a intuição revelasse á alma de Chiquita o sentido dessa palavra estranha, era filho de Manuel Pascual, estudava preparatorios na Corte, e chamava-se Epiphanio.

O pae, já cançado de aturar-lhe a vadiagem só esperava uma oportunidade para *encaixal-o na maior d'espadas*, conforme o seu dizer pitoresco.

Vindo o rapaz a ferias, o astuto fazendeiro tomou-o de parte e, ao geito do corvo da Fábula, *lui tint à peu à près ce langage*:

— «Epiphanio, você me anda pondo o dinheiro fóra no Rio; gastas a tôa em pandegas, não estudas e já estás homem feito; olha, alli o Chico Perú achou uma *pedra de diamante*; a filha é matuta mas está rica; *bifa-a*, que é um casamento!»

* * *

Tempos depois deste colloquio havia exactamente um mez que Chiquita se ajoelhára lacrimosa ante a imagem da Virgem. A velha egreja da villa de S... regorgitava de povo. No atrio outra multidão compacta de roceiros que tinham concorrido para assistir aos officios divinos, não podendo penetrar no templo, con-

tentava-se com ouvir os sons do realejo do côro, e aspirava o incenso festivo que golfava pela porta principal, derramando-se pelos ares.

Em quanto isto fazia, aquella gente se desenfadava, bisbilhotando sobre o successo do dia: um casamento.

Por tres successivos Domingos haviam corrido *os banhos*, e aquelle era o dia marcado para a bençam conjugal.

Os noivos, já o leitor terá adivinhado quaes sejam.

Era, pois, n'um Domingo de Ramos. Depois da *bençam das palmas* o povo abre alas desde o atrio até o altar-mór, sobre cujo estrado se balancêa com ares de importancia a alentada figura do vigario.

Na extrema opposta d'aquelle corredor de paredes humanas apparece o prestito e vem-se approximando vagarosamente: na frente Chiquita, vestida de noiva, deixando apoz si o vago perfume da sua grinalda de flores naturaes. Como vae linda, meu Deus !

A seu lado empertiga-se o sr. Epiphanio, transudando felicidade e suor por todos os póros; seguem-n'os alguns convidados e fazem cauda ao prestito o capitão Faro e o fazendeiro Pascual, que vae murmurando entre dentes:

— *Réis tu augitu...* o que n'aquelle instante parecia significar: — lá encaixei o Epiphanio *na maior d'espadas!*

O sacerdote recitou o sediço *conjugo vobis*, impoz a bençam e...



* * *

Que tens Chiquita que o brilho de teus olhos mais e mais se empana, e em tuas faces vejo as trilhas crestadas por onde te resvalam as lagrimas, até embeberem-n'as teus labios sanc-tificados pela oração á Virgem? Devem ter o amargor da desillusão essas lagrimas, não é? Sumo que de teu coração espreme o ferreo guante da Fatalidade, essas lagrimas, quem dissera que as haviam de chorar os teus mesmos olhos, cujo brilho faria inveja á gotta limpida de orvalho que de manhã scintilla na folha do tayá?

Quem tal dissera, Chiquita?

* * *

A feia desgraça, que anda espreitando os lares ditosos, para lhes turbar a calma, foi sem duvida quem, dias depois, disfarçada em cigano, bateu alta noute á porta da casa do capitão Faro, pedindo hospedagem.

Facto é que pela manhã Chiquita vendo o ar atarefado do pae, perguntou-lhe :

— Que tem?...

— Ora, menina, roubaram a minha *pedra*.

Procuraram o cigano, havia desapparecido. Epiphonio mostra-se brutal. O capitão resmunga. Chiquita suspira.



Nisto o sr. Manuel Pascual, avisado pelo filho do roubo do diamante, irrompe enfurecido, cuspido blasphemias e ameaçando estourar o mundo.

— Que é da sua *pedra*, capitão?

— Não sei, responde o velho.

Então o sr. Pascual, intumecendo as bochechas, brada com voz de mil trovões:

— O sr. capitão, é... é... o senhor bem mostra que não passa de um miserável Chico Perú!

— Paciencia! disse o pescador fitando o céo.
«Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintem!»



Sumo que de teu coração espreme o ferreo
guante da Fatalidade, devem ter o amargor da
desillusão essas lagrimas, não é Chiquita?

EPILOGO

Chiquita jaz no cemiterio da villa; sobre sua sepultura alastram-se os ramos da roseira louca.

Epiphanio voltou para a Corte, onde se fez caixearo de botequim.



O sr. Pascual lastima a perda de sua *maior d'espadas*.

E o capitão Faro, decahido á antiga profissão de pescador, arma todos os dias a sua rête de pesca.

Ao ver-lhe o semblante contristado, se alguém lhe pergunta:

— Que tem, sr. Marciano?

— Ora, meu amo «quem nasceu p'ra dez réis nunca chega a vintem.»





O cadaver

(CONTO AMBIGUO E UM TANTO LUGUBRE)

A casaria da vetusta *Fazenda das Almas*, erguida no tópe escalvado do morro, — hirta e silenciosa como um antigo torreão feudal, — parece adormecida na profunda paz das cousas mortas.

O rio lá em baixo, arrepiando a flor dagua na vegetação das ilhotas á tona, rumoreja a monotonia surdina do murmúrio; enquanto que nas barrancas phosphorece vagamente a luzerna dos lampyrios noctivagos.

O leitor, se não teme o *zumby*, se conhece exorcismos para conjurar a *assombração*, penetre commigo na vasta sala da tulha.

Ao centro da grande parede núa rasgam-se duas enormes janellas, deitando para as tapéras fronteiras.

O tropeiro que noute escura surprendeu na quelles sitios sinistros, ao vêr estes dous pontos luminosos, scintillando como brasas no meio



das trevas, sente o pavor arripiar-lhe os cabellos e tange apressado o lóte.

Depois no rancho, se algum companheiro de pouso inquire a causa de seu ar assombrado, o tropeiro conta que, ao passar pelas terras da *Fazenda das Almas*, viu os dous olhos do *zumby* de espreita ao quilombola, espiando através da escuridão se os pennachos do milharal ondulavam das bandas do *quilombo das mortes*.

*
* *

A mortiça luz de uma candeia escassamente alumia o vasto ambito da tulha. Nos cantos, pilhas da ferramenta de roça, já imprescindível pelo uso, formam grupos de aspecto exquisito, com grandes nodoas lividias, produzidas pela projecção irregular da luz.

No centro, equilibrada sobre um macrobio tamborete, a sra. Generosa Mendes, apoia o carnudo ante-braço ao rebordo da mesa, entre as duas janellas. Faz-lhe respondencia, no extremo opposto, o anemico Alberto, seu filho.

O tresnoitado cabeceia em cochilo ferrado, como se estivesse a fazer acenos affirmativos aos grandes morcegos, que descrevem no voar estranhos circulos, rente ao forro do tecto.

Lá fóra barulham estrepitos suspeitos. A ventania verbera a copa dos cafeeiros, e guincha longos gemidos intervallados nos algáres do barrocal.

A tropilha dos poldros, assustada, galopa

na disparada e, galgando aos pinchos os gravatás do vallo, precipita-se na varzea dos cultivados.

De repente o estrondo da porteira, semelhante ao troar de um tiro, quebra o silencio da noute, repercutindo na profundezas das grotas, nos antros da matta-virgem.

Alberto interrompe o cochilo, a sra. Generosa atiça o pavio quasi extinto, cospe um esconjuro e queda-se alli, grave, solenne, hirta, aguardando o imprevisto.

* * *

« Com seiscentos milhões de mil diabos! » trovejou voz potente, estourando como uma explosão no silencio absoluto daquelle lar.

— Socegue, mano.

— Qual socegue, nem qual historias, sra. Generosa. Vmc. manda-me chamar a toda a pressa e, agora que chego de uma caminhada de seis leguas, está a senhora a me dizer: socegue. »

— Vamos dar succinta conta do resultado daquelle dialogo.

Queixava-se a sra. Generosa de que o menino Alberto andava de partes com o diabo, gastava dias inteiros a escrever cousas inintelligiveis, minguando á vista d'olhos. Concluia dizendo que se devia arredar o rapaz para longe e consultava o conselho do mano Geraldo.

Este deu um ar importante á physionomia,



concertou um gesto parlamentar e urrou taes vozes:

«Maldito *espirlitismo*! Desde que o defunto vigario trouxe lá para a villa esses sortilegios, o Alberto metteu-se a querer ser *medico*, começou a *cavocar* as almas d'outro mundo e ficou com o juizo varrido. Pelo que, sra. Generosa, eu cá me parece, que o sujeito deve sahir daqui para fóra.»

* * *

Dias depois, seguia Alberto pela estrada real, triste e meditabundo. Quem lhe visse o aspecto taciturno, o senho austero, o olhar enfiado pela extensa fita do caminho andado, adi vinhava o acerbo doer de sua alma.

A cada cotovello brusco da estrada, o matagal roubava-lhe á vista um fróco de fumaça alvadia, ondulante na aresta do telhado do velho lar paterno. O mofino exhalava um suspiro, que não era o ultimo, pois, ao subir da encosta, revia aquelle fróco de fumaça e suspirava ainda. Supportava evangelicamente o aspero trote da cavalgadura, sem attender aos trancos que lhe vascolejavam as visceras, tão alheio ia a todo o mal que não fosse o pungir da saudade.

No tópe da encosta voltou-se pela derradeira vez e dos labios sahiu-lhe um murmúrio de vozes, cujo segredo as brenhas discretas guardaram. Duas grandes lagrimas, — as ultimas talvez que elle chorava, — brilhantes, vagaro-

sas, temperadas no amargor da despedida, rolam pelas faces de Alberto.

E o ermo guardou ainda o segredo das lagrimas, como havia calado a confidencia das vozes.

Escurecia o crepusculo: da *Fazenda das Almas* distinguia-se apenas um vago debuxo nos longes azulados do horizonte; o moço viajante sentiu o animo fugir-lhe, a vista turvar-se, e exhalou o ultimo suspiro.

* * *

O ultimo, sim, pois não consta que suspirasse mais, durante a viagem. Começara uma quadra arenosa da estrada e as tristezas do nosso heroe evolaram-se nos bulhões de poeira que as lufas da ventania elevavam.

Assim chegou Alberto a S. Paulo, distraido e alegre. Iniciou-se logo na complicada sciencia de viver á estudante, — sem cuidados, sem pezares e tambem sem economia. Era o tonel das Danaides. Insaciavel até o absurdo, tragava *mezadas*, como o Sphinx, as donzellias de Thebas.

Aos primeiros desperdicios, a sra. Generosa respondeu com maternaes conselhos; burlado, porém, este expediente, a solicita roceira intimou ao estudante que cuidasse na vida e *suspender-lhe as ordens*.

Que lindos castellos ruidos por terra! Alberto sentia sua felicidade dilacerada sob as garras do terrivel monstro — a *onça*, e desta vez



exhalou um gemido, porque já não tinha mais suspiros.

Ei-lo de novo triste e acabrunhado. Mostra-se arredio aos collegas. Procura os sitios escusos á concurrenceia. Se ainda vae ao Café Levy, embiocca-se todo a um canto, espreitando assustado os vultos que entram. E assim vive, só, para sua desgraça, para sua vergonha.

Voltar-lhe-iam as apparições d'spectros?

Cultivará de novo os mortos?

— Mysterio...

CONCLUSÃO

Uma noute e noute de garoa, fria como a alma do egoista, aquelle Alberto que sahira tão bronco da *Fazenda das Almas*, que depois viemos tão elegante em S. Paulo, foi encontrado semi-morto em uma viella escura.

Seu braço inteiriçado apontava para alguem que esgueirava-se nas sombras.

Perseguido e preso, reconheceu-se no fugitivo um honrado alfaiate desta terra. Sondaram-lhe os bolsos e encontraram o instrumento assassino. Dizia assim:

«O sr. Alberto deve a Fulano — resto de conta velha 220\$000.

Conta nova: — uma camisa e 6 collarinhos 50\$000.

Alberto agonisante murmurou: o cadaver! E morreu!

CRITICA



José Bonifacio

O POETA LYRICO – O HOMEM INTIMO

«Foste poeta, e grande, e sublimado
N'alma, no coração, no sentimento».

Foi-te a vida — de a dor, de crença e de sofrer...

*
* * *

DE AMOR... porque teu coração era amantis-simo e vivo, o clausuraste no estreito ambito do lar, onde elle amava a poucos e muito: aos poucos que se prendiam á tua vida pela natureza, e mais a alguns que escolheste na grande familia humana para que recolhessem ao templo da amizade o transbordamento dos teus affectos e fossem a expressão concreta d'esse sentimento altruista de sympathia á humanidade, que constitue o fundo ethico de toda a alma sensivel, qual a tua era, poeta!

A amizade que lhes consagraste é um de-poimento solenne de que não foste um egoista,

como a alguns em vida pareceste; de que não eras um aristocrata nem um misanthropo, como, tu morto, murmuraram; mas sim um íntimo e um retrahido, e que te recolhias ao lar — não por desamor aos estranhos, mas para amar aos teus.

O romance de teu coração é uma página luminosa na história do amor humano. Aquelle gracioso episódio idílico do poema da tua mocidade, archivaste-o em melodiosos versos, que resumbram o delicado effluvio do sentimento.

Tu, pantheista, que clamaste á grande força ingenita do Universo:

« O' Deus de amor, ó Deus da criação,
Prende minh'alma aos mósgos do caminho,
Derrete-me no espaço o coração ! »

Tu, de cujo primeiro amor formou-se uma legenda e que, alvorecendo-te ainda a mocidade, designaste, para quando se fizesse noite em teu ser, um leito mortuário ao par da que te fôra esposa idolatrada, deixa que eu agora te pergunte:

« Quem sabe se atravez do estreito espaço
Que separa teu corpo e o corpo d'ela
Vossas almas em laço estreito unidas
Ligam as campas e n'um beijo ardente
Acham na morte a vida ? »

FOI-TE A VIDA DE AMOR...

E agora, tu morto, em qual ponto imperceptível da terra pára teu coração cahido ao imenso ossuário dos entes, crisol onde se opera a eterna transformação da morte em vida?

Que és tu agora, restituídos os elementos orgânicos do teu ser á fermentação geral dos outros seres?... aragem... folha... passarinho?

Transformou te, talvez, em echo a solidão?...

E, se a Natureza inteira abriu-te um ninho,
em que ramo de espinheiro florescido á beira do
corrego trepido, foste pousar, canóro guaturamo?

Aquelle nevoeiro que entristecia o céo, á
hora da tua sepultura, era acaso teu coração pa-
rando diffuso nos ares como a propria essencia
da poesia lyrical?

Prendeu-se tu'alma aos musgos do caminho?..

Ou foram-se, teu coração indissoluto e a alma
integra, a buscar aquella outr'alma saudosa da tua
para juntas se evolarem aos céos?...

Por que mysteriosa metempsychose passaste?

E', perventura, o phantasma dos teus amores,
que, a horas mortas, phosphoresce como um fogofátu
por entre as ramas farfalhantes das casua-
rinas funéreas?... Ou á beira do Tieté dormente
scintilla na luzerna dos lampyrios noctívagos?...

« Quem sabe se ao tremer dos arvoredos,
No ribeirão que as limpas aguas rôle,
Tranquillo e manso, á margem verdejante,
Duas almas passam ao clarão da lúa
Como em vôo da terra ao ceo brilhante? »

*
* *

FOI-TE A VIDA DE CRENÇA...

Acreditavas em todas as cousas nobres.

No amor... as tuas lyrics o confessam em
cada verso.

No simples nome da mulher amada resumias
a synthese harmonica do mundo physico com o
mundo moral.

« Teu nome foi um echo do passado,
Foi um murmurio eterno em meus ouvidos ;
Foi som de um' harpa que embalou-me a vida ;
Foi um sorriso d'alma entre gemidos.

« Teu nome foi um echo de soluços,
Entre as minhas canções, entre meus prantos ;
Foi tudo que eu amei, que eu resumira :
— Dóres, prazer, ventura, amor, encantos ».

E, pantheista como todo poeta... (porquanto que mais é a inspiração do que essa mysteriosa affinidade por meio da qual se opera a integração da alma do Poeta na da Natureza, a *alma mater* que se revela nos rumores da floresta, no murmurio longinquio da cachoeira, na trepidação da vida subterranea, no tremulo da vida sideral...) onde foste poeta pantheista, gravar aquelle nome adorado ?

— « Escrevi-o nos troncos do arvoredo,
Nas alvas praias onde bate o mar ;
Das estrellas fiz letras, soletrei-o,
Por noite bella, ao morbido luar »...

Acreditavas na gloria, na admiração dos posteriores, na consagração do teu talento :

« Gloria, assim és, — na morte a vida cresce ».

E assim foi. Depois d'elle morto avultou a sua estatura moral, revelando-se na complexidade do seu espirito a unidade do seu genio.

Podemos então encaral-o, como a um diamante lapidado, sob todos os seus aspectos, enfeixando as variadas scintillações das suas multiplas facetas num fóco unico de claridade deslumbrante !



E vimol-o simultaneamente — grande orador politico, como fôra grande na tribuna academica e na tribuna judiciaria; polemista acerrimo; grande poeta heroico, burilando em admiraveis odes as figuras legendarias de Andrade Neves — o *Re-divivo*, de Silveira da Motta — o *primus inter pares*; grande poeta-lyrico, photographando su'alma em poesias de um subjectivismo profundo, em elegias de uma sentimentalidade inexcedivel; alem d'isso — humorista ao geito de Murger e Heine...

«Em nome da Santissima Trindade,
Livre o juizo e são o entendimento,
Sentado em teu banquinho,
Inda a teus pés sonhando.
Eu dicto, escreve tu meu testamento ».

...finalmente, organisando de todas essas multiplas magnitudes do espirito uma unidade genial.

Acreditou na Liberdade, batalhando por ella até á morte, e por ella morreu, depois de havel-a definido nesta admiravel synthese:

« De toda a vida se compõe tua vida:
A Arte, a Scienzia, a Poesia, a Historia.
São teu cortejo triumphal ! Cingida
Levas do Horto a Humanidade á gloria ! »

Acreditava, finalmente, em Deus.

Propenso ao pantheismo pela indole da sua natureza poetica, professava, entretanto, o espiritualismo christão e confessou a Fé com a eloquencia, dos psalmistas nazarenos:

« Deus guardou-te a semente solitario
E aos vivos disse: — é a arvore de Maria,
Deus te plantou na hora da agonia
E aos mortos disse: — é o cedro do calvario ! »



* * *

FOLTE A VIDA DE SOFFRER...

Mas não! Porque chamar soffrimentos ás batalhas em que se empenhou pela Liberdade contra o seu partido, se na hora derradeira elle poude exclamar como Badaró:

« Morre um liberal, mas não morre a Liberdade! »

Aparte isso, viveu feliz.

A sua pobreza não o incomodava.

Foi dadivoso e bom.

Na vida familiar era de uma infantilidade captivante. Não diffundia os seus affectos pela multidão, como em geral os homens publicos. Não parcellava su'alma: dava-a inteira aos seus. Não ia empós da aura popular; mas veiu-lhe ao encontro o respeito público. Para exercitar as poderosas actividades do seu duplo ser—intellectual e sensivel — tinha a sala dos debates e a sala da familia, só; fóra d'ahi raro era visto.

Todos quanto escreveram d'elle, depois de morto, assignalaram a feição poetica como dominante na sua personalidade moral. Jámai durante a vida com o seu talento enorme construiu o que quer que fosse na esphera da actividade politica; nunca poderia ter sido um estadista, porque era um poeta; não comprendia a justiça relativa, a justiça social: queria a absoluta justiça que promana das leis absolutas da Ethica.



* * *

Isto não é uma critica — é uma homenagem.
A mim coube-me a tarefa mais sympathica,
porém, a mais delicada e trabalhosa: — estudar
o poeta lyrico, o homem intimo.

Perante este, acanha-me o respeito posthumo
ao que sempre viveu retrahido no lar, e cuja vida
de sentimento só transparecia á publicidade atra-
vez da roupagem harmoniosa das suas poesias.

E mesmo, d'entre estas, quantas ineditas, e
conservadas assim por muitos annos, não denun-
ciam a repugnancia do poeta em patentejar a es-
tranhos os seus affectos?

Não tenho espaço, nem é aqui o logar proprio
para apreciar as suas poesias lyrics sob o ponto de
vista litterario. Neste escripto não pretendo emittir
um juizo, mas apenas confessar uma sympathia.

Entretanto, quero assignalar uma circumstan-
cia que revela quão prodigiosa era a genese das
ídéas no cerebro de José Bonifacio:

As suas mais bellas composições, alguns dos
seus admiraveis sonetos foram concebidos de um
jacto—verdadeira improvisação! Elle raro escrevia
os seus versos; dictava-os a amigos intimos que
os copiavam; compunha-os na mente e os recitava,
seguidamente, sem embaraco apparente, á medida
que o espirito ia vasando na forma litteraria o
caudal da inspiração. Por isso em suas poesias
nota-se ás vezes um certo desprímor na linguagem,
realçado entretanto pela magnificencia das idéas.

E que fogosa imaginação! Que admiraveis pinturas! Que poesia exhuberante, natural, selvagem por vezes, e logo meiga, dóce, carinhosa!...



Deponho a pena com a consciencia de haver mal debuxado os lineamentos salientes do perfil d'aquelle que acaba de entrar para a posteridade condecorado com tantas glorias.

Ao contemplal-o atravez da sua poesia, vejo-o avultando numa subida eminencia e só encontro para exprimir essa impressão qne me affecta aquella magnifica imagem da sua *Arvore secca*:

« Sim — os tufoes da noite te despiram !
O inverno as folhas tuas réqueimou ;
Erguido e só no topo da montanha
- E's a imagem do tempo que passou ».

E quando a morte, poeta, apercebendo-se também do matto rasteiro da planicie, me ceifar um dia...

« Eu dormirei na valla dos cadaveres,
Tu no cimo do monte solitario ! »





Poesia Brazileira

«Tambem sou rei! Se tanjo as minhas tropas
Tremem todos a um só dos gritos meus;
Na terra não respeito mais que as chuvas,
Não dou contas de mim senão a Deus!...»

— Rapaziadas... dir-me-á V. Exc. procurando attenuar a gravidade d'aquelle peccado dos verdes annos, com allegação de que á inexperta mocidade devem ser perdoados os tresvarios da conducta, só reprehensiveis na idade proiecta do homem de juizo amadurado e coração arrefecido pela experienzia do tempo e pelos desenganos da vida.

Rapaziadas!...

Perdão, sr. conselheiro, V. Exc. enriqueceu á americana, rapidamente, não só em cabedaes de numerario, como em consideração social, em prestigio politico, em distincções honorificas: — deputado, ministro, conselheiro da corôa, membro do alto magisterio, jurisconsulto reputado; constituindo afinal um grande patrimonio de honras e proveitos.

Mas... Lembra-se acaso V. Exc. de qual foi a primeira moeda que lhe caiu no fundo do mea-

lheiro vazio, quando toda a fortuna de V. Exc. eram apenas as energias promissoras de um talento de primeira agua e as nativas aspirações de uma juventude pujante?

Foi talvez, foi por certo esta pequena moeda de ouro rutilante, que ainda agora tilinta aos meus olhos com reverberos cada vez mais vivos...

«Tambem sou rei! Se tanjo as minhas tropas
Tremem todos a um só dos gritos meus...»

Deixe-me denunciar á geração de agora, sr. conselheiro, a esta geração que se habituou a só ver em V. Exc. o ex-ministro, futuro senador, o deputado, o mestre de Direito; mas que não sabe enxergar, escondido atraç de tão notaveis predicados, o primoroso poeta de ha 20 e tantos annos.

Seja-me permittido revelar o incognito sob o qual o sr. conselheiro viaja, revestido de tantos attributos appurados, menos d'aquelle sob cujo prestigio V. Exc. iniciou a carreira atraç da fortuna a que hoje gloriosamente attingiu.

Ahi dou a denuncia:

— O conselheiro Duarte de Azevedo é um poeta!

E' ?...

Não, talvez; ou melhor: não, por certo.

Foi... Outr'ora... Vão d'isso tantos annos!

Era na quadra dos devaneios, da poesia, dos sonhos !...

«O' primavera, giuventu del anno!
O' giuventu, primavera della vita!»



Depois operou-se a natural metamorphose :
— Justiniano supplantou a Musa ; o capello apagou a phantasia ; o canhenho substituiu a lyra ;
o conselheiro suprimiu o poeta !...

* * *

O TROPEIRO

Tambem sou rei ! Se tanjo as minhas tropas
Tremem todos a um só dos gritos meus ;
Na terra não respeito mais que ás chuvas ;
Não dou conta de mim senão a Deus ;

Se me cortejam, bem ; tambem lhes tiro
Meu chapéo de aba larga á senhoria ;
Quando não vou seguindo repimpado,
E meu burro que faça a cortezia.

Não sei de classes, mas ninguem me vence,
Que sou filho legitimo de Adão ;
Bastardia não entra-me na raça.
Porque nunca mudei de geração.

Não sofro lérias ; quem quizer que passe
Mas que não venha me contar façanhas...
Ai d'elle ! Pelas tripas do machinho
Que lhe faço no ventre umas aranhas.

De cima sempre ; e como prova d'isto
Posso dar mesmo aqui publica fé,
Conheço-me tropeiro ha muitas luas
E ninguem me viu inda andar a pé.

Portanto, sou senhor ; só estremeço,
Quando rouca no céu a trovoadá ;
Sou homem do calor, não amo o frio,
Muito mais quando a roupa está molhada.

Sou amigo do poache e da viagem,
E' elle o meu constante companheiro...
E assim vou indo, como vão as bestas,
Alegre quando mesmo sem dinheiro.

Amo, entretanto, os cobres; é na venda
Gosto vel-os tinir sobre o balcão:
Tem musica suave que penetra
Nas dobras mais fieis do coração.

Tomo o codorio que não é por isso
Que minh'alma ha de ir parar no inferno:
Não o dispenso nunca quando ha calma,
Nem quando caem neves (1) pelo inverno.

Desprezo as moças, mas recebo beijos
Da caipirinha á beira do caminho,
São doces como o orvalho das barrocas (2)
Ou como a espuma do rosado vinho.

Sou rei; amo sómente as minhas tropas,
O dinheiro, o facão, o azul dos céus;
Não temo tentação de excommuniados,
Não dou contas de mim senão a Deus.

Nem mais, nem menos; é assim que gyra
O tropeiro feliz quando caminha;
Anda altivo e soberbo como um frade, (3)
Como a besta que vae co'a campainha.

Alerta, pois, ó tropas de viagem!
Que os nevoeiros sobem já no monte;
É tempo de partir; o sol desponta, (4)
E a serra lá aparece no horizonte.

(1) Proponho esta variante:

Nem quando cahe *geada* pelo inverno.

O cahir da *neve* é phenomeno rarissimo em nossa meteorologia.

(2) Nesta estrophe os dous ultimos versos são dous disparates.

(3) Variante:

Anda altivo e soberbo *pela estrada*.

A comparação do *frade* é infeliz por ser *falsa*.

(4) Variante:

E' tempo de partir, o *céu clarão*.

Com a emenda que proponho fica mais bem guardada a successão dos phenomenos que o poeta quiz descrever.



* * *

Por que terras e céos estranhos anda agora
desnorteada a Musa brazileira, que na phantasia
dos nossos poetas tudo parece reflectido de es-
tranhos céos e estranhas terras?

Pois na enorme vastidão d'este immenso
mundo que se dilata

« Do Amazonas ao Prata
Do Rio Grande ao Pará ».

não ha um trecho de céo, um canto de matta-virgem, um aspecto de campanha, uma scena da vida selvatica, um typo accentuado da classe popular, nada, absolutamente nada que commova a alma e suscite o enthusiasmo poetico?

Por que singular perversão do temperamento ethnico ides, poetas, páscer o espirito na imaginaria belleza de mundos phantasticos, e cerraes as palpebras aos explendores da patria americana?

Que exhaustão é esta da energia estheticá, que apenas entoamos os primeiros cantos da juventude e já soam merencorios como threnos; porque nos recolhemos systhematically ao mundo psychologico e pômo-nos a cantar as doenças d'alma; enquanto por toda a Natureza luxuriante e bella explende o sol, estruge o vento, murmura o rio, gorgeiam passaros, servilha a selva, transborda a vida?!

Onde está a descendencia do grande poeta do *indianismo*, se até um outro poeta d'esse mesmo sangue do cantor dos *Tymbiras* não se

dignou pôr nas sonorosas *Fanfarras* dos seus versos uma só nota do boré indigena?

Porque não irmos beber a inspiração á fonte pura, quando uma Castalia murmureja em cada corrego das nossas varzeas ridentes? E se quereis alevantar os vôos do espírito, porque não perscrutar um pouco a natureza virgem, onde ainda palpita a vida mysteriosa do selvical?

Lêde a descripção dos sertões goyanos nas admiraveis paginas escriptas pelo General Couto de Magalhães; armæ com elle a vossa tenda de pouzo numa solitaria praia do Araguaya, e adormecei á luz vermelha da fogueira, enquanto na matta proxima estrugem os urros do tigre esfomeado; ou então, á popa da canoa, na epoca das cheias, mettei-vos pelos meandros dos igarapés rasgados no emmaranhamento das vegetações aquáticas dentre cujas flores explendidas vos fitam fixamente milhares d'olhos de voracissimos amphibios; penetrae um pouco, mesmo em espírito, nas solidões brazileiras e haveis de sentir a admiravel, a desconhecida, a grandiosa poesia que ellas encerram!

* * *

A renascença litteraria, assinalada pela introducção do romantismo entre nós, foi de pequena dura; essa reversão do espírito nacional para as fontes populares da poesia, para o estudo da natureza patria parece de todo acabada. O espectáculo que oferece a nossa litteratura actual é contristador.



Temos, é certo, poetas que versificam admiravelmente, habeis rendilhadores de filagranas litterarias, reunindo á perfeição da cinzeladura a delicadeza do colorido, artistas da palavra, *cultores da forma*, como elles proprios se intitulam; sim, tudo o que quizerdes, inimitaveis officiaes de ou-rivesaria poetica! E d'ahi? Que vale o primor da *mão d'obra*, se o metal é infimo, se o explendor que a joia apparenta é devido ao tenue *folheado* exterior; se fazeis obra de *casquinha*?

Ahi temos um exemplo recente — *Os Sonetos e Rimas* de Luiz Guimarães Junior. Admiraveis versos, primorosamente acabados, respirando uma ternura quasi morbida do sentimento do poeta, inspirados no mundo mysterioso do subjectivismo — valendo um delicado capitulo de psychologia, mas... a maior parte d'aquelle versos, podia João de Deus subscrevel-os que ninguem daria pela troca: são admiraveis, mas não são brazileiros.

Entretanto, Luiz Guimarães quando se despreocupa do seu *eu* e pousa olhos de poeta sobre a realidade objectiva, sabe encontrar, já nas scenas da natureza, já nos typos ethicos da sua patria, inspiração bastante para lhe sugerirem primores litterarios.

Basta-me citar estas duas graciosas allegorias da sua *Sertaneja*:

Sertanejos, sertanejos,
Pedis debalde os meus beijos,
Em vão pedis meu amor!
— Eu sou agreste cotia,
Que se expõe á pentaria,
E foge do caçador!

A sertaneja morena
Robusta, lesta, pequena,
Não cae na armadilha, não:
— A jassanan corre e vôa.
Quando vê sobre a lagoa
A sombra do gavião.

Por menos que sejamos sensiveis ás bellezas naturaes, hemos de reconhecer que só a natureza nos pôde fornecer as tintas precisas para darmos aos nossos escriptos os melhores effeitos do pittoresco litterario.

Basta attender para os tres ultimos versos de cada uma das citadas sextilhas, e ver-se-á como o poeta foi judicioso e habil colorista, pintando a faceirice da *sertaneja* pelos movimentos da cotia arisca e da jassanan medrosa que desprende o vôo quando vê sobre a lagoa a sombra do gavião.

Para indicar com um outro exemplo quão exuberante fonte de imagens poeticas nos fornece a natureza brazileira, cito estes harmoniosos versos de Luiz Murat:

Como eu te via antigamente, rindo,
Ora brincando, ora correndo, a trança
Solta nos hombros como alguem, que ouvindo
Rouxinolar-lhe dentro uma esperança,
Cuida que é um sabiá que rouxinola,
E segue a voz, segue e desaparece
No azul distante, como a pomba rôla
Que para encher o bico d'agua desce

A corrente tranquilla que serpeia...
Tal eu te vi, formosa entre as formosas,
Pisando um chão de matisada areia,
E coberto de teixos e de rosas.

Estes versos são admiravelmente musicaes: lê-los a gente com summo agrado, mesmo que

[Decorative floral border at the top]

não perceba as idéas que devem conter: só pela melodia, pela doçura dos sons.

Dentre todos destacamos estes:

... como a pomba rôla
Que para encher o bico d'água desce
A' corrente tranquilla que serpeia...

São uma imagem tomada á natureza brazileira (quem nunca viu uma pomba rôla vir beber á beira de um correço?) e bellissima, embora tenha sido violentada a servir de termo comparativo num arranjo de idéias completamente arbitrario.

E, pois, evidente que nas imagens colhidas da natureza douis elementos de belleza se contam — o que provem da propriedade das idéas, e o que reside apenas no colorido da expressão. Os citados versos de Luiz Guimarães são exemplo da primeira belleza; da segunda são prova os de Luiz Murat.

Estes de Gonçalves Crespo, temol-os como inexcediveis de valor artístico:

«Desponta a lua: o sabiá gorgeia:
Enquanto ás portas do curral ondeia
A mugidora fila da boiada...

Já que estamos ceifando em seára alheia, citemos ainda do soneto *As novas ilhas*, de Wenceslau de Queiroz, estes versos:

Na Oceania eternamente as vagas
Fervem nos baicos de coraes, formando
Novo mar, novas ilhas, novas plagas,
Por onde voam passaros em bando...

Como um collar de sciatillantes bagas,
O polypo, a madrépora boiando
Nas ondas — vão cingindo as ilhas magas,
Cada vez mais seu ambito alargando...

De que indifferença nos sentimos tomados ante um quadro d'esses, embora artisticamente feito !

Observado o lavor do verso, reconhecida a correcção artistica, nada mais temos com as *Novas ilhas*; nenhuma impressão nos deixam n'alma, não produzem o effeito a que se propõe a poesia — commover.

Agora de que doces impressões não fica noss'alma saturada após a contemplação d'esta adoravel paysagem :

Brillham insectos no capim rasteiro,
Vêm das mattas os negros recolhendo;
Na longa estrada echão esmorecendo
O monótono canto de um tropeiro.



Ainda está por se fazer no Brazil a mais curiosa obra litteraria — uma anthologia que recolhesse e classificasse, segundo o alludido criterio selectivo, as bellissimas poesias, verdadeiramente *brazileiras*, que jazem esparsas, já em jornaes, já por volumes hoje esquecidos e cuja aquisição seria dispendiosissima.

Com escasso contingente concorreriam os poetas de agora, os chamados — *Nova Geração*. Murat, Raymundo Corrêa, Theophilo, Alberto de Oliveira, Valentim, Wenceslau, o primoroso Xavier da Silveira, e tantos outros que mais parentes são de Guerra Junqueiro, de Baudelaire, de Rollinat, do que de Gonçalves Dias, de Porto-Alegre, da geração que teve como ultimos representantes



Bernardes Guimarães, Joaquim Serra, José Bonifacio e outros de hontem ainda, entre os quaes, a inspirada cantora do *Itatyaia e da Noute de S. João*, a poetisa das *Nebulosas*.

Não é opportuno alargar-me mais sobre o paralelo entre a *nova* e a *velha* geração poetica do Brazil, entre os que deixavam livre voar a inspiração em bellos poematos architectados com todos os profusos materiaes d'arte poetica, e os que hoje sujeitam a phantasia á tortura infligida na China aos pés femininos, mettendo-a systematically nas estreitezas do soneto; procurando embora alargar para os lados o ambito da clausura com o abuso da mais prosaica de todas as formas prosodicas — o interminavel *alexandrinio*, do qual com muita propriedade disse Pope «que parece uma cobra arrastando ápos si a longa cauda machucada.»

Meu unico intuito ao escrever estas linhas foi relembrar a uns e dar a conhecer a outros a bella poesia do conselheiro Duarte de Azevedo em quem hoje ninguem suspeitaria a existencia de um poeta. Tambem, para que não se ponham a pensar que eu quero resuscitar no proiecto homem publico de hoje o entusiasta adolescente de ha 25 annos, limito desde já os meus gabos com esta restricção: — Toda a obra poetica do conselheiro reduz-se ao *Tropeiro*; o mais que der s. exc. nesse genero de productos mentaes é mediocre.

Mas o *Tropeiro*, á parte os senões que indico nas notas, é uma composição de primeiro valor. O curioso typo popular do interior das nossas

terrás, principalmente nas provincias de S. Paulo, Minas e Rio, está descripto com a maior minucia e verdade.

E se quizerdes observar como a verdade na obra d'arte é um dos principaes elementos do seu valor estheticó, sejam quaes forem as manifestações artisticas, comparae o *Caboclo*, o excellente quadro de Almeida Junior, com o *Tropeiro* do conselheiro Duarte. Quer depois da contemplação da tela, quer após a leitura dos versos, em nosso espirito fica debuxada em seus principaes lineamentos a figura de um e outro d'aquelleas douz typos tão nossos familiares — o caipira e o tropeiro. Com tanto mais diferença a favor do conselheiro sobre o pintor ituano, quanta é a superioridade dos recursos imitativos e descriptivos da poesia, que nos pôde dar todos os movimentos da belleza de successão, sobre a pintura, que apenas pode reproduzir um momento da vida, um aspecto, uma acção ou uma attitude de cada figura.

O sr. conselheiro Duarte foi felicissimo na escolha do modo de desenhar o seu personagem, dando d'elle antes o retrato moral do que a photographia physica. Para esse resultado, em vez de s. exc. descrever como observador, cede a palavra ao *tropeiro*, fazendo-o fallar e viver aos nossos olhos.

As palavras que põe na bocca do seu personagem são as mais expressivas da linguagem popular e muitas d'ellas têm, juntamente com o pitoresco do colorido, o valor da precisão technica:



«Tambem sou rei! Não soffro lérias! Não sei de classes! De cima sempre! Nem mais nem menos!» São outras tantas formulas interjectivas muito usuaes na linguagem do povo, e exprimem fielmente a alma do tropeiro.

Para concluir, que o tempo urge:— O *tropeiro* é uma das pinturas mais bem feitas que eu conheço na poesia brazileira.

Dezembro de 86.





Filinto d'Almeida

Entre os adjectivos soezes que nos noticiarios das folhas paulistanas amavelmente se perfilaram ao lado do nome de Filinto, ao apparecimento da sua *Lyrica*, notei este, que, por insolito, impressionou-me: — *original*.

Bem pensado, Filinto é um poeta original, mas a seu modo. A originalidade que lhe nota consiste em elle haver escripto os seus versos, corrente o segundo quartel do seculo XVI.

Apparecendo agora, em pleno declinio do Romantismo, em plena anarchia de escolas litterarias, numa epoca insubmissa e revolucionaria, a *Lyrica* de Filinto — toda risonha e madrigalesca, tem para mim o precioso valor de um ramilhete de rosas e lyrios collhidos em algum poetico jardim quinhentista ensombrado de freixos e d'olmeiros, por entre os quaes collée murmurante

« Natural fonte agreste
Não lavrada d'artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo. »

(CAMÕES)



E que suave aroma rescedem aquellas flores! que viço ostentam nas petalas ainda humidas d'orvalho desta madrugada! E' a sensação que ellas me causam—de flores agora mesmo colhidas — aquellas rosas entretanto desabrochadas, dissereis, em plena florescencia do lyrismo camoneano.

Não faço injuria a Filinto, filiando seu livro á *Lyrica* de Camões e de Bernardes, de Fernão d'Oriente, de Ferreira e Sá de Miranda. Foi o seculo aureo das letras portuguezas, renascidas ao influxo da Musa de Petrarcha, de cujos tercetos ha mais de um écho na lyra enamorada de Filinto.

Nada transcrevo, que isso levar-me-ia longe, para justificar a impressão em mim causada pela leitura da *Lyrica*; mas se o leitor quizer dar-se ao trabalho do confronto, lendo qualquer repositorio onde venham canções e elegias dos poetas quinhentistas, ha de achar entre Filinto d'Almeida e os lyricos daquelle tempo mais de um traço commun de familia.

Não importa isso dizer que Filinto seja imitador da poesia daquella epoca; longe disso; ha neste poeta grande naturalidade, senão originalidade; e eu explico a alludida consonancia poetica por um facto extra-litterario — o temperamento erotico do autor da *Lyrica*.

Filinto, vê-se de todo o seu livro, é uma alma delicada, um coração sensivel, perpetuamente enamorado; nelle o amor não ultrapassa a tensão affectiva que delinêa os limites entre o sentimento

normal — doce, suave, calmo, perdurable, e a paixão — dominadora, poderosa, ephemera.

Todo o livro de Filinto é sinceramente, naturalmente, exclusivamente a vida do seu coração.

E' uma historia attrahente, singela, idyllica, monodica.

A evolução do sentimento é tão natural neste poeta, que mal se lhe distinguem os estadios; entanto elle mesmo procura assignalar as phases de sua vida sensitiva.

Na *Musa errante* e nas *Peninsulares*, alvorecendo-lhe a adolescencia, o coração ama o amor, a tóia, borboleteando: é a função do orgão afectivo. — Amou: eis tudo. A quem? Ao *eterno feminino*: Luras, Lucias, Eleonoras — tanta gente! tanta mulher anonyma! E ao attrito d'essas almas pollutas e venaes, vêm-lhe as primeiras desillusões do coração:

« Os profundos e negros amargores
Em que eu mergulho a vida, inexperiente,
Não têm luz, nem sol, nem som, nem flores...
Unicamente lagrymas e dôres,
Vacuo, sombras e luto, unicamente!
Feliz de quem não sofre, nem os sente!
E' tão amargo o mel destes amores,
Que de libal-o fico descontente,
E sinto que me inundam derrepente
Os profundos e negros amargores. »

Pois apezar dos pézares, Filinto guarda para as Laís que lhe amarguraram o coração a attitude e a linguagem de um *galant'uomo* perante uma dona.

Eis, no desenlaçar-se de um desses ephemeros amores, como elle se exprime ao devolver

á amante as lembranças sensíveis que della guarda:

« Ahí vão as provas, pois, do teu amor vehemente,
D'essa doida paixão que em tua alma nasceu,
Por minh'alma passou e nas duas morreu.
Cartas, flores, cabello e até photographias,
Gosos, dóres crueis, tristezas, alegrias,
Tudo volta ao logar d'onde saiu... »

« Esqueceste, esqueci; somos livres, enfim!
Siga cada um de nós tranquillo a sua sorte
E nem venha a saudade avivar esta morte. »

Nem uma apostrophe! Nem um epitheto injurioso! « Esqueceste, esqueci... » Acabou-se.

As mulheres nunca lhe perturbaram o equilíbrio das forças d'alma.

Quando mais dominado pela paixão se confessa :

« Se passas junto a mim, eu sinto as vagas
Do fundo oceano da paixão, rolando,
Quebrarem-se em meu peito, como quando
Rebentam as do Mar nas duras fragas. »

se então julgamos assistir ao explodir de um temperamento, eis que «as vagas do fundo oceano da paixão rolando,» chegam-lhe aos labios neste murmurio:

« Da luz do teu olhar sereno e brando
Toda a minh'alma docemente alagas... »

Uma ultima nota e dou por esboçado o perfil psychologico deste poeta:

« Abre um sorriso alegre, abate o pejo,
E mostra, flor, um sentimento franco:
E durma junto a ti o meu desejo
Humildemente, como um galgo branco. »



Agora pergunto: — Com um temperamento destes onde o amor difficilmente se animalisa; com um' alma terna e delicada, seria possivel que a poesia de Filinto se parecesse na linguagem dos versos com essa poesia lasciva e grosseira que hoje entre nós floresce, tendo a lubricidade por nota dominante, sendo a estrophe uma jaula dentro da qual se move a tropa dos desejos assanhados e ululantes?

Não.

Eis a meu vêr a razão da originalidade do poeta da *Lyrica* — o seu temperamento.

Os outros cantam a paixão, as exigencias dos sentidos, as horripilações da carne; este poetisa o amor, os anhellos do coração, os brandos movimentos d'alma. Ora, a moderna linguagem poetica, deturpada pelo *satanismo*, a linguagem com que pintamos as flôres do mal, os phenomenos da nevrose, as verdes podridões modernas, não poderia logicamente convir á expressão dos mimosos sentimentos contidos no *Poema da Morta* e na *Musa Nova*.

Si eu já não houvesse visto Filinto d'Almeida burguezmente mettido em fraque e pantalonas, como todo o mundo, figural-o-ia, á leitura dos seus versos, vestido de calções de velludo e gibão golpeado de seda, sombrero com larga pluma fluctuante, a recitar madrigaes á sua amada. E assim o imagino, porque toda a sua *Lyrica* respira o culto de amor delicado e respeitoso.



Sendo a poesia a expressão de um certo estado emocional, nenhuma outras expressões da linguagem poderiam desse phänomeno dar ideia senão aquellas em que primitivamente foi a emoção vasada.

O unico meio de conhecermos um poeta é lêrmol-o. Por isso tenho posto logo abaixo de cada observação minha os versos que a justificam. Faço uma ultima transcripção, ao acaso, para mostrar a suavidade de sentimento que transluz perennemente através da poesia de Filinto d'Almeida.

AD ALTARE

Senhora minha, As almas melindrosas
Como a minh'alma, esquivam-se aos louvores,
Mas amam d'outras almas os fulgores
E do talento as peregrinas rosas.

A um tempo são ousadas e medrosas
E juncto do prazer querem as dores:
As violetas, modestas entre as flores,
São pelo aroma altivas e orgulhosas.

Deixaes, pois, que a minh'alma ouse, radiante,
Depôr a vossos pés, minha Senhora,
Esta singella flor triste e galante;

E a Natureza boa ensine à Aurora
A illuminar eterna e fulgurante
Vosso caminho pelo tempo fôra.

*
* *

Agora, duas palavras sobre o valor artístico do livro.

A poesia consiste num intenso estado impressivo da alma humana; os versos são a expressão usual daquelle estado.

Pode a alma sentir-se commovida quer perante os aspectos da natureza physica, quer á contemplação dos actos psychicos — mentaes ou puramente ethicos.

Desde que a emoção seja bastante intensa para poder exteriorisar-se, e corporisa-se na linguagem adequada á sua mais conveniente expressão, temos a Poesia. Para julgarmos a perante a critica, não devemos cogitar senão de suas qualidades como obra d'arte. — Traduz ou não traduz ella com a maior intensidade possivel a emoção que o poeta quiz representar? — Eis a nossa unica preocupação — o julgarmos a obra poetica em si. Subordinar-a a outro criterio de julgamento seria erroneo. Ao enfrentar com um trabalho artistico, devemos despreocupar-nos de todo e qualquer *parti-pris*, sob pena de pre-julgarmos.

Ninguem exija de um autor senão o que elle teve intenção de crear.

Quando ao abrir a *Lyrica* de Filinto eu vejo, subordinando o pensamento geral do livro, esta epigraphé:

*Poveri versi miei gettati al vento,
Della mia gioventù memorie liele,
Rime d'ira, di gioia e di lamento
Povere rime mie, che diverrete?*

certo, não poderia exigir delle que cante — as armas e os barões assignalados passando além da Trapobana.

Desde a primeira pagina o autor teve o cuidado de dizer-nos que o seu livro contem



apenas «rime d'ira, de gioia e di lamento»; ora, a querermos bem exercer o officio de analystas, deveríamos unicamente inquirir se os versos do poeta representam com o maximo poder de expressão aquelles diversos estados d'alma.

Creio que foi o que fiz, aliás despretenciosamente, ao analysar as poesias de Filinto d'Almeida.

A *Lyrica* é a monodia do amor.

Cantando quasi exclusivamente aquelle affecto, deve o livro resentir-se, e resente-se, de certa monotonia.

Filinto é um poeta eminentemente subjectivista. Todos os seus versos tirou-os do coração; são a historia dos seus amores. Parece que nunca teve olhos senão para olhar para dentro de su'alma. A natureza exterior nenhuma emoção lhe causa. Em toda a *Lyrica* não ha uma aguarella, uma figura unica, oriunda de impressão naturalista.

Da Natureza, Filinto conhece apenas as flôres litterarias — a rosa, o lyrio; e os phenomenos ou cousas que impossivel ser-lhe-ia não conhecer — o mar, a montanha, a aurora, a noite. Algum raro quadro que elle desenha, fal-o a grandes traços fugitivos, como — «NO ALTO DA SERRA».

Apezar, porém, da monotonia dos versos de Filinto, lémol-os com bastante agrado e esta doce impressão em nós demora depois de percorrel-os:

— E' um'alma delicada a deste poeta!

Vem-nos, então, o desejo intimo de abençoar os seus amores.

Agora interfere-me a sympathia.

Neste misero mundo, perpetua arena de hostilidade entre a gente do dinheiro e a gente do sentimento, tão cheio de lama anda-nos sempre o coração que até nos surprehendemos quando uma flor de bemquerer brota do seio de tal humus.

Pois uma flor d'essa rara especie desabrochou-me lentamente n'alma ao vivificante bafejo da poesia de Filinto.

Em que deliciosa digressão andou o meu espirito atravez das suas estrophes sentidas. A principio vamos por um meandro de trilhos que se entrecruzam, marginados de flores, sonoros de trilhos d'aves. De repente depara-se-nos um lugutuoso recanto que entristece: alveja ahi um tumulo ensombrado d'arvores funerarias. E' o POEMA DA MORTA! melancolico retiro da saudade.

Logo adeante emerge das brumas da tristeza uma *Ilha Phantastica* illuminada e florente...

No limiar deste paiz bemdicto detenho-me respeitoso. E' tão ephemera, tão assustadiça, tão fragil a felicidade do coração!...

Apenas a minha sympathia não pode eximir-se de murmurar baixinho á Eva intemerata daquelle paraíso: — Bemdicta sejas, que soubeste inspirar ao poeta estes sentimentos:

« Hei de guardar, fiel do affecto nosso
Toda a pureza, angelica, descanca,
Por ti, meu pobre amor, minha esperança,
Todas as más paixões venço e destroço.



Abroquelado em teu amor, o fino
Aço do gladio bellico em teu pranto
Ungido, o arnez luzente e crystallino.

« Do Mal enfrento as legiões fataes,
Porque só te amo a ti, mas tanto e tanto,
Que ninguem pode amar no mundo mais! »

Marco S. T.





Luiz Murat

A ULTIMA NOITE DE TIRADENTES

(POEMA DRAMATICO)

A litteratura brasileira, qual a estudo nos seus actuaes documentos, causa-me esta contradictoria impressão:

— Na *prosa*, incontestavel excellencia sobre a geração litteraria immediatamente anterior ao corrente decennio; na *poesia*, pelo contrario, degradação manifesta, caracterisando-se pela carentia geral de naturalidade, quer nas ideias, quer nos sentimentos, e na expressão de umas e outros.

O requinte do estylo, degenerando, pela insistencia, numa especie de culturanismo pretencioso, impressiona como o pródromo symptomatico das epochas de decadencia litteraria; — taes foram o gongorismo e o parnazianismo, em Portugal, nos seculos XVII e XVIII; tal se produzirá o mesmo phänomeno, sempre que nas litteraturas exhaustas fôr mister compensar a vacuidade



dos pensamentos com a orchestração apparatosa da linguagem.

As ideias correntes em nossos livros são hauridas na inexgottavel fonte da opulentissima litteratura franceza, e algo tambem em alguns contemporaneos escriptores portuguezes. Ora, esta circumstancia de irmos todos ao bebedouro commun, dá em resultado uma deliquescencia geral da poesia brazileira. Dahi o apparentarem nossos modernissimos poetas na physionomia inexpressiva certo *ar de família*, que os confunde a todos na mesma vulgaridade.

Todas as lyras parecem afinadas pelo mesmo diapasão. Raros poetas de agora imprimem nos seus poemas esse cunho de individualidade, que faz serem reconheciveis, á simples leitura de uma poesia, as lyras de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Bernardo Guimarães, C. Alves, Varella, José Bonifacio (após os *Lyrios* e *Goivos*), Joaquim Serra, Gonçalves Crespo nos seus versos de inspiração brazileira, e tantos outros poetas da chamada *velha geração*.

Ora, a que attribuirmos semelhante pheno-meno? Em meu juizo a uma dupla causa: — falta de amor e de convivencia com a Natureza; ausencia de estímulos intellectuaes suscitados pela contemplação das obras d'Arte.

A segunda destas causas é permanente e nos constituirá sempre em inferioridade com relação aos poetas estrangeiros; excepção feita de alguns nossos poetas ricos, habilitados pelo dinheiro a irem pedir inspirações aos grandes mo-

numentos da Arte antiga (Magalhães foi desses, e talvez por isso ousou ter originalidade e proclamar a sua, se não a nossa independencia mental, enquanto todos nós outros eramos apenas a projecção, nesta banda do Atlântico, dos arquétipos portuguezes. Outro poeta viajor, Luiz Guimarães, que farta messe de assumptos colheu elle nas suas peregrinações atravez das velhas patrias da Arte antiga!).

Entre nós que pobreza! Onde, no Brazil, uma estatua, um quadro, um monumento architectural, qualquer obra d'Arte cuja contemplação commóva fortemente o senso esthetic?

As raras telas de valor artistico que possuímos, todas no genero da pintura histórica; os recentes marmores de Bernardelli por alguns apenas foram vistos; e a estes mesmos, pouco essa visão aproveitaria para educar o gosto, — faculdade cujo aperfeiçoamento depende de continuo exercicio.

Quanto aos sentimentos, a toda essa serie de impressões que recebemos da Natureza e constituem a phenominalidade emocional do poeta, seria lícito, senão logico, suppôr que, habitantes da maravilhosa terra brasileira, guardassemos sempre, accumulado em nosso sensorio, patrimonio enorme de emoções; e que esse superabundante cabedal poetico para espaldanar em caudas de admiraveis versos, só aguardava aquella mysteriosa reacção psychica caracterisada pela necessidade de traduzir em linguagem as emoções da alma.

Em verdade, onde outro céo, outras florestas, outras campinas, rios caudalosos e trepidos



regatos, flôres tão bellas, feras mais bravas; toda a dramatica existencia do aborigene vivida no recesso dos sertões misteriosos; e esta exhuberancia universal de força; esta maravilhosa Natureza, que é só contemplarmos-a para em nós vibrarem todas as cordas da gamma sensitiva, desde a ternura melancolica até ás poderosas commoções do sublime?!

Entretanto, que vemos na Poesia brazileira contemporanea? Uma banalidade insupportavel de ideias e sentimentos; não sendo aquellas suscitadas pela presença immediata das obras d'Arte e não representando estes os abalos estheticos soffridos no contacto com a Natureza.

Sendo assim, impossivel a inspiração.

Fóra das Artes, que não possuimos; fóra da Natureza, que não queremos ou não sabemos amar, nenhuma poesia!

Algures defini a inspiração: — « a integração da alma do Poeta com a da Natureza... » e agora venho encontrar aquelle conceito apadrinhado no juizo de Schiller.

Em seu tratado da « Poesia ingenua e sentimental », Schiller chega a affirmar que o prazer por nós sentido perante a Natureza é menos uma satisfação do senso esthetic do que do senso moral; pois esse prazer nasce de uma concepção do espírito e não imediatamente do puro facto da intuição.

« Donde provém, pergunta o profundo poeta alemão, o encanto que em nós produzem uma flor modesta, uma pedra revestida de musgo, o

regato murmuroso, o gazar dos passaros, o zumbir dos insectos? Porque amamol-los? — E' porque nelles contemplamos a vida e sua acção latente, os effeitos que os sérres por si mesmos pacificamente produzem, a existencia segundo suas leis proprias, a necessidade intima das cousas e a unidade eterna de sua natureza »

Esta ordem de ponderações levar-me-ia para mui distante do exclusivo fim que hoje tenho em vista. Para melhor oportunidade guardo a justificação da antinomia litteraria que em principio propuz: — de, no corrente decennio, ser evidente o aperfeiçoamento da nossa prosa, em contraste com a decadencia da nossa poesia.

Attribuo estes factos, em grande parte, á acção concorrente de douz emeritos escriptores portuguezes sobre a generalidade dos escriptores indigenas.

Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro têm sido, incontrastavelmente, nestes ultimos annos, os modelos mais estudados e mais imitados na litteratura brasileira.

Aquelle, com o seu admiravel estylo profundamente *analytic*, não só nos ensinou a pensar, como, de vez para sempre, nos emancipou da preocupação do estylo classico, resultado que não havia conseguido o grande mestre da lingua patria — Alencar, apesar da brilhante campanha sustentada nos seus livros e nas suas controvérsias philologicas.

Quanto a Guerra Junqueiro, tenho a vulgarisação da sua poesia entre nós como uma cala-



midade litteraria; por quanto desde o apparecimento do admiravel *D. João*, puzemo-nos a maqueal-o de modo ridiculo. A *nova geração*, salvo excepções honrosas, tanto trabalhava a sua obra á feição do modelo, que chegou á imitação quasi plagiaria. Inaugurou-se por esse tempo o regimen intoleravel do *alexandrino*, dos epithetos superabundantes, dos longos adverbios em *mente*; isto quanto á forma. Quanto á *ideia*, como Guerra Junqueiro fosse um ecletico, e no seu admiravel poema enfeixasse as bellezas caracteristicas das varias escolas poeticas dominantes principalmente em França; nós, ainda pelo facto da imitação, tornamos incaracteristica a poesia nacional, fazendo-nos simultaneamente *satanicos*, *scientificistas*, *parnazianos*, *levantistas*, só porque o nosso modelo, com admiravel talento de colorista, soube diluir em seu poema as *nuances* dominantes na poesia de Baudelaire, de Lecomte de Lisle, de Sully Prudhomme, mesmo de Heine.



E' tempo de ocupar-me com o poemeto de Luiz Murat.

Da pleiade dos modernos poetas brazileiros, Murat é um dos que tenho em conta de mais expontaneo e natural.

E', genuinamente, um *poeta lirico*; não porque seja um *lamentoso*, um *triste*, um *descredo*, mas porque nos seus versos ha aquellas delicadas idealisações de sua alma feminina; aquelle

subjectivismo profundo que nos mostra o poeta eternamente figurando na scena da natureza descripta; e mais todo esse « bando de visões tecidas de sonho e nuvem, desejos d'uma serena plenitude que todos os seres compartilhem, desde a alga microscopica até ao homem de genio — poesia perfumada d'essa ternura infinita, castissima, maternal á força d'intima, que vibra no poeta ante os mais leves aspectos sensiveis » ; tudo isso que constitue a poesia « puramente lyrica», no dizer de um elegante escriptor lisbonense.

A « *Canção das Perolas* », mimosissima phantasia, na qual, assim como no objectivo mobil de um kaleidoscopio poetico, se formam e se desfazem aos nossos olhos tantos e tão lindos pequeninos quadros da natureza marinha ou da natureza terreal e sidérea — scintillações sonoras de estrellas e trillos luminosos de passaros dialogando atravez da immensidade ; a voz das perolas, levadas á flôr das correntes oceanicas, confidenciando com alcyones e procellarias o segredo das profundezas tranquillas do mar ; essa mimosissima urdidura de encantadoras puerilidades, entremostrando atravez da phrase de uma delicadeza idyllica a ironia pungente, o conceito de um espirito atormentado pela feia visão da realidade ; — a « *Canção das Perolas* », a meu vêr, é o genero de poesia caracteristica da indole litteraria de Luiz Murat.

Além do sentimento que por seus versos se diffunde como a expansão *natural* do tempera-



mento erotico do poeta, avulta, qualidade encantadora na poesia de Murat, o seu estylo originalissimo, feito de locuções ingenuas e subtilezas de linguagem, abrillantado por imagens e comparações colhidas nos aspectos mais familiares da natureza onde vivemos.

Terceira grande qualidade litteraria que sobreleva neste poeta a expontaneidade da sua inspiração e a independencia do seu estro. E' dos poucos que têm a imaginação, ou que a deixam transparecer na poesia liberalmente trabalhada, ampla, desenvolvida, capaz de conter o assumpto — com todas as suas *nuances*, seus claros-escuros, seus golpes violentos de luz — todos os contrastes cuja harmonia geral constitue o pittoresco — se se trata de reproduzir um aspecto da natureza morta; ou então, se é a vida que o poeta quer descrever, aquella amplitude do poema comporta ainda a notação successiva dos movimentos physicos — o que é a graça, e a dos movimentos d'alma, — o que é a paixão.

Se o fim da poesia é nos commover, e se é bom o poeta que aquelle fim consegue, tenho Murat nesta conta. Encantam-me os seus versos. Acompanhar-lhe a phantasia irrequieta por todos os dominios da imaginação — atraz de uma borboleta ou de uma ideia, de uma harmonia fugitiva ou de uma perola levada de mar em mar sobre um fróco boiante de espuma; segui-lo na delicada analyse de qualquer vaga tristeza ondulante por entre scismas de virgineo espirito; ir com elle contente, mundo irreal em fóra, como

quem vae de viagem atravez de varzaes risonhas, por um entardecer de primavera quente e luminoso; deixar-me embalar pela cadencia dos seus versos, sentir-me acalentado pela Musa: — eis o que me praz, eis o que me encanta na poesia de Luiz Murat.

Dito isto, não como critico (qualidade de que não me ufano), mas como leitor apenas (— «poetas por poetas sejam lidos») — entro na apreciação do recente poemeto de Murat — *A ultima noite de Tiradentes*.



Este poema não basta como elemento de juizo para opinarmos a respeito do poeta.

Começa por ser uma obra de encommenda, feita a pedido do galã Eugenio de Magalhães. Falta-lhe, portanto, expontaneidade da inspiração, qualidade na qual fizemos consistir uma das causas do attractivo nas poesias de Luiz Murat.

Demais, e já o assignalamos tambem, o assunto ultrapassa a periferia do encantador mundo de ideias e sentimentos delicados e mimosos (digamos *lyricos*) dentro do qual sempre vimos livremente adejar (e o ambito desse mundo é imenso!) a phantasia do poeta.

Por mais poderosa que queiramos imaginar a motilidade do espirito de Murat, é facil ver que a sua Musa inspiradora, de voz suave e meiga, dá-se mal nos asperos sitios da poesia dramatica, social ou heroica, como a queiram



chamar, para cuja expressão é mister uma linguagem altiloqua, retumbante e orchestral.

A prova disto é que os mais bellos trechos do poema, são exactamente os lyricos, e aqui os dou desde já, por desencargo de consciencia.

Na floresta emmaranhada dos pensamentos tumultuarios do inconfidente mineiro, enquanto o seu espirito embate-se ás tontas, como o de um allucinado, indo da cólera desvairada de um possesso vulgar á placida serenidade da consciencia de um justo; ora cuspindo blasphemias, ora murmurjando preces; no emmaranhamento desse espirito, illogico e contradictorio, conforme o poeta arbitrariamente nol-o mostra, a consciencia forte do *martyr* se revela, por vezes, tal como devia ser na realidade psychologica; então, na quella cahotica escuridade illumina-se de repente um nimbo dentro do qual surge sereno e grave o vulto moral do inconfidente:

« Quando a aurora descer aos brancos domicilios,
Cheios de amor e paz, cheios de aroma e sombra,
Com um raio de sol em cada um de seus cílios
Depois de andar abrindo as rosas sobre a alfombra,
A minh'alma, talvez, como o perfume agreste,
Que se evola da flor n'uma manhã de estio,
Ou como d'aza errante o brando murmurio,
Ha de voar tambem para a amplidão celeste!... »

Outro bellissimo trecho encerra o poema com chave d'ouro.

Ao sahir da prisão para a forca, *Tiradentes* se despede da vida:

« Adeus, Patria, familia, amor — exticta chamma !
Morte ! partamos ! — Noite, estende os negros véos...
Mais um corpo infeliz o teu seio reclama !...
Patria, familia, amor — exticta chamma ! Adeus !... »

[decorative border]

Não quero rebuscar defeitos de officio no poemeto de Luiz Murat; não é por este trabalho que havemos de afferir o merito do poeta de cuja producção mental o *Tiradentes* é uma amostra apenas, e das somenos.

Se, portanto, me vou demorando nesta analyse, é por deferencia para com o autor, que, endereçando-me o seu livro, acompanhou-o de uma carta exigindo sobre elle o meu juizo. Nessa carta o proprio autor dá-me o criterio para julgal-o:

«... Vaes encontrar um Tiradentes todo diferente daquelle que se sacrificou pela patria, mas não podia ser de outro modo.

« Partindo da verdade sociologica de que todo o revolucionario da ordem de Tiradentes é uma representação concreta das ideias fluctuantes do seu tempo; comprehendendo mais que era preciso não só fazel-o heróe pelo carácter, pela energia moral, como tambem pelo gráu elevado de suas ideias, enfeixei no coração e no cerebro do martyr brazileiro todas as irradiações desse fóco perenne de luz: Danton e Desmoulins.

« Dessas duas personalidades, uma, força effectiva, outra, força racionativa do movimento reaccionario da França, deduzi o nosso homem — o Tiradentes, que tem qualquer cousa de Espartano e de Carthaginez...»

De Carthaginez...? Será porque até no pretexto para suscitar o povo á revolução — resistencia contra a cobrança do quinto de ouro

— dá o heróe mineiro uma manifestação ethnica do antigo punico — aventuroso e mercante?

Vamos a vêr como Luiz Murat desenhou o perfil do grande revolucionario que, dil-o o poeta, «é uma representação synthetica das ideias fluctuantes do seu tempo». Tiradentes, espirito pratico, illustrado no conhecimento dos homens, sabendo que o *interesse* é a mola real das acções humanas, concitando o povo à revolta contra o Fisco, a encarnação mais sensivel da monarchia; é entretanto, representado na poesia de Murat como um idealista, atrabiliario espirito, declamando imprecações a Job; ora catholico, ora blasphemero; sem dignidade para bem morrer na augusta serenidade de um revolucionario que aceita a consequencia legitima (politicamente fallando) dos seus actos.

Mais serenamente morreram os dous similes apresentados pelo poeta para engrandecer o heróe mineiro — Danton e Desmoulins; — e entretanto decapitou-os a propria revolução que elles amaram e serviram.

Como refluxo das «ideias fluctuantes do seu tempo» Luiz Murat nos dá um Tiradentes blasphemador, atheu, pantheista, no meio da sociedade colonial abeberada de catholicismo, supersticosa e beata.

Falseando a verdade historica, Murat põe na bocca do heróe mineiro blasphemias deste quilate:

«Não distingo entre Deus e entre Satan, entendes?
Se um o inferno vomita, outro Luiz XI, exhala!»

O poeta parece ignorar que o Tiradentes propuzera para legenda da bandeira da futura republica a velha divisa christã de Constantino: — *In hoc signo vinces*, a qual foi substituida pelo famoso distico — *Libertas quæ sera tamen*, sob proposta de um outro conjurado.

Concluindo :

O poemeto de Luiz Murat tem subidas qualidades litterarias, se o considerarmos como uma pura ficção poetica, e não como a photographia litteraria de um grande vulto historico, cujo perfil moral não deve ser modificado a sabor das phantasias individuaes.

Aparte isso, sobreleva neste poema a symphonia da linguagem brilhantemente orchestrada.

Que o poeta social emmudeça depois deste tentamen, pouco é; basta-nos o delicado, o mimosissimo poeta lyrico que Luiz Murat nos acostumou a admirar, lendo-o.

Janeiro de 87.





TEMPERAMENTOS

Je sais le premier mot sur les
femmes, mais qui me dira jamais
le dernier?

MARIVAUX.

Como expressões physiologicas, deviam as mulheres apresentar á observação e analyse typos muito mais puros e consequentemente muito mais curiosos do que os homens; assim, porém, não acontece.

Confinadas, pelos costumes patrios, no domicilio; isemptas, portanto, da influencia mesologica social, deviam guardar em toda a integridade a pureza originaria do temperamento; mas não! Mysteriosas em sua natureza, inconsequentes nas manifestações physio-psychicas, a instabilidade nelas congenita...

(La donna è mobile
Qual piuma al vento...)

faz que nesses curiosos organismos ande em perpétuo desequilíbrio a predominancia do factor ethnico.

Femme souvent varie...



Como Marivaux, na difficult sciencia do *eterno feminino* jamais passarei, pois, do *pré-mier mot.*

Nestas ligeiras linhas tenho portanto apenas em vista debuxar leves perfis physiologicos — um, dous traços quando muito — d'essas interessantes figuras femininas, que tanto nos seduzem, que eternamente estudamos, para jamais comprehender-as.

O *mestiço* brasileiro apresenta já um typó caracteristico, proveniente de multiplos crusamentos, resultado definitivo de complicadissimas fusões dos sanguess luso, africano e tupico, atravez de muitas gerações.

Não é a *mulata* — esse fermento do aphrodisismo patrio — consoante a phrase de Sylvio Romero; não é aquella cujas faces ostentam a cor

Que se colloca
Na pipoca
Do lado que não rebenta.

Tampouco é o mestiço do Norte, com predominancia de sangue indigena: antipathico, rosto largo, cabello corredio, e tez amarellenta; não.

O brasileiro, ethnologicamente tal, apresenta predominante o sangue europeu; levemente temperado com uma fraca diluição dos sanguess caboclo e negro.

Nas mulheres esse typó é o mais gracioso possivel — olhos de extraordinaria belleza, escuros, rasgados, humidos, alternadamente fulgurantes e morbidos; tez moreno-clara, pubescente como a epiderme dos pecegos maduros; cabellos castanhos ou negros, unctuosos, ondeantes; estatura

meã; formas arredondadas flexuosas; carnacão opulenta e sadia; attitudes languorosas.

Attenuado embora, sente-se nesse bello organismo da mulher creoula o influxo do sangue ardente das duas raças poderosamente affectivas que originariamente concorreram para sua constituição physiologica: — o indio e o negro.

Agora abra-se margem á potente influencia do clima. Sob a acção da temperatura «a pelle adquire alta sensibilidade e os orgãos que sympathisam com ella recebem igualmente impulso.»

O dr. Copeland, citado por Sylvio Romero (*Introduçao á Historia da Litteratura Brazileira*), nota que nos paizes quentes escapa-se uma porção menor de acido carbonico pelas vias respiratorias; o carbone predomina, então, nos fluidos organicos, que não têm plasticidade e vae se fixar no pigmento, cuja formação tende a augmentar.

Comprehenderam toda a prodigiosa ardencia d'estas constituições physiologicas?

A' bon entendeur...

Carbone sob a epiderme, e sobre esta um sol tropical!...

E eis ahí está o segredo da nossa apaixonada natureza e porque somos tão amorosos e constituimos uma raça de poetas lyricos.

*
* *

Poetas e... poetisas!

Agora mesmo tenho presente sob a luz do candieiro um curioso depoimento litterario, que

confirma a observação do supra citado dr. Copeland.

E' um soneto publicado na *Phalena*, por demais comburente. Infere-se que a poetisa d'esses versos deve ter o pigmento perigosamente saturado de carbone...

Dizem uns endecasyllabos de Filinto d'Almeida:

« Pelos pequenos fios de cabello
Que me enviaste, minha dôce amada,
Eu reconstruo a imagem desejada
D'esse teu corpo deslumbrante e bello! »

E vae indo o poeta, recompondo, feição por feição, todo o formoso vulto da amante.

Pois os versos que tenho á vista servem-me, como os cabellos da amante de Filinto, para por elles eu reconstruir a ardente figura da poetisa autora na plena expressão de seu temperamento.

Tentemol-o.

A' hora da sesta, passeia «NO JARDIM» a poetisa. De um alegrete de rosas lhe vem tepido bafejo fragrante. O ar calido, o ambiente saturado de effluvios aromaticos, enervam.

Atravez a folhagem de frondente magnolia, á cuja sombra foi pedir refrigerio, põe-lhe o sol bétas luminosas na morena epiderme do braço desnudado emergente da alva mousseline do *peignoir*... A' caricia da luz, lhe perpassam pela flôr da cutis intermitentes arrepios...

O thermometro marca 33 gráus á sombra

E o sol, com a insistencia de um namorado, a lhe beijar a epiderme sob cuja pubescência se armazena o carbone...

...Queda-se languida; arfa-lhe o seio; do peito offegante sahe-lhe um respiro morno.

Em derredor a vegetação languesce como ella. Decahem flacidas as folhas avelludadas da maranatha zebrina; no largo disco das begonias-rex scintilla uma pulverisação diamantina.

...Passou voando, em placido vôo ondulante, uma grande borboleta azul... Vôa empós da flôr aligera a imaginação da poetisa. E enquanto o devaneio lhe vae lentamente debuxando no espírito os lineamentos de uma figura humana, bella, mais bella do que a grande borboleta azul, fremente sangue lhe bate nas arterias tumidas o rythmo das pulsações precipites...

E' o moment-psychologico da genesis poetica. Do intimo d'alma lhe afflora a poesia á commissura dos labios rubros, e a poetisa dôcemente murmura:

« O' flôr divina, perfumada e pura,
Deixa imprimir meus labios em teu seio,
Deixa que, presa de amoroso enleio,
Eu morra de prazer e de ventura! »

E' o calorico latente do sangue, sangue selvagem de Moema e de Lindoya, que a enleia de amor e fal-a desejar morrer de ventura.

Entretanto, atravez a folhagem da magnolia, o sol cumplice lhe pôe beijos de luz no collo arfante que se destaca com uma coloração calida sobre a nivea mousseline do *peignoir* entre-aberto.

Como aquella grande borboleta azul, vae-lhe o espirito em largo vôo pelo mundo em fóra dos

devaneios. A' flor dos labios lhe abrolham agora os anhelos:

« Deixa acalmar a febre na frescura
Da petala mimosa e assetinada,
Deixa sugar as gottas da alvorada
Que tremem n'esse calix de doçura. »

E emtanto que o sol lhe acaricia a epiderme, todas as potencias d'alma se lhe acirram; explode a crise physiologica e as energias do sangue borbulham neste supr^mo desejo:

« Um beijo só! mas terno e prolongado
Deixarei no azulino perfumado...
De teu seio mimoso, ó linda flor!

« Dá-me, porém, das pét'las o perfume,
Que eu te darei n'um tremulo queixume
Mil caricias e um cantic o de amor. »

Agora, se estes versos são sinceros e a physiologia não mente, reconstrúa o leitor commigo a figura da poetisa:

...Olhos escuros, rasgados, humidos, alternativamente fulgorantes ou morbosos; tez amorenada, pubescente como a epiderme dos pecegos maduros; cabellos negros, unctuosos, ondulados; carnacão opulenta e sadia; 25 annos...

E, estimulando toda esta exhuberante mocidade,— muito carbone no pigmento.

Março, 87.





DIABINHOS AZUES

A JOSE' TELHA (*)

Caro collega,

Dá-lhe este tratamento um sujeito que aqui ha cerca de 12 annos escreveu um livro de versos. Quanto á poesia que esses versos contêm, sentiu-a o dito sujeito com a sinceridade e a vehe-mencia dos adolescentes apaixonados. Foi talvez o seu quinhão dessa felicidade a que todo o homem tem direito na vida, pelo simples facto da existencia. Depois...

Mas quem é que não viveu 12 annos depois dos 24... para chegar a vêr morrerem muitas illusões e murchar-se o melhor das flôres da sensibilidade?

Aos 36 annos quasi nada nos resta da boa alma que tinhamos quando poetas, entre os 20 e os 25. Por esse tempo desmanchou-se já o equilibrio de funcções estabelecido entre o Anjo e a Besta de que querem alguns philosophos que

(*) Ferreira de Araujo.

sejamos feitos. Escoucinhado pela brava alimaria, o pobre do cherubim symbolico espraiou as longas azas brancas e desferiu o vôo para além... levando consigo quasi toda a poesia do nosso coração.

Ficou a Besta.

Agora, adeus caraminholas!

Toda a questão reduz-se a ter a manjadoura fornida, seja qual fôr o officio ou arte de que nos sirvamos como instrumento para adquirir a forragem. Sob este aspecto, todos nós valemos uns pelos outros, desde o labrego vendilhão inculto e ganancioso, até o jornalista educado, opulento e *raffiné*. A fazenda é a mesma; o que varia são os padrões. Todos os que mercanciam, quer vendam cereaes, quer vendam ideas, pertencem pouco mais ou menos a uma *razão social*:

Somos todos um tanto quanto — negociantes. No fim de cada um dos nossos actos está o *vil metal, l'argent, aurum, cum quibus*, como lhe queriam chamar.

E' o espectaculo quotidiano da vida.

Apenas, deste grande mar da negociata universal, como do fundo de toda agua revolta, vem á tona um pouco de espuma alvadia, que o movimento excentrico d'agua vae afastando alli para o remanso fechado no semicirculo da alta baranca, á sombra de um ingazeiro florescido, ru-moroso de gorgeios.

Um pouco de espuma!...

No grande rio correntoso da vida são os poetas que vêm acima: — uns que não souberam ganhar, por terem vivido poetando — (pobre Va-

rella!...); outros que se põem contentes a poetar, depois de haverem ganho: — (parabens, José Telha!...)

E assim como, á sombra do ingazeiro sonoro do vozear da passarada, no quieto remanso d'agua, boiam as espumas numa grande fraternidade de cousas insensiveis; assim, á tonada vida, fraternisam os poetas na communhão dos mesmos ideaes e dos mesmos sentimentos.

Mas o que vêm a ser os sentimentos e os ideaes de um poeta?

Ou antes: — o que vem a ser um poeta?

Em these, poeta é qualquer sujeito que tenha « macaquinhas no sotão », quer escreva a sua poesia em prosa, quer formule-a em alexandrinos: pouco importa a prosodia. Basta que o sujeito sinta a lhe martellarem no miolo aquelas temerosas legiões de *blue-devils* de que estava interiormente povoado o craneo do *Stello* de Alfredo de Vigny.

Poetas!...

Um dos nossos inolvidados alojadores de « macaquinhas » — pobre creança-genio morta aos 22 annos! — perguntava pungentemente aos seu botões:

— « De que vale um poeta, um pobre louco,
Que leva os dias a sonhar, insano,
Amante de utopias e virtudes
E n'um tempo sem Deus — ainda crente ! »

Ao que lhe respondia a philosophica experientia da sua abotoadura:

— « Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canario de gaiola.

E' prazer de momento; é mero luxo!
Contente-se em traçar nas folhas brancas
D'algum album da moda umas quadriñhas...
Não faça appellações para o futuro...
Um poeta é um poeta,— apenas isso!
Procure para amar as poetisas...

Ahi está! comprehendoram?... Não. Nem eu.
Pois o poeta é isso; a menos que não queiramos
definil-o pathologicamente: — sujeito que tem ma-
caquinhas no sótão, — quer formule a sua poesia
em prosa, quer a cadencie no rythmo do verso
alexandrino.

Não estranheis, *José Telha*, que eu tome a
liberdade de vos chamar collega e ceda a este
impulso de sympathy pelo poeta que inclus dentro
do bojo de negociante.

São communicativos os vossos macaquinhas.
Alguns d'elles, de quando em quando, vêm.—
trazidos talvez nesse mysterioso vehiculo do ma-
gnetismo animal, — fazer uma visita aos habitantes
do meu sótão — os meus tristonhos *diabos azues*,
— tristes diabinhos, tão irrequietos, entretanto,
como os vossos macacos! Tambem é só no que
elles se parecem — na travessura.

Quanto ao mais, que diferença! Os vossos
macaquinhas — alegres, ruidosos, *viveurs*, poetando
por desfastio, como quem sinta por detraz, para
preparar-lhe o *far-niente* e suscitar-lhe inspirações,
um Potosi inexhaurivel — a *Marinoni* da razão
social ARAUJO & MENDES; ao passo que os meus
diabos azues vivem sob a urgencia dos cífrões,
mal alojados no cerebro de um poeta valetudinario,
que recalcitra até agora, apezar dos pezares,

em não reconhecer definitivamente a soberania d'aquelle outra grande razão social — o dinheiro, sob a sua mais insolente fórmula — o ordenado...

E' por isso talvez que o Zé da venda ali defronte, quando ha dias passados discutiamos hierarchias psychicas, teimando eu em demostrar-lhe que as profissões influem, como *meios* immediatos, sobre a manifestação dos caracteres, disse-me com certo ar de basofia que me deixou pensativo:

« Historias! Venha-me cá o senhor agora a fazer distincções entre vendilhões de cereaes e vendedores de ideias. Valemos todos uns pelos outros. O que varia são os padrões; a fazenda é a mesma! Deixe-se de poesias! *Cumquibus!* Eis o que é.»

Apezar de tudo, collega Telha, não dou razão ao vosso xará ali da venda defronte, não. Um poeta, e sois disso prova, ha de ser sempre um poeta, seja qual fôr a sotache mercantil de que ande debruado na vida. A *razão social* em que o poeta esteja mettido poderá ás vezes induzil-o a suppôr que todo o individuo que para elle trabalha é seu caixero, levando-o a proceder momentaneamente como o Zé da venda; mas supplantar-lhe definitivamente a delicadeza d'alma, nem a delicadeza do espirito, jámai.

Isto posto, sem amargura e sem resentimentos, os meus *diabos azuis* affectuosamente batem palmas ao talento dos vossos *macaquinhas*; nelles amando — uns admiraveis miniaturistas das bellas paysagens fluminenses; admirando a sagacidade com que desentranham a *philosophia*

contida nos pequeninos actos e acontecimentos; finalmente agradecendo-lhes, aos vossos macaquinhas-poetas, alguns deliciosos quartos d' hora passados a acompanhar-lhes as travessuras da phantasia, quando, por exemplo, elles põem-se a contar como é que uma moça romantica, que está lendo um livro de estylo dolente, deixa cahir uma flôr de jasmineiro, emmurchedida ao calor do seu seio, entre duas paginas cujas phrases respondem misteriosamente como um echo aos pensamentos que lhe tumultuam n'alma...





Emanuel e a Crítica

I

Estando confiada a crítica theatrical desta folha á superior competência de um velho mestre em materia de arte dramatica, são de todo individuaes os desautorizados juizos que nas seguintes linhas emitto, a propósito do artista inclito, que actualmente honra o palco do S. José.

Nada tenho a oppôr, antes, entusiasticamente subscrevo os encomios que todas as bocas e todas as pennas formulam em homenagem a Giovanni Emanuel; apenas, pois que a Crítica, no julgar este grande artista, exorbitou de suas funções, procurando, por meio de mal fundados confrontos, amesquinhar outras celebridades scenicas que, em tempo, tambem fizeram delirar de entusiasmo o nosso publico, accorro em prol dos saudosos ausentes.

Individuarei o juizo critico inserto no *Diário Mercantil* de 6 do andante, pois que elle dá em summa a opinião corrente na imprensa sobre o merito de Emanuel.

Ahi, a proposito da interpretação do Othelo, diz-se contradictando a opinião dos que entendem haver Emanuel attenuado a estatura dramatica do personagem shakespeareano:

«E Emanuel, o assombroso artista, o audaz revolucionario, que nos veiu mostrar o legitimo Othelo, o Othelo do poeta inglez, amesquinhou o papel, porque lhe deu uma interpretação humana!

Barbaros!

O que nos consola a nós, que te aplaudimos sincera e entusiasticamente, que te proclamamos o maior de quantos actores nos hão visitado, que assistimos, extaticos, aos teus trabalhos colossaes, em que a natureza e a verdade são escrupulosamente respeitadas, é a certeza de que a tua maneira, oh Emanuel, ha de triumphar!

Pergunto:

1.^o Qual o criterio que serviu de base á critica para afirmar que Emanuel veiu «mostrar-nos o legitimo Othelo, o Othelo do poeta inglez?»

2.^o Qual o estalão de que se serviu a mesma critica para poder opinar ácerca deste artista que — «é o maior de quantos actores nos hão visitado?»

Questiono o criterio e a autoridade de taes assertos, porque, embora firmados por um dos redactores da citada folha, parecem antes promanar de uma função jornalistica do que serem juizo individual do signatário delles.

Fracção infinitesima do Publico, cujo gosto se apura, se corrige e se educa sob a orientação dos seus directores legitimos — os órgãos da imprensa; julgo cumprir um dever de autonomia mental,

oppondo á autoridade do *magister* a divergencia e as repugnancias do meu gosto individual e do meu sentimento estheticó, todas as vezes que os possa abroquelar com os conceitos da Razão.

Antes de mais: — Que devemos entender por «mostrar o *legítimo* Othelo do poeta inglez»?

Por outra:

Deve o artista, adstringindo-se á exacta letra dos textos, pôr em scena um personagem servilmente calcado sobre a photographia que nos dá o autor do drama?

Ou, pelo contrario, cumpre-lhe, nesse trabalho de interpretação, fazer intervir a sua personalidade, o seu temperamento, deixando agir a *vis* creadora do seu engenho de conformidade com a sciencia individual que porventura possúa do coração humano?

Exemplificando: Rossi e Emanuel, ou quaesquer duas outras culminancias da arte dramatica, têm de interpretar Othelo. São dous artistas de talento, de estudo, conhecedores da scena, possuindo ambos o *physique du metier*, dotados ambos pela Natureza e pela arte de predicados igualmente effectivos. Um, surbordinando-se meticulosamente á letra do drama, procura, não accentuar o caracter do personagem com os elementos que a observação propria dos homens lhe ministrou; porém reproduzil-o com a mais escrupulosa fidelidade, tal como o texto da obra lh'o está mostrando.

O outro vê, atravez do personagem que o autor desenhou, a natureza humana qual elle proprio suprehendeu na observação directa da humana existencia; e então, ao typo fornecido pelo

dramaturgo acrescenta algo de seu — a originalidade da sua interpretação.

A qual dos dous indicados processos deve ter Emanuel recorrido para «mostrar-nos o legitimo Othelo do poeta inglez»?

Ao primeiro? Mas nesse caso a supremacia de um artista consistiria principalmente em saber adequar as attitudes, a mimica, o jogo physionomico, aos sentimentos expressos nas phrazes do texto, consoante o decorrer da acção dramatica.

Ao segundo? Mas então, deixando de *reproduzir*, para se dar ao superior esforço de *interpretar*, o artista hade por um trabalho de superfetação reconstruir sobre o typo concebido pelo dramaturgo um outro cuja concepção lhe seja individual, pessoal, vivificada pelo seu engenho.

Só quando um artista tem esta superior concepção do que seja a arte dramatica é que delle se pode afirmar: — *creou* tal personagem.

Ora, segundo a critica corrente, o que Emanuel fez foi apenas «mostrar-nos o legitimo Othelo de Shakespeare» — objectivo contestavel da arte de representar.

Outra questão:

Admittindo-se que Emanuel viesse dar-nos pela primeira vez um Othelo *legitimamente* shakespeareano, proponho ainda a seguinte duvida:

Será por sua vez o Othelo de Shakespeare a *legitima* realisaçao artistica, «a pintura fidelissima, real, verdadeira, humana» do ciume?

Estabeleçamos préviamente as bases da controvérsia; depois soccorrer-nos-emos da dialectica.

Entendo que Shakespeare interpretando a natureza humana para nella colligir os elementos com que *creou* o seu personagem, foi tão arbitrario, quanto o será o crititico que interpretar, segundo o seu temperamento artistico, o drama do genial inglez para sobre esse individual juizo dizer que Emanuel nos deu o legitimo Othelo.

E' obvio que os typos de Shakespeare, de Racine, Corneille, Hugo ou qualquer outro genio, não são *copias* de personagens *reales*; antes, puras idealisações obtidas pela inversão dos processos synchreticos no acto da criação de taes typos.

Em dramaturgia a genesis dos personagens obriga o autor, antes a um trabalho de eliminação do que de aggregação dos elementos fornecidos pela analyse e pela experientia. O poeta tem de ir eliminando, uma a uma, do personagem em cuja criação opéra, os attributos communs aos diversos modelos que lhe serviram de estudo, para só lhe deixar aquellas qualidades typicas que constituem a nota dominante em cada modelo. E' dessas qualidades culminantes nos individuos observados que o dramaturgo *cria o seu personagem*, enfeixando-as em um todo harmonico, sob a inspiração do seu temperamento artistico.

Faço-me intelligivel?

Talvez não, porque é da propria natureza da Critica a obscuridade; tendo essa difficil sciencia por fundamento o gosto, facultade mui complexa, variavel, quasi indefinivel.

Talvez com a seguinte imagem me torne menos obscuro: — Dizia, não me lembro que enge-

nhoso artista : Todo o blóco de marmore contém em si uma bella estatua; a arte do esculptor está apenas em ir desbastando na pedra todas as escrescencias que envolvem e occultam as formas dessa estatua.

Se isto é verdadeiro para a estatuaria, tambem o é para a poesia — drama ou tragedia. Eis ainda a diferença que separa uma obra d'arte de um relatorio de processo crime, cujo apanagio deve ser a exactidão.

D'onde concluo que nada ha de mais *ideal* do que os grandes typos creados pelo genio de um Shakespeare ou de um Hugo; embora a convenção costume denominar de *reales* aquellas idealisações.

Estabelecido isto, deduzo:

Se, tratando-se de uma obra litteraria, crear consiste, menos em *reproduzir* o que está no texto, do que em interpretar o espirito do autor, procurando no fundo do nosso proprio espirito, o necessario criterio, então Emanuel para ser um artista creador tem de applicar á interpretação de Shakespeare a mesma personalidade de que dá mostra Shakespeare na interpretação da natureza humana.

Eis o que Emanuel, á maneira de todos os grandes artistas, faz, vendo atravez do seu temperamento, segundo a formula de Zola, o personagem shakespeareano ; do mesmo modo que o dramaturgo inglez, na creaçao de Othelo, fez passar a natureza pelo cadinho do seu temperamento individual.

Não atino, pois, com a intenção elogiosa da phrase: «mostrar-nos o *legitimo* Othelo, dada a esse vocabulo a significação de *genuino*; assim como quem diz de uma cousa inconcussamente *authentica* — *legitimo* de Braga!

*
* *

Passo ao segundo ponto da minha contestação.

Diz a critica: «proclamamos-te o maior de quantos actores nos hão visitado.»

Deve o publico paulista as suas primeiras e mais fortes commoções estheticas ao involvendo Rossi, outro genio scenico, nada inferior, nem superior a Emanuel, mas differentemente constituido, *distintos* um d'outro.

Quando, pois, a critica me offerece este asserto:

«Os outros artistas que temos visto no *Othelo* faziam do protagonista uma fera rugidora e sanguisedenta; Emanuel faz um homem», eu teria de consideral-o juizo de abyssinio, se não o visse manar irresistivel de um espirito leal e sinceramente entusiasta de Emanuel.

Demais, quem me diz onde está a verdade, entre o fazer de Othelo «uma fera rugidora e sanguisedenta» ou de fazer «um homem»?

Qual a interpretação preferivel — a de Rossi ou a de Emanuel?

Para mim são igualmente *legítimas* tanto uma como outra, e a divergência se explica pela

diversa constituição artistica dos dous grandes tragicos.

E porque divergem? Exactamente porque ambos são artistas geniaes.

Só os mediocres, diz um critico, se confundem pela banalidade das feições. Quanto mais egregios são os artistas, mais é manifesta a divergencia que reciprocamente os distingue. As mesmas scenas reproduzidas por Leonardo de Vinci, por Delacroix, ou Ticiano, ou Rubens, ou Rembrandt, tomam aspectos tão diversos que a identidade do thema desapparece na diferença da concepção e da execução. Identico phenomeno se manifesta, sempre que do mesmo assumpto tractam Eschylo e Euripedes, Shakespeare e Racine, Gœthe e Corneille, Moliére e Aristophanes, etc.

Façam agora a applicação, *mutatis, mutandis*.

« Reparem, diz por ultimo a critica, que Shakespeare não quiz fazer um *heróe*, que Othelo não é um producto da phantasia, mas um producto da observação, um estudo psychologico tão profundo, tão exacto, tão minucioso e tão bello etc.»

Divirjo.

Quanto a mim, o que Shakespeare quiz fazer foi exactamente um *heróe*, o heróe do crime, — uma « fera rugidora e sanguisedenta », que por apaixonados zelos assassina a mulher.

Do contrario elle teria feito um Othelo amuado, requerendo divorcio perante o senado de Veneza, sob pretexto de infidelidade de Desdemona, e talvez até reclamando, como acontece

nos Estados Unidos, indemnisação pecuniária pelo ultrage á sua honra conjugal.

Pois não é assim ou mais pacatamente ainda que procederia um ciumento qualquer, *não heróe?*

Accresce attender a que Shakespeare foi escolher para personificação da mais violenta e mais fera paixão humana, não um europeu, de indole attenuada pelos attritos da civilisação; mas um homem de temperamento explosivo, compatriota do tigre-real e da panthera-negra, um mouro de natureza selvagem, cuja grande alma tivesse ambito bastante vasto para que nella podesse esbravejar livremente a tempestade das paixões.

Tal deve ser o legitimo Othelo, o Othelo da natureza: — «fera rugidora e sanguisedenta.»

Qual o efecto da paixão, senão o eclypse da Razão? Quanto mais violento por aquella, mais intensa deve ser a obscuridade do entendimento.

Num apaixonado typico, num Othelo que o ciume domina, o que resta do homem? Apenas a animalidade de uma fera que ruge e pede sangue!

Vejamos Shakespeare julgado por Victor Hugo:

«Que é Othelo? E' a noite! Enorme figura fatal! A noite enamorada do dia. A negridão ama a aurora. O africano adora a branca. Othelo tem por sua luz e loucura — Desdemona. E assim, como o ciume lhe é facil! Grande, austero, magestoso, elle domina todas as cabeças,

tem por cortejo a bravura, a batalha, o tamboer, o estandarte, a fama, a gloria, o esplendor de vinte victorias; tem uma corôa de estrellas este Othelo, mas elle é preto. E assim quão depressa o heróe é transformado em monstro pelo ciume! O preto torna-se negro. Quão depressa a noite trouxe apôs si a morte!»

Ahi está: «heróe transformado em monstro». Serve a autoridade do legendario Hugo?

Depois disto, qual é «o maior de quantos actores nos hão visitado?

Não sei responder, que para mim são igualmente *grandes*, embora diferentes — Emanuel e Rossi.

II

Honrou-me o *Diario Mercantil* com uma contestação ao artigo que, sob a epigraphe — *Emanuel e a Critica*, publiquei neste jornal, a 10 do corrente.

Vem a réplica em tão gracioso tom, (nem outra cousa eu podera esperar da cortezia daquelles collegas), que, mesmo roubando tempo a urgentes affazeres, aceito a controversia.

Qualifica o collega os conceitos por mim emitidos no citado artigo de «theoria originalissima mas absolutamente inaceitavel, sobre a interpretação dos personagens shakespeareanos e sobre a arte de representar.

Lisongeia-me, oppondo ao meu singular modo de ver, autorisadas opiniões dos «nossos mais

abalisados criticos theatraes», — como sejam os distinctos escriptores Filinto d'Almeida e Valentim Magalhães, *Nemo*, do *Jornal do Commercio*, e a critica impessoal do *Novidades*, *Gazeta de Notícias*, *Pais* e *Diario Illustrado*.

Quando individuei a critica do *Diario Mercantil*, fil-o porque ella representava a summa dos juizos externados pela imprensa fluminense e continuados pela paulistana, acerca de Emanuel; e me confirmam que erradamente não andei, as citações feitas pelo collega, em seu numero de domingo, ás quaes procurei oppôr a conveniente refutaçao.

*
* *

Mas antes disto, porque chama o collega de «originalissima porém inaceitavel theoria» aos meus juizos?

Summariando, eil-os, em rapida exposição:

Segundo a celebre formula zolaica, que synthetisa a theoria de Veron e não de todo se divorcia da de Taine «uma obra d'arte é um trecho da Natureza visto atravez de um temperamento.»

Consideremos *Cimourdain*, do *Noventa e tres*, *Othelo* de Shakespeare, duas obras primas de arte litteraria. Qual desses personagens é o «mais verdadeiro, o mais humano?»

Se me respondeis que *Othelo*, replicarei: — mas onde vistes na realidade um homem que servisse de modelo áquelle ciumento archetypo? Tão diferentes se patenteiam nos diversos individuos os effeitos do ciume apaixonado! O desembarga-

dor Visgueiro (é da chronica nacional), suspeitando da amante, furioso de zelos, traiçoeiramente apunhal-a; morde os seios do cadaver; fragmenta-o, e o mette por fin dentro de um bahú — para occultar o delicto. Entre os conjuges trahidos cujos casos a imprensa diariamente refere, uns matam o adulterio, outros, desesperados, suicidam-se; outros, finalmente, vão cuidar dos seus negocios.

Othelo, suspeitoso, estrangula Desdemona.
Onde está a verdade physiologica?

Se não está inteira em nenhum dos typos pela realidade á observação offerecidos, mas está um pouco em cada um delles; concluo, que *Othelo* é um personagem *ideal* concebido pelo cerebro do poeta inglez, uma obra d'arte tão *ficticia*, quanto o é uma estatua de Praxiteles ou uma tela de Miguel Angelo. Isto não obsta a que o poeta, o estatuario e o pintor se houvessem inspirado na Realidade.

O mesmo quanto a Victor Hugo. *Cimourdain* é por ventura um typo inverosimil? De nenhum modo. Apenas, é um personagem *heroico*, porque atravez do temperamento artistico de Hugo todos os objectos se nobilitavam, se engrandeciam; do mesmo modo que as paixões humanas assumiam uma extraordinaria intensidade dramatica vista atravez do fecundo espirito de Shakespeare.

Todo o artista de talento, se fôr sincero, ha de forçosamente dar-nos em suas obras a emoção pessoal, isto é, o seu modo de sentir a Natureza; não, apenas, uma cópia photographica da reali-

dade. Pois não tendes por incontestável que o que constitue o valor de uma obra d'arte é a personalidade que nella põe o artista?

Será este modo de avaliar as creações do espirito — «uma theoria originalissima mas inaceitável?»

* * *

Agora, digamos «sobre a arte de representar.»

O que está em meu artigo, inculpado de nebuloso, é, syntheticamente, isto:

Assim como Shakespeare não *copiou* da Realidade os seus personagens, mas *creou-o* em seu espirito, embora com os elementos fornecidos pela observação e pela experiência; assim Emanuel, assim Rossi, ou qualquer artista de genio, deve pôr em scena o personagem shakespeareano, não *servilmente*, tal qual o texto do drama o mostra; mas como elle artista sente e entende que esse personagem seria na Realidade, se real fosse.

Eis porque é impossivel que actores eminentes dêm interpretação *identica* ao mesmo personagem; a menos que não os imaginemos identicamente constituídos, no temperamento, no espirito, na educação, no sentimento estheticó.

Para estudar esta opinião citei conceitos de Veron: — Só os artistas mediocres se confundem pela banalidade das feições. Quanto mais egregios são elles, mais é manifesta a divergência que reciprocamente os distingue.

Será isto «uma theoria inaceitável sobre a arte de representar?»

Para evitar escusadas confusões, fique bem patente que em meu inculpado artigo, não contestei a excellencia de Emanuel; apenas neguei á critica o direito de consideral-o superior a Rossi, sob o fundamento de que este grande tragico dá uma interpretação romantica e convencional ao *Othelo* de Shakespeare.

Porque *romantica*? Ninguem poude ainda formular uma definição precisa da reacção litteraria conhecida por aquelle designativo, em vista das varias e, ás vezes, contraditorias modalidades, que successivamente a assignalaram; desde Schiller e os poetas da *Nova Alemanha* até Byron e Chateaubriand, e Hugo e Lamartine e Musset, que todos são escriptores *românticos*,

Será *convencional*? Já dei as razões por que em vez de considerar o *Othelo* um personagem «profundamente humano», dada a este termo a significação de *real*, o considero, pelo contrario, um typo *ideal*, representativo do ciume; mais «uma fera rugidora e sanguisedenta» do que um homem; e que, portanto, Rossi estava exactamente na verdade da arte de representar, interpretando, segundo este criterio, o personagem do poeta inglez.

*
* *

Analysarei agora os assertos, cuja divergencia com o meu modo de ver o assumpto foi assignalada pelo collega do *Mercantil* como poderoso argumento em pró do *soidisant* naturalismo no theatro.

Cito o topico caracteristico do *Jornal do Commercio*:

«Os artistas que precederam Emanuel interpretaram as personagens shakespeareanas *romanticamente*, porque por taes as consideravam. O grande actor italiano está, porém, convencido que ellas são ao contrario humanas e interpreta-as *humanamente*. Póde-se-lhe por acaso, negar esse direito, mórmente quando hoje é esta a maneira de pensar?»

Não aceito a posição estabelecida entre — personagens *romanticos* e — personagens *humanos*. *Othelo* é uma *ficção*, sem correspondencia na realidade objectiva; pura criação do espirito, tal como os personagens de Victor Hugo.

Entretanto, *Othelo* é um typo *verdadeiro*, porque as suas accções estão de conformidade com a sua paixão, e esta se manifesta segundo as leis phisiologicas no temperamento do sanguinario mouro.

Eis o que caracterisa a *humanidade* (se tanto querem) de *Othelo*: — a conformidade logica dos actos com o temperamento, em uma natureza selvagem e indomada.

Ora, Ernesto Rossi respeitou sempre escrupulosamente esta conformidade. Que justiça ha, pois, em dizer que elle interpretava *Othelo romanticamente*, tendo-se em vista amesquinhar a sua maneira, pelo contraste com o pretenso naturalismo de Emanuel?

*
* *

De Valentim Magalhães, tambem citado contradictor, copio este trecho, que é a justificação

do meu modo de apreciar o trabalho de Rossi no *Othelo*:

«A formula do theatro naturalista é, para Emilio Zola, a seguinte: — «O homem physiologico — psychologico, se o preferis — determinado pelos meios, estudado nas funcções totaes da vida; todo o interesse da peça concentrado na analyse dos caracteres, dos sentimentos e das paixões; a acção constituida por um facto apenas, unico e verdadeiro, produzido e soffrido pelos personagens, agitando a sua humanidade até á extrema conclusão logica».

Tendo até agora combatido o confronto que procuram estabelecer entre os dous grandes tragicos, com o fim de inferirem, das escolas que elles representam, a superioridade artistica de um sobre outro, o trecho de Valentim obriga-me a incorrer no mesmo delicto de lesa critica.

No final do drama, após a morte de Desdemona, quando, clareando-se a intriga, Yago é trazido á scena; Rossi-Othelo, com um pulo de leão, atirava-se, sobre o traidor, movido pelo impetuoso impulso de um odio subito e formidavel; ao passo que Emanuel-Othelo, depois de trejeitear agachado junto ao leito da sua victima, estorcendo-se em raiva, ao ver Yago, vae para elle num gesto sorrateiro, como que á traição, e o fere — de longe — com a ponta da espada.

Qual dos dous é, não direi mais *realista* ou mais *romantico*, porém mais physiologicamente verdadeiro? Qual daquelles movimentos guarda mais exacta conformidade com o temperamento explosivo do arrogante e nobre general?



Outra acção que Rossi, a meu ver, representava com muito mais naturalidade, era o suicidio. Emanuel arranca inopinadamente de um punhal, que traz occulto, e fere-se, com o movimento brusco de um desesperado vulgar; Rossi, ao contrario, num gesto amplo e magestoso, degola-se com o seu yatagan de combate, pondo, na solennidade desse movimento um desdem affrontoso pelos que o rodeiam, pelo mundo donde lhe fugiu a ventura da alma apaixonada.

Qual desses dous gestos é mais *naturalista*? Qual maior conformidade guarda com o caracter do extraordinario personagem shakespeareano?

Sirva-me a analyse destes pequenos detalhes para responder tambem a Filinto d'Almeida, cuja opinião, pelo collega do *Mercantil* citada, assim termina:

«O seu merito maior, o seu merito invidável está em ter levado a *Verdade* á arte de representar — unica onde este elemento essencial não tinha ainda conseguido penetrar. Salvini é um artista enorme: Rossi é um grande actor: Emanuel é um actor verdadeiro».

Ao finalisar, protesto de novo uma grande admiração por Giovanni Emanuel, assim como já confessei um grande entusiasmo a Ernesto Rossi.

Não os confrontarei, senão para os proclamar a ambos igualmente egregios, representantes embora de processos e theorias artisticas diferentes.

Agosto de 87.



Raymundo Corrêa

VERSONS E VERSÕES

«.... mas para logo destaca-se uma nítida certeza: — que se acabou de ler um livro finissimo de um profundo e luminoso poeta »... São phrazes d'outro cantor de illuminada mente, Lucio de Mendonça, theorista, desde academico, da absoluta independencia da arte com relação á Moral.

(Lucio foi quem primeiro entre nós, e por esta folha, propoz, para a esthetica da linguagem rhythmica, o lemma arvorado em mandamento pelo *parnazianismo* francez — a Arte pela Arte).

Dahi o sentir-se elle ferido do religioso assombro no percurso deste maravilhoso Alhambra da poesia brasileira — os *Versos e Versões*.

Quanto a mim, quasi identica impressão á confessada pelo poeta das *Alvoradas* causou-me a leitura dos versos de Raymundo, com esta diferença: que eu diria, para mais exactamente pintar a *nuance* do meu sentimento: — «... livro profundo e luminoso de um finissimo artista ».



Em Raymundo, mais vezes do que vão juntos, o artista supplanta o poeta.

Quando este, não raro, deserta do sanctuario onde perenne devera arder o sagrado fogo da inspiração, toma-lhe o lugar o primoroso artifice do verso, manejando com inexcedivel habilidade na paciente execução de rendilhados poemas — « pincel, lapis, buril, cinzel e pennas. »

D'ora avante não precisaremos, os poetas brasileiros, de ir á outra banda do Atlântico estudar na poesia de Junqueiro modelos de impercavel fórmula; nos *Versos e Versões* deu-nos Raymundo das mais brilhantes, mais bellas e mais insolitas combinações rhythmicas.

Se, como poeta, ninguem artista como Raymundo; como artista da palavra, nenhum outro, quiçá, depois do seu recente livro, o avantaje, entre quantos escrevem portuguez, no poder expressivo da linguagem.

Pena é que o poeta desdenhe para o serviço da natureza patria aquelle peregrino attributo do seu talento; senão, de que magnificas telas se opulentaria a nossa litteratura tão pobre de originalidade!

Para vir o exemplo immediatamente após a allegação, transcrevo do soneto *A Tasca* estes versos de um pittoresco admirável:

Dentro, na esconsa mesa onde fervia
Fulvo enxame de moscas sussurrantes,
Num raio escasso e tremulo do dia
Espanejando as azas faiscantes,

Vi-o: — bebado estava e inebriantes
E capitosos vinhos mais bebia,
E em tedio, como os fartos rumiantes,
A larga bocca estupido movia...

Naquelles quatro primeiros versos não ha uma só palavra cuja ausencia ou substituição não prejudicasse a pintura, com tal unidade está ella executada, e tal acerto de tons: não só dos imitativos — fervia fulvo enxame de moscas sussurrantes, — como dos representativos — espanejando as azas fiscantes, num raio escasso e tremulo do dia. E nos dois ultimos versos do segundo quarteto, com que arte sobria o poeta retrata o ebrio bocejando, tedioso e estupido, como os fartos ruminantes!

Não são estes exemplos raros, antes d'outros e talvez mais probantes, vem cheio o livro, que tornam a escolha difficultil.

Aqui estão quatro versos que accumulam muita belleza descriptiva; fallam de um sahimento funebre:

« E, pesada, ao ranger da mola ferrugenta,
A sege, que se leva, ha de rodar, tirada
Por maus cavallos, brusca, aos solavancos, Jenta,
Merosa pela estrada. »

E esta inegualavel onomatopeia:

« E cada pá de terra, a detonar, retumba
Da tumba sobre a tampa. »

E estes bellos tercetos:

« Déssas manhans, ironica e funesta,
Flores da juventude e da alegria
Tu semeaste, entre as risonhas galas;

« Mas do vento, que, na harpa da floresta,
Quia e soluça antes do fim do dia,
Veiu o primeiro sopro desfolhal-as... »

De bellezas semelhantes poderia vir aqui, longa enumeração, que dellas está incôdo em



cada pagina o livro de Raymundo; bastam, porém, as citadas para caracterisar o extraordinario poder de expressão deste poeta.

Admiro por igual, tanto as *Versões* como os *Versos*. Valem pelos melhores originaes do livro aquellas imitações, traducções, paraphrases, nas quaes Raymundo consegue, mais de uma vez, estar acima de modelos, pela arte com que apropriou alheios pensamentos, dando-lhes, entretanto, brilhante relevo na vigorosa orquestração dos seus versos.

Essas *versões* (de Hugo, Richepin, Leconte de Lisle, Rollinat, Gautier, Catule Mendés, Co-pée), não trepido em confessar, após confronto, que muitas dellas tenho por superiores em belleza aos respectivos originaes.

Sem duvida preferível seria que Raymundo em vez de, por exemplo, copiar o bello quadro africano de Leconte de Lisle — *A panthera negra* — nos desse pinturas brasileiras.

... Uma restinga de matto, á beira da lagôa, e, circumfazendo, a perder de vista, campinas verdejantes de macega tenra. Ao longe passam gauchos, á desfilada. Vem vindo o gado sedento ao bebedouro. Do arvoredo umbroso, cauto espreitando, um tigre faminto surge... Subitamente, de um salto, eil-o que prêa uma nedia novilha mosqueada; foge disperso o gado temeroso, e, a fera rugindo crava as garras na tremente petrina da rez presa. Pelos ares, grasnando, vão-se as aves palustres fugitivas; e ao sylvestre esconde-rijo, lentamente, o tigre saciado volta... Entretanto,

pouco a pouco, o sertão immenso se despovôa e silencia...

Como isto seria bello pintado por um artista de raça como Raymundo, com o colorido tropical de sua palheta opulenta de tons quentes!



Dir-me-ão que o juiz de Vassouras não é atreito a palmilhar sertões nem gostaria de enfrentar com feras bravas, elle o poeta nervoso e delicado que tanto praz-se no doce convívio de Musas, *sub tegmine fagi*.

Mas ainda assim, si aquelle primoroso artista só contempla a Natureza agreste através do prisma da phantasia, no aconchego do gabinete; porque não pousa os olhos do espirito sobre céos e terras do Brazil, em vez de andar perlustrando continentes e horizontes longinquos?



Resumindo-me: Raymundo Corrêa é antes um artista sabio do que um poeta inspirado. Os seus versos contêm mais idéas do que sentimentos. Um pouco subjective, raro nos mostra a alma delicada, e as doces emoções que a agitam. Aquelle admiravel soneto das *Symphonias*—*Mal secreto*—tem, todavia, mais de um echo no recente livro de Raymundo: *Renascimento* é um delles.

Variando surprehendentemente a estructura, tambem varia o poeta a substancia dos seus poemas.



Na ponta de uma flecha é um exemplo de graça e mimo madrigalesco.

Lodo e estrelas são versos superiores a toda a apreciação, pelas pinturas que encerram.

E como esses, muitos, muitos, muitos.

Mas quando o poeta predomina sobre o artista, é então que mais admiro Raymundo.

Indico entre outros os «*Versos á memória de Arthur Barreiros*» e os *Sobre a morte de Hugo Leal*» sendo os primeiros insolitamente metrificados, além de profundamente meditados. Haverá algures mais perfeita descrição do Poeta do que a contida nestes versos?

Este a que o mundo olhar e ouvido
Tapa e detesta
Que falla á turba e é sempre desta
Incomprehendido
Ante ella, a frente, onde lhe brilha
Rutilo estêmina,
Digno de regio e aureo diadema,
Jamais humilha.
Se a esponja esgota, em sorvos lentos,
Que o humor amargo
Abeberou, do oceano largo
Dos soffrimentos;
Tambem um sacro fetichismo
O alenta, e, errante
De sonho em sonho, eil-o em constante
Somnambulismo.

*
* *

O veio donde promana abundante a poesia de Raymundo não se exaurirá tão cedo, porque este artista do verso mais pensa do que sente. Auguro-lhe outros estadios cada vez mais approximados do supremo Ideal.

A arte é a sua religião, e elle ha de chegar á phase da adoração extatica. Nesse tempo dar-nos-á a obra prima da poesia brazileira.

Entrementes, vae cada vez mais se incompatibilizando com o vulgo, e distanciando-se do aplauso das turbas.

Nunca será poeta popular. Raymundo é um artista para ser lido por athenienses.

Junho de 87.





Almeida Junior

OS CAPIPIRAS NEGACEANDO

Legítimos orgulhos para S. Paulo os seus dous notáveis artistas — Carlos Gomes, campineiro, e Almeida Junior, ytuano.

Voluntariamente expatriado aquelle, exul da Arte e por amor da Arte, tão enamorado parece da amoravel patria de todas as tradicções artísticas, que da terra natal apenas guarda, dissereis, a pelle acobreada e a leonina cabelleira de mes-tíco, revolta, longa, á romantica.

Pressuroso, de quando em quando, por estas plagas surde, entre o clamor das ovações; deixa-se um pouco admirar, o tempo preciso para pôr em moeda os aplausos indigenas: subito prôa ao sul !.

Mar em fóra, singra rapido o navio, a cuja amurada chegando-se para o derradeiro adeus, elle envia ás longinquas montanhas desta patria inartistica o seu bocejo nostalgitico de emigrado romano.

E' que mais do que as da terra brasileira o sentimento esthetic lhe excitam e ao coração lhe fallam as harmonias resonantes na mòrna atmosphera amorosa da sua bella Italia.

Não assim Almeida Junior.

Ethnica e psychicamente é um genuino paulista, ytuano sem jaça.

Retraido do bulicio, scismador, contemplativo, ama os sitios sylvestres, os vagos rumores da matta solitaria; praz-se na doce penumbra das clareiras, na contemplação dos aspectos idyllicos ou grandiosos da natureza: — é a rediviva alma do bandeirante, cambiada a rude ambição das riquezas pela delicada aspiração do goso esthetic.

Feições accentuadas, a que a extrema e energica mobilidade dos musculos dá uma original expressão intelligente: negros cabellos unctuosos e corredios; olhos pardos brilhantes; pelle morena, firme, lucente; barba escassa, estatura meia, attitudes curvilineas, marcha ondulante e rythmada: — na sympathica figura de Almeida Junior parecem fundidos em natural harmonia e definitivo equilibrio os multiplos elementos ethnics, que concorreram para a constituição da nossa raça.

Tendo vivido em Paris, na intima e longa convivencia da bohemia artistica a flôr da sua mocidade, entretanto, voltou como fôra — simples rapaz ytuano. Nem o diuturno attricto dos *rapins*, nem as suggestões de *atelier* lhe temperaram o indolente sangue creoulo com o vivo cruor gauzel estimulado a flores de mostarda, espuma de champagne e theorias de esthetica revolucionaria

A voz cantada, melodiosa e dolente tão caracteristica na população do interior paulista; a sua prosodia ingenuamente incorrecta; a phrase ellyptica, de estructura primitiva, expontanea, sem nenhuma arte, fortemente illustrada pelo gesto copioso, franco e expressivo: tal é Almeida Junior, debuxadas a largos traços as linhas geraes do seu temperamento creoulo suprehendido em flagrante nas intimidades do *atelier*, muitas vezes durante a hora da inspiração; quando vindo-lhe a alma á flor dos olhos, todo nelle se anima de captivante expressão o pittoresco typo da bella raça paulista.

Tal constituição physio-psychica robustecida pela educação technica, devia naturalmente fazer de Almeida Junior o creador da pintura nacional, e fê-lo, porventura.

A inspiração artistica brasileira não está, pelo menos não a sinto eu, nem na *Batalha dos Guararapes*, nem na *Batalha de Campo Grande*, nem na *Primeira Missa*, nenhuma das telas que ornam as galerias da nossa Academia de Bellas Artes; tão pouco transparece na grande tela de Pedro Americo — *O grito do Ypiranga*, a julgar pela mediocre idéia que da pintura dão as photographias que a reproduziram.

A *Batalha dos Guararapes* não tem cõr local, tem cõr de tijolo; a *Batalha de Campo Grande* é um quadro aulico, parecendo haver sido principalmente feito para por em evidencia a figura do principe-commandante.

Os quadros de batalhas são em geral inca-

racteristicos, e para o sentimento esthetico de um povo pacato e bucolico como o nesso, absolutamente inexpressivos.

Quanto ao *indianismo*, quer na pintura, quer na litteratura só excepcionalmente pôde ser fonte inspiradora a que vá beber a Arte nacional: é um grande elemento de pittoresco, nada mais. O *bugre* puro, seja Pery ou Iracema, Y-Juca-Pirama ou Moema, está completamente fóra da vida nacional; o brasileiro é o caipira e o gaúcho, ao sul, o tapuia, o caburé, ao norte, por toda a parte o mulato, com variadissima dosagem de sangue africano; e tambem o branco oriundo de lusos, mas *abrazileirado* por multiplas influencias mesologicas, no transcurso do sangue europeu atravez de tres ou quatro gerações.

Despresar estes elementos ethnicos, sahir do meio em que elles proliferam, agindo e reagindo reciprocamente uns sobre os outros para a definitiva constituição da raça brasileira, será fazer arte cosmopolita, mas é tambem desertar do dever que a todo o artista impõe o sentimento da nacionalidade; de uma nacionalidade, maxime, como a nossa, ainda na elaboração da sua autonomia mental, vivendo do parasitismo litterario e do parasitismo artistico, pelo desamor dos seus homens de talento.

Que significa, por exemplo, o *Christo e a Adultera*, de Bernardelli?

Que temos nós com isso, para que o primeiro dos nossos escultores que pudera petrificar naquelle bloco de marmore um momento da vida

brazileira, retroverta o seu espirito a dezenove seculos atraz, para eternisar na obra-prima do seu escopro uma falsa these de moral sentimental, repugnante *quand même* á consciencia moderna, apesar da santidade de Jesus e do talento de Dumas Filho?!

E' a salutar reacção contra a arte de arremedo estrangeiro que eu principalmente vejo, amo e proclamo na grande tela de Almeida Junior — os CAIPIRAS NEGACEANDO.

E' a aurora da *sinceridade* na pintura brazileira; uma insurreição contra o velho potro da Renascença sobre o qual a obsoleta esthetic de Platão martyrisou por tanto tempo o talento, sopitando na alma do artista a *vis* creadora da exponaneidade, infligindo-lhe a atrophiante disciplina da imitação classica, accenando-lhe para além de toda a realidade o phantasma intangivel do *Bello* ideal.

*
* *

Nunca tão verdadeiro me pareceu, como perante o novo quadro de Almeida Junior, este aphorismo da esthetic contemporanea: «O gozo artistico é uma alegria admirativa».

Original de concepção, magistralmente executado, admiro naquelle painel o extraordinario poder de talento, a somma enorme de trabalho consciencioso, pertinaz, paciente, que elle representa.

Se toda a obra d'arte tem por fim transvazar da alma do artista para a do seu semelhante uma

emoção, e se a emoção communicada dá a medida do valor da obra d'arte; eu posso então dizer, com a alma commovida e vibrante: — Eis alli um verdadeiro artista! Alli está uma obra-prima!

Conheço-a desde quando na tela virginal ainda se esboçavam em traços indecisos os contornos daquelles dous *caipiras*, e os lineamentos geraes do trecho de matto em que elles estão. Acompanhei-lhe curiosamente a delicada genesis: vi surgirem *do nada*, pela omnipotencia creadora do pintor, os vultos dos caçadores, pouco a pouco; a principio monstrêngos amorphos, depois, *fazendo-se à luz* á voz do artista, iam-se-lhes delineando os membros, salientando-se as feições, brilhando os olhos, fallando os traços, até a extraordinaria expressão de vida nelles agora patente com tal relevo que cada vez mais me admirro e me commovo ao contemplal-os.

Agora, era a vegetação que brotava pujante do humus, a peroba que se erigia e avultava no fundo do quadro, os cipós a se estortegarem enlaçando as arvores; depois o lenho morto sobre que verdecia a bromelia; eram os lichens e os musgos de um verde tenro e humido, toda a miúda vegetação parasitaria que avelluda as nossas mattas.

Por ultimo, o ar que se animava e se movia, a luz do alto céo que permeava a ramagem, iluminando a clareira, luz doce e irisada de um dia primaveril: — era a vida, enfim, que enchia a tela inteira transformada pela illusão da perspectiva num recanto de matto-virgem, tão fielmente

representado que chega a dar-nos a flagrante impressão da realidade.

O que principalmente impressiona nos *Caípiras negaceando* é a revelação de uma indole artística até agora a meio sopitada pelas tradições académicas, mas que subito se afirma de um modo definitivo e magistral numa obra de larga inspiração e largo folego; quebrando todos os liames que lhe impêciam a livre expansão da originalidade, desopprimindo-se de todos os constrangimentos do tradicionalismo de escolas.

Attribuí este facto ao isolamento artístico em que Almeida Junior tem vivido nestes últimos seis annos.

Durante esse período, em frequentes incursões pelo interior, no contacto íntimo da Terra, sob os sombrios mattos, caçando; ora mergulhado na vasta luz da campina, olhando ao longe, imbebendo na retina a deslumbrante claridade dos descampados, ao sol; ora extáctico ante uma maravilha da terra, — o Salto de Itú ou de Piracicaba; — sentindo a commoção immediata da Natureza; retemperando as forças ingenitas d'alma; suscitada a inspiração por todos estes poderosos estímulos: — eis como Almeida Junior, discípulo de Victor Meirelles e de Cabanel, pôde, apesar delles, conceber e executar essa obra-prima toda palpitante da originalidade do seu talento — os *CAIPIRAS NEGACEANDO*.





Alexandre Levy

Hontem o Snr. Levy, pae, tomou-me confidencialmente de parte e, abrindo uma graciosa excepção aos habitos do seu commercio, offereceu-me do vasto repositorio de musicas de toda sorte e de todos os autores que accumulou na sua loja, duas composições recem-nadas do joven Alexandre Levy.

— *Este é compositions do Alesssâanddre; muito bonito! muito bonito!* disse com a voz tremula: *este foi muito gabado em Buenos-Ayres.*

— E' bonito? Pôde-se ouvir?

— *Oh! non fasse idéa, masse o senhor non entende: é mussica clásique, uma valsa caprice no estile de....*

E pronunciou um nome qualquer que supponho ter sido Mendelssohn, se não foi João de Barros ou Curvo Semedo.

Não pude ouvir distinctamente quem era o classico a que se referia o meu interlocutor, pois nesse instante o joven Alexandre sentara-se ao piano e soletrava um preludio delicadíssimo.



Approximei-me a ver se realmente aquillo fôra escripto no castiço estylo de Semedo ou de João de Barros; qual, porém, a minha surpreza quando a musica sahiu-me intelligivel e clara mas elegante e suavissima, puro Chopin!

E ouvi todas aquellas 14 paginas da *Valse Caprice*, escriptas em linguagem ligeira, quando pensava encontrar pelo menos uma vez a phrase «em o qual tempo El-Rei Nosso Senhor...»

Se me agradou a musica é que realmente nada entendo de classicismo; portanto, faça o leitor como eu: ouça e guarde para si o seu juizo; porque, se arrisca uma opinião, está ahi o pae do joven compositor para dizer-lhe:—« o senhor non entende, iste é classique».

Não estando autorizado a fallar da musica pelas impressões que della guardo, não podendo distinguir se foi inspirada no citado Curvo ou no dito Barros, quero, entretanto, saudar o precoce talento musical do maestrino de 17 annos.

Alexandre é irmão de sangue e de temperamento artistico do *Nhônho Levy*, esse outro rapaz que todos conhecemos de tel-o ouvido em varios concertos, esguio como um arco de violino, perfilado como uma nota de musica, agil e vivo como um *allegro* de Tito-Mattei.

Acolho com affecto os bemóes e os sustenidos do imberbe compositor brazileiro e, não podendo dizer do estylo, digo da melodia; a musica de Alexandre Levy é bellissima.

Toda a musica é bella, mas a bella musica o é mais do que qualquer outra.

Nos *Nocturnos* de Alexandre, deixem-me chamar-los assim, elle chama-os *improvisations*, ha grande suavidade, bellos effeitos melodicos; — não o effeito brilhante da matinada, mas o que produziriam dous ou tres sabiás entre-gorgeando ao longe, em surdina, na espessura de velhas arvores, por um entardecer de primavera quente e luminoso....

Porque ha na musica, não só a harmonia das notas, mas a das tintas, das linhas dos aromas.

Toda a musica tem som, côr, fórmula e cheiro.

Um toque de alvorada é côr de prata transparente, com laivos auri-rosados e algum anil nos contornos. Cheira a séaras florescidas.

— Um Hymno Marcial tem estouros de bombardas e estrallada de mosquetaria, scintilações de baionetas polidas, de galões doirados, de arnezes reluzentes. Sente-se nelle o cheiro de sangue tepido, a fumaça de polvora e o resfolego dos ginetes de guerra.

— Das Marchas Funebres exhala-se um forte odor de cêra de egreja e de pannos mortuários.— São côr de faces cadavericas.

— Lundú Bahiano tem a humida negrura dos olhos creoulos e o aroma da manga: a sua cadencia lasciva faz pensar nos lineamentos ondulantes das espaduas morenas e nos passos vagarosos por uma sombria alameda de mangueiras.

— Ha Nocturnos que dão a sensação tactil do velludo e tem a côr e o perfume dos pecegos maduros.

As tres *improvisações* de Alexandre Levy, são cõr de aguas dormentes e cheiram a flores e fructas do matto.

Basta ouvir-lhes os titulos, — *Romance sans paroles*, *A la Hongroise*, *Pensée fugitive*, não vos parece estar ouvindo marullhar um corrego bordado de espinheiros florescidos?

E' facto de commum observação que quando alguma musica nos eleva, dilatam-se-nos involuntariamente as narinas, como quando aspiramos a viração perfumada que vem de um laranjal em flor.

Porque? porque não é apenas o som que se propaga em ondas sonoras, mas tambem o aroma da musica que se exhala em subtil eluvio e nos vem afagar o olfacto.

Quem ha, dos que neste instante me leem, enamorado agora ou que já o fosse um dia, tão insensivel que não guarde n'alma o perfume de um recitativo, á cuja cadencia o meu leitor, agora ou no passado, disse em tremula voz velada de confidencia :

«Ai! se eu te visse no calor da sêsta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaldas tuas!...»

Não vos ficou a alma saturada do aroma desse recitativo, aroma de teclados novos, de pulseiras de sandalo, de mãos ungidas com creme de amendoas.... e esse outro aroma indifinivel do pequeno lenço de rendas que ali descansava sobre o piano como um froco de espuma per-

fumosa, enquanto ieis dizendo com a voz cheia de confidencias:

« Ai ! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla a protestar baixinho,
Vermelha bocca soluçando um beijo ! .. »

E interrompeu-se de repente o piano...





Assis Brazil

O Sr. Assis Brazil é uma das minhas idólatrias.

Com 25 annos apenas, na idade em que geralmente os rapazes brasileiros julgam-se ainda em plena infancia, cobertos com a irresponsabilidade dos annos juvenis, aquelle moço affirma a virilidade do seu espirito em livros que honrariam os velhos annos de um homem de estudo.

Elle nem é meu amigo, nem é meu correligionario politico, de modo que nem o meu entusiasmo pôde ser acoimado de suspeito, nem o meu aplauso significa uma adhesão; mas louval-o como um exemplo a seguir pelos seus collegas de idade, phantasistas e ociosos, julgo dever fazel-o, e tenho nisso o prazer que sempre me causam as occasões de exaltar o merecimento de alguem.

As idéas, penso, devem ser servidas por soldados disciplinados, e o sr. Assis Brazil me parece um desses.

Noto que a disciplina não exclue o entusiasmo e que o combatente, no campo de batalha

como no das idéas, deve alliar à exaltação do sentimento com o exacto conhecimento da arte da guerra.

Os franco-atiradores francezes podem ser uns heroes epicos, mas não são soldados que se opponham á inquebrantavel serenidade do prusiano que não marcha com o patriotismo exacerbado, e vae indo na linha do pelotão, direito a Paris, sem voltar a cabeça para o tiro que parte da rama das arvores, sem quebrar, nas surpresas das emboscadas, a linha recta da fileira.

Assim, enquanto os seus companheiros de idade e de crenças quebrantam o animo nas pequenas escaramuças do jornalismo academicó, ou chocalam os seus entusiasmos entre as *chapas* da velha rhetorica das opas de formatura, sedições, sonoras e insignificantes, o sr. Assis Brazil é pela *federacão das provincias brasileiras*, publica a «*República Federal*», expõe, discute, defende, e justifica o seu ideal politico durante 300 paginas, que não se distrahem pelo caminho em atirar aleives e apódos á Monarchia e aos Monarchistas, e marcham direito — a Paris.

Isto não o impede de ser um entusiasta e de apostrophar a Republica, chamando-a de «amazona intrepida, de pomba branca e de sant'elmo»:

«E's a amazona intrepida e orgulhosa,
Que vejo atravessar no meu futuro,
Como um clarão de estrella luminosa
Naquelle campo escuro.

Pomba de paz, de amor e de cuidado,
Que o pranto do prazer no peito estanca,
Sinto o bater sonoro e compassado
Das tuas azas brancas !

E outras amenidades que um moço pôde tirar da effervescencia do seu coração para depol-as aos pés do *eterno feminino*, seja elle embora symbolizado na Republica.

Além de poeta, o sr. Assis Brazil é tribuno, e os seus discursos, comquanto fastidiosos ás vezes, por lhe faltar os *dotes physicos* de orador, (entre outros a voz que é monotonia, plangente, em tom de *de profundis*,) — os seus discursos, digo, muito applaudidos nas tribunas das conferencias, revelam estudo, meditação, e raro resvalam para as objurgatorias safadas, procurando antes persuadir e convencer com argumentos e razões.

Elle jámais commetteu, que o saibamos, os dislates que sóem lentejoular *o verbo da rapaziada* em estouros destes: — «a infame Monarchia, os infames Braganças! a hydra! a serpente!» e outras *chapas* já de ha muito oxidadas pelos perdigotos dos Dantons e dos Vergniauds imberbes e desfructaveis, que desmoralisam as theses dos seus discursos, embrulhando-as em brados de uma indignação faceciosa, em vez de sustental-as simplesmente com idéas.

E' por isso que os missionarios como o sr. Assis Brazil podem fazer cathecumenos entre o gentio monarchico, ao passo que os da outra especie, da especie *bomba*, só fazem — rir, ou bocejar de tedio.

Taes são as sensações que experimento sempre que uma circumstancia qualquer me colloca na posição de ouvinte, e desta minha incorrigivel fragilidade muita gente conheço que participa.

O sr. Assis Brazil justifica os elogios que lhe faço tendo aproveitado os vagares dos seus estudos academicos em expender as suas idéas na tribuna, em patenteiar os lances do seu entusiasmo em bellas poesias, e em publicar um livro de propaganda politica.

Agora apparece desse moço trabalhador um novo livro, a — *Historia da Republica Rio-Grandense*, e eu me alegro em louvar o brasileiro, que faz uma honrosa excepção á inercia dos seus patricios e aos habitos da juventude do seu paiz.

*
* *

Como estas linhas não pretendem ser um juizo critico, mas são simplesmente a impressão de uma leitura, distingo no livro do snr. Assis Brazil duas partes, uma, a primeira, em que está a individualidade litteraria do autor, outra que se occupa da narração historica, firmando-se em documentos escriptos contemporaneos da revolução rio-grandense de 1835, ou em informações verbaes e manuscriptos particulares coevos do successo historiado.

A primeira comprehende os dous capítulos epigraphados — «As causas» — «O momento.»

O capitulo que abre o livro, além do interesse litterario constante de bellissimas descrições do typo popular gaúcho, dos aspectos da natureza, dos habitos e costumes da população indigena; encerra ainda boa cópia de informações instructivas sobre a geographia e ethnographia da província.

A constituição originaria do povo, que o autor considera immaculado da mestiçagem com o indio e com o negro, dá-a como resultado quasi exclusivo do cruzamento entre açorianos, hespanhoes, mineiros e paulistas do accentuado typo caipira.

E' preciso ler aquellas bellas paginas descriptivas para ver que largo folego de patriotismo por elles perpassa.

O sr. Assis Brazil fazendo derivar o typo do rio-grandense actual do cruzamento de fortes raças, cujos productos posteriormente mais se accentuaram pela vida original do campo, pelo aspecto do solo largamente aberto aos bravos e asperos ventos, pela alimentação simples e substancial, praz-se em pintar o gaúcho independente das cochilhas, fortalecido pelo *churrasco* e depurado pelo *chimarrão* para oppol-o ao nortista «devorador de farinha de pão, e de acepipes irritantes.»

Está alli o poeta, encarnado no typo popular da sua província. Os seus periodos onomatopicos fazem-nos ouvir o tropeçar da tropilha pontilhado pelo tinir do sincerro da egua *madrinha*, a galope, cochilha em fóra, pelas amplidões do campo verde.

Páro aqui de repente, porque me falta o espaço, e detenho a pena que ia á desfilada por este plaino branco, como o gaúcho abanca o seu bagual velocissimo, quando subito o chão lhe foge no fundo abyssmo da bossoróca.



O sr. Assis Brazil não precisa do meu elogio para lhe augmentar o renome; entretanto, ser-lhe-á porventura agradavel a saudação de um entusiasta do seu talento e do seu amor ao trabalho.





Amaro da Trindade

Se este artista em vez de ter nascido em Santos tivesse visto a luz do dia em um paiz da Europa ou da America do Norte, em algum canto da França, da Allemanha, da Italia, da Grande União, em qualquer parte enfim que não fosse uma das vinte estrellas da constellação do Imperio do Cruzeiro, estaria a esta hora em peregrinação artística pelo mundo civilisado, falso de dinheiro, proclamado pela Fama, conhecido, aplaudido, feliz.

Se elle, cansado de viajar por Secca e Meka aportasse ás plagas *du pays des botucudos*, a Santos, sua patria natal, como haviam, de adulal-o a imprensa, de attrahil-o os salões da sociedade fina, de admiral-o todos, de proclaimal-o um insigne artista.

Mas Amaro da Trindade veio ao mundo no paiz mais indiferente do mundo aos méritos, ao talento artistico de seus filhos; nasceu em Santos e todos se deixaram ficar quietos nos panegyricos do *Flos-Sanctorum*, e nenhum delles

tomou sob sua égide protectora a fortuna do artista brazileiro; por isso o sympathico *virtuoso* vive numa obscuridade relativa, desconhecido de quasi todos, admirado, querido, testejado por poucos, mas estes, seus verdadeiros admiradores e amigos.

Amaro da Trindade é um musico habillissimo. De quantos temos ouvido, mestres em diversos instrumentos, a nenhum delles, na sua especialidade, pode considerar-se inferior o artista brazileiro.

Amaro da Trindade é o que em gíria de amadores masculinos se chama um *Thebas*.

Um *thebas* não é simplesmente um habil musico, mas um verdadeiro artista pelo sentimento da harmonia, um *bom rapaz*, pela jovialidade do genio, «um companheirão para o que der e vier».

Um *thebas* é o companheiro de serenatas, a alma do pequeno nucleo de artistas que, — *cidadãos respeitaveis* durante o dia —, transformam-se em noites de luar nesses rouxinóes vagabundos que andam a perturbar o sonno dos arrabaldes com as suas cavatinas *au clair de la lune*, nas horas mortas em que dormitam os urbanos *encostados aos frades* das esquinas e uivam os filas vigilantes nas silenciosas sombras das chacaras.

Thebas foi o Venancio, o ultra-violonista de S. Paulo, que seguiu para Londres como creado e quasi amigo de um engenheiro inglez e por lá anda ha uns 10 annos enamorado das louras miss, envolto num véo aéreo de harmonias, na suave cadencia de uma valsa em *lil-maior*.

Venancio, quando pontilhava no velho violão dulcificado por uma longa convivencia com o artista, a sua *predilecta*, — o LANSQUENET, esquecia-se de si, dos outros, perdia a noção da realidade, para só abraçar-se amorosamente ao seu *inseparável*, que gemia ou gritava, uivando de colera ou rindo de prazer, fazendo ranger o bordão metálico ou gargalhar a *prima* numa risada estri-dente, de commoção nervosa.

Hoje aquella alma, francamente tropical, apaixonada e candida, deve se ter congelado sob o pesado véo de gelo pulverulento, em plena insipidez londrina; e chora, talvez nostalгиco, saudades dos explendidos luares paulistas, da magnifica paisagem da Ponte-Grande, com as suas chacaras sumidas entre velhas arvores, com a larga fita escura do Tieté, rolando mansamente, sem uma ruga, sem um murmurio, por entre as campinas raras maculadas aqui e alli pelos grupos de bois que retouçam á beira das moitas de cambuhy.

Venancio deixou em S. Paulo um discípulo, hoje quasi emulo do mestre, o snr. Theotonio, que, de dia, tem a gravidade funcional de um empregado publico, e á noute, entre amigos, traduz no violão a harmonia das harpas cólrias.

Theotonio ainda não é verdadeiramente *Thebas*: sobeja-lhe a gravidade do funcionario, falta-lhe um pouco de temperamento bohemio.

Paz aos violões!

Amaro da Trindade é o Gothschalk do saxophone. É preciso ouvil-o para julgar-se da



sua maestria. São de admiravel efeito os bruscos contrastes que produz entre as notas agudíssimas e as baixo-profundas. As suas escalas são rápidas e ligadas como os rufos de um tambor; as suas *surdinas*, parecem murmúrios de vozes humanas; e junto a tudo isto uma correção e uma nitidez admiraveis no desempenho, podendo o ouvido destacar perfeitamente cada nota na catadupa turbilhonante dos sons.

Na clarineta o *virtuoso* santista só pôde ser excedido por si proprio:—nenhum som aspero, nenhum esforço, muita docura, muita naturalidade, e tanta que, ao ouvir-o, as dificuldades mais indomaveis das variações complicadas parecem desaparecer na simplicidade de um canto ligeiro, de um facil nocturno.

A's brilhantes qualidades do artista, Amaro da Trindade reune o tracto amavel, a lhanesa brasileira, a modestia dos temperamentos timidos.

E, na verdade, elle é um dos medrosos da Arte: ainda não se exhibiu nos theatros da Corte; tem, porventura, não desconfiança de si, mas dos seus patrícios.

Amaro da Trindade, és timido de mais; apresenta-te, revela-te, não ha de faltar justiça para animar e applaudir a tua bella organisação artistica.





Wenceslau de Queiroz

(O BAUDELAIRE PAULISTANO)

Convidado a escrever deste poeta, sinto-me
embaraçado ao ter de lhe debuxar a figura lite-
raria para esta galeria.

Primeiramente, porque tenho apenas algumas
horas para o cumprimento dessa difícil tarefa,
que requer, entretanto, mais tempo do que me dá
o sol descambando já do zenith.

Pintar um poéta, deve o leitor saber-o, não
é tão facil, não é o mesmo que — pintar o padre,
pintar a manta, pintar o diabo, ou pintar o Simão.

Accresce que Wenceslau está ausente em
Jacarehy, assim como os seus alexandrinos es-
parsos por varias folhas do jornalismo; de ma-
neira que essa circumstancia avulta ainda mais
a dificuldade da minha tarefa — retratar de me-
moria o poéta.

*
* *

Que faz elle na roça?

Uma cousa dulcissima ; — ama, deixa-se
amar; *far-niente*; infunde-se na felicidade, em-

quanto pelo azulado céo da sua juventude, vagarosamente, deriva a *lua de mel*: — plenilunio de doces claridades no firmamento da vida, onde os sonhos se estrellam em vividas scintillações, donde Venus lhe influe a inspiração poética nos raios daquella suavissima luz sidérea.

Vejo-o daqui lazzaronisando, porventura, á margem do Parahyba, sob a copa farfalhante de um ingazeiro florido, archivando no sensorio, para mais tarde vasal-as em melodiosos alexandrinos, as vozes e o colorido da Natureza lan guida saturada da vida, penetrada de luz.

— Murmura docemente o rio sobre o lim pido espelho de cujas ondas anniladas se refran gem os raios do sol a pino, inundando a paisagem de uma claridade intensa: á clareira aberta no capituval da margem opposta vem abeberar-se o gado sequioso; sóa ahi perto, na venda da estrada, uma cantiga plangente acompanhada pela viola caipira: passa, esfrolando a superficie d'agua, ao arrepio da corrente, um martim-pescador, pondo na quasi nudez do ambiente a nota aguda do seu pio estridulo....

E o poéta satura-se de Natureza, recolhe a impressão daquellas vozes e daquellas tintas ao tabernaculo de su'alma; adora Pan.... e hoje, logo, depois, restitue á grande harmonia universal dos séres a emoção sentida, sob uma forma artistica, vasada em molde imperecedouro.

— São assim os poetas!

— Tal é a genese de um soneto!



Vamos agora ao retrato:

Quanto ao physico: Wenceslau se confessa «idólatra da forma». É sua divisa litteraria.

«Eis um que não ha de idolatrar-se!» sentenciou maliciosamente alguem, ao ouvir do poéta aquella profissão de fé estheticá.

De facto, se mulher, Wenceslau não se porria em competencia de formosura com a Venus de Milo, mas, porventura, com a antithese desta, a Venus Hottentote.

Se alludo a tal circumstância, é para liquidar o caso de similhança, por tantos assinalada, de Wenceslau com Baudelaire — o satanico.

Baudelaire e Wenceslau são igualmente feios, com esta diferença: que o primeiro tem algo hispido o labio superior, rapado completamente á navalha no outro.

Mas a bocca é a mesma em ambos: grande, carnuda, sensual.

Dahi, apesar dessa similitude, esta disparidade: — Baudelaire apparenta um roupeta lubrico, Wenceslau um fauno voluptuoso.

A referida affinidade physiologica é documentada em ambos por um prognatismo característico.

Também, nas stias obras, nenhum dos dous disfarça oii attenua, antes parece que faz timbre daquelle pendor luxurioso do espirito.

Baudelaire escreveu as *Flôres do Mal*, aquella



fermentação poética esverdeando-se sobre um bello talento e um alma corrupta....

Wenceslau, que não chega a ser um satanico, é, entretanto, characteristicamente, um erotico.

E dos que, ás barbas do leitor pudico, dá de rédea ao erotismo, confessa desejos de morder as carnes brancas e os seios tumidos das namoradas.

A *Julia*, uma das suas muitas amantes ideaes, elle expõe em bellissimo soneto e terços alexandrinos, sentimentos que um satyro, mesmo sob a acção de violenta eretomania, difficilmente oussaria protestar ás sylphides que povoam á noite os jardins do theatro Sant'Anna.

Não sei se isto que escrevo de Wenceslau são vituperios; se são, peço aos redactores do *Mercantil* que os substituam por outros tantos elogios.

Conheço de Wenceslau de Queiroz deliciosos sonetos, primorosamente architectados.

Adivinha-se nelles o trabalho paciente do burilador-poéta: tambem dignos são do artista, cujo dominante sentimento estheticó é a—*idolatria da forma*.

* * *

João de Araujo nos *Perfis em galhardo* publicados na *Tribuna Academica*, querendo «justificar a sua predilecção por este poéta», assim se exprime:

«Vem a ser que elle nascesse e se fizesse, mas tudo de maneira muito metaphysica: nasceu

para a nossa admiração de si mesmo, porque se fez ao dispendio de muito estudo, de muita lucta, de especialissima vocação».

Entenderam?

Pois ahi têm o que é Wenceslau de Queiroz.

Junho, 1887.



FOLHETINS

DE OMNIBUS REBUS



I

A morte do Czar

Desde segunda-feira que me considero um folhetinista cheio de espirito... de classe.

Ao incredulo que tenha para esta affirmacao um sorriso de ironia ou de duvida direi que estou profundamente triste com a noticia do assassinato de S. M. Alexandre II.

O vapor das lagrimas ennevôa o limpido cristal do pince-nez atravez do qual li o telegramma que annuncioi a catastrophe.

Dóe saber que um estouro regicida arremessou ao seio do desconhecido a alma desse meu desventurado collega !

Collega ? ! Sem duvida.

Porque ?

Pertencerá, ou antes, terá S. M. o finado autocrata pertencido á familia litteraria ?

Pertencerei eu á familia dymnastica ?

Qual das hypotheses admittir ?

Se a primeira, onde o documento escripto, qual o facto que o comprove ?

Não consta que o fallecido Czar tenha commettido durante o seu longo reinado um unico

folhetim; se o fez, a peça está inedita n'algum
álbum íntimo.

E' até provavel que o caso se tenha dado
e que a imaginação czareana deixasse copia de
si em algum devaneio subscriptado ás formosuras
russas; pois, se está verificado que o frio da tem-
peratura está na razão inversa da escandescencia
do sangue, é de suppor que fossem callidos os
affectos do coração imperial.

Demais não lhe faltavam inspirações neste
ou naquelle canto do seu vasto imperio; elle ti-
nha no genero descriptivo os desolados aspectos
dos steppes, cobertos pelo alvo lençol de neve
deslumbrante, maculada aqui e alli pela alcateia
dos lobos vorazes, á desfilada, no encalço de um
trenó de viajantes, estallando os dentes de gula,
e mordendo o ar como se fora já um boccado dos
fugitivos; no genero bucolico — as perspectivas
do Neva, reflectindo, á superficie das ondas doi-
radas por um sol de primavera, os palacios e as
cathedraes da opulenta Petersburg; no genero...
feminino — os collos marmoreos, lacteos, das Al-
das e das Emmas.

Dado porém o caso de jamais ter S. M. de-
nunciado o seu estylo de escriptor ameno, noutras
peças que não as de grosso calibre; supposto que
a phantasia do soberano só tenha produzido a lite-
ratura dos *ultimatums*; averiguado, emfim, que o
Czar não foi folhetinista, resta, para explicar o nosso
colleguisino a hypothese de ser eti imperador.

Não o sou agora; já o fui.

Fui imperador do Divinh.

Por maiores que sejam, tenham sido ou possam vir a ser as vicissitudes de minha vida, nunca se me apagará da mente a lembrança do anno da graça de 1861, da vigente era christã,—epocha em que teve logar a minha ascenção ao solio *divinal* do festeiro do Espírito-Santo, na freguezia de Sant'Anna dos Tócos.

(Se algum paulista de exagerado bairrismo ouzar sorriçar ao ler meu respeitável nome, ó minha terra natal, aqui estou eu para apontar-lhe sobre a carta de S. Paulo o ponto onde demora a povoação do Tijuco Preto de S. Januario, e quejandas).

Assim, eu também já fui imperador. Tive um manto real de metim escarlate, constellado de estrelas de papel dourado;—meu sceptro era um enorme cartucho de confeitos, como estes que distribuem aos *anjos* nos dias de procissão;—os dominios do meu imperio eram vastos e abrangiam todo o ambito comprehendido pelo largo da Matriz, limitando-se ao Norte pelo Cemiterio, ao sul pelo Morro-Grande, a leste pelo quintal do vigario e a oeste pelas casas da familia Mariz.

Meus subditos eram os povos ribeirinhos do Parahyba, os lavradores circumscriptos pelos ribeiros da Lage e do Feio. Vinham todos em trajes domingueiros — amplos chapéos de Chile, colletes de velludo lavrado com variegadas raimagens.

Lembro-me ainda com saudades de alguns

desses fieis servidores: — o meu vassallo Alva-
renga, oriundo do seu homonymo da inconfiden-
cia mineira, tão alcantilado de porte que, partido
ao meio, cada metade daria ainda a estatura do
sr. commendador F. de Almeida; — o meu sub-
dito Messias, tão profundo em tamanho, que,
desdobrado ao comprido, ainda assim teria de
lançar mão de um telescopio se quizesse perlus-
trar os dous luminosos pontos que brilham, ast-
ros de primeira grandeza, na base do appendice
nazal do sr. chefe da estação do Norte.

Entretanto, que ephemero reinado!

Como todas aquellas grandezas viveram a
vida das rosas de Malherbe!

O meu esplendido manto imperial, roeram-
n'o as traças vorazes e os annos decorridos.

O conteúdo do meu sceptro teve o destino
que soem ter os confeitos e as instituições de-
crepitas: — aquelle *fuit*, como estas *fuerunt ou
fuere*.

Minha corôa de imperador comportou-se co-
mo as suas congeneres: serviu para as dynnas-
tias que succederam á minha e hoje nem vesti-
gios della talvez restem naquella terra degradada
á miseria pelo indifferentismo religioso e elevada
á cathegoria de villa por uma chilra lei provincial.

Corôas!... ninguem as queira moveis, por-
tateis, para que não nol-as arrebate a tempe-
tade das revoluções. Corôas... só fixas ao crâneo
como a dos padres romanos.

Se não, vêde: contae as cabeças sobre que
tem estado a corôa de França — bastam algumas

para exemplo: Henrique IV, um pandego, um livre-pensador, Carlos IX, um fanatico sanguinario que presidiu á St. Barthelemy, Luiz XI, um sovina, Luiz XIV, um perdulario; — e em todas essas cabeças serviu aquella corôa que Bonaparte dilatou a ponto de nella conter-se a Europa quasi inteira, para que o seu imprevidente sobrinho — *le petit* — fosse atirado em Sedan sob a pata do cavallo de guerra do Príncipe Frederico.

Corôas... só firmes, fixas, pregadas, grudadas, engastadas.

Se não, ide ao cemiterio municipal em dia de finados; vereis como se ostentam sobre os tumulos, enquanto os espectadores passeiam a sua curiosidade pelas inscrições das lapides; mas logo que os curiosos sahem, tiraram-nas tambem para que de novo sirvam no anno seguinte, cumprindo o triste fadario de fingir que são verdadeiras saudades d'alma quando não passam de saudades de papel roxo, hypocritas e baratas. — Um grande logro de máo gosto aos defuntos.

* * *

Considerando no fim tragico que teve Alexandre II o poderoso chefe de uma nação de 80 milhões d'almas, (se almas habitam nos corpos daquelles ferozes demolidores revolucionarios, flagellados pelo knout de um despotismo barbaro), considerando na morte do czar até a pouco temivel e temido, victima da explosão de uma pequena bomba de dynamite que atirou aos ares

com o enorme poder do autocrata, lembrei-me da mysteriosa ameaça contida nestas palavras que ainda quarta-feira passada ouvi dos labios do sr. padre Eugenio, na occasião em que este digno sacerdote traçava-me na testa a consoante fatidica, o—T—denunciante da nihilidade humana : «*memento homo quia pulvis es...*», phrase que em vernaculo quer dizer pouco mais ou menos o seguinte : «—ora, pois, nada somos neste mundo.»

Eu que desci do meu throno de horas em toda a integridade do corpo e do espirito e que hoje divago sombrio como uma magestade decahida, pelas tristes solidões de um escriptorio sem clientella (oh! modestia!), quando ouvi aquella fórmula reveladora da contingencia humana, senti o coração desopprimido e voltando-me sobre mim proprio disse aos quatro botões do meu *fraque*, como se estivesse apostrophando outros tantos czares : mudaram-se os tempos !

Tempora mutantur...

Nunca latinorio algum foi, como este, pronunciado com mais firme convicção.

Outr'ora havia algum respeito pelas instiuições. Quando eu era creança e que *reinava*, o expediente das bombas explosivas ainda não havia sido adoptado. De projectéis dessa especie o que me atiraram sobre o throno foram apenas balas... de estalo, cujas affrontosas amendoas continham assucar em vez de dynamite.

Da poderosa organisação nihilista conheci apenas as duas primeiras syllabas, na grammatica do padre Pereira : — *nihil*, nada, nada mais.

Aquillo que outr'ora era um mero adverbio de quantidade, tornou-se hoje uma terrivel seita de reformadores.

Parece que foi o horror mais pela grammatica latina do que pelo despotismo que levou os estudantes russos a organisarem a terrivel maçanaria nihilista em cujo triangulo symbolico fulge, não o olho do Supremo Architecto do Universo, mas sim a machadinha da suprema demolidora dos imperios — a Revolução.

Os nihilistas, entretanto, tem em seu favor a sympathia que se vota aos desesperados ; na lucta em que se empenharam contra um mundo official despotico e máo, elles que só tinham por si a intrepidez que dá o entusiasmo e as armas que o desespero suggere, ou haviam, de morrer esmagados sob o peso bruto daquelle mole, ou haviam de explodir, aluindo o colosso. — Foi o que fizeram.

Os nihilistas, na maior parte jovens estudantes e moças de 16 a 19 annos, tem revelado qualidades que ninguem suspeitaria em corações dessa edade ; e — uma grande força de cohesão os torna quasi invenciveis, decidem e executam com inquebrantavel firmeza.

Se eu inda escrevesse versos mandaria ao comité de S. Petersburgo um cartão postal com qualquer ode inedita em que houvesse grande copia de *chacaes*.

Em quanto, porém, aguardo a inspiração, transcrevo o seguinte soneto que ha tempos dediquei a cinco dos nossos nihilistas, entre os quaes

tinha a preeminencia de chefe o meu sympathico amigo Lucio de Mendonça :

UM AÇOUGUE REAL

Tendes fome canina e ventres universos !
Quereis tudo engulir ! A Monarchia, o Altar
Pôdem difficilmente, ô bardo, saciar
Esse appetite atroz que revelaes... nos versos !

Sois uns Trimalcyões de estomagos perversos !
Ingeris ao almoço um rei, outro ao jantar,
E haveis de — glutões ! ainda apoz ceiar
D. Pedro de Bragança e outros reis diversos ? !

Andaes continuamente a arrebentar pelouros:
Nada vos satisfaz, patrioticas pestes,
Cordeirinhos no agir, na fanfarrice touros !

Pois bem, sendo vós — 5, ô traga-reis estouros,
E D. Pedro II um só... comei mais estes :
Os de Espadas, de Páos, de Cópas e de Ouros !

*
* *

Numa carta de Wirouboff escripta ao snr. Littré li que toda a matinada dos nihilistas provem de quererem estes uma *Constituição*.

Pois só por isso tamanho barulho ?

O' meus senhores, a cousa é facil; tragam para cá o snr. Roussakof — aqui estão os nossos campos do Ypiranga ; soltem o *brado* que a constituição virá logo.

Ou, se preferem, eis um expediente mais simples: aqui estou neste sobrado, os senhores põem-se ahi em baixo a gritar — Tique ! Tique ! e eu grito aqui em cima : está bom, senhores, estejam socegados, « como é para o bem de todos eu fico » ... neste ponto.

Março 1881.

II

O descredito da Cutelaria

Este folhetim vae subscriptado ás mulheres dos estudantes que interrompem em meio o curso de medicina, porque se esqueceram de ler a brochura «L'homme-femme», de Dumas Filho.

Os jornaes da semana passada fizeram grande alarido ante as grades da prisão onde enjaúlaram um assassino de rara ferocidade.

Por seu turno a moral «bréveté» andou psalmodiando uma geremiade insalubre á beira do leito em que jazia semi-morta uma bella impudica, seis vezes apunhalada por um bruto ciumento e ferocissimo.

Esvurmado o escandalo, deu todas as miudas informações que a curiosidade do publico fastiento reclama. O assassino, forte, moço e bello, era ao mesmo tempo Automedon e Adonis anonymo na casa da victima.

A Venus do caso tragicó, formosa e joven, vivia no deslumbramento do luxo com que os amantes argentarios costumam pagar o amor venal das formusuras prostitutas.

A bella apunhalada era uma leviana adultera que se doera do marido, e o livrara, mise-

ricordiosa, das preoccupações de fornir um lar e de bem querer uma esposa, para que o coitado, é de crer, melhor pudesse averiguar «experimentalmente», no proceder da galante senhora, a especie physiologica — sobre que talvez teria de versar o thema de seu exame academico.

Desopprimido o coração de remorsos, sahe a compassiva hetaira a borboletear affectos, suggando aqui e alli, nas rosas do deboche, as gottas «d'ouro», que são o mel d'aquellas flôres.

No volvel viver da borboleta abre-se de repente um vermelho parenthesis, riscado á ponta de faca nas curvas opalinas do seu corpo lacteo e perfumoso, golpeado de morte seis vezes, sem que pelas feridas hiantes lhe bofasse a alma com as golfadas de sangue.

Rijo coração de mulher! bem devia adivinhar-t'o aquelle que se armou tres vezes para feril-o.

Valeu-te que... Deus protege a innocencia... e na delicada epiderme do teu coração quebrou-se a lamina de aço, vibrada pela furia de um Othelo herculeo.

*
* *

Essas existencias anormaes que vão brilhantes pela vida fóra, boiando placidamente — poeticas Ophelias — nas ondas mornas do «vinaigre de toilette», ou resvalam os seus perfis elegantes, esfumados pelo pó de «veloutine», nos nevoeiros de aromas vaporisados, têm de forçosamente seguir a trilha curvilinea que se arqueia entre a

primeira noute da queda e o ultimo dia da decadencia.

Do leito silencioso do peccado, fôfo de cambraias alvas, na alcova alumizada pela tenue luz que bruxuleia num globo de crystal fôsco, até o catre, coberto de andrajos, que ringe sinistramente aos repelões da agonia, vae uma estrada, colleando a montanha symbolica da vida. Do sopé ao primeiro pouso, no apice da montanha, o caminho corre entre orlas de flôres, cortado de veios d'água: dilatam-se a perder de vista perspectivas, esvaecende-se com as successivas degradações da luz até se confundirem no azul intenso do poente. E as almas d'essas filhas do prazer lá se vão, embaladas na concha tépida de um «landau» tirado pelos jarrétes d'aço da parelha «pur-sang», descuidosas da existencia percorrida, surridoras, saciadas — ávante sempre, até as altitudes vertiginosas onde falta o ar á consciencia.

De lá se inclinam sobre a voragem e resvalam pelo ingreme declive á velhice solitaria e triste, si o destino ou o cocheiro Manoel de Vasconcellos não as detem na corrida, apoiando a ponta de uma faca na carnação explendida d'aquelles seios offegantes que exudam o leite da lubricidade.



Entretanto, ellas nasceram como todas na candura immaculada das crianças, entre carinhos e cuidados, calcado com o setim rosado dos seus

pésinhos nus a cerviz subjugada da «Besta», sortindo vitoriosas para o «Anjo».

Porque é então que um dia se desgarram esses destinos pelos invios caminhos que vão dar ao vicio?

E' que o equilibrio dos elementos da alma humana, instavel, se desfaz ao menor sopro; é que muitas vezes os couces da «Besta» aturdem o «Anjo».

Dumas filho dá essa gente como descendente de um connubio satanico:

Caim, morto Abel, não podendo contar com a banevolencia do jury de S. Paulo para os assassinos, nem se abrigar sob a egide de um habil patrono, fugiu para longe da vista dos homens e foi embrenhar os remorsos nas emmaranhadas selvas do paiz de Nod. O transformismo e a selecção, ocupados ainda em refinar a familia adamica, não haviam transposto as cercas do Eden, nem se affirmado em doutrina scientifica.

Mas no isolamento, Caim que não podia sentir a nostalgia do amor porque não conheceria a mulher, viu que no coração lhe brotavam improviso affectos, desabrochando em flores de sentimento, violentas de viço com as que explodiam da pujante seiva d'aquellea natureza primitiva.

As selvas do paiz de Nod eram povoadas por uma tribu de austeros macacos. As Ninons, as Laïs, todos esses astros que constituem o zodiaco da belleza, estavam alli embryonarios sob o pello da macaca — essa primeira e infima affirmação do «eterno-feminino...».

Caim teve numerosa descendencia; mas a prole, solidaria na sorte do átavo maldito, sahira gafada do peccado original.

E como a herva damninha alastrou a superficie do globo habitado pela progenie bemditá de Sêth, inoculando na humanidade feminina o vicio originario das macacas do paiz de Nod.

Aquelle germen é que transparece na languidez das attitudes e abre em longos bocejos as boccas vermelhas das mulheres innoccupadas.

E' elle que invade os frageis organismos e affecta a saúde.

Elle que abaixa a linha dos decotes e dá um estranho calor á desnudez.

Elle, que inventou a moral elegante, fomenta a impunidade dos seductores e acclama os Lovelaces confessos.

Collaborou na redacção do artigo 250 do Codigo Criminal e traduz os romances de Zola.

Estes symptomas denunciam o vicio morbido nos costumes: a infecção dos individuos se diagnostica por outros meios.

Dumas indica-os. Para ser efficaz, deve a medicina preventiva meditar nas informações d'aquelle analysta.

Entre outros, eis um caso que assignala os pró-dromos da infecção:

E' uma tragi-comedia.

Personagens { — ELLE.
 — ELLA.

A scena passa-se... desapercebida :

Está um rapaz á mesa de estudo, que é tambem a mesa de refeição de uma familia obscura e pobre.

A sala apresenta um aspecto curioso na variedade da mobilia—adquirida peça por peça nos leilões baratos, deante de um publico mercantil que estuda na desconjunctura do «placage» e no verniz desbotado das arestas as scenas de miseria intima dos lares que a necessidade foi pouco a pouco desfalcando da velha mobilia de familia, cheia de caruncho e de recordações. (A filantropia dos leiloeiros inventou formulas cortezes para mascarar o pudor da pobreza : esses leilões são, no dizer dos annuncios «de uma exma. familia que se retira para a Europa». O martello bate indiferente, ao primeiro lance ; porque, fóra a agiotagem, só a parcimonia concorre aos leilões da penuria).

O velho pendulo bate nove horas.

ACTO UNICO

E' hora do chá. De portas a dentro reina a silenciosa calma dos «menages» tranquillos : ouve-se o farfalhar de um livro que se desfolheia e o som abafado de passos de mulher, que vão e vêm no serviço domestico. Com esta tranquillidade do interior contrasta a agitação da rua, o rodar estrepitoso dos carros e uns sons indistintos da orchestra que toca nos intervallos em algum theatro visinho. Os pregoeiros gritam na rua o nome das gazetas do dia, especialisando

em guinchos incisivos a novidade mais palpítante: « traz a lista da loteria ! » ou o escandalo da vespera.

ELLA atravessa de manso a pequena sala, vae até a janella e abre as vidraças. Entra pela casa dentro uma onda mais forte do rumor da rua.

ELLE: — que é ?

ELLA: — é a «Gazeta». E passeia os olhos somnolentos pelos annuncios de theatros. Um suspiro longamente arfado faz a silenciosa critica das peças... no « S. Luiz o Assomoir; no Lucinda, Thereza Raquin... » lembra-se de como o coração lhe palpitava forte a ultima vez que foi ao « Anthony ».... era noiva então.... e põe-se a scismar.

Na esquina avultam dous sujeitos elegantes; trazem ao braço os paletots de theatre; palestram fraternalmente, sublinhando as confidencias com gargalhadas alegres. São dous « habitués » retardatarios que se dirigem ao « Lucinda ». Estão mais proximos; « ella » ouve-lhes trechos de phrases: commentam o « chic » da **, descrevem o « boudoir » mais á moda.

—....e quanto ?

— Duzentos.

— Irra ! Pois tu....

— Que admira ? E' porque não a conheces.... é explendida !

Ao frontearem a janella onde « ella » scisma, baixam as vozes e olham distrahidamente.

Aquella doce physionomia melancolica, de leve alumiada pela luz diffusa dos lampeões da rua, surprehende-os.

— Que linda! olha!

— Deveras!

E param a miral-a com uma insolencia que lhe faz medo.

ELLA baixa rapidamente a vidraça e deixa cahir a persiana.

— Vamos, diz um dos elegantes, parece que «é familia».

— Será? que pena!

Esta phrase fal-a tremer.

*
* * *

Soam 10 horas. A um canto da mesa o bule de «terre-cuite», esquecido, com o bojo rotundo e amplo, parece sir John Falstaff a sorrir ironicamente para «elle» que, absorto, folheia sempre.

ELLA, depois de longa scisma, e com voz tremula: não queres chá?

ELLE — Espera; deixa-me concluir uma analyse; estou no coração.

ELLA, approximando-se: quero ver. E debruça-se toda sobre o album. Que é?

ELLE, fecha-o rapidamente: não é nada, é uma estampa anatomica.

*
* * *

A noute parecia interminavel: «elle» dorme profundamente; «ella» conta as horas pelas badaladas que soam na torre mais perto. Com o alvorecer levanta-se, veste negligente um velho roupão de mousseline já desbotado — restos do seu en-

[Decorative floral border at the top]

xoval de noiva. — Passeia inquieta, nervosa, batendo o soalho com o tacão da botina. (A pata da macaca!). A's vezes queda-se pensativa em frente ao espelho, numa attitude languida e contempla o dourado desbotado da moldura. Vêm-lhe recordações de outros tempos, e « ella » reconstroe na phantasia o salão de luxo que vira na ultima peça do Gymnasio; as finas scintillações dos brilhantes nos camarotes; a fôfa « causeuse » onde Antony apunhala o amante que resiste e cahe, immergindo em ondas de setim azul, que a viva luz do proscenio enche de brilhos metallicos.

Então acode-lhe á mente aquella phrase que a amedrontará na vespera: « é familia! que pena » !

— Pois tão doloroso é, murmurou, ser « familia » que aquelle bello moço teve pena de mim ?

* * *

ELLE acorda-se: — Almoçamos? já são dez horas.

— Pois então vae, almoça no botequim: hoje não posso apanhar o calor do fogo.

Elle sahe pensativo, anda a tõa pelas ruas. Tem fome e não leva dinheiro. De repente lembra-se que tem um amigo...

— Vou almoçar com o Luiz.

E apressa o passo. A' porta encontra o amigo que sahe a passeio, saboreando um havano.

— Perdi as horas! E volta apprehensivo para casa.

A porta está semi-aberta... Entra, ninguem!...
Espera debalde!

Ella tinha-se aborrecido de «ser familia...»
— Perdi a mulher!

Ora, mulher perdida define-se: «mulher que
todo o mundo acha».

*
* *

Algum tempo depois no saguão do Lucin-
da encontraram-se dous elegantes:

— Então que diabo fazes, que te não vejo
ha tantos dias?

— E' que durmo longe, no Engenho Novo,
uma bonita chacara... mas... ainda não sabes?

— Não, conta...

— ELLA não «é familia».

*
* *

Epilogo. — Um bello dia, a Corte sobresalta-se com a narração de um crime horrível: um cocheiro apunhala seis vezes uma pobre mulher de cujo serviço fôra dispensado. Os jornaes bem informados contam que uma das facas se quebrara com a violencia do golpe, ficando parte da lamina fincada nas carnes da victima.

MORALIDADE. — Philosopham os folhetinistas da Corte. Uns pedem vingança para allivio da victima e desagravo da sociedade. Outros pedem previamente ao jury a absolvição do algoz.



Nós pediríamos, si alguma cousa nos fosse
permittido pedir — mais rigidez na tempera das
facas.

Ou menos cumplicidade nos costumes para
com o adulterio.

III

Embroglio Legislativo-Dramatico

Dous são os assumptos na ordem do dia — a estréa da assembléa dramatica de Furtado Coelho e a permanente *relache* da companhia paulista de deputação provincial.

Não nos parece que os dous grupos de artistas *hurlent de se voir accouplés*, no mesmo periodo; ao contrario, é opinião dos criticos de litteratura dramatico-legislativa que, invertidos os papeis e trocados os artistas só teriam a lucrar, o publico *dilettanti* da platéa do theatro e o das galerias da assembléa.

Com alguns ensaios o elenco Furtado estaria no caso de dar uns dous ou tres espectaculos na sala de *representação* provincial; do mesmo modo que a companhia philadelphesca não ficaria de todo desnaturalizada no palco do *Provisorio*.

A maneira por que têm sido tratados os interesses provinciales deixa crer que a província lucraria com a permuta, ficando desde então as



suas palpitanter necessidades entregues ao cuidado de artistas conscienciosos, solictos no desempenho dos arduos deveres affectos ao caracter de representantes deste heroico torrão.

Apostamos dobrado contra simples em como a *troupe* do Snr. Furtado Coelho dar-se-ia ao afan de fazer jus ao quinhão orçamentario que o emprezario consentisse em lhe pagar por série de spectaculos.

Porquanto, perguntamos, se o Snr. Furtado Coelho tivesse delegado nos Snrs. Martins, Xisto Bahia, Mesquita, Ferreira, Carlos e nas Snras. Clairville, Adelaide e Ignez, o poder de fazer leis, e de decretar medidas de interesse publico, marcando a esses egregios artistas um ordenado de 10\$000 diarios, e se os ditos representantes do Snr. Furtado, em vez de irem dar os seus spectaculos, se deixassem ficar quietos e inactivos em suas casas, — acha o leitor que taes delegados procediam irreprehensivelmente?

E se o dito Snr. Furtado, considerando-se TAL pela sua *troupe* lhe dissesse: « meus Exms. representantes, eu os mandei para cá com o fim de darem vv. exs. um spectaculo cada dia, durante dous mezes; ora, vv. exs. gastaram o tempo em ensaios, dispuzeram da sessão legislativa em cousas completamente alheias ao meu interesse e afinal pediram prorrogação. Eu, como bom emprezario, proroguei-os a todos; mas vv. exs. em vez de se emendarem, estão a me bigodear todos os dias, faltando aos spectaculos, logrando com a maior sem ceremonia a mim e ás galerias; por conse-

quencia, meus senhores, o dito pelo não dito, não estou para pagar a vadiação de vv. exs.; não trabalham? bem, não lhes pago».

Se a província do Sr. Coelho assim procedesse, entenderia o leitor que os Snrs. Martins, Bahia, Clairville, Adelaide e outros e outras estariam no direito de reclamar da empreza dez mil réis cada um, por espectáculo que não deram?

Acha o leitor que seria justo?

*
* *

Deixemos, porém, a assembléa do Theatro Lucinda, que para nós só tem o interesse artístico relativo e passemos a considerar os trabalhos legislativos da companhia provincial.

Esta distinta corporação conseguiu dar na semana, até hontem, tres sessões nas quaes se ventilaram importantes questões de ordem publica.

Na segunda sessão foi discutido o projecto Raquin, fructo das locubrações do illustre revolucionario Zola, projecto que ultimamente tem preocupado a atenção do publico, tendo passado em successivas discussões, sempre applaudido pela maioria dos espectadores, não pelo valor intrínseco das doutrinas nelle contidas, mas sim pela irreprehensivel eloquencia com que os Snrs. deputados dizem os seus papeis.

As honras da discussão couberam inegavelmente ao nosso distinto artista Lucindo Coelho.

Desde o exordio do seu discurso, aquelle conspicuo parlamentar conseguiu arrancar da pla-

teá palmas e applausos. Era arrebatadora a sua palavra; irresistíveis eram os seus argumentos.

O ponto culminante da allocução do lindo deputado foi o topico da alcova, no terceiro acto.

Quando esse sympathico representante da graça feminil, vivamente interpellado pelo deputado oppositionista o Snr. *Laurent*, lançou mão de argumentos *ad hominem*, e começou a expender os seus bellos hombros venusinos, e a manifestar as linhas puríssimas de um collo que parecia ter sido moldado pelo proprio *Jehovah*, no oitavo dia da criação, após a feitura de *Eva*; quando, digo, se manifestaram ao espirito sorpreso da assembléa aquellas rosadas considerações, de tanto peso, embora leves, e aquelles argumentos tão insidiosos, tão claros, tão cheios da irresistivel indiscreção dos factos, tão palpitantes de realismo, tão fartos de pureza logica, tão patentes de fórmas constitucionaes e representativas, a oposição sentiu-se completamente desarmada e unanimes applausos echoaram por toda a amplidão do recinto.

A propria mesa, de ordinario circumspecta, denunciou a parcialidade das suas adhesões, modulando Paula....tinamente um *bravo!* em que havia, juntas á expressão de um profundo convencimento, todas as notas da gamma da sentimentalidade politica.

*
* *

O parlamentar de que nos occupamos, reune á força irresistivel da palavra, muitos outros dotes raros que servem para realçar a sua eloquencia.

O seu pisar sereno e magestoso ás vezes; outras brusco e aspero, dá-lhe ao porte, ora a serenidade de uma apparição que perpassa ao longe, librada no ether, ora as fortes curvas, os angulos vivos de quem se elança e se retrahi, violentamente, na agitação de um lance dramatico. De pé, reclinada sobre a balaustrada da tribuna, ou sentada preguiçosamente na cadeira de deputado á assembléa da arte, a nativa graça da sua pessoa lhe communica as attitudes e elegancia das figuras gregas. Sua voz tem a modalidade precisa para dar a cada phrase a inflexão que sublinha a idéa. Vibrante nas apostrophes, nos dialogos dramaticos, gemme suave nas queixas, nas supplicas, ou murmura com as intimas confidencias de um monologo. Todas estas qualidades sobreleva-as uma dicção aprimorada. Os olhos? parecem feitos para mirar o céo, nas noites estrelladas.

Taes são, Snrs. *habitues* do Provisorio, os meritos do illustre deputado que tendes tido o prazer de ouvir nas quatro sessões da presente quadra dramatica, emquanto nós nos distrahimos a vestir com formas litterarias as vossas phantasias.

Não é verdade que acertamos o talhe das roupas, e bem esboçamos a *silhouette* do vosso ídolo, a vossa idealidade?

Se assim é, a exactidão da medida desculpa a qualidade mediocre da fazenda.

*
* *

De assumptos dramaticos para assumptos parlamentares a transição é facil.

Assim temos que na assembléa Provincial estiveram em discussão a *Dalila* e a *Thereza Raquinha*.

Occuparam a atenção da casa alguns pre-
pinantes de reputação já feita; razão esta por
que delles não nos occupamos hoje, limitando-
nos a fazer resumidas considerações sobre a ma-
teria dos debates.

Com muita habilidade o Sr. Furtado deu
para ordem do dia dous dramas antipodas, pri-
mores typicos de duas escolas litterarias diver-
gentes.

Já a *Província* emitiu o seu juizo editorial,
dizendo do primeiro — que estava cheio de ve-
lhice e de romantismo; naturalmente dirá do se-
gundo — que apareceu cheio de *novicel* e de
realismo.

A opinião do criterioso collega pouco adianta,
entretanto, como critica, a esta simples informa-
ção de livraria: *Dalila* é um drama romantico;
Thereza Raquinha é um drama realista.

Deste ultimo temos ainda na gazetilha do
orgão democratico um conceito transbordante de
revelações confidenciaes: «não pretendemos, diz
o collega, desconhecer que o genero é escabroso
para a natureza artistica da Sr.^a Lucinda».

A respeito do numero e do caso guarda a
Província uma reserva destoante dos seus cre-
ditos de *positividade*.

Na qualidade de fracção do publico quizera-
mos para nosso governo que a *Província* fizesse o
confronto critico das duas peças; que verberasse

o piegas romanticismo de Feuillet, ou batesse palmas á habilidade com que Zola revolve as verdes podridões modernas.

Porque, enfim, do facto de ser escabroso o genero para o peregrino e multiplo talento e para a natureza artistica da sra. Lucinda, ninguem tira uma opinião, um juizo, acerca do mérito do drama como elemento de educação popular, alvo a que naturalmente procura attingir o escriptor dramático.

O sr. Furtado Coelho, approximando as duas escolas combatentes, dando-nos sem transição *Dalila* e *Thereza Raquin*, parece estar pedindo ao jornal republicano uma fatiasinha de critica litteraria sobre a natureza artistica de *Feuillet* e *Zola*.

Erga o collega a luva, e com o mesmo positivismo com que vergasta as synalephas da Assembléa, diga-nos qual é o typo criado com mais verdade, se *André* ou se *Laurent*: e onde vê melhor denunciada a lei da fatalidade physiologica, se em *Amelia* morrendo piegasmente porque o noivo a abandona por uma princesa devassa, ou se em *Thereza* afogando o marido para poder abandonar-se ao amante.

Diga-nos a critica onde está o *realismo*.

Em nosso fraco juizo, parece-nos que tanto um como outro drama são verdadeiros, ou são falsos; tudo depende da maneira de entender a missão do artista.

Se o fim do escriptor é copiar da natureza phisica ou da natureza moral um aspecto deter-



minado de paisagem ou um facto de sentimento, escolhendo os que possam caracterisar a feição *normal* do solo ou a acção habitual da alma, então *Dalila* e *Thereza Raquin* são falsos, não exprimem o *realismo*, porque do caso fortuito de uma indigestão se não deve concluir a inexistencia das funcções do estomago.

Se, porem, a arte pode ter por fim photographar as aberrações, as anormalidades da natureza, então aquelles dous dramas são ambos *verdadeiros*.

Isto é simples como café sem leite.

* * *

Ante-hontem ocorreu um acontecimento imprevisto : a Assembléa Provincial reuniu-se em sessão.

Parabens ao partido liberal.

IV

Thereza Raquin

Julgo tarefa por demais ingrata criticar-se uma obra de theatro.

As mais bellas creações da arte tornam-se vulgaridades, quando entregues á interpretação de actores mediocres ; como é tambem verdade que interpretes de talento dão visos de merecimento artístico ás concepções mais ordinarias.

Imaginem que no primeiro caso um gago mette-se a declamar um dos trechos igneos de Castellar; supponham que na segunda hypothese está a Nilson ou a Adelina Patti a gargantear uma opiatea modinha dos sertões brasileiros.

Nos theatros lyricos é onde se vê que á critica pode-se dizer o que Faustino Xavier de Novaes dizia dos prologos: «um prologo por fim é sempre.... um prologo»,

As mais bellas composições musicaes, e disso ha fartos exemplos, cahem ás vezes desde a primeira audição, por qualquer motivo de todo alheio ao merito da obra: porque o regente demorou demais a batuta num compasso, porque um tenor tem o carão de bull-dog como o sr. Beracoechea, o abdomen burguez do sr. Bulterini, ou porque o soprano *quebrou* desastradamente um *ut* que o critico preferiria ouvir cantado com *slancio*.

Outras vezes ao *monsieur de l'orchestre*, que educára as orelhas nas melodias dos mestres italianos, parecem simples *mistiforio* de notas, os mais admiraveis effeitos harmonicos da musica fortemente contrastada de Meyerbeer.

Ora, a opinião do critico passa por ser a opinião do jornal que é... o livro do povo. De sorte que o sucesso de um trabalho d'arte depende ás vezes de pequenissimas circumstancias.

A esta inconstancia da aura das platéas resistem, é certo, algumas composições que atravessam o tempo, atiradas alternativamente da aclamação á pateada, e se consagram afinal obras primas. Desde então se uma platéa qualquer jul-

ga-as de somenos merito, a culpa do desagrado ou da indiferença do publico é posta á conta dos artistas.

* *

Isto que acontece á musica dá-se com as composições dramaticas devendo-se observar que neste caso o povo exige um verdadeiro *espectáculo*, um trabalho muito mais minucioso, muito mais completo do artista.

Nas operas lyricas o jogo scenico pode ser quasi nullo. Por exemplo, Alencar esmera-se em idealisar em Pery o typo da bellesa selvatica; vem depois o tenor Bulterini e nos dá a caricatura do personagem, cheio de tregeitos e explosindo de ridiculo; que importa, o publico applaudirá a musica e rir-se-á da *gaucherie* do indigena de contrabando.

Nos trabalhos dramaticos, entretanto, as platéas, exigindo bastante do autor, exigem tudo do actor.

E' uma observação de todos os dias o quanto um comparsa mediocre faz perder o efecto ás melhores scenas, e como que empece a franca manifestação do talento ao artista superior a quem está servindo de confronto pelas exigencias da acção dramatica.

Assim, numa scena violenta, um exagero qualquer nas attitudes, ou mesmo a vulgaridade no gesto ou na expressão physionómica de um actor, compromette singularmente o efecto do *ensemble*. Eis o que explica certas gargalhadas apparentemente extemporaneas da platéa.

Isso que ahí fica não são carapuças, também não é critica; não é citado Th. Gautier, nem Taine, nem outros: não nos demos ao incommodo de exhibir erudição *Larousse*.

E' por isso, talvez, que temos a temeridade de julgar a *Thereza Raquin* tão bom ou tão ruim como qualquer outro drama do repertorio do sr. Furtado Coelho.

Para podermos bem conhecer o drama lemos o romance e ouvimos o drama para melhor ajuizar do «peregrino e multiplo talento» da sra. Lucinda».

No romance surprehendeu-nos como verdade descriptiva o facto de guardar o cadáver de Camillo, após um mergulho de *quinze* dias no Sena — «uma apparencia firme e rigida nas feições» e os globos oculares no estado de conservação precisa para parecer que olhavam para o assassino.

Aqui não sabemos o que mais admirar, se a resistencia de um personagem de romance á putrefacção; ou se a tão prolongada abstinencia dos peixes do Sena ante uma provocação dasquellas.

Num paiz onde, em pleno verão, um cadáver consegue estar immerso quinze dias em um rio sem se decompôr, ou sem ser devorado, será possivel que um escriptor realista cujo intuito é: «étant donné un homme puissant et une femme inassouvie, procurar nellas a besta, não

ver senão a besta, arremessal-os em um drama violento e notar escrupulosamente as sensações e os actos de tais seres » possa apresentar como typos physiologicos normaes individuos cujos temperamentos se modificam de repente e tão radicalmente que um homem excessivamente sanguíneo em contacto com a organização eminentemente nervosa de uma mulher apresente phenomenos de *hysterismo* mais violento que o desta?

Entretanto, no romance de Zola, *Laurent*, typo do temperamento sanguíneo, começa subitamente a manifestar, não se sabe porque, os symptomas da mais caracterizada nevrose, e isto sem que o autor nos apresente o seu personagem modificado intimamente na sua constituição physica pela acção de uma causa moral capaz de sopitar a vitalidade de um organismo poderoso como o de *Laurent*.

O mesmo se dá com *Thereza*. Ella, a *femme inassouvie*, dominada absolutamente pelos *nervos*, ella que adulterara durante um anno, sem escrúulos, inconsciente se não victoriosa do seu crime, ella, cujo sangue ardente de africana, mal diluido por una educação emoliente, reagira borbulhante á vista do *pescoço tourino* do amante, é a mesma que, no momento preciso para uma mutação scenica, põe-se a repellir aquelle cuja presença até então lhe exercera sobre os nervos a acção de uma pilha voltaica.

Donde vem a reacção dessas bravas naturezas, e o remorso intempestivo dessas consciencias nullas, é que nenhuma physiologia explica.

O romancista que a principio se comprazera em descrever o escoucear das *bestas* daquelles temperamentos, que confessa ter sido esse e só esse o fim da sua obra litteraria, quebra de repente a ordem logica dos couces e mette a azemola physiologica entre os varaes do seu tilbury de escriptor realista.

O drama extrahido do romance ressente-se da qualidade, boa ou má não investigo, dos trabalhos artisticos que têm de ser vasados em novo molde depois de affeçoados por um outro. Entre os varios actos ha bruscas transições e o claro de uma a outra tem de ser preenchido pelo espectador que assim distrahe da analyse dos personagens uma parte de observação. Isto pôde ser o que as gazetilhas chamam *genero escabroso*; talvez com mais propriedade se dissesse — *genero caprino*.

As principaes figuras do drama *Thereza e Laurent*, foram interpretados pela sra. Lucinda e Furtado Coelho.

Bem ou mal?

No primeiro acto a accão dramatica é insignificante: o papel da artista limita-se a dizer pequenas phrases sem alcance para denunciarem o caracter de um personagem quanto mais para darem a feição de um temperamento. *Thereza*, a um canto da sala, de costas para *Laurent*, o amigo da familia, apresenta uma attitude quebrada em angulo vivo, sem naturalidade alguma, e falsa até para um corpo que a volupia devia tornar flacido, com doces curvas, á similitudão de uma gata á qual se afa-

gasse o dorso. Demais no romance, onde está a photographia physica e moral de *Thereza*, nas attitudes desta, na sua quietude, nos seus espreguiçamentos ha muito da natureza felina.

E' uma mulher assim que a sra. Lucinda procura representar, e me parece que em certos pontos o faz sem muita verdade. A sua voz é brusca, aspera, e não dá ás phrases a inflexão molle, unctuosa, que denuncia a preguiça moral de uma criatura enervada pela lascivie.

Antes que no drama appareça o remorso na consciencia dos amantes assassinos, *Thereza* deve cohibir-se de parecer uma mulher rabugenta, de máos modos, uma ingenua amuada.

A sra. Lucinda, me parece, exagera um pouco o personagem, ou o interpreta mal. A *bourgeoise* de Pariz, sobrinha *gâtée* de uma commerciante que tem quarenta mil francos a premio, não pode ter no andar o *gingamento* de uma *dame de la halle*. Isso seria bom para as lavandeiras do *Assomoir*.

Thereza é o typo normal da mulher do povo, uma flor da *bourgeoisie* parisiense, que não pôde transportar para o *ménage* calmo e obscuro de madame Raquin aquelle jogo de quadris.

Assim, impressionou-nos, como uma pequena falsidade, a interpretação dada pela distincta artista ao papel de *Thereza*. Entretanto observaremos que certos gestos são feitos com uma verdade assombrosa: — os abraços sorrateiramente dados no amante, o elance impetuoso com que se atira a elle, nos momentos não testimunhados; certos sons gutturaes tremulos de phrenesi; ás

vezes a estranha expressão do olhar; são bellezas que fazem esquecer os senões notados.

No 2.^o acto, não ha *ódio*, ha simplesmente mau humor nos modos, no rosto, na voz da sra. Lucinda; ao vel-a assim ninguem adivinha que aquella irritação terá um desfecho tragico no punhal com que *Thereza* pretende ferir o amante e no veneno com que se fulmina.

Onde a sr.^a Lucinda revela um grande talento e nos dá um trabalho scenico admiravel é no 3.^o acto. Então é perfeita de verdade, nos gestos, nas attitudes, na voz, na expressão da physionomia devastada pelo remorso, e caracterisa perfeitamente a indole do seu personagem, a violenta explosão de um temperamento, qual o que Zola attribue á heroína.

O sr. Furtado Coelho trabalhou perfeitamente em todo o drama, desde a primeira scena em que apparece retratando *Camillo*, até o lance final do 3.^o acto. Notamos apenas que o modo como *anda* é exagerado e destoa da naturalidade, da elegancia mesmo, com que se apresenta ao erguer do panno no 1.^o acto; aquelle artista *degagé* não deve mais tarde andar aos mergulhos com um *portefaiix*.

Estes pequenos reparos podem ser muito injustos, futeis, o que queiram; são entretanto as nossas impressões.

E ainda confessamos que um drama como *Thereza Raquin*, não pode ser bem estudado, bem comprehendido em um ou douss spectaculos; é possivel portanto que tenhamos mal observado.

V

Paula Marié é um gracioso diminutivo de mulher.

E' uma artista no grão augmentativo — da cinta para cima.

A critica lhe tem dado todos os qualificativos amaveis que a synonimia põe entre os bicos de uma penna galante.

Por ultimo condensaram o elogio nesta phrase que completa o louvor e fecha o prestito dos adjectivos encomiasticos: — é uma artista consumada !

Na verdade, Paula Marié, quando canta, tem notas, . . . de quinhentos mil réis, as de maximo valor no nosso systema monetario, e tão *graves* como uma conferencia diplomatica; ora, a sua adoravel garganta deve, para chegar áquellas profundidades na gamma dos sons, ter sido corroborada por essa synthese culinaria conhecida no *menu* parisiense sob a saborosa designação de *consommé*.

Entretanto alguns *dilettanti*, — má gente que faz timbre em ter no ouvido um balança romana onde os profanos da musica apenas tem um tympano, — insinuam que « a sua voz não tem grande volume ».

E' certo que a voz de Paula Marié não tem o volume de Mr. Comelli, o gigantesco agente da companhia Grau; é mesmo admissivel que o desfalque de alguns kilos, que as gazetilhas notam

na voz da eximia artista, tenha passado para a corpulencia daquelle alentado cavalheiro; mas se este parece ter-se divertido até hoje em se nutrir com a substancia que a Natureza, em sua equitativa distribuição, destinára á estatura da *diva mignonne*; se a voz da gentil cantora perdeu em volume, muitas qualidades lhe restam e todas as doçuras possíveis, inclusive as da batata doce.

Certos trinos parecem feitos com um punhado de pequenos crystaes de assucar candi.

Dizem que os artistas tem as vezes appetites esquisitos e por certo ninguem tomaria por invorosimil a affirmação de ter a *diva* tritulado entre os seus dentes de perolas um pastelinho de linguas de sabiás na noute de quinta-feira, para que a sua voz pudesse ter as deliciosas modulações com que interpretou alguns trechos da musica bellissima de Bizet.

Quando Paula Marié no segundo acto da *Carmen* se debruça ao ombro de *D. José* e canta com sedução irresistivel

La-bas, la-bas, dans la montagne,
Sur ton cheval tu me prendrais....

o mais austero asceta desertaria do cenobio e do proprio reino dos céos para tomal-a á garupa e disparar á brida solta pelas regiões harmonicas do bemol, com a vertiginosa velocidade de um *Sans-pareil*.

Esta devia ter sido na noute de quinta-feira a opinião dos sensitiveis elegantes do *parterre* em cujos corações echoava a bella voz do tenor Mauras.



Muita gente gritava com elle, do coração para dentro—*Carmen!* e *bravo!* dos labios para fóra.

Isto com relação á cantora.

No mais, Paula Marié vinga-se de não poder ser uma artista grande, sendo simplesmente uma grande artista.

O seu pequenino vulto, quasi imperceptivel a olho nú, enche, anima, dá grande vida á scena e consegue povoar com as scintillações da graça o vasto palco do S. José.

Ella, por si só, condensa a vivacidade e o *salero*, de todas as Carmens com todas as bohemias e sevilhanas juntas.

Quanto ao resto do ministerio.... os demais artistas da companhia Grau são o que já muito se tem repetido e todos sabem—primorosos, inclusive o tenor Tauffenberger com o seu bello nome de príncipe D. Wurtemberg.

* * *

Vinha agora a proposito uma longa tirada sobre a musica, com algumas citações eruditas acerca da influencia que no espirito dos povos exercem a officieide e o trombone, actuando por intermedio das orelhas dos individuos.

Provar-se-ia que as dimensões de um organo estando quasi sempre na razão directa do vigor das respectivas funcções não ha motivo para di-

zerem que ainda não temos educação musical, por quanto nós, deduzindo o tamanho das orelhas paulistas do numero de cadeiras de instrucção publica ainda vagas em toda a província, chegariamos á consequencia de que os paulistas levam vantagem aos próprios milaneses que saboreiam no theatro de Scala as primícias das composições musicas.

Poríamos ainda a toda a luz da evidencia, com o criterio do grande critico Ortigão, o enorme poder dissolvente da musica do maestrino Offenbach e como entre nós a dissolução se faz por um simples decreto, sem interferencia dos sustentados.

Depois nos adiantaríamos pela politica, mostrando-o como a Republica unitaria de Mr. Gambetta está enrijando a fibra lassa dos costumes franceses, amollecidido pelo *cancan* das operetas; mas por hoje preferimos fallar da Republica federal do Sr. Assis Brazil.

* * *

Este distinto acadêmico apresenta um raro symptom de actividade mental entre moços.

São poucos os livros no Brazil publicados e que denunciem trabalho acurado e esforço.

A nossa mocidade exhaure-se na producção de volumes sobre volumes de versos, e assim mesmo, peneirada a poesia nacional moderna, uma ou outra composição apenas merece nota.

Trabalhos que demandem longo estudo e uma applicação seguida, de mezes ; que não sur-



jam do cerebro do autor, completamente armados, de um só jacto, como um soneto ou a Minerva mythologica, *rari apparent in gurgite vasto*.

O Snr. Assis Brazil fez uma das poucas exceções áquella regra, publicando a *Republica Federal*.

O livro contem cerca de quatrocentas paginas, impõe-nos um instinctivo respeito pelo seu autor.

Este moço que á qualidade de um brilhante orador reune a de poéta distincto, affirma-se agora com o seu novo trabalho, uma cabeça pensadora.

Se cinco ou seis successivas gerações academicas dessem ao seu paiz cada meia duzia de convictos republicanos como o Snr. Assis Brazil que seria em meio seculo das instituições que felizmente nos regem?

Ainda bem que para a augusta dynastia dos Braganças a musica de Offenbach e outros elementos de dissolução social, amornam o fervente entusiasmo dos imberbes republicanos e de toda a ebullição revolucionaria desses demagogos de cueiros resta apenas um pouco de espuma rarefeita, sobrenadando á tona das profissões politicas inexpertamente feitas nos clubs das academias.

Quem diz isto não somos nós; quem o disse foi o mais denodado dos corypheus de *bonet-rouge*, o proprio Snr. Martinico, a proposito da festa do nosso dentista martyr: a imagem da *grande valla* está presente a quantos o escutaram naquelle dia, como uma denuncia que convem daqui por diante desmentir.

E' o que por sua parte fez o Snr. Assis Brazil, consignando, no archivo imperecedouro de um livro de propaganda politica, as suas fundas convicções de republicano.

Desse trabalho nos ocuparemos proximamente. Por emquanto limitamo-nos a cumprimentar o nosso estudioso collega.

* * *

Outro symptom de vida nova na frouxa política do imperio, e este já não bibliographico, mas de acção, está no procedimento, até hoje não visto, do candidato republicano, o Snr. Martinho Prado Junior.

S. s. deu já começo á serie dos seus discursos de profissão de fé politica perante os eletores das diversas secções do districto por onde se apresenta candidato.

Convém reconhecer, além do da novidade, outros meritos no procedimento do distincto tribuno; porquanto, ou a moda pega, e teremos o prazer de afferir previamente o valor da nossa rethorica palamentar; ou a moda não pega e ficará reconhecido que a nação ainda não está bem certa das possiveis vantagens do *yankeesmo* das candidaturas e lhe repugna a politica *au grand jour*, ficando ao Snr. Martinho Prado Junior a consolação de ser um exemplo isolado de sinceridade.

Entretanto, que bom seria ouvirmos na capital as primicias da eloquencia do Snr. Dr. João Bueno

e os vibrações da palavra nervosa do Snr. Conselheiro Abelardo de Brito, ambos puxando braças para a sardinha de ss. excs., que se nos afigura ser tambem a sardinha da patria !

E depois em Campinas, com que uncção S. Alteza o Snr. D. Antonio começaria por dizer: *introibo ad capitalem assumptum orationis mei* e passaria a interpretar do modo mais conforme aos sagrados canones, a prudente e louvavel abstenção do nosso virtuoso prelado ante as pretenções politicas do Snr. Bispo do Pará.

E noutro districto, em Casa Branca, como rescenderiam os ares com as flores aromaticas da rhetorica do Dr. Brazilio Machado, trescalando o perfume das suas *madresilvas* orvalhadas de aguabenta !

VI

Folhetim Lunático

A preocupação de lidar com os vivos toma-nos o tempo de nos lembrarmos dos mortos.

Seria profundamente triste se não fôra perfeitamente logica a indifferença que temos pela morte.... dos outros.

Creio que na superficie se dá o mesmo phenomeno que nas profundezas do solo.

Um pouco de humidade na terra e no ar e a semente, atirada ao chão, germina, desenvolve-

se em planta, floresce, fructifica e morre, deixando cahir sobre o humus onde vegetara um fructo que, desorganisando-se sob a influencia dos agentes que haviam influido na sua composição, deixa a nua uma nova semente.

Esta, por seu turno, sujeita á acção das mesmas forças, evolue, passando por identicas phases, da vida á morte, da erupção do germen á decomposição dos ríjos tecidos do lenho.

* * *

E a terra, impassivel, alimenta successivas gerações de plantas, nutrindo-as com a sua propria substancia, com a mesma solicitude sempre, ou com a mesma indifferença.

De uma fertilidade inexaurivel, divide infinitamente os saes nutritivos, e cada planta encontra o alimento que lhe é proprio, cada radicula absorve um dos multiplos elementos que entram na formação do organismo vegetal.

O mesmo punhado de argilla dá as vivas tintas com que se esmaltam as corollas das flores e a epiderme dos fructos; o verde avelludado da folhagem, o aroma suave ou acre, o succo acidulo que refrigera e nutre, o summo caustico que envenena e mata.

* * *

Desde a célula das algas microscopicas onde jazem rudimentarios os elementos da vida do ser

organizado, até os alterosos plátanos que existiram mil annos, toda a infinita série do mundo vegetal vive daquelle modo, como o filho de um fazendeiro opulento, tendo para viver apenas o simples cuidado de se não deixar merrer.

Outras plantas nem da terra precisam: as orchideas nutrem se exclusivamente do ar, nos lugares sombrios e humidos, como as meninas romanticas que recitam ao piano, haurindo a vida no zephiro que passa de manso, na leve brisa que desliza, e em todas essas subtis cousas gazoas, que ciciam, gemem ou suspiram nas rimas dos recitativos.

« Lembras-te ainda dessa noite, Eliza,
« Que doce briza suspirava ali ? ».



Porque se não dá o mesmo com a humanidade?

Dizem que na escola ascendente dos seres occupa o animal o grão supremo, e que entre os animaes tem a preeminencia o homem.

Ha quem opponha duvidas a esta classificação.

Entre os tres primeiros termos comprehende-se a hierarchia: os mineraes não têm um organismo como as plantas; á planta falta-lhe a locomoção voluntaria dos animaes.

Mas entre o animal e o homem, salvo neste a faculdade de fazer discursos, ha tal ou qual paridade que apura a pacienza dos classificadores.

E até no pensar dos atilados, a palavra no homem constitue uma prova de inferioridade, quando se o confronta com o bicho.

* * *

Se o homem ou um homem qualquer não falasse, poderia elle, no juizo dos seus semelhantes, passar por não ter inventado a polvora, nem a marmelada; mas, sahindo do mutismo, ha para o pretencioso primata o perigo de se degradar no conceito dos que o ouvem.

Asneiras! — eis quasi sempre o commentario á palavra humana....

Um sujeito diserto quando não é da nossa opinião, diz-se geralmente delle:—pedaço d'asno!

Nem lhe dão a honra de o comparar com a unidade da besta.

Miseria !

Aquelle que no Principio fôra feito á imagem do creador, reduziu-o o progresso das edades á uma fraccão asnatica.

Pedaço d'as....

* * *

....no tracto quotidiano esta injuria está subentendida em todas as primeiras phrases de controvérsia jornalistica.

Toda vez que em artigo de fundo um jornal, referindo-se a outro, começa:

« Pedimos venia ao illustrado collega para discordar da sua opinião, aliás tão judiciosamente emitida...»

... é o caso de depôr o adversario a pennas e tomar immediatamente a bengala, por quanto, no juizo do articulista, o «illustrado collega» tem apenas a capacidade mental precisa para ir dignamente symbolisar a irresolução entre o balde d'água e o bornal de aveia do philosopho Buridan.

E' um conselho que dou por menor preço do que se cótam actualmente na praça as probabilidades do bom successo eleitoral do Snr. Abelardo.

* * *

E aproveito a occasião para denunciar aos eleitores do 9.^o distrito o discurso proferido pelo respectivo candidato na festa que a colonia francesa desta cidade promoveu para commemorar o 14 Juillet.

Mais anarchista, mais revolucionario do que o proprio Snr. Martinico, o eloquente redactor do *Diario da Manhã* proclamou-se nada menos que—a REVOLUÇÃO!

Póde ser que a vehemente oratoria do prepinante fosse um mero aplauso em recompensa ao entusiasmo com que Paula Marié cantou o *Salut au Brésil*; certo é, porém, que muitos animos ficaram apprehensivos e houve quem na emoção do entusiasmo cuidasse que o orador era candidato pelo IX *arrondissement* de Paris.

* * *

Com a festa commemorativa da tomada da Bastilha coincidiram a chuva, que um tanto con-

trariou a manifestação do regosijo nas ruas, e uma noticia inserta no orgão official, contando-nos ter o ministro da justiça mandado sobreestar as nomeações para a reorganisação da guarda nacional até que se finde o proximo pleito eleitoral.

As razões que determinaram o primeiro desses actos nos são completamente desconhecidas; quanto ás que motivaram o segundo e que nos foram amavelmente communicadas no commentario da folha em questão, esses, nos parece participarem um pouco da natureza da pilheria.

O Snr. Ministro, enquanto durou o tempo do alistamento, nomeou quem quiz, promoveu gente da sua parcialidade politica aos postos da guarda nacional, creando assim um certo numero de eletores, que, sem o intermedio da patente, estaria arredada das urnas, e, só agora, quando já nenhum proveito pôde tirar de taes nomeações é que se lembra de mandar sobreestal-as !

E depois canta-nos a ladainha da não interferencia no jogo das eleições !

Não lhes parece isto uma *pomada* politica ?



Poma-la por pomada preferimos á do ministro da justiça, essa outra que, com o nome de Vaseline, vende-se em casa do Snr. Frederico Upton.

Comquanto a invenção da nova pomada date de tempos posteriores á legendaria cabelleira de Sansão, entretanto a sua efficacia como revigoradora dos cabellos é manifesta.



Basta para constatal-a o exhuberante sistema capillar do proprio Snr. Upton, que tanto preconisa as virtudes do preparado.

V

Originaes

(*Confidencias de um cysne preto*)

Na imprensa dá-se isto de original: que está completamente adulterada a significação originaria do vocabulo original.

Nos lexiçons—original significa: manuscripto primitivo; primeira redacção de um pensamento ou obra de pensamento.

Quem vive na lida do jornalismo diario conhece a dificuldade ás vezes insuperavel em que se vé um redactor para *encher* um jornal.

Os typographos devoram com voracidade verdadeiramente canina as raras idéas que lhe occorem por dia, de sorte que estes operarios constituem no jornalismo o fundo falso do tonél das Danaides. Por mais que se deite ás officinas *materia de composição*, um escriptor não consegue sacial-os.

Elles reclamam em todos os tons: originaes! originaes!

Ora, a origem dos originaes é como a origem dos pequenos veios d'agua que seccam no verão.



A veia de um escriptor tem tambem os seus verões: se não chovem assumptos, «secca-se-lhes a musa», como se diz vulgarmente.

Dahi a necessidade para o escriptor do journal diario de ter sempre na gaveta uma provisão de *originaes*, alheios na falta de proprios.

Em dias de carestia de assumpto, o mais fertil collaborador da *folha* é a *Tesoura*, pequeno instrumento apparentemente só util nos misteres domesticos, mas que tem, entretanto, exercido uma accão constante e efficaz no desenvolvimento da mentalidade humana.

Negar os titulos de benemerencia da *Tesoura*, só o fará um profano na arte de compôr diariamente o *livro do povo*.

As pernas da *Tesoura* jornalistica são as proprias pernas do pensamento.

Só figuradamente poder-se-á dizer que o Pensamento vôa; o Pensamento não vôa, tróta. Dahi a formula por que se qualificam em geral os escriptores: — pedaço d'asno.

Demais, a *Tesoura*, na sua aptidão de compasso, traça as linhas de longitude e latitude ao Espírito.

Neste paiz então, onde a uberdade da terra parece promover a esterilidade do Espírito, as idéas, os *originaes* pelo menos, vão tendo a raridade dos cysnes pretos.

O escriptor que num dia secundo descobre numa circumvolução qualquer do seu cerebro um daquelles palmipedes — *rara avis*, enche-se de

orgulho, como se o que elle acabou de descobrir não fosse uma idéa, mas a propria polvora.

Por isso é que o leitor de artigos de jornal diz quasi sempre do jornalista: «não descobriu a polvora!»

Descoberta porém a idéa, trata o feliz inventor de pô-la á luz do dia, para que vá correr mundo.

E aqui começa a longa jornada do cysne preto através dos espíritos.

*
* *

Do cerebro do escriptor passa a idéa para a *tira*, da tira vai á officina typographica, donde volta *impressa* para a revisão, que lhe apara as unhas, ageita-lhe o cabello, dá-lhe um ar correcto de gravata lavada, e devolve-a ao paginador, o qual então accommoda-a definitivamente no jornal e remette-o á casa do assignante ou à via publica para a venda avulsa.

Está pois a idéa em frente do leitor, o que já não é pouco. Vejamos agora que relação de harmonia ou de conflicto se estabelece entre uma e outra.

Primeiro estabeleçamos: A idéa pôde ser ou conservadora, ou liberal, ou republicana, assim como o leitor é forçosamente republicano, liberal ou conservador.

Se o leitor de qualquer destas tres cathegorias fortuitamente se encontra com a idéa da cathegoria correlativa, bem, dá-se a assimilação.

Neste caso a idéa é—uma excellente idéa, o escriptor—um distincto escriptor.

Mas se o leitor do grupo n. 3, por exemplo, encontra-se com a idéa da cathegoria n. 1 ou 2, irribus!—a idéa neste caso é—uma idéa piégas, o escriptor—um jornalista mediocre.

Et sic, et cetera.

Portanto rectifiquemos: A imprensa é a «poderosa alavanca...» não ha duvida; mas só no caso de com ella podermos mover a pedra na direcção do muro que abriga os nossos interesses partidarios.

Eis afinal de contas qual é em regra a acção exercida pela imprensa, tanto a política como a neutra, na educação do povo; porque em summa, o jornal não dirige a opinião, reflecte-a.

Mas o cysne preto? E' verdade! Acompanhemol-o no vôo pelo paragrapho seguinte:

*
* *

Do jornal onde pela primeira vez apparece, passa a idéa para a mesa do primeiro «nossa ilustrado collega» que a lê, acha-a boa e diz lá com os bicos de sua tesoura: ora aqui está uma idéa!

Em seguida o sujeito *corta-a*, disfarçando-a um pouco e apresenta-a como sua no jornal da localidade, o qual é lido pelo jornalista de uma outra província, que tambem a publica como propria. Assim, de jornal em jornal anda o cysne preto a viajar pelo espirito publico até que ao

fim de mezes, o jornalista que originariamente o produziu torna a encontrá-lo.

Mas em que estado? A pobre ave está completamente transformada, com as pennas arripiadas sem o primitivo brilho. Um lhe atou ao pescoço um pequeno commentario, dos que em gíria jornalistica se chamam — *nariz de céra*, outro pegou-lhe á cauda uma opinião; este amplificou-a, aquelle reduziu-a; de modo que, de transcripção, em transcripção a idéa que nascera cysne preto, transforma-se gradativamente em perú incolor.

Neste novo estado a vagabunda é muitas vezes encontrada pelo jornalista que primeiro a gerou, o qual, desconhecendo-a, adopta-a como se fôra d'outrem e reimprime-a como propria, não já sob a forma de cysne, mas de perú, segundo explicamos.

Ora, a estes gallinaceos é que no jornalismo dá-se o nome de *originaes*....

Uma grande originalidade, por certo.

VIII

S. M. D. Pedro II, autor.

A successão hereditaria das famílias dynnasticas no governo dos povos, em que pese aos senhores republicanos, é instituição de utilidade inconcussa, muito de garantir a ordem nos Estados, pois córta ainda no brôto as papoulas de

Tarquinio, evitando assim lutas de rivalidades para conquista dos thronos vacantes....

....como acontece nos estados republicanos, *verbi gratia*, entre os nossos instaveis vizinhos hispano-americanos, povos de guelra injectada, que vivem a brigar por dá cá aquelle Latorre, ou aquelle Santos, ou....

Mas, imaginemos por instantes que por uma circunstancia fortuita qualquer, vaga o throno do Brazil (*quod Dii avertant*), ou que (peior hypótese ainda) a província de S. Paulo requer separação de corpo e de bens e se divorcia do governo geral, quebrando a unidade política do grande imperio; supponhamos-o.

A quem daremos, neste caso, a presidencia da nova república?

A mim? não! desde já declaro que não sou candidato.

A quem, então?

Ao Dr. Ferreira Braga? Mas o deputado Sr. Piza afirmou em plena sessão da Assembléa Provincial que aquelle doutor se tinha incompatibilizado com a república, apostatando da mesma. A quem mais? Ao Sr. Moreira, de Tatuhy, ou ao seu convizinho o Sr. Conego João Climaco?

O primeiro me parece um cidadão de hábitos quietos, inapto, portanto, para coordenar os elementos anarchicos e garantir a unidade do recém-nascido Estado.

Quanto ao Sr. Conego, não desconheço que S. Revma. seja homem de muita gravidade... política; mas, pelas imposições do seu estado

sacerdotal, não só a republica de S. Revma. não é deste mundo, como tambem S. Revma. representante nato do clericalismo, seria por isso mesmo um elemento latente de discordia, factor possivel de desaggregação politica para a hypothetica republica de Piratininga.

Outras candidaturas não vemos, plausiveis.

A' do Snr. Celso Junior oppõe-se o Snr. Rangel Pestana com «Uma duzia de bôlos».

Está, pois o governo acephalo, ou melhor, não ha ainda governo; neste caso, a quem elegeremos presidente?

Appareça candidato e asseguro-lhe o meu voto... para juiz de paz.

*
* *

Ora, nos povos governados por dynastias hereditarias não se vê disso, não ha bruscas paradas na machina governativa; a *chave* metaphorica de que trata a nossa Constituição política passa das mãos do chefe effectivo, em caso de morte ou abdicação, para as do herdeiro presumptivo, como a agua cahe da bica na tina, naturalmente, sem interrupção, sem abalos sociaes.

Querem melhor?

Mas, note, dir-me-á um republicano que a historia cita exemplos de furiosas guerras intestinas occasionadas pelos parentes do rei defuncto, rivaes dos direitos successorios ao throno.

Fraca objecção.

Isso deu-se, não o desconheço, mas foi no

tempo em que só havia sucessores eventuais; desde porém que se inventou o herdeiro presumptivo tudo começou a correr ás mil maravilhas.

O apparelho politico das monarchias, principalmente da especie constitucional representativa, é uma machina engenhosa, completa, incapaz de se desconcertar só porque se lhe intrometta entre os dentes da engrenagem a lingua ou a penna de um republicano.

*
* *

Não queremos hoje tratar das vantagens politicas do governo monarchico; nosso fim é contradictar a erronea opinião corrente de que os imperantes não passam de *fainéants*, cujo espirito se entorpece na inercia mental das sinecuras chamadas thronos.

Quando mesmo fosse verdadeiro o conceito, seria justo referil-o em qualquer outro paiz, não no nosso.

Temos um monarca que além de se ocupar solicitamente dos trabalhos governativos, praz-se ainda em fortalecer o seu espirito com estudos litterarios e scientificos.

Nas suas ultimas viagens á Europa e America do norte revelou o soberano grande cabedal de conhecimentos, que lhe valeram a fama de ser o mais ilustrado imperante do mundo actual.

Esta fama só a desconhecem brazileiros de má vontade, da classe dos cégos que não querem ver e dos surdos que não querem ouvir.

No estrangeiro, justiça é feita aos meritos litterarios de S. M.

Um exemplo:

E' notorio, diz o *European Mail*, que o Imperador do Brazil occupa proeminente logar entre os autores coroados.

Muitos escriptores reaes (de *rex, regis*), que apparentam de litteratos (allusão a El-Rei D. Luiz) recebem para o complemento de suas obras importante coadjuvação dos seus secretarios e editores, factos que estes só por lealdade não revelam. O Senhor Dom Pedro, porém, tem mostrado possuir veia independente de toda collaboração, e ser escriptor secundo; não tem sido «homem de um livro só» diz o texto (*a man of one book*).

Escreveu, continua o jornal donde traduzimos estas informações, muitos livros e pamphletos em que revela naturalidade (*ingenuity*), fluencia de idéas, variada leitura e grande dedicação ao trabalho.

(Aqui nos ocorre fazer um leve reparo ao informante do *European Mail*: que tais revelações são indiscretas.

Os livros e pamphletos da lavra imperial a que ali se allude não vieram á luz da publicidade no Brazil, donde infiro que só muito confidencialmente S. M. os teria confiado aos seus amigos da Europa e que, portanto, denunciar a existencia de tais obras é faltar á lealdade devida entre escriptores.

S. M., que, como imperador viajava incognito, queria talvez passar desapercebido como pamphletario.

(Ha quem tenha a Musa discreta; devemos respeitar as susceptibilidades litterarias dos outros).

Tratando do ultimo livro de S. M., ao qual já o sr. barão de S. Felix fez grandes encomios na *Gazeta de Notícias*, continua o *European Mail*:

A nova obra «IMPRESSÕES DE VIAGEM», na qual o Senhor D. Pedro presentemente se occupa, é muito de captivar o interesse dos europeus, visto que esse livro virá revelar-nos, nesta parte do velho mundo, a opinião que Sua Magestade forma dos politicos e litteratos inglezes, allemães e outros com quem travou conhecimento durante sua longa viagem pela Europa.

Tal é o lisongeiro juizo que os povos cultos fazem do nosso Imperador.

Fico a vêr se desta vez ainda os revolucionários da terra se negam a cantar a palinodíia.

Não os julgo, porém, capazes de teimosia tamanha.

IX

Rei, Conde e Dama

Dizem que os ingleses não adoram o sol porque não o conhecem.

Por um igual motivo eu, e commigo muita gente, não adora a Republica Brazileira.

Os ingleses, que são uns grandes industrialistas, ainda não conseguiram fabricar um sol para

seu uso exclusivo e, na falta de melhor, contentam-se com a pallida luz coada atravez dos permanentes nevoeiros de Londres.

Nesta questão do «systema que felizmente nos rege» me pareço com o inglez, menos na originalidade; — enquanto não brilha o grande sol da democracia, vou me aquecendo aos pallidos mas serenos raios do astro-rei vigente, cuja melhor qualidade está em não ser o Rei-sol.

E nem assim mesmo o poupar.

Ferocíssimos!

S. Magestade, pela modestia natural do seu caracter, pois não podemos crer que seja de caso pensado, vive a obscura existencia de um Rei de páos, e é por isso, talvez, que os republicanos, entre as cousas desagradaveis que lhe dizem, chamam-n-o — dous dos mesmos.

Elle tem as calças mais curtas do seu Imperio, a vida mais occupada, as mais bellas barbas que alvejam solos tropicos, e as mais magras parelhas para o tiro das grandes berlindas anachronicas que herdou com a suprema magistratura do paiz.

Elle não é soberano de 12 milhões de subditos, mas o subdito desses doze milhões de sujeitos, cada um dos quaes julga ter em D. Pedro de Bragança (2.^a do nome entre nós) isso a que nos jogos de prendas se chama uma *tabva de lavar roupa*.

E' assim que elles, os 12 milhões de citados, entendem o art. 99 do Constituição do Imperio:

«A pessoa do Imperador é inviolável e sagrada.»

Será esse o motivo da grita demagogica?

Mas, *inviolavel* é tambem o domicilio do cidadão, o que não o impede a elle domicilio de ser tão e tantas vezes violado nas suas fechaduras e nos seus muros, como o Imperador o é no sagrado direito da sua pessoa moral e no respeito não menos santo da sua familia.

De todos os direitos constitucionaes de S. M., o mais usurpado pelos seus subditos tem sido a dita inviolabilidade. Um qualquer que sinta na lingua o prurido da maledicencia e tenha na penna um pouco de ferrugem, diz lá de si para si:

— A quem hei de eu descompor? — A fulano? Mas esse pode pagar-me ella por ella com alguns quebrados por cima.

A Beltrano? Mas, que formidavel pulso de sujeito e que rijo *petropolis* com que elle anda! Nada. Quem tem estylo, tem medo...

Ah! alli vae um *inviolavel*... é um velho, um excellente coração, generoso do seu dinheiro para artistas pobres, um bom pae de familia; é excellente sujeito mas é *inviolavel*, quer dizer: se eu lhe passar uma decompostura, elle, nem me chama á responsabilidade, nem me esmôe a bengaladas. Magnifico achado! e zaz!...

Olá Magestade, olá Pedro! V. M. é isto! V. M. é aquillo! e o desabusado subdito põe-se a chamar publicamente o Imperador de muitas feias cousas, entre as quaes a unica saborosa e doce é *banana*.

PEDRO BANANA.

Não estão vendo que fino sarcasme,— fino e criterioso,— de muito chiste, e de muita critica?



E lá se vae o sujeito, de gorro-phrygio á banda, com uma bórla na ponta para afogar as orelhas, glorioso por haver achado um bom nome para pôr em Pedro, todo ancho de ter dado aquelle quináo de lingua nos monarchistas que, quando muito, o chamaram petroleiro, demagogo, revolucionario, — uns nomes limpos!

Se o Imperador, na meia hora que precede o somno, enquanto qualquer dos seus subditos vae ao restaurant comer um beef depois do espectaculo e saborear as primicias do jornal do dia onde Pedro é descomposto; se o Imperador, em vez de abrir o dito jornal ou uma brochura da *Nana*, abre simplesmente uma grammatica estrangeira e dá um pequeno cavaco com a syntaxe hebraica...

— Olha o sabio! diz o sujeito com fero sarcasmo.

Se D. Pedro abre braços amigos a algum converso que vem da Republica para o aprisco monarchico, como todo o bom pastor deve fazer para toda a ovelha desgarrada...

— Vêde a corrupção bragantina! o apodrecimento das consciencias!

Mas senhores, quando alguem, monarchista, passa para as *fileiras da democracia*, não achaes a causa louvavel e — independente, illustrado, evolutivo o transfuga?

Se D. Pedro quer intervir um pouco na marcha dos publicos negocios, ou pelo menos na conducta dos *negociantes*...

— Exorbitancia! Poder pessoal!

Se ao contrario o Imperador deixa correr o marfim...

Pedro Banana!

E ahí está em como num paiz de muitos milhões de homens, D. Pedro é o unico inviolável, isto é, o unico que pôde ser descomposto impunemente, que não pôde usar do direito natural de dar bangaladas, nem do direito criminal de responsabilisar o autor da injuria, o unico, enfim, que é preso por ter cão e preso por não ter cão.

Aqui cito um exemplo donde resulta a responsabilidade imperial em qualquer das duas hypotheses:

Entre as virtudes de D. Pedro distingue-se a da pontualidade. Ora, na ultima vez que elle veio a S. Paulo, os concessionarios da empreza Cantareira quizeram que S. M. fosse inaugurar os trabalhos do grande reservatorio da Consolação. S. M. accedeu e achou-se no logar á hora marcada, mas o seu ministro Sinimbú só compareceu hora e quarto mais tarde. Todos impacientaram-se, maldisseram o ministro, queriam que S. M. inaugurasse sem elle; todos se aborreciam ao sol; só S. M. mostrava-se resignado e esperou que o sr. Sinimbú chegasse.

E' o caso de *ter cão*, isto é, paciencia e delicadeza; se S. M. procedesse de outro modo haviam talvez de chamar-o incivil, arrogante, e talvez o prendessem por *não ter tido cão*.

Esta pequena amostra dá idéa de todo o panno; mas, enfim, D. Pedro é rei, e hoje o tempo não está para Reis.

Convenho, fóra o *rei*! Mas para que estender a hostilidade até o *zonde*?



Ha dias, a propósito da administração da municipalidade da Corte, um jornalista, em editorial da *Província de S. Paulo* terminou pela seguinte phrase:

* Se ao menos tivessemos a perspectiva de substituição mais alentada que o nosso triste casal de condes d' Eu!... *

Casal de condes d' Eu!...

E' o caso de se antecipar um pouco de mais a inviolabilidade de que trata o citado artigo 99 da Constituição.

Ainda, se a farpa apenas aguilhoasse só o *Conde*, vá; mas a *Dama*?...

Se começamos a chamal-os, enquanto simples herdeiros presumptivos, — «casal de condes» quem nos dirá que, quando soberanos effectivos, o estylo evolúa e começemos a dizer, referindo-nos áquelles senhores: — a nossa parelha, a nossa trela, a nossa junta — de condes d' Eu?

Outro dia, um anonymo perguntou-me na *Secção Livre* do mesmo jornal como é que eu queria que os republicanos fossem, se como eu?

Em primeiro logar eu queria que elles *não fossem*; mas, se de todo não é possivel que elles *não sejam*, nesse caso queiram ser — como eu, e como todos os que não abusam da inviolabilidade garantida pelo mui conhecido artigo 99 da Constituição.



X

Antes de mais, é de cortezia fazermos uma barretada á primeira volta dada pelo poeta Valentim Magalhães á manivella deste vetusto *orgão*, respeitosamente designado pelo rapazio do jornalismo — o decano da imprensa paulistana!

Nos ouvidos do leitor, habituados ao *solo* de oficleide de D. Manuel Fernandez y Gonzalez, devia ter soado como um *allegro* de pifaro a prosa attica do ex-redactor da *Comedia*.

Valentim é uma sorte de Paula Marié na companhia lyrica da academia, em cujo elenco figuram gargantas como as primadonas Theophilo e Raymundo; o baixo Assis Brazil, profundo; o tenor Fontoura, *tamagno!* e tantos!

Elle virá, alegra-te, leitor, todas as quintas-feiras borboletear sobre os assumptos litterarios, riscando com a sua penna d'ouro um leve traço de luz entre doux sombrios capítulos de D. Manuel, abrindo na semana litteraria uma fresta luminosa: do mesmo modo que, de repente, na meia sombra abafatiça de um casarão enorme, abre-se uma janela deitando para a campina fronteira, inundada de luz.

Approxima-te e vem olhar. Não vês, lá embaixo na estrada que se desdobra por entre a relva, a procissão dos factos notaveis da semana; uns, lepidos, saltitantes, ás cabriolas; outros coxeando, com um trambolho atado ao tornozello, aguilhoados pelo bico de uma penna?

Pois aquillo é a graça de Valentim: elle pega um sujeito sorumbatico e traça-lhe sob o nariz duas virgulas: bastam esses litterarios bigodes para que o personagem, a quem ias respeitosamente tirar o teu chapéo, se trasforme de repente na caricatura que te faz rir.

Feita a barretada, *Deo gratias!*

Alto lá, a procissão!

Alguem interpoz a sua prosa opaca entre os olhos do leitor e a janella que Valentim abrira para as deliciosas paisagens da phantasia. Quem foi o barbaro?

Nós. Hoje, cabe-nos a tarefa de encher uma lauda no *grande livro do povo*. Resigna-te, leitor, e vem comnosco até o palacio de S. Exc.

Domine, exaudi orationem meam.

Illmo e Exmo. Sr.—Em um dos folhetins passados tivemos o prazer de dirigir a v. exc., algumas regras bem traçadas, sugerindo quatro ideias mui aproveitaveis sobre a utilisação dos terrenos alagadiços da varzea do Carmo.

Somos agora informado de que á malevolencia do orgão official devemos ter v. exc. prestado grande desattenção ás nossas quatro ideias; como se ideias fossem cousa cada dia encontrada nos cerebros dos administrados de v. exc.

Não desanimamos, porém. Nós temos a tenacidade d'aquelle sujeito de quem referem os *avatares* bouddhicos—que atravessando um braço de mar deixou nelle cahir uma perola de grande valor. Sabe v. exc., o que fez o teimoso? Isto: pegou num balde e poz-se a esgotar a agua do mar.



Neptuno, admirado de tamanho esforço de vontade, foi ao fundo buscar a perola e a entregou ao sujeito.

E' por isso que o insuccesso da primeira tentativa serviu para mais acrisolar a nossa teimosia. Em quanto nos julgarmos capazes de concorrer para o engrandecimento desta província, havemos de importunar a preciosa attenção de v. exc.

Nós com as ideias, somos do mesmo modo que a *Tribuna* com os chins. Aquelle jornal tem um chim na cabeça ou alhures ! Cada dia pela manhã, ao abril-o, a primeira cousa que avistamos são as sobrancelhas divergentes do *salamelek*. Não ha poder no mundo que arranque da politica da folha official aquillo ! Parece que vae a descer morro e teme que a carga lhe corra para a cernelha se a não fixar ao lombo por meio do rabicho mongolico. Deu-lhe para alli !

E' a sua mania: impingir o chim, como nós a nossa idéa.

Entre a *Tribuno* e nós ha, porém, diverso motivo de teima. Nós, somos impulsionado por um ferveate amor á causa publica; mas... aquella folha? Ella, na sua perspicacia de candidate, viu que o melhor mimo a fazer ao eleitorado de riba mar era o chim, pescador por excellencia. Que importam as apprehensões anti-chinezas do sr. Theophilo Dias, adoptadas pela unanimidade dos que têm as fazendas já guarnecididas de braço preto, se o que falta a Iguape, a Cananéa, ás povoações da costa, é o colono amphibio que lhe vareje os mares á cata da pescada, que passe a vida sobre



a agua, acampado na canôa, ou trotando nas ruas, com o balaio ás costas a gritar: *camoló! sardinha!*

Allemães! uma gente que não bebe agua! Portuguezes! Italianos! Historias! Mettam lá desses hydrophobos na ribeira de Iguape, no porto de Cananéa! Tem a *Tribuna* razão: cada qual pucha... o chim para a sua *sardinha*.

Mas, deixemos de parte as *chinoiseries* eleitoraes da folha official, e voltemos á idéa que faz o assumpto desta missiva.

Exmo. senhor, tal tem sido o procedimento de v. exc. na administração da província, que um profundo reviramento todos os dias se opera na opinião por nós formada ácerca dos meritos administrativos de v. exc.

São apenas decorridos 59 dias da estréa de v. exc. para cá, e, dá-se o caso estupefaciente de nós, a oposição humorística, descermos dos baluartes aos quaes nos guindára inveterado pessimismo, e de virmos, neste momento solenne, perante v. exc., contricto, dar as mãos á palmatoria. Ellas, as sceleradas, tamborilaram irreverentes ironias ao redor da dignidade presidencial. Mandae agora, exmo., applicar-lhes pelo vosso ajudante d'ordens douz bôlos com a férula da intemerata justiça.

E para nos expurgarmo completamente do feio peccado da maledicencia, enquanto nos agui-lhoam remorsos, permitta-nos v. exc. que entoemos uma *kyrielle* de louvores aos seus inconcussos merecimentos.

Por onde começar? A ladainha inteira exprime com inilludivel verdade as 45 perfeições de

vossa pessoa; entretanto só cantaremos os *kyries* que mais lhe assentam, os que parecem ter sido feitos por medida.

* * *

Virgo prudentissima. Nem a propria Cassandra teria em tão superlativo gráu a virtude da presidencia. Quando v. exc. deixava as plagas onde medram o sanguinolento churrasco e o conselheiro Martins, se alguns amigos seus, commun-gando a mesma politica e as mesmas iguarias, á mesa da despedida, perguntavam no entusiasmo dos *toasts*

« Onde vai, seu Percira de Moraes?
Se vo é vai não volta mais? »

v. exc. serenava os animos, dizendo que vinha a S. Paulo, por alguns, mezes, dar a ultima de mão á obra dos regeneradores.

De facto, chegando aqui, v. exc. teve a prudencia de encerrar-se com os negocios publicos, fazendo da porta uma venia aos *habitues* palacianos. Estes, vendo v. exc. inexpugnável como Sebastopol, tiveram saudades do sr. conselheiro Abelardo e foram para suas casas cuidar dos seus negocios deixando os da província em paz.

Ora pro nobis!

Speculum justitiae. Conhecemos nesta capital duas figuras symbolicas da justiça, uma encimando a aza esquerda do novo edificio da assembléa, no lado onde funciona o jury; esta tem sobre os olhos uma venda: está armada de uma balança



para pezar as circumstâncias attenuantes e de um facão para cortar o fio dos discursos. A outra, v. exc. conhece: tem sobre o nariz um pince-nez e está armada de boas intenções, dizem.

Ora pro nobis.

Vas spirituale. Ha nada mais chistoso do que v. ex., que nunca se gabou de ter *sahido do fogão dos gaúchos*, metter num chinello a altaneira política do conselheiro Martins e obrigal-o a gritar *hips!* e *hurrahs!* no banquete de adeuses? *ora pro nobis.*

E assim poderíamos coutinuar, attribuindo sem muita inverosimilhança a v. ex. cada um dos louvores cantados á Virgem. Até aquelle vocativo, que á primeira vista parece naturalmente discordar do sexo de v. ex.—*virgo potens*; até elle, com a simples suppressão de uma syllaba serviria.—*Vir potens.* Não é porventura v. ex. o supremo depositario do poder publico nesta província?

Porque, pois, não utilisará v. ex. o poder de que está revestido, praticando um grande acto meritório, mandando AJARDINAR o CAMPO DOS CURROS?

Eis o nosso chim, quero dizer, eis a nossa idéa!

* * *

Não sendo v. ex. desta província, e não tendo muito tempo para gozar da dita idéa transformada em frescas sombras e odorosas flôres, é possivel que exija mais alguns argumentos para deliberar.

Aqui vão: O Campo dos Curros é um vasto



quadrilatero perfeitamente desenhado, e que se prestaria melhor que nenhum outro ao recreio das minhas crianças, se em vez de estar servindo, como actualmente, de acampamento aos britadores de pedra e de reservatorio a toda sorte de imundicie, estivesse transformado em um bello jardim com largas ruas areiadas, onde as crianças podessem correr livremente.

Além desta razão de ordem publica, ha para considerar-se, que o Campo dos Curros, pela sua topographia, forma o nucleo natural dos bairros do Chá, Arouche, Consolação, e será mesmo, depois de communicada a rua Direita com a do Barão de Itapetininga, o passeio mais proximo e por conseguinte o favorito da população da cidade. Ora, obrigar essa população a ter saude, approximando-lhe dos pulmões irritados pela poeira das fazendas tingidas uma porção de ar puro, leve e regenerador, parecerá, porventura, a v. ex. somenos beneficio? Pois a v. ex. não se figura tão urgente *regenerar a saude publica, como as finanças provincias?* V. ex. chegou tarde de mais para collaborar na obra de regeneração dos cofres publicos; se quer applicar a sua actividade, exmo. sr., dirija-a ao que ainda não está degenerado, ao Campo dos Curros.

Demais, é o unico meio de v. ex. perpetuar-se na memoria dos paulistas. Esta gente tem muito relaxada a faculdade retentiva. Quem não aproveita a presidencia para insculpir o seu nome em marmore, fundil-o em ferro, pintal-o a tinta, pôde contar certo com o esquecimento da posteridade.

Não ha actualmente na cidade e suburbios, uma ponte, uma parede, uma pedra, um banco, que não nos lembre esta ou aquella administração. Ide á Ponte Grande, aos taludes do Carmo, á Ilha, ao Jardim — ahí vereis os indeleveis signaes da passagem de tal ou tal excellencia pelas regiões administrativas.

Pois, só v. ex. não terá, fóra os *offícios*, um cantinho qualquer de onde se faça lembrado ao futuro?

Eis porque, exmo. sr., somos de opinião que se ajardinem os Curros. Aquelle recanto ainda está immaculado do nome de qualquer presidente; eis alli onde v. ex. deve mandar erigir o seu padrão de gloria.

Exmo. sr., o visconde de Uruguay, no *Ensaio sobre o Direito Administrativo*, diz, cap. XXII, que a administração, para bem preencher os seus fins, deve «illustrar-se sobre o alcance o consequencia de seus actos» e accrescenta: «A administração illustra-se pelo conselho.»

Eis porque, exmo. sr., tomo a liberdade de offerecer á meditação de v. ex. estas linhas.

Digne-se v. ex. considerar as suggestões acima, como prova do grande interesse que tenho pelo recreio das minhas crianças, pelos pulmões dos citadinhos adultos, pela prosperidade do meu bairro e pela eternisação do nome do v. ex., nesta cidade, já tão onerada de gratidão pelos benefícios prestados ao Jardim Publico durante a administração predecessora da de v. ex.

XI

Fazen^edeirophobia

*Monsieur Prud'homme,
(chez Madame la Révolution)*

Caro senhor, esta é a primeira que vos dirijo, da qual ainda não tive resposta.

Desculpae o avelhentado da idéa e da phrase; devo-a ao contagio: veiu-me num raio luminoso do ultimo facho abolitionista com que insistis em alumiar as escuridades da questão negra.

Alto lá! O espirito humano não supporta os successivos jactos de luz electrica que lhe projectam sobre, semanalmente, os magnificos folhetins sociaes da vossa « Semana politica ».

Dessas fortes claridades vem-lhe o deslumbramento. O petroleo da vossa prosa revolucionaria cega o olho nacional, por um excesso de luz.

Ponde um *abat-jour* no candieiro; commedi as altiloquentes arremetidas do estylo-rojão; crêde que se fordes prudentemente gastando a vossa polvora em caixinhas de traques, podereis fazer ainda barulho por muito tempo e a « face tremenda da questão » ganhará com esses pequenos estalos o dobro do que lucra com os estouros ensurdecedores das bombas reaes.

Bom! Bom!

Poupae a materia explosiva do entusiasmo; dáe-nos propaganda pela dosagem dozimetrica — um pouco de medicamento num pequeno granulo.



Nada de grandes pilulas, que os cathecumenes
não as engollem.

Propináe a liberdade gatta a gotta.

Suprime a enxurrada!

Suspendei a inundação!

* *

Sois um illustre agitador, um diserto folhetinista, um facundo tribuno; estudaes medicina; deveis saber que na composição do cerebro humano entra uma certa dose de phosphoro.

Se o não ignoraes, então, como se explica que andeis intermittentemente a soprar o tição das ideias igneas tão ao pé daquella substancia altamente inflammavel?

Por que diabo, ó sympathico anarchista, andaeis a embutir punhados de palha secca nas cavidades que a ausencia do miôlo deixa nos craneos dos vossos concidadãos?

E como é que ao mecher nessas cousas vos dispensaes de ter o simples cuidado com que abris uma caixinha *säkerhets tandstikor*?

Quereis absolutamente pôr-nos em polvorosa?
Então, sede franco.

Apagou-se-vos o cigarro? ahí tendes: riscæ na primeira *parede* que organisardes «em torno das fazendas dos grandes proprietarios» a cabeça de qualquer dos vossos asseclas: é a cabeça do proprio Jonkopings.

Lembræ-vos porém da legenda: *tanda enlast mot lädans plán!*

Quereis que pegueim fogo aquellas cabeças?
— friccionae-as mais de rijo na *Semana política*
e podereis accender o cigarro.

* * *

Agora vinde fumar aqui para um canto da
senzalla vazia.

Quereis ver o aspecto da fazenda?

— No terreiro cresce o matto-bravo. Pasta
numa communhão fraternal o gado da laboura.
Começa vir novo pello á cerviz do boi desopri-
mida da canga do trabalho. Os muares passeiam
de um a outro angulo do quadrilatero, pausada-
mente, ruminando as grandes ideias da liberdade,
da igualdade e da fraternidade asininas. Uma ponta
grunhidora de suinos foça curiosamente o montão
das velhas ferramentas abandonadas a um canto.

Na casa das machinas os pilões do engenho
batem nos ultimos balaios do café as pancadas
vingadoras do destino. O moinho pulverisa entre
as pesadas mós de pedra os derradeiros vestígios
da lei de 28 de Setembro.

No eirado das tulhas as pombas domesticas
arrulham amores ao lado das juritys selvagens e
embebem os doces olhares no azul immaculado
do céo.

Está a fazenda silenciosa e deserta.

Triumphastes!

Reina nos eitos uma paz augusta.

Os cafesaes e os algodoeiros collaboram ac-
tivamente na obra da producção; aquelles ama-

durecem as safras, estes entretecem os pannos para ensaccar a colheita. A canna esmôe-se espontaneamente; corre a garapa pelos declives naturaes para o leito dos corregos, alcança os rios, deriva aguas abaixo e vae crystalisar o assucar nos emporios de exportação.

Pae Zuão accende um telegramma da sociedade abolicionista de Londres e offerece lume para o cachimbo de John Bull.

Constitue-se a ordem moral ao lado da ordem economica.

«O senhor capitulo com o Direito, o Direito capitulo com o senhor. Este já não tortura e mata o escravo; o escravo por seu turno não se irrita e já não mata o senhor.»

Tudo está perfeitamente bem.

A *Gazeta de Notícias* elevou a tiragem a 500000 exemplares. O sr. Elysio Mendes viaja segunda vez á roda do mundo. Reinaldo Montóro, do *Cruzeiro*, foi posto no tronco que tanto defendêra e deportado para Loanda.

Mr. Prudhomme incorporou um—o—ao seu nome, e anda a espairecer pelas «pequenas propriedades rurales».

E no fundo da paisagem, na serra do Itatyaiá, um par de genios da Liberdade brita o pico mais alto das Agulhas Negras e offerece-o como o monolitho c. mmemorativo da accão redemptora que exercestes nos dominios de D. Pedro II, aquelle de quem dissestes—«o sabio sem obras, o grande politico de agua de melissa e canja.»

— Só nos resta saber onde puzestes o fazendeiro e o negro.

*
* *

Não sou iconoclasta, admiro-vos como o fetiche de uma religião justiceira e vingadora; iria até fazer uma genuflexão ante o nicho donde lapidaes as nossas velhas instituições atirando sobre o trono augusto dos Braganças e sobre o fazendeiro os cacos da oratoria sanguinaria ha quasi um seculo exhausta pelos terroristas de 93.

Mas... parece que ultimamente decahistes para o *poncif*. Apezar de algumas *boutades*, fartas de graça, chegastes, pela cumplicidade de certas *chapas*, a ficar incursو no *commentario* de Xavier Aubryet: *L'organisation la plus épurée a peut-être dans sa composition un peu de Prudhommisme, à l'état d'alliage.*

Quando dizeis: «Nós, povo educado pelo lyrismo constitucional, nós, adoradores da trindade bragantina...» e mais adiante «...a Revolução é hoje para o Brazil uma fatalidade!» podeis afirmar que estas bellas cousas não as escrevestes sob a dicção de Mr. Prudhomme?

*
* *

Andaes agora apprehensivo por causa das circulares dos candidatos e cereaes que elles vennham a construir «um parlamento essencialmente representante dos socios e dos relacionados com os piratas da lei de 1831», confessando, entre-



tanto, que os fazendeiros são poucos milhares, e muitos — os milhões de brasileiros que não têm escravos.

Se reconheceis que o fazendeiro e o seu adherente estão para o resto do paiz na proporção do milhar para o milhão, como tendes medo de que esse mesmo paiz, quasi todo abolicionista, chamado a constituir representantes das suas idéas e dos seus interesses, dê os suffragios áquelles que previamente declararam defender idéias e interesses oppostos?

Demais, se vós sois os milhões, porque não usaes do direito eleitoral que vos é commun com o fazendeiro? Pois a quasi totalidade deixa-se supplantar pela parcella numa simples questão de numero?

Ou entendéis que os vossos adherentes são todos aquelles a quem a lei julgou dever recusar uma vontade política?

Forçoso é que alguma explicação exista para esclarecer o facto. Se a calaes, ou não sabeis qual seja, e nesse caso tendes ainda de estudar mais esse ponto da economia social do paiz que escapou á vossa omnisciencia, ou, então, os vossos milhões não passam de hespanholadas.



Outra originalidade que entra na vossa literatura como elemento de pilheria é que quando bolis na abolição implicaes singularmente com

o fazendeiro, o unico que, na ordem pratica, até hoje tem feito por ella alguma cousa.

As estatisticas dir-vos-ão que, em quanto pelo auxilio da propaganda, dos clubs, das conferencias e dos banquetes em que pondes ao serviço da liberdade o dente, a lingua e a penna, alforriaes um, o fazendeiro, pelo unico impulso da sua ex spontaneidade, sem ostentação e sem *reclame*, liberta 1000.

Direis: altorria não é abolição! Nesse caso deixae em paz o fazendeiro e ide tomar contas ao legislador.

O fazendeiro faz a lei na sua casa, como vós a fazeis na vossa; alinha o seu cafezal como alinhaes os vossos trópos; explora o trabalho do escravo, do mesmo modo que o industrial explora o proletario e que todos nós exploramos uns aos outros; faz isto — applica a sua actividade a uma das fontes de producção: não deveis, além disso, exigir que elle subscreva os vossos folhetins e vá constituir, com uma delegação que ninguem lhe deu, o direito territorial do seu paiz.

Elle vos dá o feijão—*phaseolus vulgaris*, a abóbora—*cucurbita pepo*, a mandioca—*jatropha manihot*, e finalmente o milho—*zea mais*; vós lhe retrucaes com a hyperbole, a paragoge, a onomatopéa e a hypotipose.

Elle vos dá tudo isso e vós lhe daes... de rijo!

Sois eloquente, mas sois injusto.



Salve! ó inclyto demolidor!

Com o bico da penna derrocastes o frontão
do Grande Banco de credito real e riscastes no
programma dos novos candidatos um traço de
reprovação.

Furastes o sr. Joaquim Leite, de Barra Mansa;
perfurastes o Padre Ferreira, da Bahia.

Sois na litteratura um denodado fura-bôlos!

Na politica um habil fura-vidas!

Declínemos agora:

Fur-fur, fur-furis:—o farello.

Dae-o a comer ao fazendeiro.

Julho, 1881.

XII

A massa de que elles se fazem

Sabe o leitor de que massa se faz um advogado,
um ministro d'Estado, um magistrado ou um
diplomata?

Disto apenas: daquelle rapazola que por ahí
vai passando com o cigarro entre dentes, cuspi-
lhando a saliva que o acre fumo provoca, sobra-
çando uns compendios de preparatorios e dispa-
rando ao tróte na direcção do *curral*, se na torre
de S. Francisco a badalada fatidica annuncia que

ja bateu o quarto e que a *illustrada cadeira* vae entrar em funções.

O bedel, de canhenho na sinistra e lapis no dextra, marca um *ponto* imperceptivel de desgosto e de odio no destino embryonario daquelle que alli chegou esbaforido da corrida e que bufa o cansaço por entre os labios vermelhos de infante, donde mais tarde o *verbo* ha de sahir, ponderoso e autorisado, para convencer um juiz, electrisar os populares que vão ao debate das camaras, ou decidir a questão da paz ou da guerra nas conferencias diplomaticas.

Elle hoje tem medo do bedel Esteves que lhe marca o *ponto* e da *cadeira* que o reprova no exame; amanhã terá talvez a pasta da Justiça ou do Imperio, com esse tão precioso attributo do poder executivo: fazer nomeações.

Não desdenheis, pois, daquella massa de que se faz um futuro ministro.

Se não vós, os vossos filhos ou netos, talvez, um dia terão de ir, na ante-camara de um palacio, solicitar dos filhos ou netos daquelle sujeitinho que alli vae hoje passando, e então — s. ex. o sr. Ministro, um favor, uma nomeação, qualquer emprego, qualquer meio de remediar a pobreza que urge e a miseria que ameaça.

E ha de, talvez, elle, vosso filho, com os olhos cravados no reposteiro que o separa do gabinete de s. ex., soffrer todas as angustias, sentir todos os pungentes espinhos que aguiilhoam a suscep-tibilidade de um homem que sahe da autonomia de seu lar e da independencia dos seus brios, para

ir requerer.... o que? Justiça? ah! ah! ah! — a protecção, a benevolencia, o favor de s. ex. o sr Ministro de tal ou tal pasta.

E quem é o poderoso ministro de encontro a cuja omnipotencia esbarrou de repente o destino do vosso filho, que se constituiu num momento dado o arbitro da sua felicidade talvez! da sua subsistencia, quem sabe?

Pois não tendes a honra de o conhecer?

Triste desmemoriação de um impetrante!

Não vos recordaes, então, de um rapazola que vistes um dia passar na rua, de cigarro entre dentes, cuspidando de banda a banda, na calçada, a saliva que o acre vapor do fumo provoca?

E elle, elle que, hoje, alguns annos depois que o viste disparar a trote apressado, rua afóra, ao toque do quarto na torre de S. Francisco — o talento, a tenacidade o patronato ou o accaso collocaram de repente na posição elevada de ministro, perante quem vosso filho necessitado, veiu requerer um ganha pão paro acudir á fome do vosso neto que ficou choramingando no berço á espera da sua vez de nomear.

Convém, pois, respeitar as crianças que passam na rua, se não pelo amor que a sua idade merece, ao menos por esta consideração — que elles são a massa de que se fazem os futuros poderosos.

A vida é assim.

O patrimonio vinculado que era a consequencia da nobreza hereditaria e dava ao Cazuza do casal a fortuna accumulada da familia, acabou-se; queres,

leitor, dinheiro? Trabalha, ganha-o: não confia no inventario do papá, porque a grande fazenda onde nasceste, a velha escravatura, o cafesal e o gado, retalhada, repartida, distribuida aos pedaços pela lei da successão não dá para que um dia ainda, no futuro, e praza aos ceus que nunca, te livres de sentir que o coração te bate mais forte, só porque a brisa fez ondular o panno verde de um reposteiro atraç do qual está o gabinete do sr. Ministro, a quem mandaste um requerimento cheio de humildade e de supplicas, e que olha aborrecido para as tuas garatujas, mastigando a ponta do charuto, impacientado, chamando-te mentalmente *massante*.



Estou pensando nisto enquanto alli do canto do exernato Morton sahe um bando de creanças, alegres, lutando de velocidade na carreira, agitando os musculos entorpecidos pela immobilidade da aula.

Os que sahem levam-me naturalmente a pensar nos que ficam e a ter dó das creanças sujeitas ao regimen dos internatos.

O sr. inspector da instrucção publica manifesta em um dos seus passados relatorios o philanthropico desejo de ver funcionando uma escola ao lado da casa de cada cidadão. Esta hyperbole de peça official é principalmente applaudida pelas creanças que violentamente arrancadas aos habitos de sua edade, vêm de longe, da fazenda ou da

villa onde adolesciam na salutar independencia dos terreiros ou das praças, para a disciplina dos collegios, já vão comprehendendo que um pouco de instrucao elementar, incompleta e quasi sempre inutil, não compensa o estrago das faculdades moraes que determinam o caracter do futuro cidadão; hoje vê-se, o que era raro até bem pouco tempo nesses agrupamentos, creanças alegres que supportam a grammatica a que são forçados pelo programma dos estudos, porque têm outras compensações no recreio, na amenidade dos mestres, na bondade ás vezes paternal dos directores.

Desta mocidade assim creada livre dos terrores e das humilhações dos velhos regimens escolares hade provir um grupo de homens independentes e autonomos, sem as hostilidades que se accumulam no coração daquelles que sofreram na infancia.

Nos lugarejos do interior a deserção das escolas tem por principal razão a incapacidade profissional dos mestres.

Os methodos de ensino são ainda aquelles antipaticos preceitos rotineiros que foram o suppicio de tantas creanças.

Não tem havido uma unica reforma prestavel no ensino primario.

Os poucos professores preparados na Escola Normal não bastam para estabelecer a uniformidade de um bom systema de educação, se é que aquelles professores chegaram, durante o seu curso normalista, a encontrar-se com a cousa chamada — um systema de educação.

O programma de todos os actuaes collegios, sem excepção, é preparar alumnos para o exame.

Não ha direcção que resista, ou que possa resistir a esse estado de cousas inveterado; os paes dos alumnos assim o querem, o director resignase e os professores applaudem.

Nas escolas primarias não ha vigilancia: o cargo de inspector de districão é gratuito e vae-se transformando em cargo politico como todos os outros.

A propria escola normal andou feito joguete de partidos. O seu programma é dos mais incompletos: o seu corpo docente foi nomeado sem concurso.

Foi completamente sophismada na lei provincial a concurrenceia a quasi todas as cadeiras, pela isenção concedida aos bachareis e sacerdotes.

A inspectoria geral da instrucção publica não superintende em causa alguma que respeite á escola normal.

A lei que creou aquelle estado no estado quebrou a harmonia que deve reinar em toda a organisação do ensino publico e, com tal excepção, abriu margem aos malevolos commentarios da opinião.

Todo este estado de cousas é como um amontoado da nuvens que está no horizonte à espera de uma lufada de vento forte que a desmanche e limpe o céo.

Neste interim o sr. senador, que diziam ser o Eolo capaz de varrer a céo da instrucção desta província, retira-se da administração, temporariamente, por enfermo.

A commissão nomeada pelo anterior presidente continua na laboriosa gestação do seu programma.

Em quanto corre o marfim, alguns pessimistas vão rosnando: *mons parturiens nascitur ridiculus mus*, e muita gente começa a ver nos horizontes a ponta da cauda de um camondongo.

XIII

N Valentim Magalhães

Caro poeta, cahiste afinal das nuvens desse setimo céo mahometano, a vida academica, em plena vida real! Tambem no tempo da sazão se desprende do arbusto o fructo amadurecido; ou de um jasmineiro, á hora da sésta, cahem sobre a relva do canteiro as alvas estrellas fragrantes.

Achas a comparação *forçada*, como as plantas de estufa?

Culpa então estes jardins onde, em Novembro, as flôres quasi que nascem murchas, tornando-se por isso incomparaveis com o teu juvenil espirito de phantasista, que explendem todos os brilhos e toda a magnificencia de um alegrete florido.

Flôr ou fructo, agradece-me, entretanto, o associar-te no mesmo ramalhete á *Paul Neron* de opulenta corolla, e á *Van Houtte*, de avelludado delicioso, ambas premiadas nos certamens da flo-



ricultura, do mesmo modo que se distingue sempre o teu talento de escriptor brilhante nos concursos de litteratura.

Inscrevo-te, pois, em boa plana em meu catalogo de flôres... de rhetorica; quero com isso merecer-te o primeiro abraço de bacharel em scien-cias juridicas e sociaes.

O primeiro? Não.

Seria usurpar a uma das metades do teu co-ração os palpites commovidos da outra, no solemne momento em que o nosso venerando mestre de *Pratica... theorica*, em nome da Academia acaba de impôr-te no craneo, antipathico ás Institutas e ao Digesto, o barrete symbolico para debaixo do qual segunda-feira passada entraste simples Valentim e de sob cuja capsula sahiste metamorphoseado em sr. dr. Antonio Valentim da Costa Ma-galhães Junior.

Nem na retorta de um alchimista se operaria tão subita transformação.

Eras cobre; fizeram-te ouro. Agora teu maior cuidado vae consistir em desfazer a combinação chimica e em reduzir o ouro a *cobre*.

Eis a grande pedra philosophal; trata de vêr se a descobres entre os formulariois, os tratadistas, Vallasco, *et reliqua*.

Doutor, poeta e amigo, no momento da tua elevação á cathegoria de *homem-serio* deixa-me que te utilise como assumpto risonho deste folhetim, com a circumstancia para mim preciosa de não ser eu hoje obrigado a despender os 12\$500 rs de espirito de contracto, dirigindo-me a quem o dis-



tillou de 36 gráus na «Vida de seu Juca» e ainda está em plena fermentação.

Mas... tem realmente espirito?

Em geral, espirito — é uma cousa que se contrapõe a corpo; deves, portanto, ser tão espirituoso quanto és physicamente exiguo.

Do que em ti apparece distinguem-se duas grandes superficies planas, são: a face lisa do teu bello caracter e as elyppses dos teus oculos inseparaveis.

Tudo mais que se manifesta sob teu nome, não és tu, é a tua sobrecasaca.

De modo que poderias com verdade ser assim definido:

«Uma sobrecasaca de panno preto, unida a uns oculos brancos por meio de um alfinete vertebrado.»

Prefiro, porém, deixar-te indefinido, como os artigos *um* e *uma*, a correr o risco de dar de ti uma falsa noção.

Não estou aqui para formular uma definição; vim para dar-te um abraço e aproveito a oportunidade para dar-te tambem dous conselhos.

Um juridico: — Nunca requeiras perante o juizo de paz do norte da Sé.

Outro litterario: — Não te divorcies das Musas.

O primeiro requerimento é para o advogado incipiente, no qual caso te achas, o primeiro semi-cúpido tomado nas aguas excusas do Rubicon; transposta a barreira, has de seguir, de então por diante, bom ou mau grado teu á mercê das legiões de for-

malidades processuaes, até sentença final e tua execução.

No percurso da 1.^a instancia sofrerás mil *aggravos*, apezar da tua indole pacifica e da boa vontade que tens de viver em paz com o illustrado patrono *ex adverso*.

Este sujeito, collega mais velho nas manhas do fôro, acha sempre um meio de subscriptar para teu particular uso, sob o distico de *razões finaes*, uma serie de insolencias mais ou menos graúdas.

Resigna-te. A praxe tem estabelecido em geral que o «patrono *ex-adverso*» é tanto mais abalizado quanto se revela menos bem creado.

Soffrerás ainda os desgostos das appellações, cousa que na linguagem forense corresponde ás encapellações na giria academica, divergindo apenas em ser uma o opposto da outra; tendo aquellas por fim fazer subir os autos e estas descer os chapéos até ás orelhas

e custas de J.

J. quer dizer justiça; has de muitas vezes encontra-la *em breve*, tanto no final das razões como afinal nos julgamentos.

Sais do «velho convento franciscano» cheio de entusiasmos pela nobre profissão: és — «o defensor do orphão e da viuva!» Pois bem, em breve terás de reconhecer com Alphonse Karr que desde que um advogado precisa defender o orphão e a viuva é que houve outro que primeiro o atacou.

A causa do orphão e da viuva é o bello ideal de Justiça que todos levamos ombrulhado na carta da Academia para Macacú.

Depois, como a porta da consciencia parece ter os ferrolhos em commun com a porta do escriptorio, em abrindo-se esta, dilata-se aquella, de modo que por onde entra o cliente penetram tambem as complacencias e as conciliações dos escrupulos.

O orphão e a viuva, a velha *chapa*, estão na ordem legal para o advogado, como a Inglaterra está para as Indias inglezas na ordem social.

E' um protectorado de sanguesuga.

Com as excepções do costume: o leitor, se advoga, tu e eu.

Adeus, illuso poeta, deixo-te aqui mil saudades e, como ainda não tens *pratica*, o modelo de um requerimento.

E' mais um serviço de *Vade-mecum*, do que uma lembrança de amigo; entretanto, ahí vai:

Hlmo. sr. Apollo, Juiz no Parnaso.

Dizem Thalia, Erato e Calliope, musas protectoras da poesia lyrica e dramatica, residentes no planalto do monte Hellicon, que o poeta Valentim Magalhães dellas recebeu grande somma de inspiração poetica obrigando-se a pagar-lhes capital e juros em varias prestações de alexandrinos; acontece, porém, que o dito Valentim muda bruscamente de estado, passando de poeta a bacharel e já não quer fazer versos, excusando-se ao pagamento; ora, como não é lícito que um poeta inspirado metta a viola, digo — lyra, no sacco (passim), as supplicants requerem que o dito Valentim seja citado para vir ao primeiro

prelo por V. S. designado imprimir um poema.
Pena de bacharelismo.

E. R. M.

**

Desejo-te inspiração e clientes.

Teu muito affectuoso
EZEQUIEL FREIRE.

S. Paulo, Novembro 1881.

XIV

Zulmira.

Completas hoje cinco annos e desde cedo o tic-tac de tuas botinhas novas sóa por toda a casa como o ruido de um velho pendulo amigo que marcasse, segundo por segundo, uma hora de ineffável alegria em minha vida, onde ha, como na vida de todos, momentos sombrios e tristes.

Valia a pena que todos os dias fizesses cinco annos, porque nestas manhãs não murcharam as rosas de Malherbe, a flor symbolica da ventura transitória.

Com teu vestidinho de mousselina azul, pessonado no serão de hontem para a surpresa matinal do teu anniversario natalicio, pareces retalho de céu ondado que por uma fresca alvorada de primavera entrasse pela janella entreaberta ás ultimas estrellas e ás primeiras rubora-

ções do arrebol, e se deixasse prender na sala, como vem um beija-flor attrahido pelas rosas da jardineira e vê-se de repente captivo. Ei-lo, no afan de libertar-se, agitado, voando daqui para alli, indo e voltando ao mesmo ponto, irrequieto como estás hoje.

Por momentos esqueces a volubilidade de creança e sobre a irradiação dos teus olhos desce um veu de seriedade que um pouco amortece a petulancia nativa de tuas pupilas escuras; e assim, entre sorrindo e séria fazes uma pretenciosa mesura aos mimos que á tua festa trazem os teus amigos.

Com quanta graça imitas agora desvêllos de mãe carinhosa e, por uma precoce intuição dos futuros deveres, unes á tua as faces da filhinha querida—esta linda boneca de tranças louras e camisola côn de rosa.

E por uma illusão que não quererias talvez desvanecer, cuidas, porventura, que é porque a embalas que *Nené* fecha os seus olhinhos mecanicos, ou chora se lhe apertas a cinta com mais força.

Parece que hoje amanheceste mais meiga, mais graciosa, *mais gente*, com uma vaidadesinha maior no teu nascente espirito e mais uma polegada na pequenina estatura.

Estás alegre como um passarinho; entretanto vêm-me as vezes, ao contemplar-te, umas tristes preocupações, como em noutes claras correm pelo céo nimbos pardacentos, sombreando passageiramente o luar.

Preoccupa-me o teu futuro destino, e dóe-me a incerteza de que elle seja bom ou máu, cheio de sorrisos ou cheio de lagrimas.

Dizem que todas as existencias humanas são dominadas neste mundo pela mysteriosa influição de um poder qualquer, que é para as creanças christans o anjo da guarda, para os aventureiros, a sua boa estrella, e a fatalidade ou o accaso para os incredulos.

Ora eu quereria collaborar na obra de tua felicidade futura e por mais que sollicite uma confidencia do teu anjo da guarda, o discreto cherubim emmudece, zeloso, talvez, de repartir commigo a tarefa.

Neste isolamento recorro aos educadores, mas os seus systemas pedagogicos repellem-se mutuamente, quando não são em si contradictórios; e até se por um raro accaso douz systemas se harmonisam em um ponto as theorias vêm-se logo em conflicto com os costumes.

O facto que mais te interessa, os teus brinquedos, acreditas que a tal respeito haja discordancia, na opinião dos doutos?

A D. Francisco Manuel parece-lhe que os paes derrogam do respeito de sua posição, brincando com os filhos; outros citam o exemplo de Victor Hugo que anda ás gatinhas com o pequeno Jorge, enquanto predispõe o espirito para as altas cogitações. De modo que se vens numa carreira para mim, receber o teu abraço de to-

das as manhãs, eu, pae solicito que procuro nos autores as boas regras de educação, fico irresoluto, de braços abertos, como crucificado no X das grandes duvidas, a terrivel incognita do meu problema, tendo na mão direita a «Carta de guia de casados» e na esquerda «Monsieur, Madame e Bébé».

Nesse interim, amuas, vaes-te embora enquanto eu fico naquella dolorosa incerteza vendo oscillarem as conchas da balança onde estão, numa d. Francisco Manoel e Gustavo Droz na outra.

Se, depois, á hora do almoço, obedeço a Rousseau que me manda servir-te arroz e hervas, tenho de contrariar Helvetius que recomenda o beef, a menos que não me decida pela doutrina conciliatoria de Moleschott que preconisa um regimen mixto.

Ora vês que até dentro do teu pequeno prato de ramagens de velha louça portugueza, encontro o problema da educação desafiando o trinchante da minha critica, e enquanto, num acto de resolução extrema ataco denodado a incognita pedagogica, não sabes, por teu lado, se has de *estar quieta*, com a velha rotina brasileira, ou se podes mover-te livremente, com os modernos physiologists.

Se te decides por estes ultimos, arriscas a quebrar o teu prato com um movimento mais brusco e ahí estou eu de novo a dizer com Spencer que o facto de tel-o quebrado é ao mesmo tempo o teu delicto e a tua punição; que de ne-

[Decorative floral border at the top]

nhuma outra mais precisas; ao passo que sôa-me aos ouvidos, instigando-me a castigar-te, a velha formula de nossa economia domestica «quebrou, pagou».

Para a formação do teu ser moral, as incertezas mais avultam; Clavel convida-me a levar-te ao baile e a turbilhonar alguns minutos contigo, ao som de uma walsa de Strauss; mas ao primeiro compasso ahi surge um educador católico a lembrar-te a doce luz poetica dos cirios que alumiam o caminho da *outra vida*, enquanto algum *moderno* prefere que vás alejar a chamma do fogão e inspeccionar a agua para o chá.

Como os nossos costumes fazem o teu destino, a tua felicidade *absolutamente* dependente do caracter, ou da educação de teu futuro marido é mister preparar-te o espirito e o coração de modo a que possas não ser infeliz. Mas... outras tantas incertezas!

O homem aos 18 annos ama *uma fada*; aos 25, *um anjo*; aos 30 um parelheiro, um cão de caça ou um gallo de briga; aos 35 elle é talvez deputado e quer *uma esposa* para dar o tom ás suas recepções; aos 40 é tempo de fazer economias, e a mulher deve ser a *dona de casa*, na accepção indígena da palavra; aos 50, sobrevem os primeiros achaques da velhice e o egoismo masculino crea a ficção — *anjo do lar*.

Ora, que maleabilidade deves ter para que sejas successivamente fada, anjo, esposa de deputado, creada de servir em tua propria casa e, por fim, enfermeira dos rheumatismos que teu ma-

rido adquiriu na quadra venatoria dos seus affecções pelo perdigueiro ou pelo gallo indio?

O teu marido, pôde ser que tenha um espirito culto e um coração sensivel, ou o contrario disso; e será preciso que tua individualidade vá desde já se aniquillando e que affeições a tua intelligencia e o teu futuro destino problematico.

Porque, no primeiro caso, se quizeres ser apenas *fada* ou *anjo*, isto é, usares *pastinhas* e seres magra, o teu companheiro dirá com Proudhon que, se tem a vida de um mollusco, ridicula e inutil, deve-o «à inutilidade intellectual e moral que a mulher não tenta fazer desapparecer.»

Se, ao contrario, tiveres o espirito lucido e o coração sensivel, pôde ser que o teu marido seja um temperamento antagonico com o teu... porquanto, nisto de temperamentos, já o disse Spencer:—conhecemos a arte da criação e educação dos animaes e ignoramos, ricos e pobres, proletarios e homens eminentes, a arte da criação e educação physica e moral dos filhos.

Não ha sistema de educação que não se desorganise em confronto com o sistema opposto: o que ha são phrases. De uma recordo-me, que parece ser a synthese de um tratado: «o primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida».



LAPIS-LAZULI

Esta secção é especialmente criada para os assumptos delicados e para a manifestação de sentimentos afectuosos.

Da pena que a escreve poderá cahir ás vezes uma irreverencia, jâmais sahirá uma insolencia.

Não nos serviremos ao escrevér, nem da plombagina do lapis Faber, que macula os dedos, nem da tinta communum, que esparrincha borrhões.

Preferimos para delinear as perspectivas deste recanto ameno do jornal o estylete de um lapis-lazuli... azul... azul... cõr das hortencias e dos myosotis.

O programma desta secção poderia, pois, resumir-se na seguinte promessa, tão simples de formular, mas tão difícil de cumprir aos que professam a nobre e honrosa religião jornalística:

«Ninguem aqui será descomposto.»



PERFUMES, CORES E SONS

PERFUMES...

...Como a saudade errante dos ausentes queridos paira no ar por entre os arbustos o effluvio aromatico das flôres.

Dos galhos desta gardenia toda florida — o jasmin do Imperador — quando a aragem lhés dá, cahem em chuveiro as florinhas brancas, derramando em torno deliciosa fragrancia de pecego maduro.

Este outro, que nos afaga o espirito como uma confidencia de bem-querer, é o suave perfume das violetas roxas.

Agora, esse halito morno, forte e cheiroso, que parece exhalado da bocca de uma mulher amante, vem da corólla daquellas rosas açafroidadas — as *télas d'oiro* — balanceando-se em cachos nos flexiveis sarmentos que atreparam pelo tronco arriba de uma magnolia. E' um perfume capitoso que nos deixa n'alma o saibo de deliciosa ebrie-

dade, amórna o sangue, tolhe o folego e entumece de suspiros o peito oppresso por estranho peso...

Por isso vêde como amorosas zumbem as abelhas que vão buscar mel áquellas coróllas, e deixam em meio a colheita para se beijarem, torvelinhando no ar, sussurrantes e enamoradas!

CORES...

Tambem entre as côres ha as que excitam e as que pacificam.

O vivo escarlate da *begonia-excellsa*; as fuchsias rubras com amago roxo. Entre as rosas umas de alegre enxofre, outras com laivos de sangue, brutalmente desvirginadas, dissereis, pela mamangava lasciva de azas de fogo, que ao lusco-tusco desta fria madrugada veio aninhar-se-lhes nas coróllas entreibertas, sedenta de amor e de mel, e lhes magou os pistilos, e lhes amachucou as petalas, que agora estão, como um lençol de noivado, sangrentas e amarrrotadas...

Na penumbra dos recantos, as côres pacificas, que adormentam os olhos e fazem-nos scismar saudades de affectos: — o esmaiado azul das hortencias; outras lavadas numa aguadilha cór de rosa; o velludo arrufado das silaginellas; e esta bordadura de *pyrethrum acairelando* de verde-gaio a linha sinuosa dos canteiros... tantas côres mansas, que nos afagam a pupilla e nos levam até o fundo d'alma o sentimento mimoso que tambem ha n'alma das coisas...



SONS...

Dous ou tres sabiás entre-gorgeiam ao longe em surdina, na espessura de velhas arvores, por este entardecer de fim de outomno, quente e lúmioso...

Pela universal natureza harmonia em tudo: nas notas, nas tintas, nas linhas, nos aromas.

Toda a musica tem som, côr, fórmula e cheiro.

Um toque de alvorada é côr de prata transparente, com laivos auri-rosados e algum anil nos contornos. Cheira a seáras florescidas.

— Um hymno marcial tem estouros de bombardas e estrallada de mosquetaria, scintillações de baionetas polidas, de galões doirados, de arnezes reluzentes. Sente-se nelle o cheiro de sangue tepido, a fumaça de polvora e o resfolego dos ginetes de guerra.

— Das Marchas Funebres exhala-se um forte odôr de cêra de egreja e de pannos mortuários.

— São côr de faces cadavericas.

— O Lundú Bahiano tem a humida negrura dos olhos creoulos e o aroma da manga; a sua lasciva çadencia faz pensar nos lineamentos ondulantes das espaduas morenas e nos passos vagarosos por uma sombria alameda de mangueiras.

— Ha *Nocturnos* que dão a sensação tactil do veludo e tem a côr e o perfume dos pecegos maduros.

Outros são côr de aguas dormentes e cheiram a flôres do matto virgem.



E quando, por um entardecer de outono quente e luminoso, na frescura embalsamada do jardim, cantarola-vos ao ouvido, em toada dolente, a doce voz cheirosa da mulher que amae, não vos parece estar ouvindo marulhar um correço bordado de espinheiros florescidos?

OLAVO BILAC

Bilac, o fino... mas muito *fino* burilador de sonorosos versos, Bilac poeta, bohemio, prosador e bom rapaz, pr. sador e *causeur*, deu a sua primeira aos ephesios paulistanos pelo *Mercantil* de hontem.

A's primeiras linhas vê logo a gente que quem lhe está deante é uma das mais primorosas pennas modernas, penna d'ave de altenaria, cahida do alto céo, embebida ainda do azul da altura siderea, rutilante da poeira doirada dos arrebóes, penna de garça erradia, solitaria, *rara avis* em pleno sertão da litteratura patria.

E agora que te baforei, artista, com a nuvem do meu melhor incenso, sincero e despreocupado, apago um instante o thuribulo para dar-te um conselho, ou melhor, para fazer-te uma supplica: — não *empolitiques* a tua branca penna de garça: preserva-a do lodaçal politico; falla das brilhantes cousas que tens na phantasia; traça de alto a tua idéa, isempta, intemerata, livre, justa.

Diz, como o fizeste, anunciando o verão pelo decóte symptomatico de Cecilia Dubois no

palco do El-Dorado, e pelo reapparecimento de S. Alteza o principe bohemio-Ney; diz, illustrando a tua idéa com um raio de espirito:

« O mesmo desenvolvimento prodigioso de calor que neste momento palpita no bojo da terra, preludiando o hymno triumphal da primavera, — accumulou-se na cabeça ôca de Adriano, e explosiu naquelle tiro burlesco disparado contra um inofensivo *flamboyant* do largo do Rocio. Foi elle ainda quem rufou o tambor da luxuria no sangue acceso do padre Gallo e andou dependurando ás janellas das Julietas fluminenses as escadas de sêda de um sem numero de raptores...»

Mas depois disso não barganhes a tua penna branca de garça real pela negra penna corvejante de um *romão anti-revolucionario*, por officio, a estipendio de AFFONSO VINTE...M, O EXTERMINADOR.

Não tróces a REVOLUÇÃO, que ella ha de vir, e triumphará, apezar do teu espirito e apezar dos suissos da guarda real, contractados a 6% para acabar com isto — a revolução — da qual te finges desapercebido, e que pretendes achincalhar com esta leria indigna da tua penna:

« E a revolução não tarda no Brazil, — revolução como todas as que já tivemos: um magote de povo berrando, seis capoeiras de navalha e páu, doze caxeirinhos desmiolados, e... o corpo de bombeiros que chega á ultima hora, varrendo tudo a esguichos de agua fria.»

Basta á pobre REVOLUÇÃO ter contra si as arcas do thesouro e a liberalidade corruptora dos depositarios destas.



Para que alças em riste, *tu quoque*, contra a pobre revolução a tua penna de garça real, cahida da altura siderea, onde ha a rutilação do sol e a phantasia dos poetas, altura a que não chega o falso brilho eril do *vintem* de Affonso, o exterminador?

Tu sabes, irmão, que a revolução não é *aquillo*; sentes que ella te merece respeito e desdenha as tuas troças; mas que ao mesmo tempo pede e quer a tua sympathia, porque és moço, nobre d'alma, puro de consciencia.

Onde viste, poeta, artista, um artista e um poeta fazendo momos de *grandseigneur* á revolução?

Espicaça a bico de penna o ridiculo e as vilanias da farça humana, podes, deves fazel-o, que para isso te deu a natureza uma intelligencia bem armada; mas não tentes ridicularisar a honra da alma alheia.

Se a não queres amar, ao menos respeita, peeta, a Revolução, de quem é legitimo filho — o teu bello espirito.

BEIJOS

Não ha rosaes sem espinhos!...

Os espinhos deste caso, ou deste rosal onde estou colhendo phrases, manifestam-se sob varias apparencias:

- 1 — O nariz do padeiro;
- 2 — A aguilhada do caipira sant'amarista carreiro da lenha;

- 
- 3 — As oscillações do mercado... de mantimentos;
 - 4 — As exigencias da creadagem;
 - 5 — A instabilidade da cosinheira;
 - 6 — O levedo do *pão-quotidiano*, para quem incide sob a maldicção edenica, e o tem de amassar «com o suor de seu rosto»

*
* *

Mas ha compensações, que são as flores da roseira e o encanto do rosal:

- 1 — Um coração...
- 2 — Tantos corações quantas as boquinhas de creanças, que em derredor do nosso coração, papagueiam o ritornello sempre adorável: papae... mamãe... mamãe... papae...;
- 3 — Ninguem nos descompõe;
- 4 — *Vice-versa*;
- 5 — Atmosphera moral, de sitio agreste ha um nadinha lavado de chuva, retemperadora, gorgejada de pinta-silgos, azul de alegrar passarinhos e desabrochar coróllas;
- 6 — e derradeiro; — a bençam do teu beijo matinal, Zulmira.

*
* *

Nem imaginas, queridinha, a acção benefica, nem a força alentadora desse nada — o beijo matinal dos teus treze annos mimosamente cuidados!

Como quando vamos pela estrada deserta em fóra, despida d'árvores, sob o sol morrente, e nos vem cariciante de uma moita de matto,



acaso crescida á beira do correço, na bafagem
fresca da viração, o aroma do manacá sylvestre...
não! não ha caricia de flor cheirosa, querida, nem
bafejo perfumoso de brisa, que valha o beijo filial
dos teus treze annos, desabrochado entre sorri-
sos na corólla vermelha da tua boquinha ainda san-
tificada pelo balbuciar recente da reza matutina...
Ave! Maria! Cheia de graça...

Acredita.

Ah! Se Deus permitisse que toda a vida — to-
da, toda, tu fosses a compensação destes espinhos,
o encanto deste rosal; e todas as manhãs, todas, to-
das, pelo tempo a fóra, até eu morrer, viesse pou-
sar-me sobre a face a caricia perfumosa do teu beijo
e a aza leve do teu sorriso; se Deus permitisse!...

Mas não permitirà!...

E tu irás um dia, numa primavera qualquer,
quando a friez de mais invernos me pezar n'alma,
pousar a caricia do teu beijo mimoso n'outra
face que não a minha...

Permitta Deus que os teus labios possam,
então, desabrochar como agora neste mesmo sor-
riso que é a rosa da roseira da vida, tão cheia
de espinhos!

*
* *

Perdoa, filha, esta meia tristeza que me
nasce n'alma, de pensar em ti, ao adejar-me na
face a caricia sorridora do teu beijo infantil,
todo perfumado ainda do balbuciar da reza ma-
tutina... Ave! Maria! Cheia de graça...

Deus te abençoe.

TARDE ROMANTICA

A Juca Porfirio

(A UM CANTO DO JARDIM, LUCIA, LENDO EM VOZ BAIXA:

— « . . . o que fica do amor além das mais profundas e horriveis penas da vida, desde que delle se arranque a leve, a perpetua, a delicada flor de que fala o moralista, e que não é tanto como parece uma mentira, uma vez que é um facto psychologico, uma realidade do espirito, concebida, creada, alimentada e vivida na phantasia do homem! » —

Ora, aquella flor de que o moralista fala, e que ella cultivava num recondito alegrete do seu peito de viuvinha de vinte annos, era a — *Galanteria*, — « a delicada, a leve, a perpetua... mentira do amor... »

Das realidades deste sentimento Lucia guardara a reminiscencia dorida de caricias sangrentas aos vagos desejos que lhe abrolhavam ás vezes, por noutes mornas enluuaradas, de primaveras florentes, no velludo da epiderme virginea, fragrante de puberdade... mas nenhuma lembrança de que essas caricias lhe houvessem um dia tocado o coração!

« Pois é isto o amor? apenas isto? » murmura desencantada, desde a segunda phase da sua lua de mel. « Que desencanto! Que traição da natureza!... »

O do seu anno de noivado, quando tentava ainda evocar lembranças da felicidade que o amor promette, e a que aspiram os corações dos moços, em seu coração de moça ermo de recordações, soava apenas um marulho de revolta.

Não sorria ás reminiscencias de seu noivado, antes quedavam-se-lhe arqueados em commissuras ironicas os labios pallidos,—todo o seu bello rosto maromisado de estupor: enquanto os olhos, immótos, seus bellos olhos gázeos de largas pupillas negras, perlustravam além, a misteriosa leiva onde vegeta aquella flor galante, que não é tanto uma mentira,

uma vez que é uma realidade alimentada e vivida na phantasia do homem!

Viuva aos 20 annos!...

Alta, esbelta, esguia; trança negra, basta, longa, unctuosa, colleando pelas sinuosidades do seu busto vestido de mousselina pompadour, em ondulações colubrinas, contorneando-lhe a cinta, para ir adormecer, como uma cobra entre flores, no quente e fôfo ninho do seu regaço fragante de puberdade: tão negra! entre as mãos alvas que a acariciam, às irradiações iriantes de um grande solitario engastado em esmalte azul, *alliança symbolica* do vinculo esponsalicio, agora de todo rôto pela morte!

Realmente era bella, nesse morrer de tarde a triste Lucia; tão triste que a sua tristesza sobrelevava á melancolia universal da Natureza banhada a ess' hora pela mysteriosa luz de um crepusculo de inverno.

Seus olhos gázeos, de largas pupillas negras, perscrutando sempre no longíquo horizonte a flor ideal de affecto que sua fantasia creara, enchiam-se agora estranhamente dos rubros reflexos da luz crepuscular.

(Era o momento esse, ou nunca mais, de bater á porta daquelle coração ermo de amor...)

Havia uma doce luminosidade, cada vez mais tenue, no jardim velado á curiosidade dos outros por altos muros guarnecidos d'heras, e onde os rumores do dia um a um silenciamavam.

Seu vulto esbelto, enroupado de mousselina clara com raminhos polychromos, por sobre o qual colleava, como uma cobra entre flores, a longa trança negra; seu esbelto vulto destacava, aureolado de poesia, sobre o muro verde d'hera a que se apoiava o banco, na doce claridade da penumbra que cada vez mais se espessava, lenta, lentamente.

(Era esse o instante, ou nunca mais, de bater á porta daquelle coração insaciado de amor...)

* * *

Uma gardenia floria, ahí perto, enchendo o ar com o seu calido aroma meio de flor, meio de fructo

agreste. Ergui-me; colhi um corymbo da flor, premi-o entre os labios; e resoluto, oppreso, tomado de não sei que estranha sensação, voltei para junto do banco, onde a brancura do vulto de Lucia esbatia na já quasi cerrada escuridão da noite, que viera vindo, devagar, devagarinho.

Ao contacto do meu hombro, toda estremeceu. Voltou-se para mim, subito, pallida, sobresaltada. Luзiam na treva seus olhos gazeos, com estranha phosphorecencia nas grandes pupilas negras!... Olhamo-nos assim, longamente... Seus labios perdiam a commissura ironica da insaciadade; entreabriram-se tremulos, ruфando os dentes brancos, num sorriso cúpido e divino!...

E approximando-se dos meus lento, lentamente, num demorado hausto, collaram-se a elles, sofregos, ardentes, deflorando trepidos o fragil corymbo da gardenia.

Como á brisa das capoeiras, quando o cambará floresce, eu lhe sorvia voluptuosamente o halito pressuroso, quente, de exquisita fragancia — meio de flor, meio de fructa agreste.

IN ILLO TEMPORE...

Caro Leopar (¹)

Saudosos tempos, na verdade, esses cuja reminiscencia me despertaram as palavras amaveis com que, no *Mercantil* de quinta-feira ultima, sau-

(1) Dizer: meus caros Gaspar e Léo, ou—Léo e Gaspar — sóa-me mal, dá-me assim a idéa de um d'esses grandes *et ceteras* — & — que unem, ou separam, os socios de uma firma mercantil, exemplo: Borges & Comp., Desiderio & Leite, etc., etc.

Resolvi então compor um designativo que servisse para nomear-vos a ambos simultaneamente, sempre que tivesse de dirigir-me aos redactores do *Mercantil*.

Para isso, tomando de cada nome um som, formei o pseudonymo — LÉOPAR para designar-vos.

O Léo decerto julgar-se-á lesado; mas sinceramente, Gaspar, não achas que muito ganhaste em euphonía?...

daste o anniversario natalicio do meu bom companheiro de *republica* — o meigo, o sympathico, o talentoso Lucio de Mendonça.

Porque eu já tive a honra de ser *republicano* com o melodioso poeta das *Nevoas Matutinas* e das *Alvoradas*, o elegante prosador do *Marido do adultera*. Vão d'isso 13 annos. — Uma eternidade na vida do sentimento! — Quantos variados episódios de afectos apaixonados ou calmos nos fizeram palpitar os corações, desde então até hoje, em que a realidade amarissima da vida porventura crestou nos alegretes de nossas almas as mais delicadas flores da sensibilidade!...

Moravamos no largo da Gloria, numa grande casa amarella de esquina. Uma respeitavel *republica*, morigerada, quieta, notável pela circumspecção dos seus habitantes. Apenas, entre sete que compunhamos a população total daquella placidíssima Andorra academica, o Lucio e eu matinavamos um pouco, poetando alto, declamando trechos de boa prosa. Já nesse tempo eramos amantíssimos de Ramalho e de Eça, e liamos com desmarcada voracidade os primeiros capítulos do *Crime do Padre Amaro*, que então se reproduziam na excelente revista — *Repubica das Letras*, de que o Lucio e o Gaspar eram os redactores principaes.

Nossas alcovas eram contiguas e átravez da porta de comunicação, ou melhor de intercepção, (porquanto andava perpetuamente fechada) era que palestravamos, confidenciando as nossas impressões litterarias e... outras.

Uma noite senti que o Lucio se agitava des-

usadamente, indo e vindo, a grandes passadas, pela alcova solitaria, topando nervosamente nos moveis, falando alto. Eu, que conhecia o temperamento d'aquelle adolescente poeta igneo, moreno, de grandes olhos humidos, e negros cabellos unctuosos, suspeitei logo alguma allucinação amorosa. E inquiri :

— Que tens, Lucio?

— É um *caso novo*.

— Então a allemãsinha loura?...

— Qual, historias, agora é sério. Uma soberba morena... olha, tu conheces... *aquelle* do Passeio, sabes?

... E continuámos a palestrar por longo tempo. Horas depois, já quasi madrugada, riamos a bom rir d'aquelle *caso novo*.

De como se deu o facto já não me lembro. Recordo-me apenas de que concertámos pôr aquelle episodio em versos.

Lucio tomou da penna e instantes depois passa-me, pelo vão da porta sempre fechada, duas tiras escriptas, que eu lhe devolvi pelo mesmo caminho, tendo-lhe ajuntado outros versos meus; e assim foi que compuzemos o *Duo de amor*.

Guardava entre os meus velhos papeis queridos aquelle documento de boa camaradagem com um dos mais estimaveis poetas brasileiros.

A alludida noticia do *Mercantil*, avivando reminiscencias, fez-me revolver a papelada intima para relêr aquelles versos da nossa alegre adolescencia.

E, já que sois admiradores do Lucio, man-



do-vos para a *pagina de domingo* aquella... exquisitice litteraria, que para mim é a lembrança de um saudoso e bom camarada.

S. Paulo, Março, 87.

DUO DE AMOR

(VERSOS A DOUS LAMPS)

Oh musa! a estas horas, minha amiga!
Ah! que infeliz surpresa!
Pois tu não vês, abertos sobre a mesa,
Os meus livros de estudo, rapariga?
Pois queres-me obrigar, noiva divina,
A dar ponto amanhã na sabbatina?

Viste-me hoje triste
Durante a tarde pallida e chuvosa,
E pensaste, vaidosa,
Que eram sandades tuas? Presentiste
Que eu estava querendo o teu consolo
Para algum infortunio? Pois escuta:
Adivinhaste: estou em grande lucta
Commigo mesmo. Senta-te a meu lado
E escuta, Musa; e... não me chames tolo.

Sabes, gentil amiga, o triste estado
Em que este pobre coração j'zia.
Era... era um montão de cinza fria,
— Um velho fogareiro abandonado...
Pois houve uma perversa creatura
Que accendeu fogo ahi!...

Então!... de que se ri
A minha linda amiga? Talvez queira
Dizer-me que foi má esta figura,
Que reduzia a bella enamorada
A condição de simples cozinheira?

Corrijo: — E' uma fada
Que veio despertar o adormecido
De um sonno, quasi a propria morte já.

Oh! que estranha beldade!
De olhos negros, morena! Tem nas veias
Ou fogo ou sangue d'Africa, talvez.
Canta como as sereias,
E põe no andar altivo a magestade,
A soberana, a olympica altivez
Da famosa rainha de Sahá.

Ahi tens, Musa, ahi está
O meu lindo romance começado.
Deixa-me agora um pouco socegado;
O estudo me reclama.
Olha, aíli o vizinho do outro quarto
Está já a dormir como um lagarto;
É um sujeito que namora e... ama!
Olá, Ezequiel! Salta da cama!
É cedo ainda p'ra dormir, amigo;
Lá vae a Musa conversar contigo.

— Sonhava... em que?... Recordações da roça,
Recentes impressões de um baile... a imagem
De uma visão poetica de moça...
Pontos para o exame e... uma saudade...

...Mas quem vejo a meu lado?
Sois vós, senhora Musa?
E nem vos indiquei uma cadeira!...
Heis de perdoar a grande irreverencia
De vos ter eu deixado
Ahi, em pé, na posição confusa
Que sentem as senhoras
De boa sociedade
No gabinete de um rapaz... A edade...
O silêncio... as deshoras...
E este imprevisto despertar de um sonho...
Vossa excellencia fuma?
Nada mais aqui ha para offertar-vos,
Se não cigarros, livros... — Obrigada!

— Eu peço mil perdões. Para provar-vos
Minha pobreza é suficiente o aspecto
D'este *kiosque*. Bem sabeis, a *onça*...
— Basta, senhor, estou enfastiada
D'esse tagarellar.

— Vossa Excellencia
Que ordena mais?
— Tenho uma confidencia...
— Quem vos mandou?

— O Lucio de Mendonça.

O autor das roseas NEVOAS MATUTINAS
Prendeu-se nas cadeias venusinas
De duas tranças negras e tão longas!
Ei-lo captivo agora das cantigas
De uma estranha mulher,
Bellas como o cantar das... arapongas...
(Fuerza de consonancia a quanto obrigas!)
'Stá doido! O que quer?
Ella reune no semblante augusto
A sedução magnetica
De uma andaluza, e a correção esthetica
De um velho e negro busto.
Formosa apparição [...]

— Da meia noite...
Musa, tambem a vi: aquellas tranças,
Negra moldura do moreno collo,
Tinham, meu Deus, a negridão funesta
De um limpador de pennas. Quanto aos olhos
Eram da cõr de..., fundos de tinteiros.

Nessa esplendida festa,
Ao agitar febril d'aquellas danças,
Sua cutis de nacar desmaiava
O rubor da camelia,
E, embora a rosea tez lhe não trahisse
Pronunciada quēda ao romantismo,
Ia-lhe bem a pose languescida
E uns ares melancolicos de *Lelia*.
Que donaire no andar!

— Mas o que é isto?!
Foram ambos rolar ao mesmo abyssmo?...
Sim? e elle nada me contou?!! Olá,
Visinho d'outro quarto, venha cá,

Dá-se uma collisão
De amores entre nós; sabia?

— Eu, não!
— Oh! como é que não sabe todo o mundo
D'este fogo do inferno em que ardo vivo?!

Pois eu tambem confesso-me captivo
Daquelle olhar satanico e profundo.

.....
— Pois não te basta a *nina* feitiçeira
De olhos travessos que te adora inquieta?
Nem aquella suavissima estrangeira
Que uma tarde encontraste no Passeio?
E nem a outra...? Oh! coração de poeta
Oh! tonel das Danaides nunca cheio!

E vens amar a minha,
A minha unica e só, por quem eu dera
A... tua propria vida?!
A que accordou est'alma adormecida?
A unica andorinha
Do meu viver na triste primavera?
— Amas então deveras, heim?
— Pudera!
— Pois um de nós, senhor...
— Duello, não!
Escuta aqui: um bom remedio temos;
Somos rivaes? Pois bem, meu caro, amemos
Em col-la-bo-ra-cão.

1874.

LUCIO DE MENDONÇA — EZEQUIEL FREIRE

EX-CORDE

(AO DR. RANGEL PESTANA)

Illustre confrade,

Sobre a estrante, aqui em frente, mettido num copo d'agua, está um galho de roseira, com uma flor vermelha, avelludada e fragrante.

Pozeram-n'a alli para alegrar-me a vista e perfumar este retiro da mente.

De cada vez que uma pagina se agita, se folheio um livro, vem-me no ar palpitante, como um afago ao espirito, o doce aroma da flor.

Da haste muito ouriçada, quem a colheu de manhã, tirou um por um os espinhos. Não fossem elles magoar-me, se ao termo de um comovente episodio, para descançar os olhos deslumbrados pela alvura do livro, sobre o carinhoso



velludo purpureo d'aquella rosa, fosse eu tomar-lhe, confiante, entre os dedos o espinhoso caule!...

A imagem desta flor offerece, mas ao envez, um simile para a profissão que tão nobremente exerceis, confrade illustre, e que eu pratico, sem lustre embora, movido por irresistivel solicitação do espirito.

Foi talvez do galho de uma roseira em flor que fizeram este pequenino instrumento, no entanto poderoso sceptro, que o jornalista maneja; mas, primeiro que nol-o dessem, desfolharam as rosas e só deixaram espinhos á desflorida hastea.

No tirocinio da profissão, alguma vez, não rara, aquelle instrumento do nosso trabalho, que tão leve parece, e de tão facil manejo, lacera-nos os dedos; porque, para traçar a verdade, é mister empunhal-o firme e calcar a mão.

Acicata-nos o espirito; o sangue que deflue da picada corre para a penna e dilue-se na tinta...

Tendes o estylo colorido, a phrase — «espumosa e rubra»? Não ha de ser por um peculiar predicado do espirito: — a rutilancia do estylo provém daquelle tempero cruorico.

*
* *

Se é verdade que o «homem é filho de suas obras», deveis vos ufanar da clara ascendencia; pois tendes os mais nobres documentos de filiação.

Nas paginas da PROVINCIA DE S. PAULO se archivam elles, ha 14 annos, quasi dia a dia.

Esse lapso de tempo assinala a mais bri-
lhante, a mais fecunda, a mais meritória phase
da vossa existencia; durante o qual viveste em
communhão com a patria paulista, na commoção
dos sentimentos, idéas e ideáes que agitaram a
alma publica nessa feraz estrella do Cruzeiro
Americano.

Ignoro de que província sejaes; mas tam-
bem não sei que algum paulista haja, durante
esse tempo, mais tentado fazer, do que fizestes,
pelo engrandecimento deste recanto abençoado
da terra brasileira.

Para fomentar a prosperidade de uma pa-
tria, todas as collaborações são necessarias: — a
actividade physica dos que arrotêam os incultos
campos, e a actividade mental dos que orientam
os espiritos incultos.

Sois destes ultimos trabalhadores.

Se agora, do marco miliario, que hoje cra-
vaes cá na extrema do caminho andado, lançar-
des a vista para o ponto inicial da partida, con-
templando uma por uma as etapas intermedias,
que assinalam o transcurso da vossa longa car-
reira jornalistica; heis de sentir um justo conten-
tamento: — o de haverdes vindo *em linha recta*,
que recto é o caminho do dever; e de poderdes
retrogradar pela mesma estrada, ao inicio da qual
chegarieis, como de lá partistes, — um homem
de bem!

Eis o superior apanagio que vos illustra.

Não é este nobre attributo do escriptor pu-
blico que em vós eu hoje, entretanto, saúdo;

mas outras qualidades que nessa têm immediata origem, e completam a vossa personalidade jornalistica : — o criterio do juizo, a independencia das opiniões e o brilho da linguagem.

Só escreve bellamente quem escreve com alma; a rutilancia do estylo provem de molhamos a penna tanto no coração como na tinta.

Por occasião deste anniversario, personifico e saúdo na PROVINCIA DE S. PAULO a honra e o explendor da imprensa paulistana.

1 de Janeiro de 1888.

POETAS!...

Um amigo mostrou-me o original do seguinte documento que copio, não simplesmente movido pela leviana indiscreção de chronista, mas dominado pelo respeito que infunde uma antiguidade sagrada:

Rs. 120\$000.

« Devo e pagarei a Alexandre José Worms, ou á sua ordem, a quantia de cento e vinte mil réis — 120\$000 rs. — que satisfarei da data deste a um mez, proveniente de joias que lhe comprei e se faltar ao pagamento, pagarei um e meio por cento ao mez, se o mesmo senhor quizer esperar-me. Para clareza passo o presente.

« LUIZ NICOLAU FAGUNDES VARELLA.

« Rua da Forca — 23. »

Este documento não tem apenas vinte annos; a sua antiguidade data do primeiro dia da civilisação.

Todos os poetas, verdadeiramente taes, podiam assinal-o, desde Homero, que nunca teve dinheiro para construir um cubiculo em qualquer das sete cidades que mais tarde disputaram a honra de ser-lhe patria, até Camões, que acabou num hospital, com Varella que morreu insolável, deixando a sua memoria e o seu nome por ahi esparsos no frontespicio dos poemas e em baixo das notas promissorias.

Na physiologia do documento que ahi fica, poderão os que não são poetas estudar a vida psychica do cantor brasileiro.

Varella, Varella que escrevia tão bellos versos, não sabia redigir uma nota promissoria, não tinha a capacidade mercantil para ficar devendo, sob todas as regras do codigo e usos, 120\$000 de joias compradas numa noite escura em que no céo sombrio não havia estrellas das quaes elle pudesse colher uma para offerecer á mulher amada.

«*Devo e pagarei...*» vê-se nesta pequena copulativa a revelação da probidade do poeta. Como elle identificava o compromisso com a solução do debito!

Outro diria, como a formula vulgar: «devo que pagarei...» pondo naquelle *que* todas as restrições mentaes do jesuitismo mercantil, todas as trapaças, todos os enganos, e subtilezas, e recursos protelatorios e outras cabriolas da chicana forense.

Ainda, naquelle affirmação cathegorica, está o espelho em que s^a reflectem todas as illusões de todos os poetas :

A Musa é uma amante, cuja convivencia os torna soberbos: por terem a soberania da intelligencia, parece-lhes que exercem dominação sobre todas as cousas.

São elles, os desvairados prodigos, que atiram ás mancheias, dos altivos minaretes das suas mesquitas orientaes, rendilhadas no céo azul da imaginação, mil thesouros de poesia, as scintillações dos seus versos, « as perolas de Ophir e de Golgonda » sobre a posteridade que vem desfilando no largo plaino raso da Historia.

E um dia essas almas opulentas, que prodigalismaram a preciosa pedraria das inexauriveis minas da intelligencia, que foram perdularios como todos os nababos juntos do mundo, vão morrer num recanto obscuro, sobre pobres andrajos. E, se no ultimo arranque da vida, abrem os olhos á luz mortiça do aposento, elles, poetas, sentem que da discussão final do seu ser reste uma partícula de alma presa na gaveta de um commerçante, porque, numa noite em que no céo escuro não havia estrellas, foram comprar brilhantes para alegrar a vaidade de uma mulher!

Se as almas sóbem ao céo, a de Fagundes Varella havia de ver, pelo mysterioso caminho que leva á outra vida, brilharem, como repentinhas apparições de estrellas cadentes, os diamantes que ficou devendo...

Talvez mesmo a alma do poeta se crystaliz-

sasse de dor e, a meio caminho do céo, parasse no espaço, onde vêmolas, ella e todas as suas irmãs harmoniosas, brilharem, á noite, na sombria abobada celeste, aconselhando de lá, aos poetas sobreviventes, que não comprem joias fiado... porque os diamantes que ficamos devendo impedem com o seu peso a livre ascenção das almas para os mundos misteriosos do Além...

«...e se faltar ao pagamento, pagarei um e meio por cento ao mez, se o mesmo senhor quizer esperar-me ...»

Mas se «o mesmo senhor não quizesse» com que lhe pagarias, poeta?

Com o ouro dos teus bellos versos, com o fino quilate do teu opulentissimo espirito?

Pobre, candida alma!

Quanto vale um poeta? Pensavas que muito?

Outr'ora, nos sombrios salões mediévos, os trovadores errantes valiam... que se lhes matasse a fome. Elles cantavam as suas trovas de amores e a vida legendaria dos heróes, nos saráus do nobre castello e, findo o canto, o senhor feudal mandava dar-lhes uma peça de caça para matar-lhes a fome.

As vezes, raras, a castellã gentilissima, enamorada do poeta errante, dava-lhe... um rapido olhar de amor, furtivamente, enquanto o barão, confiante na sua omnipotencia e na misera condição do trovador, adormecia ao suave descante da ballada.

Era a suprema recompensa dessas poeticas almas humilimas!

Com que havieis pagar-lhe, poeta, « se o mesmo senhor não quizesse esperar?... »

*
* *

Gilbert, Chatterton, André Chénier, constituem a trilogia symbolica da miseria dos poetas em todas as condições da vida civilisada :

Reinava em França Luiz XV, a sua amante, a mimosa mlle. de Coulanges tinha vágados sempre que nos seus aposentos avistava uma pulga: ella acreditava que esses insectos podiam ser atacados de raiva e inocular o virus rabico na rossada carnação das amantes do rei...

Por esse tempo, sob a monarchia absoluta, Gilbert morria de fome, sobre o seu grabato de dores.

« *Au banquet de la vie infortuné convive...* »

Dez annos antes, em Inglaterra, Chatterton precipitava-se do alto de uma escada, fulminado pela noticia de que Lord-Mayor de Londres, Beckfort, o Mecenas de então, a quem haviam pedido protecção para o poeta, nomeara-o, — singular magnanimidade! — seu creado de quarto.

Ha na historia do misero uma pagina de commovedora poesia: uma carta que elle escreve á mulher a quem adora em silencio: — I will only confide to you... « só a vós, Kitty, calma e pacifica belleza que, unica, sobre mim baixaste o ineffavel olhar da piedade... »

André Chenier, esse, morreu sob o cutello da guilhotina.

Florescia a Republica, mas o terror, ocupado na reorganisação social, não tinha tempo para ver que no crâneo daquelle poeta *il y avait pourtant quelque chose...*

Que valem, pois, poetas?

*
* *

«... Para clareza passo o presente...»

Devias antes ter dito: — Para vergonha deste povo e lição a poetas, passo o presente...

*
* *

Os 120\$000 do «*devo e pagarei*» de Varella, feitos os calculos com juros capitalizados anualmente, estariam elevados a 3:287\$160 rs.

Esse documento pertence hoje a sucessores da casa Worms, de S. Paulo, que o conservam como curiosa reliquia do grande poeta nacional.

ROSAS DE INVERNO

A' maneira de Anacreonte, de Horacio, desses em cujos corações os gelos hibernaes da vida não arrefecem o calor latente do sangue, que conservam a primavera eterna do sentimento na edade em que para os outros começou de ha muito o amarellecer e o desfolhar das illusões, o senhor conselheiro-senador José Bonifacio guarda em su'alma até hoje acceso o facho da poesia, cujos deslum-

brantes clarões se reflectem como fogos-fatuos nas frias geleiras da Siberia politica onde foi plantar a sua tenda de homem publico.

E os ursos brancos daquellas frias paragens, calmos, quietos, apagados sob a cinza dos annos, affeitos ao soturno silencio da natureza, á monotona alvura do inverno, soerguem-se a meio das suas velhas curues, quando uma nota sôa fresca e juvenil, ou cahe sobre a paisagem nevada uma alegre mancha, purpurea como o retalho de uma tela de Rembrant.

Parece então que um canario esvoaça na gaiola da *rua do Areal*; os paes da patria olham para o tecto e uns para os outros; depois tiram os seus grandes lenços de alcobaça, sacodem-n'os junto aos ouvidos, e, se continua o gorgeio, fazem impacientes: chó, moscas! e sorriem entre si, em intimos cochichos confidenciaes... Isto não é o Parnaso — é o Senado: Que diabo quererá elle dizer? Poesia! Poesia!

O sr. conselheiro José Bonifacio é ainda um dos mais entusiastas dentre os juvenis poetas que gorgeiam

*Nesta terra de palmeiras
Onde canta o Sabiá.*

Tambem não será esse o seu melhor titulo, melhor ainda do que o de conselheiro?... Se conselhos se dão para não serem adoptados, os de s. exc. como o dos seus pares, terão o destino, de todos os conselhos — entrar por um ouvido e sahir por outro, ao passo que o echo harmo-

nioso dos seus versos, estará porventura ainda nas almas quando já a especie conselheiros estiver fossilizada sob profundas camadas geologicas.

No futuro, quando a torrente dos seus fogosos discursos já tiver rolado para o mar do Esquecimento, quando a ferrugem houver corroído as cavilhas com que o politico concorreu para os remendos da não do Estado e dessa mesma não restar apenas o mastro grande emergindo do oceano das transformações por que tudo passa — individuos e povos, no cesto da gávea ver-se-ão alguns naufragos sobreviventes e elle ahi estará, não como politico, mas como poeta.

Esse será tambem o destino do sr. Pedro Luiz que um dia não quiz mais ser o que sempre devêra ter sido, para se tornar ministro, e poz-se a fazer fiasco desde que deixou de fazer versos.

Em certas altitudes dos Alpes onde a vegetação difficilmente vinga, de sob a crosta de gelo, mal vem a primavera, brotam umas flores delicadissimas, preciosas pela raridade, cubicadas pelo perigo que ha em ir-se colhel-as áquellas alturas :—são as flores dos Alpes, nem mais bellas nem mais odoriferas do que as que desabrocham nas planuras, mas preferidas a estas, porque são — flores do gelo.

Destas posso tres, de eclosão recente, que tenho a indiscreção de mostrar ao publico.

Penso que flores desabrocham para serem admiradas e seria crime de lesa-natureza deixal-as fenecer á sombra, no recanto esquecido



e deserto dos jardins vedado ao olhar dos que passam.

Eil-as, pois, opulentas de colorido, fragantes de suavissimo perfume, estas *Tres Rosas de Inverno*:

SONETOS INEDITOS (JOSÉ BONIFACIO)

Eu quero um *sim* e tu repetes — *não*:
Eu digo — *não* e tu repetes — *sim*...
Entre o *sim* e o *não*... talvez enfim
E' — *não* o labio, e — *sim* o coração!

Humido o labio treme de paixão
E o *não* lá vem de manso... a furto... assim,
Mas tem olhar de languidez sem fim,
E' um *sim* que morre no desmaio, em vão!

Pois seja o *não* e o *sim* a mesma hora,
O *não* — que é vôo d'ave alvorocada,
O *sim* — que é pio d'ave à luz da aurora...

Oh! diz — *não*... mais um abraço e nada!...
Oh! diz — *sim*... e mais um beijo agora...
E *não* e *sim*... depois... é madrugada!...

Não sei, meu Deus, se a lagrima é ventura,
Ou se é tristeza que nos vem do céo;
Não sei se é orvalho ou luz que cobre o véo
Do mysterio da morte-a noite escura!

Nasce a creança e a lagrima fulgura;
Renasce a mão nos prantos que verteu;
Tudo que é grande em lagrimas ardeu;
O berço geme e chora a sepultura!

Até o Christo o grande sacrificio
Teve nos prantos immortal sacrario,
Teve nos dôres divinal officio!

Talvez... perdôa, eu fiz, ardente e variô,
Das lagrimas de amor o teu suppicio,
Dos braços teus, ó santa, o meu calvario!

Quando eu morrer, ninguem venha chorar-me,
Lancem meu corpo à solidão sem termos:
Eu amo aquelles céos, aquelles ermos,
Onde a Tristeza, Deus, vem consolar-me!

Lá sinto ainda est'alma esvoaçar-me
Etherizada, e eu sonho a renascermos
— Eu e ella, ambos sós, ambos enfermos.
— Eu morto já, e ella a despertar-me!

Lá... fico — aragem, folha, passarinho;
Lá... me transforma em echo a solidão,
E a Natureza inteira abre-me um ninho!

O' Deus de amor, o Deus da criação,
Prende minh'alma aos musgos do caminho,
Derrete-me no espaço — o coração!...

VIAGEM AO PAIZ DA SAUDADE

I

A morte de Tymburibá

Ha quinze annos, avistava-se ainda, campeando solitario no planalto da collina dos Passos sobranceira a Rezende, um colossal representante das florestas virgens — soberbo Tymburibá.

Pelas fraldas e áclive do Morro estende-se a cidade, das mais bellas no interior da província fluminense.

Corre-lhe mansamente aos pés o formoso Parahyba, placido como um lago, sem murmurio, sem leve ruga na sua larga superficie espelhante, apenas arrufada, nas tardes calidas, pela aza veloz das ta-



perás, que se entrecruzam em caprichosos volteios, rente á flor d'água, numa franca alacridade de passarinhos felizes.

Frenteira á cidade, fechando o Valle em semi-círculo, ergue-se a admiranda Serra do Itatiaya, em cujo cimo enseixam-se as *Agulhas Negras*, umas das quaes é a culminancia do sistema orographico brasileiro, pois, segundo o Dr. Francklin Massana, que lhe mediu a altura, tem a sua base assente a 2,994 metros sobre o nível do mar.

E' commovedor espectáculo a contemplação da magestosa montanha sempre bella, quer, pelos tempos calmos do inverno, recoste o perfil da sua gigantea ossatura no céo azul; quer, pelos calidos verões, se lhe acastellem no dorso altissimo bulcões de nuvens tempestuosas, negras, acobreadas.

Estampa-se profundamente n'alma a impressão causada pelo aspecto alpestre a minha patria serra querida.

Ha pouco ainda, ao melancolico cahir das bellas tardes de Maio, quantas vezes, reclinado sobre o balaustré da ponte que liga a velha cidade aos novos bairros dos Campos Elyseos, deixei fechar-se sobre mim a noite, immerso no enlevo em que alli me quedava, comtenplando o quadro agreste, sentindo sob meus pés placidamente derivar o Parahyba, sem um murmurio, sem uma ruga na sua larga superficie espelhante, apenas de leve arrufada pela aza fugaz das andorinhas que lhe brincavam á tona em caprichosos volteios!..

Foi, em visita á vivenda rustica de amigos, pousada em um dos contrafortes da gigantesca

Serra, que, ferido pela impressão esthetica, o espirito de Narciza Amalia concebeu a admiravel ode — O Ita-Tiaya — um dos mais bellos florões da poesia descriptiva nacional. Vede:

Em derredor ás planicies
Nivellam-se as serranias;
Envoltos nas brumas frias
Transparecem os outeiros;
E o olhar ardente e avido
Contempla os montes perdidos,
Como tropheos reunidos,
Como tombados guerreiros.

Salve! Montanha granitica!
Salve! brazileio Himalaya!
Salve! ingente Itatiaya,
Que escalas a immensidade!...
Distingo-te a fronte valida,
Vejo-te ás plantas rendido
O meteóro incendido,
A soberba tempestade!...

De teu dorso assomam invios
Feixes de pedra em pilastras,
Orgam gigante que ennastras
De mil grinaldas alpestres!
Quem lhes calça a base, intrepido,
Vendo o sublime portento,
Liberta seu pensamento
Das amarguras terrestres!

Rasgando o horizonte plumbeo
O sol te envia seus raios;
As nuvens formam-te saios
Quaes ligeiras nebulosas!
Miram-te as flores ethereas,
Cobrem-te espumas de neve,
Dão-te o pranto fresco e leve
Da noite as fadas formosas!

E quando envolvem-te as ascuas
Queimando o chão rociado,
Fundem-se o thyrsos gelado,
Cahem profusos fragmentos!

Muda-se o quadro de subito:
— Chovem crystaes dos pilares,
E nô se perde nos ares
O perfil dos monumentos!...

Eram trez bellos ornamentos da paizagem rezendense o Itatiaya, o Parahyba, e, no coração da cidade, aquelle velho Tymburibá, majestoso padrão da sua antiga flóra já a esse tempo devastada pelo inexoravel machado do caipira derrubador.

Conhecida familiar dos viandantes, erguia-se a bella arvore, como a atalaia do pouso hospitaleiro, sobre toda a vegetação circumjacente na vasta area que o olhar cançado do caminhante abrangesse. Saudavam-na desde logo, como ao nume protector do rancho amigo, tropeiros e viajantes transeuntes pela estrada real, que ligava a côte ás cidades de Serra-acima, antes que o bufo da locomotiva e o estrepito do trem de ferro fossem espantar para regiões mais sertanejas a poesia das antigas viagens, viagens a cavallo, cançativas, morosas, mas pittorescas.

Entre Campo Bello e Divisa, os navegantes e viajores que iam ou vinham, rio-abaixo ou rio-acima; quer sobre o dorso de uma boa mula de sella, ao passo cadenciado e macio da marcha viajeira; quer sobre o toldo de uma d'aquellas antigas barcas tripoladas por marujos portuguezes, e que se occupavam no carro do café entre o Varadouro e a Barra; o viajante de terra ou do rio desde muito ao longe no caminho avistava, erguido e solitario na vastidão dos campos e bamburriaes

em derredor, o velho Tymburibá dos Passos destacando sobre, a limpidez do céo, a sua ramaria frondente, de folhagem miuda, donde pendiam flócos dessa parasita filiforme, parda, mobil á mais leve aragem, tão amiga dos alterosos typos vegetaes: — Jéquitibás, braunas e figueiras bravas.

Na primavera, quando a seiva ascende da profunda terra aos galhos das arvores e se expande em rebentos e flores, o Tymburibá arreiaava-se de um singular adorno: dos seus galhos desciam longos fios delgados sustentando sua extremidade inferior vagens cylindricas que se balouçavam, batendo-lhes o vento, a uma grande altura do solo, como pingentes de um gigantesco candelabro.

Quantas vezes, infante ainda, collegial travesso, de camaradagem com outras crianças ia eu brincar o *tempo-será*, ou perseguir os cabritos vagabundos, no guayxumal que se estendia pela chapada aos pés do Tymburibá altivo!

Ahi perto ficavam o cemiterio e a casa mortuaria, á sombra d'aquelle gigante que sobrevivera á passagem destruidora da Civilisação, e lá campeava agora, testemunha solitaria e muda de outras eras, — vencedor na luta pela vida travada entre os vegetaes da matta virgem; eterna batalha na qual todos somos combatentes, e cujos episodios ultimos foram naquelle sitio o exterminio do selvicola e a conflagração da floresta.

De abandono ou de velhice, fazem 15 annos, caiu um dia o Tymburibá. Seu tronco vendido pela Municipalidade ao coveiro do cemiterio, e



por este revendido em lenha, deu-lhe para comprar o enxoaval e constituir o primeiro dote da filha.

Sympathico destino do meu saudoso camarada de infancia...

Nesse tempo eu atravessava a bella quadra da vida em que todo o homem é poeta.

Amigo da natureza, nascido e criado na sua vizinhança benefica; conhecendo os encantos da solidão agreste; amando as aves como queria ao gado e como presava o rio; achando-me bem quando na pequena canoa de pesca, abandonado o remo, deixava-me boiar ao grado da correnteza; sentindo-me bom quando ia solitario atravez da matta por um carreador povoado dos rumores da folhagem e dos pios dos passaros; percebendo ate a vida mysteriosa dos seres inanimados; abrazado de pantheismo, vendo em toda a Natureza o unico deus accessivel ao meu espirito — a força immanente das cousas: adolescente e poeta, doeu-me a morte desamparada a que succumbira o Tymburibá (como ao povo está doendo o desterro do seu imperador valetuninario) e fiz estes versos cheios de uma indignação que sem duvida a todo o mundo parecerá caricata:

Adeante, Musa ;
subamos a ladeira ; além avulta,
fronteira ao cemiterio a arvore amiga.
Quero encostar-me áquelle tronco annoso,
mumia soberba que o fastigio atesta
das magestosas selvas primitivas !
Ei-lo como um espectro do passado,
hирto, imponente, extatico, impassivel
nas solidões immensas que o rodeiam !
Debalde as ventanias rugidoras
flagellaram-lhe a coma, e o raio ousado

fendeu-lhe a fronte secular, debalde!
Fôra impotente a furia assoladora
das tempestades bravas p'ra tombal-o!
Ao verme só foi dado — pequenino —
quebrar o orgulho desse rei selvatico,
roer o cerne rijo até o amago
do secular colosso!

Após vieram
os *humanos cupis*, e o rei das selvas
attonito escutou a voz das larvas,
a injuria vil dos vermes discursistas,
ao som da *Philarmonica Esmalda*.
Foi o golpe final, o couce fatuo
do sendeiro hoçal, impado, estulto,
na fronte do leão agonisante!

Alludo na semsaboria destes versos a uma especie de officio de corpo presente que os rezendenses celebraram com necrologios e marchas funebres perante o tronco do Tymburibá encontrado cahido por terra, ao alvorecer de uma bella manhã risonha e doce, de alegre sol, pelo coveiro que madrugara na faina de despachar a dous tardos *freguezes* pobres, chegados na vespera á necrópole rezendense.

Bem era aquella pressa do coveiro; pois toda a noute, envoltos na réde que lhes servira ao mesmo tempo de mortalha e de esquife, aquelles pobretões defuntos haviam aguardado, talvez ao relento, hirtos e resignados, que lhes cavassem o leito do derradeiro descânço, a que todos nós os felizes como os desgraçados temos direito na vida... para a morte...

II

De volta à Fazenda

Quando transpuz a velha ponte de madeira alcatroada, negra sobre o alvor do rio murmurante, entardecia. O sol no occaso dava scintilações de aço polido á superficie d'agua. Aos campos de capim rasteiro cerce tosado pelo dente roaz daz tropas famintas, succedem-se agora terras lavradas. Farfalham extensos cannaviaes de alegra verdura clara, movediços e rumorosos. Seguem-se plantações de fumo, afflindo as grandes folhas sumarentas, ao toque da aragem, nos graciosos arbustos encarreirados sobre o chão que avermelha, recentemente carpido. Arrosaes de pouco ceifados, mostram ainda ao centro do terreiro circular a tarimba de varas que servira para a debulha. Carcomida pelas derradeiras enhurudas do estio, escarvada pelo continuo transito das tropas, collêa a entrada por entre as culturas, fraldeando os morros, contorneando os áclives.

Em continuidade vêm os baldios tiguéras de roças colhidas, bamburriaes de triste apparencia esteril.

Sob o colmo de um pequeno rancho em ruinas, no arido comoro da tapéra abandonada, além, abriga-se a cruz de madeira tosca, lembrando ao caminheiro que alli se finou uma vida.

Symbolo triste da morte, manda-lhe o tranzeunte uma prece por intenção do que allí jaz sepulto. Em derredor, sobre o sapezal, amarel-

lento, destacam-se moitas dessas arvores sóbrias, que só vegetam nos terrenos safaros, e são como que os attributos da esterilidade do solo: — embaúbas e coheranas.

Depois, subitamente, inclina se a estrada approximando-se outra vez do rio. Agora desce marginando-o; unicamente separada d'agua por estreita orla de capitúvas docemente ciciantes ao bafejo da viração.

Sopra o terreal ao arrepio da corrente, frio, horripilando-me a epiderme ao seu contacto humido.

Mais adeante um corrego atravessa o caminho, com rumorejo brando. Na humidade da areia, sobre detritos de velho moirão musgoso, poisa um enxame dessas pequenas borboletas inominadas, tão amigas da frescura dos veios d'agua.

Quando vamos pelas estradas solitarias, á hora tristonha do crepusculo, de repente, assustadas pelo tropel da cavalgadura, ao approximarmo-nos, levantam o vôo, envolvendo-nos com um turbilhão de petalas que brusca lufada arrancasse a um alegrete de papoulas variegadas.

Ao atravessar o corrego, circumvolantes envolveram-me as lindas borboletas multicores.

Eram de todas as nuanças do amarello: côr de canario, côr de palha, alaranjadas com fino cairol escuro na orla das azas. Outras, cor de terracôta, mosqueadas de branco e preto. Algumas, azúes, de setinoso azul celeste, grandes, voavam em largas ondulações mais ao longe.

Todas, em torvellinho, volitavam-me em torno, como se as portulacas multicores do meu

jardinete paulista, creando vida, houvessem fugido até cá para reavivarem-me na mente entristecida saudades da adolescencia feliz.

Veiu-me subito um impeto de partir a galope, como quando, ha quinze annos, apagados os fogos e silenciando as senzallas, eu me escapava da Fazenda, ao clarear da lua, redeas bambas sobre as crinas do *Acaro*, o meu bello tor-dilho negro, brioso e rapido.

O animal era o mesmo; cravei-lhe forte a espora; mas a ilharga dantes fugitiva á pressão da rosêta, tinha agora a insensibilidade da pelle encarquilhada de um velho matungo lerdo.

Fui então seguindo vagarosamente, a passo; e a noite cada vez mais escurecendo.

Entretanto a estrada, colleando o rio, se alengava por ahí em fóra antes que chegassem as primeiras habitações dos aggregados, em terras da Fazenda.

De espaço a espaço, a frondagem dos ingazeiros tornava mais escuro ainda o caminho sinuoso, ladeado de mattagal.

Ao atravessar as clareiras, inopinadamente, um galho de embaúba, batido do vento, oscillava, branquejando ao lusco-fusco com a dubiedade de uma apparição phantastica. Na escuridão, ao longe, um cão uivava plangentemente.

Quando cheguei á Fazenda era já noite velha. Profundo silencio enchia a escuridão em derredor.

Foi-me crescendo no peito uma saudade imensa, uma saudade e um pavor daquella casaria

solitaria e muda, entremostrando-se ao fundo do terreiro deserto.

Entretanto, segui.

A porteira, guinchando, estrondeou pesadamente de encontro ao moirão; e ao sentir-me sob o grande telheiro da entrada, mais negro ainda do que a noite circumdante, correu-me um grande arrepio á flor da pelle...

... Mas nesse instante, alérta ao rumor, veiu o Maymbe agitando um tição em zig-zag.

Uma grande fila, pello eriçado, orelha erguida, seguia-o rosnando.

— Abençam, Sinhô-moço.

— Adeus, Maymbe.

E a voz amiga do velho feitor escravo, soando-me aos ouvidos com a mesma doçura submissa e carinhosa de quando eu era creança, afugentou-me d'alma o pavor que a invadira ante o profundo silencio do terreiro solitario.

Junko, 87.

PALAVRAS DO CORAÇÃO

(A AFFONSO CELSO JUNIOR)

Aqui tens, Zulmira, para quando alvorecerem os teus quinze annos, uma graciosa miniatura do meu dilecto Alphonse Karr.

Observando-a attentamente, perceberás a illusoria imagem da Felicidade delineada com a agri-



doçura que distilla a farpa litteraria daquelle marimbondo ironico, mais zumbidor que malevolo.

O quadro todo cabe num medalhão de um bróche. Vou desenhal-o aqui de memoria para que o ponhas, quando fores mocinha, no decote do teu vestido de mousseline branca, bem perto do coração.

Pode acontecer, porventura, que alguma.... mysteriosa affinidade moral tenha a esse tempo imprevistamente ocupado a medalha....

Se assim for, meu bogary mimoso, contempla-o com dobrada attenção; e, se na tua cabecinha inquieta, sob a espessura de teus cabellos negros como a plumagem do gurundy, clarear-se a lição daquella allegoria, será esta a mais preciosa joia que o papai te haja offerecido para o dia azul do teu noivado.

O resto do adereço pouco mais valerá — carinhos e bons desejos; que o escrinio é o coração.

Agora, com duas phrases desenho-te o pequenino quadro.

Olha:

E' de extrema simplicidade a paizagem.

Uma casinha branca, á esquerda, (do lado do coração...) corôa o tópe da collina. Fronteiro descamba o sol. Os derradeiros raios crepusculares illuminam a fachada deslumbrante, refractando-se nas vidraças com intensa fulguração. De um lado e d'outro da porta douz tufos de roseiras floridas attrahem enxames de colmeias visinhas, esmalta-dos insectos e beija-flores aligeros.

Todo o quadro se afigura immerso numa atmosphéra de poeira doirada.

Suspeita-se que naquelle casinha mysteriosa

móra a felicidade. Quem olha lá de baixo, da estrada que serpeia a collina, e vae cançado para o repouso distante, murmura invejoso e triste:

«Como deve ser feliz quem alli móra»

Depois, se aguilhado pela curiosidade, o transeunte illuso sóbe a collina e vae pedir hospedagem aos donos da mysteriosa vivenda... coitado delle!

Tudo a seus olhos se demuda. Cega-o quasi o sol que penetra obliquamente na sala atravez das vidraças variegadas; deslumbrado, elle não mais pôde ver, nem campina verdejante lá embaixo, nem a estrada que deixára, sombreada pelo arvoredo, caminho certo para o seu lar distante; uma atmosphéra abafadiça envolve-o; dá-lhe vertigens a exalação das rosas; até os insectos que sobre ellas adejam parecem ter zumbidos ironicos.

Desfaz-se a illusão....

Desabusado, o caminheiro desce presto a collina a que pressuroso momentos antes subira; já na estrada, encara mais uma vez a graciosa vivenda, de apparencia calma e venturosa, para amaldiçôal-a de longe como á imagem tentadora e perfida da Felicidade nesta vida.

E aqui tens, filha, a miniatura para o teu bróche de noivado.

Guarda a licção que elle encerra, bem no amago da tua cabecinha inquieta, sob a espessura dos teus bellos cabellos negros como a plumagem do gurundy.

E vae teu caminho, serena e resignada,

Não te demores invejosa ante aquella casi-

nha branca que abre para a estrada por onde vaes
andando uma porta mysteriosa e attractiva, ladeada
de roseiras florescidas, sobre as quaes enxameam
os insectos zumbidores e os beija-flores aligeros.

Não vás lá acima: é a morada da desillusão.

PRO DOMO MEA

— Porque andas a gastar estylo e trabalho
com a roça? disse-me ha tempos, em tom reprehen-
sivo, um camarada litterato, a proposito de uns
folhetins que publiquei sob a epigraphe «*Viagem
ao paiz da Saudade*».

— Mas se eu não escrever da minha terra,
e do seu coração que é a roça;

se, nascido no seio da natureza, no casarão
brazileiro de uma velha fazenda fluminense, eu
não souber amar os lugares onde brinquei na
infancia;

se, do largo terreiro povoado de criação domes-
tica: — o bando estrídulo das gallinhas, os
arrufados perús, vermelhos, pretos, cinzentos; os
velhos paqueiros napévas, tão amigos do matto,
que era a gente tomar de uma espingarda e
eil-os a ganir de contentes, saltando-nos ao busto
em nervosos afagos;

se eu não tiver saudades do Parahyba en-
cachoeirado, sobre cujas aguas mansas ou bravas
tantas vezes deixei resvalar a minha leve canôa
de tapinhoan, descendo pelos meandros da cor-

renteza na cachoeira espumante e rumorosa, ou boiando quieto no rebôjo dos remansos;

se do capituval das ilhas rasas, onde eu ia armar o cóvo para caçar a lontra, não me vier pelas horas intimas um cicio saudoso nas auras que sopram logares do meu berço;

se, adolescendo entre os pretos e os *camaradas*, acompanhando-os ao eito, ouvindo-lhes nos serões das senzallas as maravilhosas historias de zumbys e assombrações;

se, finalmente, de todo esse mundosinho—a casaria da Fazenda, o largo terreiro, o cafezal reluzente, a matta sombria e temerosa, os negros do trabalho e a creação do serviço:— se a tudo isso que me falla ao espirito nostalgyco, eu não souber amar, e não procurar reviver na tela litteraria, com alma de artista, que máu renegado serei !

A roça é o theatro mais verdadeiro da nossa vida nacional nas províncias fluminense e paulista, e a Fazenda a sua expressão mais familiar.

O contacto intimo entre os povoados e as fazendas tornam indistinctas a vida social e a vida agricola no interior.

Quem quizer estudar e descrever a vida brâzileira nestas duas provincias, ha de ir surprehendel-a em flagrante — na roça, nas intimas e quotidianas relações entre o caipira, o fazendeiro, o negro e o colono, commerciante ou trabalhador rural.

Sendo estes os agentes, a acção naturalmente passa-se na vivenda do agricultor, na senzalla do

negro, no rancho do caipira, nos *negocios das prazas*, ou nas *vendas* da beira da estrada; e tem por fundo de paizagem a matta-virgem misteriosa e augusta, o ribeirão e o corrego, os campestres de pastorejo, e ao longe sob o céo illuminado de sol ou riscado de chuva, azul ou torvo, o dorso ouriçado das serras altas.

Eis porque, máu grado a indifferença, se não o desapreço em que são tidas no nosso mundo litterario estas cousas e estes assumptos, eu teimava em prezel-os, em descrevel-os, em tornal-os amaveis, pintando-os com as cōres ao meu ver mais adequadas numa linguagem *roceira*, não compulsando os lexicons, mas procurando recordar-me do modo de dizer popular; ora, se os meus escriptos são descorados, não accusem a linguagem rustica de falta de colorido — mas culpem o artista a quem mingua, no gráo preciso, o sentimento do pittoresco.

Entretanto, como a verdade é sempre bella, a Natureza sempre amavel, succede que hoje ou amanhã, a um ou outro leitor, que viveu na roça e conhece a nossa vida rural, não desagradam de todo estes contos rusticos, antes lhe fazem o bem de lhes avivar saudades nos corações cançados do viver social dentro as cidades buliciosas.

Eis a pequena recompensa que do seu trabalho aufere o artista; porque, recompensas de outra especie, bem sabeis quão exigüas tem nesta terra a profissão litteraria, e os serviços da intellegencia.

Ora, quando tão aspera é a vida do escriptor,



consola, remunera, compensa, apaga as magoas que nos fazem os espinhos do officio, termos a sancção de um homem eminente, de um julgador de autoridade indiscutida.

Permitta-me, pois, por muitas horas de desfalecimento que tenho tido, este unico instante de desvanecimento e de vaidade: — aquelle em que recebi do omnipotente artista da lingua portugueza as palavras benevolas que em seguida reproduzo:

« Rio, 15 de Outubro de 1887.

« *Meu bom amigo,*

« Sómente hontem, aqui no Rio, li o conto encantador que me dedicou na *Província de São Paulo*. Esta pagina é uma obra prima. Pela intensidade do colorido e pela vibração do sentimento local recorda-me alguns trechos da vida rustica da Russia narrados por Tourgueneff ou por Tolstoi. Além disso, para o encanto do meu ouvido V. tem o vocabulo o mais preciso, o mais nitido e o mais forte.

A sua bella prosa neste precioso conto sôa como um punhado de moedas d'ouro sahidas da cunhagem, asperas das serrilhas, — frescas, reluzentes e sonoras de tempora e liga. — *Ramalho Ortigão».*

Descontada a grande somma de benevolencia, que a sympathia do artista por ventura poz no juizo do critico, o que resta ainda é uma inextimavel recompensa.

ESBOCETO

(A MACHADO DE ASSIS — MESTRE DO ESTYLO)

Alvorece...

A levante, acairelam-se de rosicler e roixo
flócos nevados de vapor matutino.

Nitidas se recortam as arestas sinuosas da
serra longinqua, de anil intenso, sobre o fundo do
céo illuminado pelas ruborisações do sol nascente.

Reina uma doce luminosidade no valle ex-
tenso mosqueado pelas manchas verde-gaio dos
cannaviaes.

Serpeia o rio pela rasa planura da varzea;
bordam-lhe as margens pinheiros florescidos, as-
sombra-lhe as ilhotas a tremula ramaria das ac-
acias sylvestres.

Da correnteza marulhante ergue-se triste
murmurio monotonio, como a suave queixa da
terra polluida, devastada, exausta pela rudeza
do trato humano: — derrubada impiedosa e o
incendio da matta-virgem.

Em cada mouta do valle, em cada gruta;
no arido alcantil; de sob o arvoredo, Stello,
pantheista, extasiado escuta os mysteriosos sons
que resoam na alma das cousas — symphonia do
amor eterno que a Natureza em si contém como
um fomento de vida e uma promessa de fe-
cundidade...

No varzedo risonho, á sombra de grandes
arvores, alvejam as casas do povoado, acordando



ás primeiras caricias da luz doirada, na frescura matinal.

Sobre as habitações colmadas de sapé ligeiramente paira, enovelando-se, ondula ao sopro da brisa, ou torvelinha em espirais ascendentes, a fumaça azulada dos lares.

Desperta para a lida do trabalho a família camponesa que adormecera na quietude do amor doméstico; fogos se avivam em labaredas, crepitando no preparo da refeição matutina.

Triste, de uma invencível tristeza nostálgica no meio da alegria dos seres, Stello, o poeta, scisma e sofre.

Apoiado ao tronco de um velho suinã frondoso, elle contempla em torno o rio que passa, o gado que muge, as aves que bailam no ar nevoento, pipilando de alegres.

Sahem para o pastorejo o rebanho, a manada, a tropilha, toda essa poderosa e benéfica animalidade que para serviço e recreio do homem pullula á face da Natureza fecunda.

Exubera em renovos a seiva dos vejetais que verdejam no pomar sombrio.

Exemplo para humanos, lá vivem numa grande fraternidade de cíusas insensíveis plantas oriundas dos climas mais diversos.

Dominando o rumor diffuso da estância, bem no tópe do suinã vetusto um gaturamo gorgeia o hymno festival da madrugada.

Entretanto, porque annevôa-te a alma, oh scismador pantheista, uma vaga tristeza nostálgica?



Stello medita :

Se aquelle gaturamo, que lá no alto des-
canta, deixasse cahir uma penna de sua aza deli-
cada, eu dal-a-ia a um poeta para escrever um
poema de amor e de mysterio.

Nas folhas seccas desprendidas desta arvore
amiga se traçariam os versos ; e, n'aza do vento,
torvelinhando nos ares em voluveis estrophes,
longe, bem longe pelo azul translucido resoariam
os cantos do mysterioso poema — *O coração da
Mulher...*

...Onda inconstante,
Bolha irisada,
Flor que se esfolha...
Onda... flor... nada...

Julho de 87

NO LAR

Per amica silentia noctis...

Entra pela janella mansamente
a doce luz suave do luar,
 como a bençam de Deus
ao socegado abrigo deste lar.

Oh ! lúa merencoria,
no claro escuro de teus raios morbidos
baixa do céo o influxo da saudade,
vêm ás almas, talvez, dos que morreram.

Obumbra-te, memoria !
Cala-te, coração !

O queixume saudoso da orphandade
destoa como lugubre lamento
na symphonia alegre dos prazeres
da alegre multidão.



Puro, sincero amor!
Jamais o esquecimento
ha de apagar-me n'alma esta saudade,
o' flor virente na infecunda leiva
do coração magoado,
o' delicada flor da primavera
da minha mocidade,
— inolvidável flor!

Na frouxa luz suave de teus raios
leva meu pensamento,
ó lúa merencoria...

*
* *

Alma estrangeira, á pouca distancia do teu
ninho patrio, porque emmurchecida inclina-se a de-
licada flor da primavera de tua mocidade, ó alma
forasteira; assim como se estiôla a flor de outro
clima transplantada para gleba de região diversa?..

Precisa a planta mimosa do calor vivificante
da estufa, requer a alma sensivel o tepido acon-
chego do lar: — alma e planta crestam-n'as a friez
das outras almas e a geada de estranho clima...

*
* *

Anjo bom do meu lar,
O' compassiva esposa,
Teu dulcissimo olhar
Meigo, consolador,
Sobre minh' alma pousa
Como sobre uma flor
Um raio de luar....

*
* *

A's vezes, no mais recondito da floresta vir-
gem abrem-se uns pacíficos retiros desassombrados
de vegetação alterosa; não que o derrubador de

matto haja por alli passado como uma assolação, decepando o rijo tronco da braúna, abatendo a fronde gigantesca do jequitibá.

Immaculadas de toda a profanação, pompeiam galas sylvestres essas nativas clareiras, tapetadas de musgos tenros, ensombradas pela ramaria circumdante das grandes arvores.

Na giria dos roceiros esses poeticos logares têm o nome de *terreirinhos*. Em suas imaginações creadoras os caipiras povoam taes sitios de phantasticos habitantes.

Não raro nos serões da familia camponia allude-se á existencia de sinistros mocambos e aos latrocínios do quilombóla que constróe seu rancho naquelles agrestes retiros.

Historias e phantasias apavoradas !

Os *terreirinhos* são predilecto abrigo dos passaros, nas horas calmosas.

Por tempos anormaes, quando a sêcca se prolonga muito adiante pela estação das chuvas, a athmosphera como que vae accumulando em zona limitada todas as furias das ventanias, todas as faiscas dos raios, para desencadeal-as de repente nos momentos de suprema colera.

São terríveis as trovoadas successivas ás prolongadas seccas.

Silenciosas, negras, acastelladas, entrecruzam-se vagarosamente as nuvens, deixando cahir as primeiras gottas de chuva, raras, grandes, seguidas de perto pelas violentas rajadas de granizo.

Transforma-se cada gróta em corrego; inundam-se as planicies.



Avolumados, furiosos, os ribeirões escarvam os barrancos, arrebatando sobre o dorso espumante enormes ingazeiros desarraigados das margens.

Arrombam-se os açudes e o immenso volume d'aguas barrentas espraia-se pelas varzeas com impeto destruidor.

Quando mais brava estruge a tempestade, ou sob o tecto das casas, ou pelo desabrido das estradas, tremem de pavor as criaturas; só não chega a violencia dos vendavaes aos terreirinhos resguardados no ámago da floresta-virgem.

Equilibrado nas azas, o beija-flor tranquilamente oscula as efflorescencias aromaticas do cambará; enquanto cá fóra esbraveja a trovoada em pavoroso estrupido.

* *

E' assim nos lares felizes... A alma agitada e ferida vem aqui buscar a quietude na doce paz das affeições suaves.

A' porta, raivosamente uivando, assanha-se o cortejo de desgostos, a multidão dos pezares que nos assaltam por vezes nas emboscadas da malevolencia.

Oh ! lar, quietação alentadora do espirito ! A sanctidade do teu recinto afugenta a matilha dos odios ! Em teu silencio amigo mal sôa o ganido dos maledicentes anonymos que nos salteiam na vida...

* *

Entra pela janella, mansamente,
A doce luz suave do luar,
Como a bençam de Deus
Ao socegado abrigo do meu lar...

N A R O Ç A

Leitor passivel.

Sendo dever de todo o forasteiro que maneja uma penna transmittir aos ausentes a impressão agradável dos lugares que vê, principalmente se a paisagem de tales sitios é bella, e amavel, hospitalaria e lhana a gente que o habita; tenho de darte, problematico leitor, o *croquis* desta cidadesita roceira, pousada no áclive de uma lomba de terra, emergindo, como de um manso mar verdejante, do valle relvoso do Caramandahy.

S. Roque ha de ser por força no céo o padroeiro das flores, dos bons corações e... dos olhos bonitos!

Boa gente! de uma hospitalidade verdadeiramente arabica! Vê-se-lh'a radiante nos olhos alegres, e cantante na voz carinhosa com que nos convidam para a familiaridade do seu lar.

Lindas flores! Não ha pateo humilde em que não vicem, e todos amorosamente as cultivam. Até o chão do cemiterio alegra-se com o matiz polychromo das gladiolas sobre o velludo vidente das gramineas.

Bellos olhos! Que bellos! Olhos de gazella, lubricones e doces; olhos felinos, sensuaes e phosphoreos; e outros, humanos, muito humanos, para não dizer — divinos, á tona dos quaes bóia, na humida ternura que lhes atenua o fulgor, muita meiguice e brandura, e a flor mimosa de quasi infantis affectos que abrolham de corações apenias iniciados nos mysterios do sentimento.

Corações de ouro ! Flôres mimosas ! Olhos
tão bellos ! — Que o vosso bom patrono vos con-
serve, para alegria do forasteiro e honra da vossa
hospitalidade, — o quilate do sentimento, o mi-
moso esmalte das coróllas, a belleza terna ou
fugidia das pupilas !

Mas o que eu te quero hoje apresentar não
são, leitor curioso, nem os corações sensíveis,
nem as flôres fragrantes, nem os formosos olhos
que S. Roque faz palpitarem e luzirem neste
vallesito que verdeja ao sol, cintado de montes
que o matto refresca, acalentado pelo murmúrio
do Caramandahy.

Não, leitor, dou-te mais delicioso pábulo ao
espirito ; mando-te um éco de poesia deste sil-
vestre retiro, para que tu, que não podes ouvir
o doce gorgeio dos sabiás destes bosques, ouças
ao menos a doce voz das Musas que elegeram
por Parnaso esta velha cidade povoadas outr'ora
por abastados tropeiros, hoje decadente, mas ama-
vel sempre, pela rara amenidade do seu clima e
pela notoria bondade dos seus habitantes.

Agora, leitor, os sabiás emmudecem e a Poesia
falla pela harmoniosa voz de duas gentis patri-
cias, intelligentes filhas do primeiro magistrado
desta comarca.

Pae sollicito, seguindo a sua ardua carreira
nas ignáras localidades do interior, soube, entre-
tanto, o dr. Rollim Ayres transformar o seu lar
em proficua escola, onde conjuntamente com os
sentimentos e as virtudes domesticas se prouve
em cultivar o espirito de suas idolatradas filhas.

A mais joven é uma quasi—creança ; dir-se-ia
como Machado de Assis :

« Entreaberto botão, entre-fechada rosa,
« Um pouco de menina e um pouco de mulher ! »

Entretanto, revela-se a precocidade do seu talento e a vivacidade da sua imaginação no gracioso sonetinho de tão encantador realismo — BOSQUEJO.

Subscreve o outro soneto igualmente bello — HORA NOSTALGICA — um nome já conhecido por trabalhos em prosa e verso publicados em jornaes litterarios.

Ha nesses versos verdadeira poesia e emoções delicadamente sentidas.

Eis a que resultados chega a educação, quando as lições do mestre são dadas pela amiga voz de um pae.

S. Roque — Outubro — 1887

BOSQUEJO

Em *chaise longue* sentado
Lê papae o *Mercantil*;
Um terno anjinho rosado
Dorme na rede gentil.

A bondosa mamãesinha
Faz delicado *crochet*;
Uma brejeira pretinha
Na chicr'a deita o café.

Na gaiola pequenina
Uma avesita formosa
Eleva a voz cristalina;

Batem á porta : — Que ha ?
Responde uma voz fanhosa :
— « Que comprá doce, Sínha ? »

CANDIDA ROLIM



HORA NOSTALGICA

Alvorecerá um dia luminoso,
De limpida e suave transparencia,
Tranquillo como um sonho venturoso,
Alegre como o riso da innocencia.

Do céo azul sereno e fulgurante
Por sobre o cafetal cerrado, extenso,
Cahia o sol, de um brilho deslumbrante,
Dourando a plantação, calido, intenso...

Um velho escravo tremulo e alquebrado
A custo erguendo o baço olhar magoado,
Contempla ao longe a alcantilada serra.

E os labios entreabindo vagamente,
Murmura : — Quem me dera, ó Deus clemente !
Tornar a ver o céo da minha terra !

Outubro — 1887

MARIA ZALINA ROLIM

ROSAS AZUES E ROSAS PRETAS

A semana que finda abriu e fechou com flôres,
umas vivaces, de colorido alegre, de porte festivo ;
outras sombrias, de nuances tristes, de aspecto
mrenkorio.

As primeiras dispersou-as o pregão do leio-
loeiro como uma lufada ardente do Noroeste atira
aos quatro cantos do jardim essas joias fragrantes
que a Natureza coloriu para encanto dos olhos e
perfumou para delicias da alma.

.... porque o aroma das flôres, aspira-o a Alma,
não o sorve o Nariz.

Diante de uma rosa, de uma açucena, das
flores de certas orchideas, na presença dessas pe-

quenas urnas aromaticas que a madrugada entre-abre, sinto-me dominado de tão grande respeito, arrouba-me tanto a mimosa graça de Flora, que até perco a simples noção do orgão olphativo.

— Oh! far-me-ão.

— Oh! tão sómente oh! não, senhores, mas também eh! ih!! uh!!! porque todas as interjeições de espanto, de horror, de assombro, são insignificativas demais para dar idéa do estado de uma alma pantheista ante a profanação de uma flôr.

Nunca, sem intima revolta, sem repugnancia immensa, sem que os meus mais delicados nervos sensorios vibrassem numa tensão extraordinaria de dôr; nunca pude admittir que no phénomeno da sensação dos aromas interviesse de modo algum a membrana pituitaria, uma cousa tão prosaica que só de lhe escrever o nome horripila-se a penna!

Se eu tivesse sido consultado para a criação do primeiro homem, opinaria por que ao seu organismo se annexasse um sexto sentido complementar, destinado exclusivamente ás relações do homem com as flores.

Vel-as, comprehende-se; mas cheiral-as... profanação das profanações!

Pois nós temos o nobre orgão da vista, tão nobre que por adulação a elle inventou-se o *bello-horrivel*, especie que não está na realidade da Natureza, que só nos é imposta pela lei dos contrastes, lei que parece ter tido por fonte a archaica brutalidade das Ordenações do Livro 5.^o; pois deus Deus os olhos e não havemos de poder com

elles aspirar os effluvios aromaticos, do mesmo modo que absorvemos os raios luminosos?!

Quando eu era jardineiro (pois hoje apenas sou bacharel), os meus mais ternos affectos eram para uns amores-perfeitos...

*
* *

(Entre parenthesis. Porque será que o amor-perfeito tem em Botanica o nome de *VIOLA*? *viola tricolor*, assim como a violeta o de *viola odorata*?)

Ah! Linneo, classificador de máo gosto!

Dizem que a lingua latina serve para disfarçar o pouco asseio ou a pouca dignidade do pensamento, que tudo pôde ser dito em latim, as cousas mais escabrosas, as mais indecentes, as torpes até. Applaudo este prestimo do latim; mas, porque se intromette elle, ou porque o intromettem com as flores?

Porque chamar ao amor perfeito — *viola*? Não seria mais mimoso deixal-o com o doce nome que tem em francez — *pensée*?....

Imagine-se um joven romantico e enamorado ao lado de uma joven enamorada e romantica. A alameda está deserta, e é longa... longa... com um silencio e um frescor do tecto de folhagens; aqui e alli o sol passando atravez dos ramos põe largas betas luminosas na areia branca do chão, fazendo scintillar os fragmentos de mica, como diamantes cahidos de um collar desfeito. Ao longe a rua parece estreitar-se e a penumbra é mais densa. Vão: elle, cada vez mais romantico; ella, cada vez mais

enamorada. A' meia distancia as linhas parallelas alargam-se em dous grandes semicirculos: é uma clareira. No centro um jorro d'agua pulverisada e um canteiro circular, larga faixa verde constellada de pequenos pontos multicores; em linguagem chã: um canteiro de amores-perfeitos.

Elle, sempre romantico, inclina-se, colhe uma flôr, suspira, experta o espirito e diz em tom languoroso:

— Julieta, quer acceptar esta *viola* como symbolo do meu immenso affecto por ti?

Ella, cahindo do setimo céo da poesia:

— Uma VI... ó... LA?! oh! primo Arthur, vamos voltar que mamãe está chamando.

E tornam atraz elle e ella, de braços dados; mas sentindo cada um que entre ambos, erecta como a barreira invencivel do amor, cresce, avulta e se agiganta a temerosa figura de uma VIOLA!

E tudo isto por causa do latim.



.... quando eu fui jardineiro os meus maiores cuidados eram para uns amores-perfeitos, grandes, avelludados, de um roxo cambiante, com um ponto amarelo açafroado no centro, que de manhã a humidade do orvalho fazia brilhar como uma gotta de ouro liquido sobre uma flôr de finissimo velludo de Utrecht.

Não lhes queria tanto por mim, mas para as borboletas; porque doia-me a triste sorte dessas belas flôres aladas, que só tinham para companheiras

e confidentes os girasões, as cristas de gallo e os cravos sediços dos jardins paulistanos desse tempo.

Gostava de ver como conversavam os meus amores e as borboletas visitantes do meu jardim. Conversavam, por certo. Vinham, em longos volteios, como quem sabe que «o melhor da festa é esperar por ella» e os amores, em vendo-as, descurvavam as hasteas e apresentavam a face aos beijos das travessas.

Encantadores idyllios!

Que bella correspondencia a das flôres do céu com as flôres da terra!

O pantheismo nasceu por certo no dia em que o primeiro poeta que houve, talvez a Eva dos jardins edenicos, pousou a vista na primeira flôr creada.

Assim como o som se propaga pela vibração do ar e Deus ouve as orações que da terra sóbem como o incenso das almas religiosas, assim tambem o perfume das flôres se evola até os espaços intersideraes para que o Ether, o subtil fluido em que mergulham os astros, expanda-o em ondas aromaticas até o céo imaginario em que estão os anjos e as almas das creanças.

Deve ser isso, porque me custa a crer que o perfume e o colorido de uma rosa provenham dos saes da terra diluidos pela agua das regas. Não.

Quando muito admitto que o effluvio das flôres seja a expansão da primeira scisma de amor das virgens mortas, porque devia tambem scismar o espirito ingenuo das moças sertanejas que amaram

sob o docel das mattas primitivas onde estão hoje os nossos jardins.

E os meus amores?

E' verdade! Vinham as borboletas e eu me recreiava de vel-as beijando as flôres.

Mas um dia, (nesse dia morreu a minha ultima illusão poetica!) percebi, ou me contaram, já não lembra, que as borboletas gostavam das flôres, não pelo aroma, não pelo esmalte, mas pelo mél; que não as beijavam, mas bebiam-n'as!

Gulosas...

Foi dura a desillusão! Hoje, no logar em que outr'ora flôresciam os amores-perfeitos viceja um largo taboleiro de gramma ingleza. Ahi está. Que venha comel-o agora a Besta do Apocalypse.

*
* *

As outras, as florcs tristes, são as *saudades* que a sympathia dos amigos e os doces affectos da familia depositaram sobre o corpo inanimado do dr. Camargo.

O dr. Camargo foi um trabalhador de grande tenacidade, daquelles que vão atraz do successo, serenos, firmes, resignados, mas cheios de esperança no beneficio do trabalho.

Era un cidadão modesto, dos que não jogam na grande loteria da vida e guardam o preço do seu bilhete para o mealheiro da familia.

Por isso a sua existencia não foi brilhante, mas foi clara, serena e limpida.



Era dos bons e dos inoffensivos, daquelles que concentram o seu cuidado e os seus affectos num limitado grupo de familia com um ou dous amigos, e que quando vem a morrer abrem um grande vacuo no pequeno mundo em que viviam retirados, como um astro que se apaga perturba profundamente a harmonia de uma constellação.

Quem ama a poucos, muito ama; a alma dos homens brilhantes, diffusa na sociedade, quando vem a morrer, causa apenas a leve tristeza official que proclama a apotheose mas cala os gemidos; as outras as que vivem para poucos, essas, si se vão da terra, deixam eterna perturbação na felicidade dos que para ella e com ella quasi exclusivamente viviam.

Esses corações doloridos é que me fazem pena.

Outubro de 1882.





INDICE

	Pags.
<i>Prefacio</i>	III - XXXV
 CONTOS:	
Pedro Gobá	3
O Tico-Tico	15
Gosto de Sangue	23
Quem nasceu para dez reis	33
O Cadaver	49
 CRITICA:	
José Bonifacio	57
Poesia Brasileira	65
Filinto d'Almeida	79
Luiz Murat	89
Temperamentos	108
Diabinhos Azues	109
Emanuel e a Crítica	115
Raymundo Corrêa	133
Almeida Junior	141
Alexandre Levy	149
Assis Brasil	155
Amaro da Trindade	161
Wenceslau de Queiroz	165
 FOLHETINS :	
I A morte do Czar	173
II O descredito da Cutelaria	181
III Embroglio Legislativo Dramatico	191
IV Thereza Raquin	198
V	206
VI Folhetim Lunatico	212
VII Originaes	218



	Pags.
VIII S. M. D. Pedro II, autor..	222
IX Rei, Conde e Dama ..	227
X ..	233
XI Fazendeirophobia ..	241
XII A massa de que elles se fazem ..	248
XIII A Valentim Magalhães..	254
XIV Zulmira ..	259
 LAPIS-LAZULI :	
Perfumes, cores e sons ..	269
Olavo Bilac ..	272
Beijos..	274
Tarde Romantica ..	277
<i>In illo tempore</i> ..	279
Ex-corde ..	285
Poetas!...	288
Rosas de Inverno..	293
Viagem ao Paiz da Saudade ..	297
Palavras do Coração ..	307
<i>Pro domo mea</i> ..	319
Esboceto ..	314
No Lar ..	316
Na Roça..	320
Rosas azuis e rosas pretas ..	323

